

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Marcelo Xavier Parker

**VISIBILIDADE, DELIBERAÇÃO E AFETOS:  
COMUNICAÇÃO E POLÍTICA NAS OCUPAÇÕES DA UFRGS EM 2016**

Porto Alegre

2018

Marcelo Xavier Parker

**VISIBILIDADE, DELIBERAÇÃO E AFETOS:  
COMUNICAÇÃO E POLÍTICA NAS OCUPAÇÕES DA UFRGS EM 2016**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Comunicação e Informação.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Helena Weber

Porto Alegre

2018

Marcelo Xavier Parker

**VISIBILIDADE, DELIBERAÇÃO E AFETOS:  
COMUNICAÇÃO E POLÍTICA NAS OCUPAÇÕES DA UFRGS EM 2016**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Comunicação e Informação.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Helena Weber

Aprovado em: 14/12/2018.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Maria Helena Weber - PPGCOM / UFRGS (Orientadora)

---

Prof. Dr.<sup>a</sup>. Kelly Cristina de Souza Prudencio - UFPR

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Christa Liselote Berger Kuschick - UFRGS

---

Prof. Dr. Alexandre Rocha da Silva - PPGCOM / UFRGS

---

Prof. Dr. Claudio Pereira Elmir

---

Prof<sup>ª</sup> Dr.<sup>a</sup>. Karla Maria Müller - PPGCOM / UFRGS (suplente)

*Para Maria Helena Xavier Parker, razão  
primeira de tudo em minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

A Milena, orientadora e amiga nos melhores e piores momentos destes quatro anos.

A Magda e Mauro, pelo amor e apoio desde sempre.

A Anelise, Ketlen, Marja, Maíra e Lírian, pela ajuda inestimável nas leituras, dicas, toques, conselhos e afins.

A Ana Javes e Fiorenza, por tudo e mais um pouco.

A Camila, pela parceria em muitas noites de estágio-docência.

A Fê Bastos, pelo lugarzinho que eu sei que eu tenho aí.

Aos queridos e às queridas colegas de Nucop: Denise, Sandra, Bruno, Leandro, Thiago, Locatelli, Alexandre, Fabiana, Bruna, Camila César, Matheus, Janaína, Ângelo, Laura e Marlise. Nossas discussões estão aqui, muito obrigado.

A Fê Bonet, por toda a assessoria gráfica.

A Nicole e Luiza, pela boa vontade, carinho e paciência comigo.

A Ketlyn, pela loucura de aceitar me ajudar em condições tão hostis.

Aos professores Alexandre Rocha, Christa Berger, Céli Pinto, Kelly Prudencio e Cláudio Elmir pelas ótimas arguições nas Banca de Qualificação e de Defesa.

Ao professor Marcelo Kunrath da Silva, pela generosidade no compartilhamento da bibliografia de suas disciplinas.

Ao professor João Pissarra Esteves, pela gentileza de ser uma pessoa tão sábia e tão simples. Foi um prazer e um privilégio conhecê-lo durante essa jornada de pesquisa.

Aos quinze entrevistados e entrevistadas, por me permitirem acesso às suas memórias e dividirem comigo suas visões sobre esta história.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de desfrutar de uma educação pública de qualidade, que deve ser defendida sempre, sob qualquer cenário político-econômico.

A Elton John e Bernie Taupin, pela trilha sonora.

*Alzira zerou seu futuro, se escondeu no escuro do furacão  
se a gente só vê alegria, só ela antevia a revolução.*

*(Lenine / Lula Queiroga)*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a comunicação praticada nas ocupações da UFRGS, ocorridas nos últimos meses de 2016. O problema de pesquisa busca entender como é construída a narrativa dos estudantes sobre a própria ação e quais as estratégias de comunicação utilizadas para organizá-los internamente e divulgar as suas pautas. Deflagradas em oposição a uma medida econômica encaminhada pelo presidente Michel Temer ao Congresso Nacional, a PEC 241/55, as ocupações de universidades sucederam as ocupações de escolas públicas por estudantes secundaristas de vários estados brasileiros. A análise foi centrada nas ocupações da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com um estudo de caso mais aprofundado sobre a ocupação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico). A hipótese que norteia este estudo é a de que a comunicação foi o eixo de sustentação e organização das ocupações em 3 dimensões: as *estratégias de visibilidade*; as *assembleias deliberativas* e a *comunicação interpessoal*. O objetivo geral é mapear e analisar a comunicação interna e externa produzida pelos estudantes da UFRGS, especialmente na Fabico. É através de estratégias de comunicação que a visão política dos estudantes ultrapassa os limites do prédio ocupado. Mas ela também atua como elemento fundamental no processo de organização e coesão dos manifestantes. É neste segundo nível que acontecem as deliberações e onde são trabalhadas as relações interpessoais. Procurei analisar as práticas de comunicação associadas à mobilização política, com o auxílio dos conceitos *repertório* (TILLY; TARROW, 2008), *deliberação* (BENHABIB, 2009; BOHMAN, 2009; FISHKIN, 2015), *comunicação pública* (ESTEVES, 2011; WEBER, 2017) e *mídia radical alternativa* (DOWNING, 2004). Através de entrevistas com quinze estudantes que ocuparam a Fabico e da pesquisa exploratória em páginas no *facebook*, foi possível descrever e analisar as práticas de comunicação empregadas no esforço de luta política, seja na divulgação das pautas das ocupações, seja na organização interna. O estudo de caso também possibilitou a formação de generalizações a respeito das ocupações da UFRGS, além de revelar particularidades no funcionamento de cada uma delas.

**Palavras-chave:** Ocupação. Comunicação. Ação direta. Deliberação. UFRGS.

## ABSTRACT

This study has as central theme the communication strategies applied at UFRGS occupations in the last months of 2016. The research problem seek to analyze the students narrative about their own action and the communication strategies used to internal organization and publicization of their demands. Born as an act of opposition to an economic measure sent by Brazil's president Michel Temer to National Congress, PEC 241/55, the occupations of colleges followed the occupations of public schools in several Brazilian states. The analysis is centered on the occupations at Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), with Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) as a Study Case. My hypothesis is that communication was the sustentation and organization aix of occupations in three dimensions: *visibility strategies*, *deliberative assemblies* and *interpersonal communication*. The general objective is to map and to analyse both the internal and external communication produced by UFRGS students, especially in Fabico. Is throughout communication strategies that students political visions overcomes the occupied building boundaries. But communication also acts as a key element for the students organization. It is in this second level that deliberations and interpersonal relations happen. I've tried to analyse communication practices linked to political mobilization, with the help of the concepts *repertoire* (TILLY; TARROW, 2008), *deliberation* (BENHABIB, 2009; BOHMAN, 2009; FISHKIN, 2015), *public communication* (ESTEVEVES, 2011; WEBER, 2017) and *alternative radical medias* (DOWNING, 2004). Throughout interviews with fifteen students and exploratory search on *facebook fanpages*, it was possible to describe and analyse communication practices used on the political struggle efforts to spread occupations demands and to organize the resistance. The case study also made possible the elaboration of general aspects concerned to UFRGS occupations, besides to reveal specificities about each one's operation.

**Keywords:** Occupation. Communication. Direct action. Deliberation. UFRGS.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Manifestantes ocupam o plenário da Câmara	87
Figura 2 – Quarto só para mulheres na <i>Ocupa Fabico</i>	112
Figura 3 - Professora Luti reunida com a Comissão de Comunicação	133
Figura 4 - Aula na Fabico ocupada, ministrada por docentes da faculdade	134
Figura 5 – Vigília organizada pelos professores da Fabico	135
Figura 6 – Vigília contra a PEC 55	135
Figura 7 – Docentes e discentes em frente ao Planetário	136
Figura 8 – Cartaz produzido na <i>Ocupa IFCH</i>	141
Figura 9 – Post de anúncio da criação do Coletivo Esefridas	149
Figura 10 – Logomarca do coletivo Norma Luiza	150
Figura 11 – Convocação para assembleia de mulheres no Campus do Vale	152
Figura 12 – Sessão de cinema da <i>Ocupa</i> só com filmes dirigidos por mulheres	153
Figura 13 – Atividade na Fabico coordenada pela Marcha Mundial de Mulheres	153
Figura 14 – Bandeira pintada por estudantes da Fabico	154
Figura 15 – Postagem sobre o Novembro Negro	162
Figura 16 – Postagem do <i>Afronta Fabico</i>	163
Figura 17 - Imagem da capa de evento sobre ações afirmativas	164
Figura 18 – Exibição de documentário na <i>Ocupa Fabico</i>	164
Figura 19 – Cartazes com regras internas	187
Figura 20 – Cartazes com mensagens de afeto	188
Figura 21 – Mural com cartazes no interior da ocupação	190
Figura 22 – Cartazes reproduzindo notícias da mídia	191
Figura 23 - Cartazes de conteúdo político na Fabico	191
Figura 24 – Desenhos nas paredes da <i>Ocupa</i>	192
Figura 25 – Entrada para o Jardim de Inverno da Fabico	193
Figura 26 – Varal poético na <i>Ocupa Fabico</i>	193
Figura 27 - Abraço no pátio da Fabico	195
Figura 28 – Quadro na sala da Comissão de Comunicação	198
Figura 29 - Show do grupo Dingo Bells no pátio da Fabico ocupada	199
Figura 30 - Capa do material criado pela Comissão de Comunicação da Fabico	201
Figura 31 – Estudantes produzindo faixa para atos externos	203

Figura 32 – Versão final da faixa levada para protestos externos	204
Figura 33 - Fachada da Fabico durante a ocupação	204
Figura 34 - Fachada externa da <i>Ocupa Fabico</i>	205
Figura 35 - Estudantes da Fabico confeccionando faixas e cartazes	205
Figura 36 – Pintura de faixa na <i>Ocupa Fabico</i>	206
Figura 37 - Grafite em uma fachada exterior do prédio da Fabico	207
Figura 38 - Fachada da <i>Ocupa Biologia</i> , no Campus do Vale da UFRGS	208
Figura 39 - Entrada bloqueada do prédio da Biologia, no Campus do Vale	209
Figura 40: Fachada externa de um dos prédios da <i>Ocupa Esefid</i>	209
Figura 41 - Fachada frontal da Faculdade de Educação da UFRGS	210
Figura 42 - Reportagem do SBT, com imagens internas cedidas pelos estudantes	211
Figura 43 - Alunos da Fabico falam sobre comunicação no IFCH	216
Figura 44 – Layout da <i>fanpage</i> da <i>Ocupa Letras</i>	217
Figura 45 - Layout da <i>fanpage</i> da <i>Ocupa Direito</i>	217
Figura 46: Capa do blog “Ocupadas”, criado por estudantes da <i>Ocupa IFCH</i>	209
Figura 47: Agenda do dia 2 de dezembro de 2016, na Ocupa Fabico	222
Figura 48 - Capa da <i>fanpage</i> <i>Ocupa Fabico</i>	223
Figura 49 - Logomarca criada pela <i>Ocupa Fabico</i>	220
Figura 50 - Sala da Comissão de Comunicação da <i>Ocupa Fabico</i>	222
Figura 51 – Agenda de atividades das <i>Ocupas</i> do Vale	223
Figura 52 - Agenda das <i>Ocupas</i> do Vale	234
Figura 53 - José Eduardo Cardozo no pátio da Faculdade de Direito da UFRGS	237
Figura 54 – Primeira cena de vídeo da <i>Ocupa IA</i>	240
Figura 55 - Última cena de vídeo da <i>Ocupa IA</i>	241
Figura 56 – Estudantes fazem panfletagem na Esquina Democrática.	245
Figura 57 – Faixa e dois caixões criados para o enterro simbólico da educação	246
Figura 58 - Frente do panfleto da <i>Ocupa Fabico</i>	247
Figura 59 - Verso do panfleto da <i>Ocupa Fabico</i>	248
Figura 60 - Faixa pintada na <i>Ocupa Fabico</i> para a manifestação de 13 de dezembro	254
Figura 61 – Sala Carolina Maria de Jesus	266
Figura 62 – Sala Ana Júlia Ribeiro	266
Figura 63 – Frente do panfleto distribuído pelos alunos da Fabico	278
Figura 64 – Verso do panfleto	278

Figura 65 – Frente de outra versão de panfleto	279
Figura 66 – Verso do panfleto	279
Figura 67 - Fachada de prédio da Esefid, com faixa produzida em outubro de 2018	281

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados	99
Tabela 2 - Práticas de Comunicação na <i>Ocupa Fabico</i>	173
Tabela 3 – Dados quantitativos das <i>fanpages</i> das <i>Ocupas</i> da UFRGS	219
Tabela 4 – Publicações da <i>#OcupaFabico</i>	224

## LISTA DE SIGLAS

AP – Ação Popular

APEOESP - Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo

ArqDsg – Arquitetura e Design

ASSURGS - Sindicato dos Servidores Técnico-Administrativos da UFRGS, da UFCSPA e do  
IFRS

BM – Brigada Militar

CABAM – Centro Acadêmico da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia

CAO – Comitê de Apoio às Ocupações

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

COMGRAD – Comissão de Graduação

CONSUN – Conselho Universitário

CPC – Centro Popular de Cultura

DACOM – Diretório Acadêmico da Comunicação

DAFisio - Diretório Acadêmico da Fisioterapia

DCE – Diretório Central dos Estudantes

Dsg-Arq – Design e Arquitetura

EA – Escola de Administração

ENECOM – Encontro dos Estudantes de Comunicação

ENECOS - Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social

ESEFID - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança

ENF SC – Escola de Enfermagem e Saúde Coletiva

FABICO – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

FACED - Faculdade de Educação

FAMECOS - Faculdade de Comunicação Social da PUCRS

FST – Fórum Social Temático

FUDA – Faculdade de Urbanismo, Design e Arquitetura

FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica

IA – Instituto de Artes

IB – Instituto de Biociências

ICBS - Instituto de Ciências Básicas da Saúde

IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

IGEO – Instituto de Geociências

JEC – Juventude Estudantil Católica  
JUC – Juventude Universitária Católica  
LOCE - Lei Orgânica Constitucional de Educação  
MBL – Movimento Brasil Livre  
OMC – Organização Mundial do Comércio  
POLOP – Política Operária  
PRAE – Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis  
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UMES – União do Movimento Estudantil Social  
UNE – União Nacional dos Estudantes  
UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa  
USP – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
1.1	OBJETO DE PESQUISA.....	21
1.2	JUSTIFICATIVA.....	22
1.3	PROBLEMA DE PESQUISA.....	23
1.4	HIPÓTESE E OBJETIVOS.....	23
1.5	ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS.....	24
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>27</b>
2.1	AÇÃO COLETIVA E REPERTÓRIOS DE CONFRONTO.....	27
<b>2.1.1</b>	<b>Mobilização política.....</b>	<b>29</b>
<b>2.1.2</b>	<b>Repertórios de ação coletiva.....</b>	<b>31</b>
<b>2.1.3</b>	<b>Ação direta.....</b>	<b>36</b>
2.2	DA REPRESENTAÇÃO À DELIBERAÇÃO.....	39
<b>2.2.1</b>	<b>Esfera pública e deliberação.....</b>	<b>40</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Deliberações microcóslicas e experimentos deliberativos.....</b>	<b>45</b>
<b>2.2.3</b>	<b>Deliberação em situações de resistência.....</b>	<b>47</b>
	COMUNICAÇÃO PÚBLICA, MÍDIA RADICAL E A LUTA POR	
2.3	VISIBILIDADE.....	51
<b>2.3.1</b>	<b>Comunicação pública.....</b>	<b>52</b>
<b>2.3.2</b>	<b>Redes de Comunicação pública.....</b>	<b>55</b>
<b>2.3.3</b>	<b>Mídia radical alternativa e a busca por visibilidade.....</b>	<b>57</b>
<b>3</b>	<b>PROCESSOS HISTÓRICOS REIVINDICATÓRIOS.....</b>	<b>61</b>
	MOVIMENTO ESTUDANTIL NO BRASIL – UMA	
3.1	RETROSPECTIVA.....	61
<b>3.1.1</b>	<b>Vargas, a UNE e o petróleo.....</b>	<b>62</b>
<b>3.1.2</b>	<b>Militares e estudantes: relação explosiva.....</b>	<b>63</b>
<b>3.1.3</b>	<b>Redemocratização.....</b>	<b>67</b>
<b>3.1.4</b>	<b>Secundaristas: a renovação que vem de São Paulo.....</b>	<b>68</b>
	OCUPAÇÕES: UM REPERTÓRIO PARA UM TEMPO	
3.2	HISTÓRICO.....	73
<b>3.2.1</b>	<b>Ocupações do século XXI.....</b>	<b>75</b>
3.2.1.1	Os secundaristas chilenos: o exemplo do outro lado da cordilheira.....	76

3.2.1.2	Espanha: o fenômeno 15M.....	78
3.2.1.3	Wall Street.....	80
<b>3.2.2</b>	<b>Ocupações em Porto Alegre.....</b>	<b>82</b>
3.2.2.1	Ocupa POA: Wall Street é aqui.....	82
3.2.2.2	Julho de 2013: ocupando a Casa do Povo.....	84
3.2.2.3	Escolas de luta.....	88
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>92</b>
4.1	ESTUDO DE CASO.....	92
4.2	PESQUISA EXPLORATÓRIA.....	93
	ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE OU	
4.3	SEMIESTRUTURADAS.....	94
4.4	OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.....	95
4.5	CORPUS E ABRANGÊNCIA DA PESQUISA.....	95
4.6	PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	96
<b>5</b>	<b>OCUPA UFRGS, OCUPA TUDO!!!.....</b>	<b>102</b>
5.1	FABICO OCUPADA.....	105
5.2	A OCUPA MAIS NOIADA DA UFRGS.....	116
5.3	HORIZONTALIDADE E LIDERANÇAS DILUÍDAS.....	120
5.4	COLETIVOS E PARTIDOS NA OCUPA.....	126
5.5	RELAÇÃO COM PROFESSORES E REITORIA.....	130
5.6	O PROTAGONISMO DAS MULHERES.....	144
<b>5.6.1</b>	<b>Coletivos de mulheres: as <i>Ocupas</i> da UFRGS e seus frutos.....</b>	<b>148</b>
<b>5.6.2</b>	<b><i>O Encontro das mina</i>.....</b>	<b>153</b>
	UMA OCUPAÇÃO DE PLAYBOY: TENSÕES DE CLASSE E	
5.7	RAÇA NA OCUPA.....	161
	<b>COMUNICAÇÃO EM UMA OCUPAÇÃO: ORGANIZAÇÃO E</b>	
<b>6</b>	<b>VISIBILIDADE.....</b>	<b>172</b>
	ORGANIZAÇÃO INTERNA: DELIBERANDO E CONSTRUINDO	
6.1	AFETOS.....	173
	<b>Deliberação e construção do comum: as assembleias da Ocupa</b>	
<b>6.1.1</b>	<b>Fabico.....</b>	<b>175</b>
<b>6.1.2</b>	<b>Comunicação interpessoal e dinâmicas de afeto.....</b>	<b>186</b>
6.2	A COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO E A BUSCA POR	



	VISIBILIDADE.....	197
<b>6.2.1</b>	<b>A identificação visual da Fabico e das outras ocupas.....</b>	<b>201</b>
<b>6.2.2</b>	<b>A relação com a mídia e com as outras <i>Ocupas</i> da UFRGS.....</b>	<b>210</b>
<b>6.2.3</b>	<b>As Ocupas no facebook.....</b>	<b>216</b>
6.2.3.1	#ocupafabico: de olho nos algoritmos.....	219
6.2.3.2	As fanpages das <i>Ocupas</i> da UFRGS.....	232
6.2.3.2.3	<i>Manifestos/Cartas abertas/Comunicados</i> .....	244
	MARCHAS, TRANCAÇOS E PANFLETAGENS: A OCUPA	
6.3	GANHA AS RUAS.....	257
<b>7</b>	<b>O TEMPO E A OCUPA, A OCUPA NO TEMPO.....</b>	<b>256</b>
7.1	#OCUPAUFRGS: A UNIÃO QUE FALTOU.....	257
7.2	MEMÓRIA POLÍTICA E AUTOCRÍTICA.....	261
7.3	O LEGADO DA OCUPA PARA A FABICO.....	270
7.4	O LEGADO PESSOAL.....	282
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>288</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>297</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Os verdadeiros sonhadores são os que pensam que as coisas podem continuar o que são por um tempo indefinido.*  
SLAVOJ ZIZEK

A história das passeatas massivas de junho de 2013 inicia com protestos de poucos milhares de pessoas, em algumas capitais brasileiras, contra os preços das tarifas do transporte público. Grupos organizados ao redor dos atingidos pelas obras de infraestrutura para a Copa do Mundo de 2014 também tiveram protagonismo nestas primeiras mobilizações. Mas, com o passar dos dias e a entrada vacilante dos grandes meios de comunicação na cobertura dos atos, as ruas se tornaram palco de uma grande miscelânea de reivindicações e expressões subjetivas, que iam de desejos utópicos e mensagens “paz e amor” a demandas sociais pragmáticas, passando pelas então surpreendentes manifestações autoritárias. Iniciava-se ali a era recente de disputa entre campos ideologicamente antagônicos pela legitimidade do uso político do espaço público.

Como muitos outros pesquisadores, tive minha atenção despertada pelo tema. Mas ao invés de analisar a representação feita pelos meios de comunicação dos distintos movimentos que ganhavam as ruas das grandes cidades do Brasil, resolvi voltar o foco para as práticas comunicativas empregadas por estes grupos. Ainda que não soubesse de início quais grupos iria analisar, uma pergunta me instigava: de que maneira comunicação e mobilização política têm se conjugado nesta conjuntura – global, me arrisco a dizer – de ataque a direitos adquiridos em nome de cortes nos gastos públicos?

Sem um objeto na mão, mas com esta pergunta na cabeça, dediquei-me a leituras sobre ações contemporâneas de resistência, com grande interesse por ocupações, repertório de ação coletiva bastante empregado nestas primeiras duas décadas do novo século. Até que, no final de outubro e início de novembro de 2016, os estudantes da UFRGS decidiram ocupar suas faculdades. Por um alinhamento ideológico, mas também por interesse acadêmico, acompanhei de perto a ocupação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS (Fabico), participando de assembleias, dormindo algumas noites no prédio, assistindo aulas públicas e, assim como docentes da faculdade e alguns colegas da Pós-Graduação, propondo e conduzindo rodas de conversa sobre temas de interesse público.

Durante a fase inicial da *Ocupa*<sup>1</sup>, fiz anotações sobre aspectos que já me chamavam a atenção, como a dinâmica das assembleias deliberativas, a criação de comissões e a existência, ou não, de lideranças entre os estudantes. Naqueles dias fiz muitas anotações e cheguei a elaborar perguntas para possíveis entrevistas com os ocupantes – que à época não foram realizadas. Dois meses depois do fim das ocupações da UFRGS, durante a produção de um artigo sobre a *Ocupa Fabico*, o objeto de pesquisa que eu procurava se revelou de maneira tão evidente que não hesitei em assumi-lo.

De antemão, reconheço as dificuldades impostas pelo fato de estudar um acontecimento ainda tão recente e sobre o qual há tão poucas pesquisas finalizadas. Dificuldade, por um lado, oportunidade, por outro. Para um pesquisador ainda errante quanto ao seu objeto de pesquisa, mas já intrigado com a articulação entre a comunicação e a mobilização política, virar as costas para uma ocupação dentro do próprio prédio onde estudava seria, para dizer o mínimo, um equívoco. E poder pesquisar um experimento de democracia radical que assumia a bandeira da luta pelo que é público, dentro de uma universidade pública, é, acima de tudo, um privilégio.

Dentro da linha teórica e de narrativa histórica defendida por esta pesquisa, que entende as ações políticas de resistência não apenas como herdeiras de uma longa trajetória de outras lutas, mas também como fontes de inspiração para mobilizações futuras, é preciso admitir os limites impostos pela pouca distância temporal entre o fato e a sua interpretação, mas sem que esta admissão signifique uma desculpa antecipada para possíveis inconsistências no trabalho. Entendo que o material a minha disposição, seja as páginas do *facebook*, as entrevistas, minhas anotações e lembranças ou os documentos e arquivos pessoais dos estudantes, aos quais tive acesso, representam um corpus mais do que suficiente para uma boa contribuição à tentativa de compreensão do momento político no Brasil.

O ano de 2016 foi um dos mais turbulentos da nova república brasileira. O acolhimento, por parte do então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, do pedido de impeachment contra a então presidenta Dilma Rousseff<sup>2</sup>, deflagrou uma grande crise política e uma série de protestos de rua, contra e a favor do afastamento de Dilma. Manifestantes vestindo verde-amarelo amarelo ou vermelho disputaram cada quadra das ruas

---

<sup>1</sup>Como a pesquisa é centrada na comunicação produzida pelos estudantes, resolvi adotar a designação *Ocupas*, conforme utilizada por eles.

<sup>2</sup>Eduardo Cunha aceitou o pedido de impeachment, formulado por Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaina Paschoal, no dia 2 de dezembro de 2015. A alegação era de desrespeito às leis orçamentária e de improbidade administrativa. Primeiramente, a Câmara aprovou, no dia 11 de abril de 2016, por 38 votos a 27, o parecer do deputado Jovair Antunes (PTB-GO) que sugeriu a abertura do processo. Sua aprovação entre os deputados se deu com os seguintes placares: 366 a 111 no primeiro turno, 359 a 116 no segundo.

brasileiras, revelando um país dividido politicamente. Com a aprovação do impeachment pela Câmara dos Deputados, após duas votações, foi a vez do Senado cumprir seu papel constitucional e também se manifestar, através do voto de 81 representantes parlamentares. O capítulo final desta história foi escrito no dia 31 de agosto<sup>3</sup>.

Antes mesmo da decisão final do Congresso, com Dilma provisoriamente afastada do cargo, a recém-empossada equipe do então presidente provisório Michel Temer iniciou uma série de alterações nas estruturas do poder executivo, que incluiu a extinção e fusão de ministérios<sup>4</sup>, a exoneração de todos os quadros do PT e alguns partidos aliados e a intervenção em diversos órgãos públicos. Mas nenhuma medida do novo governo causou mais polêmica e gerou mais consequências quanto a Proposta de Emenda Constitucional que ficou conhecida como a PEC do Teto dos Gastos Públicos<sup>5</sup>, elaborada pela equipe econômica do ministro da Fazenda Henrique Meirelles e enviada pelo Executivo ao Congresso no dia 15 de junho de 2016.

A agitação política deste ano culminou com as ocupações de universidades federais. Quando elas iniciaram, no final de outubro, a PEC 241/16 já havia sido aprovada em dois turnos pela Câmara dos Deputados e enviada para o Senado Federal, onde recebeu o nome de PEC 55/16. A primeira votação no Senado ocorreu no dia 29 de novembro e a segunda duas semanas depois, no dia 13 de dezembro<sup>6</sup>. Ambas, portanto, durante as ocupações.

As ocupações de estruturas físicas e de espaços públicos têm sido uma tática de luta política bastante utilizada em vários países do mundo nos últimos anos. Meses antes da ação dos universitários, alunos secundaristas já haviam ocupado centenas de escolas estaduais em diversos estados brasileiros. Em 2015, durante de novembro e dezembro, centenas de escolas públicas paulistas foram tomadas por alunos contrários às reformas propostas pelo governador de São Paulo, Geraldo Alckmin. Em outros estados, como o Rio Grande do Sul e, principalmente, o Paraná, jovens de escolas estaduais seguiram esse exemplo nos meses que

---

<sup>3</sup>Em sessão iniciada no dia 11 de maio e encerrada na madrugada do dia seguinte, o Senado aceitou a admissibilidade do processo e o afastamento da presidenta Dilma por 55 votos a 22. No dia 31 de agosto, em nova sessão de votação no Senado, o impeachment foi definitivamente sacramentado, com o placar de 61 a 20.

<sup>4</sup>Em pelo menos um caso a mobilização da sociedade civil foi decisiva para a reversão dos planos do Governo. Após anunciar a extinção do Ministério da Cultura, dezenas de prédios ligados à cultura foram ocupados no Brasil inteiro. Some-se a isso as declarações pela imprensa e nas redes sociais digitais de artistas e outras personalidades públicas criticando a ação, e Michel Temer voltou atrás e cancelou a extinção.

<sup>5</sup>A Emenda propunha a instituição de um novo regime fiscal, impondo limites para os orçamentos dos Poderes Executivo, Judiciário e Legislativo e de órgãos da administração direta e indireta. Os reajustes anuais ficariam restritos e condicionados à inflação acumulada pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA).

<sup>6</sup>Na votação em primeiro turno, 61 senadores foram favoráveis e 14 contrários à proposta. Na votação do dia 13 de dezembro o resultado foi de 53 votos a favor e 16 contra.

se seguiram, protestando principalmente contra a Medida Provisória que visava reformar o ensino médio no Brasil<sup>7</sup>.

Assim como as ações dos secundaristas que as precederam, as ocupações universitárias também não contaram com um comando central. Em ambos os casos, não houve qualquer associação estudantil que tenha realizado algum papel de intermediação entre elas e/ou destas com o governo. Apesar do apoio público manifestado por entidades representativas dos estudantes, como a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), elas funcionaram, na prática, como células independentes e com autonomia de decisão. As ocupações universitárias ocorreram concomitantemente em quase todos os estados brasileiros, erguendo-se contra as mesmas medidas parlamentares, apontando o dedo para os mesmos inimigos, adotando retóricas discursivas semelhantes, fazendo uso dos mesmos repertórios de ação coletiva, das mesmas ferramentas de comunicação e apresentando grandes semelhanças na maneira como se organizaram internamente.

Em diversos momentos, e através de variadas mídias radicais, os estudantes que ocuparam as faculdades da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) referiram-se ao governo Temer como *ilegítimo*. Muitos deles participaram de marchas, ao longo de 2016, contra a tentativa de derrubada da presidenta Dilma. A opção por ocupar as faculdades se deu pela percepção, por parte dos estudantes, de que para se opor à PEC era necessária a aplicação de um repertório mais drástico do que passeatas. Seguindo o exemplo dos secundaristas, os universitários optaram pelas ocupações.

As ocupações universitárias foram deflagradas por uma pauta nacional (a PEC do Teto de Gastos) e geraram lutas com objetivos locais (de mudanças na estrutura física dos prédios a reformas nos métodos pedagógicos e no funcionamento das universidades) permeadas por demandas universais/atemporais (questões de gênero, sexualidade, raça), captando temas de interesse público que gravitavam na sociedade e gerando debates sobre eles. Tendo como principal bandeira a luta contra a Proposta de Emenda Constitucional que visava limitar os gastos públicos por um período de vinte anos, as ocupações se sucederam em diversos estados brasileiros e duraram de 50 a 60 dias, paralisando total ou parcialmente as atividades das

---

<sup>7</sup>A Medida Provisória 746/16, conhecida como Projeto de Reforma do Ensino Médio, ou MP do Ensino Médio, foi sancionada pelo presidente Michel Temer em 16 de fevereiro de 2017. Entre as alterações provocadas pela MP estão a implantação gradual do ensino integral, até que as atuais 800 horas anuais passem para 1,4 mil; e a desobrigatoriedade do idioma espanhol. Outras mudanças propostas pelo executivo e que foram criticadas durante as ocupações universitárias acabaram excluídas do texto final, como a exclusão das disciplinas Artes, Educação Física, Filosofia e Sociologia, que permanecem obrigatórias para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

respectivas faculdades. Em algumas instituições elas coincidiram com paralisações de professores e técnicos administrativos. Além da PEC, os estudantes se opuseram abertamente à MP do Ensino Médio e ao projeto Escola sem Partido<sup>8</sup>, conhecido também por *Lei da Mordaça*.

Mas, como ação coletiva que visa um fim político, a ocupação de universidades possui um obstáculo importante: o isolamento físico. Como alcançar visibilidade midiática amotinando-se dentro de um prédio? Ao contrário de outros repertórios de confronto, como grandes marchas ou mesmo a ocupação de praças públicas, o edifício ocupado tende a se transformar em uma espécie de *bunker*, impedindo uma maior permeabilidade entre o espaço dos estudantes e os públicos externos, dificultando assim a adesão de outros setores da sociedade civil. Por isso, as estratégias de comunicação são fundamentais para que as demandas e atividades destes grupos sejam conhecidas além do universo físico e simbólico gerado pelas ocupações.

### 1.1 OBJETO DE PESQUISA

O objeto desta pesquisa são as ações de comunicação produzidas pelas ocupações da UFRGS. Enquanto reproduções locais do que acontecia a nível nacional, elas são representativas deste importante acontecimento político, ainda que cada núcleo estudantil ocupado possuísse autonomia e tivesse as suas idiossincrasias. E aumentando ainda mais a escala de análise, foi realizado um Estudo de Caso sobre a *Ocupa Fabico*, com a expectativa de apontar aspectos gerais às ocupações da UFRGS e possíveis diferenças entre elas.

Para a apreensão do significado destas ocupações, tanto a nível macro como na realidade do pequeno universo representado por uma única *Ocupa*, buscou-se identificar e analisar a comunicação praticada pelos estudantes que ocuparam faculdades e institutos da UFRGS em outubro, novembro e dezembro de 2016. As práticas comunicativas identificadas pela pesquisa foram divididas em comunicação interna (baseada na interpessoalidade e na troca de argumentos proporcionada pelas assembleias deliberativas) e comunicação externa (a busca da visibilidade através do uso de mídias radicais alternativas). Acredito que, quanto mais um movimento de resistência for composto por pessoas que não pré-existem enquanto

---

<sup>8</sup>O anteprojeto de lei denominado Escola sem Partido deu origem a uma série de projetos semelhantes que estão tramitando em vários estados brasileiros. Em comum entre eles, a intenção de impor restrições morais e ideológicas à atividade docente e ao comportamento de professores nas salas de aula.

grupo organizado, como é o caso das ocupações universitárias –, mais importante torna-se o papel da comunicação, inclusive como fator estruturante da luta política.

A UFRGS teve dezesseis unidades ocupadas: Dsg-Arquitetura; Faculdade de Educação (Faced); Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS); Direito; Instituto de Artes (IA); Escola de Administração (EA); Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (Esefid); Psicologia e Serviço Social; Enfermagem e Saúde Coletiva; Fabico; Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH); Letras; Instituto de Geociências; Biologia; Exatas e Biologia Marinha. Todas elas, autônomas em sua deflagração, funcionamento interno e tomada de decisões, criaram páginas no *facebook*, através das quais era realizada a comunicação com a comunidade acadêmica e a sociedade em geral. Apesar da decisão pela realização de um Estudo de Caso sobre a Fabico, as demais *Ocupas* da UFRGS são também objeto desta pesquisa.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A pesquisa justifica-se pelo entendimento de que, tomadas em seu conjunto de mais de 290 prédios de faculdades ocupados em todo o Brasil, as ocupações universitárias foram o principal ato de oposição ao então recém-empossado governo Michel Temer. Repertórios de ação coletiva que opõem grupos da sociedade civil e o Estado, como é o caso das ocupações universitárias, forçam os limites dos regimes democráticos e radicalizam processos de debate público. Durante os meses de novembro e dezembro de 2016, tive a oportunidade de acompanhar de perto a ocupação da Fabico. Esta experiência pessoal, a participação em assembleias, em rodas de conversa e aulas abertas, e a convivência com os estudantes que paralisaram por mais de dois meses as atividades da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, proporcionou-me um acesso às subjetividades e a particularidades da ação coletiva que também justificam, a meu ver, a realização desta pesquisa.

Esta tese se insere na linha das pesquisas realizadas no Núcleo de Comunicação Pública e Política (NUCOP), coordenado pela professora Maria Helena Weber e do qual fiz parte nos últimos quatro anos, e que tem nos temas de interesse público e na comunicação pública seu ponto de convergência. Entendo que as ocupações de universidades brasileiras foram não apenas um acontecimento de interesse público relevante, que desencadeou redes de comunicação pública, mas também espaços físicos de discussão sobre temas de interesse público.

### 1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

As ocupações da UFRGS tiveram suas especificidades internas, como, por exemplo, o número de ocupantes; maior ou menor influência de coletivos e/ou partidos políticos; qualidade no relacionamento com os professores e a direção das faculdades e o grau de envolvimento com pautas paralelas que surgiram ao longo das ocupações. Mas, apesar de todas essas diferenças, penso que a análise mais aprofundada da ocupação da Fabico de alguma maneira ilustra aspectos gerais das ocupações em toda a Universidade – e mesmo do fenômeno em outros estados brasileiros. Características como a descrença no sistema político representativo; a intolerância com relação ao machismo, ao racismo e à homofobia; e a defesa de um Estado que contemple, através de políticas públicas, as camadas mais vulneráveis da população, estão presentes em todas elas, assim como as estruturas de organização interna via criação de comissões e a realização de assembleias deliberativas.

Nesta configuração de luta política através da ação direta, como produzir uma comunicação de qualidade, que apresente claramente as pautas do movimento e suas ações e que consiga romper com o que Downing (2004, p. 21) chama de “bloqueios da expressão pública”, isto é, como fazer com que o enquadramento da realidade, realizado pelos estudantes ganhe a atenção dos meios de comunicação de massa? Como equacionar as preocupações relacionadas à segurança do prédio ocupado com busca de visibilidade desejada pelos estudantes? Como restringir o trabalho da imprensa hegemônica e mesmo assim receber uma cobertura considerada adequada? Em que medida a Comissão de Comunicação da *Ocupa Fabico* conseguiu realizar ações qualificadas no sentido de divulgar a luta dos ocupantes e responder às demandas externas por informação? Qual o papel da comunicação na estruturação interna do movimento? Dilemas da comunicação em um espaço de resistência, sobre os quais esta pesquisa tem a intenção de refletir.

### 1.4 HIPÓTESE E OBJETIVOS

A partir da busca pelas respostas às questões elencadas acima, foi desenvolvida uma hipótese norteadora sobre a *Ocupa Fabico*, que penso poder também ser aplicada às outras ocupações da UFRGS – a julgar pela análise realizada nas dezesseis *fanpages* e por conversas informais realizadas com estudantes e uma professora de outros cursos da Universidade. A hipótese é que a comunicação foi o eixo de sustentação e organização da *Ocupa* em 3 dimensões: as *estratégias de visibilidade* (de responsabilidade da Comissão de Comunicação,



cuja incumbência era produzir e divulgar material sobre a *Ocupa*): as *assembleias deliberativas* (espaço comunicativo para o exercício da racionalidade e o embate argumentativo, local de discussão política, elaboração e votação de regras internas e ações externas) e a *comunicação interpessoal* (operacionalizada a partir de cartazes, desenhos, oficinas e dinâmicas através das quais procurou-se despertar sentimentos de afeto entre os estudantes). Independentemente dos objetivos políticos que as geraram, entendo as ocupações universitárias como espaços deliberativos e de comunicação interpessoal, cujos principais frutos foram a politização individual e o fortalecimento de vínculos identitários – mulheres, negros, LGBTs e moradores da periferia, por exemplo. Em pelo menos duas faculdades da UFRGS a experiência da ocupação deu origem a coletivos de mulheres.

A partir da hipótese apresentada, esta pesquisa propõe, como objetivo geral, o mapeamento e análise da comunicação produzida nestas três dimensões, a partir de um estudo de caso sobre a *Ocupa Fabico*. Espero, assim, contribuir para a memória política das ocupações universitárias de 2016. Para isso, foram buscados os seguintes objetivos específicos: (1) Identificar e analisar os repertórios de ação coletiva utilizados pelos estudantes durante o período da ocupação (2) Analisar as *fanpages* das dezesseis ocupações da UFRGS; (3) Investigar aspectos relacionados ao trabalho da Comissão de Comunicação, ao funcionamento das assembleias deliberativas e outras questões inerentes a práticas de comunicação interna na ocupação.

## 1.5 ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

No primeiro capítulo, denominado *Fundamentação Teórica*, serão abordados os principais conceitos que norteiam esta pesquisa. Eles estão divididos em três eixos. O primeiro engloba os estudos realizados por sociólogos que tem nos movimentos sociais seu objeto de interesse. Através dos conceitos *mobilização política*, *repertório* e *ação direta*, procurei analisar a ação coletiva ocorridas nas universidades. Segundo Tilly e Tarrow (2009), movimentos de resistência entram em ação levando em conta as oportunidades e restrições existentes no contexto sócio-político. A partir da decisão de agir, faz-se necessária a escolha de um repertório de confronto, que pode ou não contemplar a ação direta.

O segundo conceito empregado é o de *deliberação*, prática comum a muitas ações contemporâneas como ocupações de espaços públicos, seja no Brasil ou no exterior, e através da qual tais grupos de resistência têm procurado se estruturar internamente e tomar decisões sobre a ação política em curso.

Por fim, para uma análise das ações comunicativas externas, utilizo-me dos conceitos de *comunicação pública e mídia radical*. A paralisação das atividades das universidades federais em decorrência das ocupações é um tema de inegável interesse público. Como costuma acontecer com acontecimentos sociais de tal magnitude, a partir desta ação radical são formadas redes de *comunicação pública* que procuram, de acordo com os seus interesses, influenciar o resultado do debate público ao redor deste tema. Redes que “permitem a circulação de informações e ações, com significados e interpretações passíveis de acolhimento e rejeição por outras redes” (WEBER, 2017, p. 45). Uma destas redes é formada justamente pelos estudantes que ocuparam as faculdades. Já o uso de *mídias radicais alternativas*, sejam as tradicionais, como cartazes, faixas, bandeiras e panfletos, sejam as mais recentes, como as redes sociais da internet, tem sido um recurso bastante utilizado por grupos contenciosos da contemporaneidade. Não foi diferente com as ocupações da UFRGS.

No segundo capítulo foi realizado um levantamento histórico sobre o movimento estudantil brasileiro e sobre o uso de ocupações como repertório de luta política nestes primeiros anos de século XXI. Destaca-se aqui a importância das ocupações de secundaristas e de universitários como ações que deslocam o protagonismo histórico da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) e da União Nacional de Estudantes (UNE), em demandas na área da educação, para estudantes independentes, não ligados a organizações representativas. Quanto às ocupações, foi realizado um levantamento sobre a adoção dessa estratégia de luta política ao longo dos anos, com destaque para alguns casos ocorridos a partir do grande ciclo de protestos mundiais iniciado com a Primavera Árabe, em 2010.

O terceiro capítulo é dedicado à metodologia, com centralidade no Estudo de Caso. Como procedimentos metodológicos, realizei entrevistas semiestruturadas com 15 estudantes que participaram da ocupação da Fabico e analisei as páginas das dezesseis *Ocupas* da UFRGS no *facebook*.

O quarto capítulo é o primeiro a abordar as ocupações da UFRGS. Com o auxílio das entrevistas, das publicações nas *fanpages* e da minha experiência pessoal, busquei descrever as primeiras *Ocupas*, a assembleia que decidiu pela ocupação da Fabico e aspectos internos ligados à estrutura do movimento, como a presença ou não de lideranças definidas, a influência de coletivos e partidos políticos e a relação dos ocupantes com professores da faculdade e com a reitoria. Também estão presentes neste capítulo discussões sobre o protagonismo feminino e as tensões provocadas por questões de raça e classe na *Ocupa*.

O quinto capítulo é dedicado à comunicação produzida na *Ocupa Fabico*; tanto a mais evidente, representada pelo esforço em divulgar as pautas dos estudantes, como a menos

aparente, mas não menos importante: a comunicação interna, que funcionou – de acordo com a hipótese da pesquisa – como eixo de sustentação da ocupação. Apesar do Estudo de Caso na Fabico, realizei também uma análise das outras quinze páginas das *Ocupas* da UFRGS no *facebook*.

O último capítulo contém reflexões dos entrevistados sobre o legado das ocupações para a instituição e na vida de cada um deles. Mesmo durante as *Ocupas*, textos presentes nas *fanpages* já procuravam construir uma memória política e adotar um discurso de que, independentemente dos resultados atingidos, aquelas ações eram a continuidade de outras lutas que as precederam, como a dos secundaristas, e inspirariam ações semelhantes no futuro. Através das lembranças dos entrevistados, são revelados possíveis equívocos cometidos pelas *Ocupas*, como a dificuldade em unificar os discursos e ações das diferentes ocupações da UFRGS.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*Se a soberania do povo for completamente transferida para – e substituída por – aqueles eleitos pela maioria, então o que se pede são aqueles poderes que chamamos de críticos, as ações que denominamos de resistência, e aquela possibilidade de vida que chamamos de revolução.*

*Judith Butler*

A fundamentação teórica escolhida para esta pesquisa privilegia estudos da Sociologia dos Movimentos Sociais e conceitos da área da Comunicação. Considerando a ação dos estudantes que ocuparam universidades em vários estados do Brasil como ações contra hegemônicas, de enfrentamento com um poder que possui muito mais acesso ao espaço midiático de visibilidade, penso ser adequada a esta pesquisa a adoção da terminologia “mídias radicais alternativas”, cunhada por John Downing (2004), para definir mídias de baixo custo utilizadas no confronto contra inimigos poderosos.

Entre estes dois nichos teóricos está a deliberação, conceito derivado do pensamento de Habermas (2011) e da crença na racionalidade como elemento de solução de conflitos e busca de alternativas políticas. Estudada em contextos de experiência controlada, as deliberações microcóslicas, de que fala Fishkin (2015), ou na observação de processos deliberativos que têm lugar nas democracias representativas, a deliberação tem sido usada de maneira generalizada por movimentos de resistência contemporâneos em situações de exceção, caso de uma ocupação de universidade.

Mas primeiramente serão abordados os aspectos ligados aos movimentos sociais e demais grupos de resistência política, tais como os repertórios de confronto, a mobilização política e a ação direta. Acontecimentos políticos grandiosos, que abalam a vida social e apresentam dilemas para as autoridades, irrompem no tecido social como tempestades inesperadas, mas são formados de uma série de outras ações que os antecederam. Pertencem a uma tradição de conflitos políticos e precisam ser colocados sob esta moldura fornecida pela História para possibilitar uma melhor apreensão do fenômeno.

### 2.1 AÇÃO COLETIVA E REPERTÓRIOS DE CONFRONTO

Para Castells (2003, p. 114), os movimentos sociais do século XXI são “ações coletivas deliberadas que visam a transformação de valores e instituições da sociedade”. Segundo o autor:

coalizões frouxas, mobilizações semiespontâneas, e movimentos ad hoc do tipo neoanarquista substituem as organizações formais, estruturadas e permanentes. Movimentos emocionais muitas vezes desencadeados por um evento de mídia, ou por uma crise de vulto, parece muitas vezes ser fontes mais importantes de mudança social que a rotina diária de ONGs zelosas (CASTELLS, 2003, p. 117).

Duas expressões merecem destaque no trecho acima: *coalizões frouxas* e *mobilizações semiespontaneas*. *Coalizões frouxas* porque, com a mesma facilidade com que se dá a união, se dá também o rompimento. Não são associações tradicionais com cadastro de membros, com um cotidiano de legalidade institucional, de uma convivência jurídico-legal com as instituições que considera opressoras. São materializações, em espaços determinados, de um grupo de pessoas que compartilha valores mínimos e que possui uma agenda clara e em comum, sem necessariamente haver um consenso absoluto entre seus membros.

Esta é outra característica interessante de muitos movimentos de resistência contemporâneos: a junção de diferentes grupos de ativistas através de um grande consenso – que no caso das *Ocupas*, podemos dizer que foi a oposição ao governo Temer, considerado ilegítimo e golpista. Movimentos ligados à causa da negritude, grupos feministas, movimento ecológico, movimentos de defesa dos direitos humanos, de moradia urbana, de reforma agrária, militantes LGBTs, grupos religiosos progressistas, entre muitos outros, podem formar uma grande coalizão quando são identificados os mesmos inimigos. Mas para unir lutas distintas é preciso que as diferenças não falem mais alto que os objetivos em comum. Hardt e Negri (2005) citam como exemplo destas *coalizões frouxas* algumas reuniões esporádicas surpreendentes, como anarquistas marchando ao lado de grupos religiosos progressistas<sup>9</sup>.

Castells chama essas ações de resistência de *mobilizações semiespontâneas* porque não são organizadas no sentido de haver uma estrutura anterior à ação política. No caso das *Ocupas* da UFRGS, elas foram deflagradas de maneira radical por um grupo de jovens cujo único laço comum era estudarem na mesa faculdade. Esse elemento isolado não garante nem ao menos o que chamamos acima de grande consenso, uma agenda em comum. Mas também não se pode chamar de uma ação espontânea, porque as ocupações foram decididas em assembleias que reuniram centenas de estudantes, após terem sido convocadas a partir de discussões em ambientes da universidade – centros acadêmicos, por exemplo.

---

<sup>9</sup> Isso ocorreu em Seattle, em novembro de 1999, durante protestos contra a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC).

### 2.1.1 Mobilização política

Como estudiosos dos movimentos sociais e de lutas de resistência têm apontado, não basta apenas a existência de um quadro de injustiças ou de alguma demanda social importante para deflagrar ações de confronto: “A coordenação da ação coletiva depende da confiança e da cooperação geradas entre os participantes por meio de entendimentos e identidades compartilhadas” (TARROW, 2009, p. 40). Para Tarrow e Tilly (2008), existe um componente fundamental para deflagrar a ação coletiva: a equação oportunidades/restrições, ou seja, as condições sócio políticas que permitiriam ou bloqueariam o exercício de uma prática ativa de resistência. Governos enfraquecidos ou de legitimidade questionada, por exemplo, inspirariam ações de oposição. Já governos populares ou situações de extremo autoritarismo funcionariam como inibidores da luta. Segundo Tarrow (2009, p. 18) “o confronto político é desencadeado quando grandes oportunidades e restrições políticas em mudança criam incentivos para atores sociais que não têm recursos próprios. Eles agem através de repertórios de confronto conhecidos, expandindo-os ao criar inovações marginais.”.

Para Tarrow (2009, p. 181), portanto, “Seja qual for a origem das reivindicações do confronto, são as oportunidades e restrições políticas que as transformam em ação”. A possibilidade de que um grupo – já organizado ou não – deflagre uma ação coletiva passa também por um compartilhamento mínimo de valores e por uma série de subjetividades as quais podemos agrupar sob a palavra *identidade*: “A coordenação da ação coletiva depende da confiança e da cooperação geradas entre os participantes por meio de entendimentos e identidades compartilhadas” (TARROW, 2009, p. 40).

Segundo Tarrow, ainda que haja uma concordância em pontos chave entre pessoas de um determinado grupo social – concordância que podemos chamar de consenso – isso não é suficiente para desencadear uma ação social. Para isto, seria necessária a *mobilização do consenso*:

A formação do consenso produz definições coletivas de uma situação, mas não faz muito mais que isso. Não produz ação coletiva nem dá caminhos para a ação aos que querem dirigir as pessoas para um movimento social. Para que isso ocorra é necessária a mobilização do consenso. Esta consiste em tentativas deliberadas de difundir as perspectivas de um ator social entre partes de uma população” (TARROW, 2009, p. 147)

Outro elemento fundamental para a mobilização política é a definição do inimigo. Contra quem se luta? Como afirma Tarrow (2009, p. 41), o enquadramento interpretativo do grupo contencioso “não se relaciona apenas à generalização dos descontentamentos, mas

define o ‘nós’ e ‘eles’ na estrutura de conflito de um movimento”. Gamson é outro autor para quem o sucesso de um engajamento político depende de uma qualificada distinção entre nós e eles. Para o autor, "sem um componente oposicional, o alvo potencial da ação coletiva permaneceria possivelmente uma abstração" (GAMSON, 2011, p. 28).

A teoria da mobilização política – desenvolvida a partir de uma análise histórica dos movimentos sociais – também nos ajuda a entender o processo de ação coletiva que ocorre a partir de uma determinada crise política, como, por exemplo, diversas ocupações de universidades em reação à possibilidade de aprovação de uma medida econômica.

As oportunidades políticas precisam ser vistas, é claro, junto com elementos estruturais mais estáveis – como a força ou a fraqueza do Estado ou as formas de repressão que emprega usualmente. Além disso, as oportunidades externas não produzem necessariamente movimentos sociais sustentados. Para isso, o processo exige que os desafiantes empreguem repertórios de confronto conhecidos, enquadrem suas mensagens de forma dinâmica e tenham acesso ou construam estruturas de mobilização unificadoras” (TARROW, 2009, p. 99).

McAdam, Tilly e Tarrow (2004, p. 49, tradução do autor) identificam três elementos que definem a deflagração da ação e o seu andamento: “Em geral, o compartilhamento de um conhecimento anterior, as conexões entre pessoas-chave, e uma direção imediata guiam o fluxo da ação coletiva”. E uma vez que as condições para o confronto se apresentem e fica definida a intenção de agir coletivamente para alcançar um objetivo político, é preciso decidir que táticas utilizar para que suas demandas atinjam o alvo. Em outras palavras; quais repertórios aplicar.

Os autores acima citados identificam fatores eminentemente políticos para explicar a deflagração de ações coletivas de resistência. Castells (2003) acrescenta a esta dimensão política um componente emocional para ajudar a compreender a escolha por um repertório de confronto. Talvez a emoção mais importante, sob este ponto de vista, seja a raiva:

A raiva é uma das emoções mais potentes por trás das práticas de rebelião à medida que reduz a percepção do risco e aumenta a aceitação de comportamento de risco. Finalmente, a raiva se intensifica com a percepção de uma ação injusta e a identificação do agente responsável pela ação. Ao longo da História, a raiva estimulou protestos, resistência, até mesmo revoluções, começando por um evento grave e evoluindo em uma rejeição à autoridade responsável, assim que o acúmulo de feridos e insultos repentinamente se torna intolerável. O preço do pão, a suspeita de bruxaria, ou a injustiça de governantes tem sido mais frequentemente fontes de revoltas e movimentos sociais do que os ideais de emancipação. [...] Para que a resistência emergja, sentimentos individuais, como a raiva, precisam se articular com outros, transformando noites de desespero solitárias em dias compartilhados de ira (CASTELLS, 2003, p. 346-347).

Castells (2013) coloca outra dicotomia como importante para a definição de uma ação: raiva/medo. A raiva funcionaria como um elemento deflagrador de uma atitude de confronto, especialmente quando provocada por uma situação de extrema injustiça. O medo, por outro lado, seria uma trava emocional que pode abortar uma ação programada para acontecer. É nesta relação dialética, para o autor, que está a origem das decisões subjetivas de participar de algum ato ou se filiar a um coletivo ou movimento social adepto de repertórios de ação direta.

Uma combinação que tem rendido aos movimentos de resistência grande visibilidade nos últimos anos é a violência da polícia + tecnologias digitais. Foi assim no Brasil em 2013, quando os excessos das polícias militares contra os manifestantes ajudaram a encher as ruas com mais gente nos dias que se seguiram. Foi assim em Nova York, em 2011. Ainda nos primeiros dias de mobilização no sul de Manhattan, no principal distrito financeiro do mundo, a imagem de um policial jogando gás nos olhos de um grupo de meninas teve mais de 750 mil visualizações no *youtube* em poucas horas. Segundo Solnit (2012), a partir daí a quantidade de pessoas em Wall Street multiplicou-se, além de outras ocupações terem eclodido pelos Estados Unidos.

A mobilização política dos estudantes universitários brasileiros em 2016, assim como a dos secundaristas que os antecederam, aconteceu a partir da identificação de um quadro de oportunidades. O ano havia sido de muitos protestos, uma presidenta eleita por voto popular havia sido removida do poder e a tendência era de aprovação da PEC 55 no Senado Federal. Estas foram as condições sociopolíticas dadas naquele momento histórico e que foram interpretadas como adequadas para a ação de ocupar as instituições de ensino. O medo, que fazia parte do cotidiano das *Ocupas* – principalmente dos secundaristas – não foi forte o suficiente para impedir a ação, motivada, entre outros sentimentos, pela raiva contra um governo considerado ilegítimo.

### **2.1.2 Repertórios de ação coletiva**

Repertórios de confronto são “formas de ação coletiva” (TILLY; TARROW, 2008, p. 20, tradução do autor), estratégias utilizadas por movimentos sociais para estabelecer uma política contenciosa contra seus adversários. Os autores definem ação coletiva como a “coordenação de esforços em nome de um interesse ou de programas em comum” (TILLY; TARROW, 2008, p. 21, tradução do autor). Para Alonso (2012, p. 22), repertório é um “pequeno leque de maneiras de fazer política num dado período histórico”.



Tarrow (2009) classifica os repertórios em três tipos: violentos (que causam, por exemplo, danos a propriedades privadas ou públicas); disruptivos (atos que provocam ruptura, como greves, ocupações e bloqueios de rua); ou convencionais (também chamados de demonstrativos, tais como passeatas previamente combinadas com as autoridades ou coletas de assinaturas para abaixo-assinados). Embora difiram em muitos aspectos, são todos *performances públicas*, pois tomam corpo em espaços públicos e buscam visibilidade para atingir seus fins políticos. Segundo o autor, os repertórios que provocam ruptura são a arma mais forte de grupos de oposição ao Estado, empoderando atores fracos em seu litígio contra oponentes poderosos. Mas isso não quer dizer que eles não apresentem suas contradições: “A ruptura é a fonte de grande parte da inovação no repertório e do poder em movimento, mas é instável e facilmente gera violência ou se torna rotinizada na convenção” (TARROW, 2009, p. 138).

Muitos movimentos que iniciam com a prática de repertórios de ruptura acabam se institucionalizando e perdendo o caráter contencioso. Outros dão um passo mais radical e passam a praticar atos violentos, cansados de serem ignorados ou criminalizados pela mídia e reprimidos pela força bruta do Estado. A deflagração de um conflito, contudo, talvez não seja o mais difícil, mas sim mantê-lo por tempo suficiente para que seus objetivos sejam atendidos. Como destaca Tarrow (2009, p. 130), “Sustentar a ruptura depende de um alto nível de compromisso, de manter as autoridades em desequilíbrio e de resistir à atração tanto da violência<sup>10</sup> quanto da convencionalização”.

O repertório de ruptura, “realização concreta da determinação de um movimento” (TARROW, 2009, p. 128), é empregado a partir da análise de que, mesmo com a quase inevitável cobertura negativa por parte da mídia, os grupos têm a ganhar com a ação, seja em termos de uma visibilidade que não seria alcançada de maneira menos radical, seja pela oportunidade de publicizar um estado de confronto com o inimigo.

Os repertórios escolhidos para ações políticas são, geralmente, herdados de outras situações de confronto, sofrendo adaptações de acordo com a ocasião, o grau de força do oponente e o objetivo a ser alcançado (TILLY; TARROW, 2008, p. 40). A escolha da maneira de agir também é influenciada pela História e por uma espécie de herança genética cultural,

---

<sup>10</sup>A crítica a repertórios violentos está longe de ser unanimidade entre os cientistas sociais. Dupuis-Déri (2014), por exemplo, critica a cobertura midiática tradicional de ações de *black blocs*, que, segundo ele, tende sempre a classificá-los como jovens irracionais e a ignorar os sintomas sociais e o significado simbólico de suas ações. Já Zizek (2014), ao se referir aos distúrbios na periferia de Paris, em 2005, defendeu a violência dos manifestantes, escrevendo que o objetivo era chamar a atenção das autoridades para problemas que não podiam mais ser ignorados e, se recorressem a protestos pacíficos, estes não receberiam nada além de notas de rodapé dos jornais franceses.

que faz com que os repertórios sofram ressignificações e adaptações de acordo com o contexto sócio-político do local onde são empregados:

Os trabalhadores sabem como fazer greves porque gerações de trabalhadores as fizeram antes deles; os parisienses erguem barricadas porque as barricadas estão inscritas na história do confronto parisiense; os camponeses tomam terras portando símbolos que seus pais e avós usaram no passado. [...] As formas de confronto são herdadas ou raras, habituais ou pouco conhecidas, solitárias ou parte de campanhas conjuntas. Podem ser ligadas a temas que estão inscritos na cultura ou são inventados na hora, ou – mais comumente – combinam elementos de convenção com novos quadros de significação (TARROW, 2009, p. 40-41).

Segundo Tilly (2006), raras são as inovações em repertórios de conflito. Geralmente os grupos de resistência se utilizam do que já faz parte da tradição dos movimentos sociais, estratégias que já foram testadas e deram resultados que os manifestantes julgaram terem sido favoráveis e inspiradores de novas ações semelhantes. Trazendo esta discussão para a questão das ocupações de instituições de ensino no Brasil, podemos dizer que, à primeira vista, não houve uma inovação de repertório, uma vez que ocupações de reitorias e faculdades já haviam ocorrido em grande número na história republicana brasileira. A novidade aqui foi a escala, a maneira pela qual uma ocupação atrás da outra foi deflagrada, como que por contágio (HARDT; NEGRI, 2005) ou difusão (TILLY; TARROW, 2008).

Funcionando como “repositórios de conhecimento de rotinas particulares numa história da sociedade” (TARROW, 2009, p. 39, 40), os movimentos sociais refletem o momento histórico e agem em constante relação dialética com os órgãos de repressão do Estado, fazendo com que um e outro se adaptem ao adversário e busquem soluções para vencer o conflito e superar os obstáculos impostos pelo inimigo.

Além de estarem sujeitos a esta herança cultural, os repertórios também sofrem modificações de acordo com a evolução do pensamento coletivo com relação a determinados temas. Em maio de 1968, por exemplo, muitas árvores de grande porte foram derrubadas em Paris para reforçar as barricadas organizadas por estudantes em confronto com a polícia. Hoje, com a consciência crescente a respeito da importância do meio ambiente, tais cenas seriam inimagináveis. E caso acontecessem, só serviriam para denegrir a imagem pública do grupo que praticasse a ação.

Os repertórios passam por períodos de maior utilização e por fases em que são esquecidos ou preteridos, em detrimento de outros considerados mais eficazes. É difícil precisar quais as razões pelas quais, em determinado momento histórico, se tornam tão populares que podem chegar até à banalização, tal a frequência com que são utilizados.

Segundo Tarrow (2009, p. 136), sua forma e aplicação é fruto de uma relação dialética com o Estado:

A invenção da greve e da demonstração no século XIX e o desenvolvimento de formas não violentas de resistência no século XX não poderiam ser explicados se não surgissem novas maneiras de as pessoas apresentarem reivindicações e no modo de as autoridades reagirem a elas. Quando uma nova forma é “descoberta”, sua adequação a uma nova situação torna-se imediatamente óbvia, é amplamente adotada, espalha-se rapidamente e dá a impressão de ser uma inovação dramática.

Em certos períodos históricos, alguns repertórios, novos ou não, se difundem de maneira muito rápida, caracterizando o que Castells (2013) chama de *movimentos virais*. É o caso das marchas, ou passeatas. Trata-se de um repertório clássico dos movimentos sociais, utilizado massivamente em muitos países nos últimos dois séculos, tanto por grupos progressistas como por movimentos conservadores, pela sociedade civil ou pelo Estado – caso das marchas militares ou, em se tratando de países socialistas, dos desfiles do Dia do Trabalhador. Nestes primeiros anos do século XXI, a marcha foi um dos repertórios mais aplicados no Brasil, tornando-se uma marca indissociável de alguns grupos – como já havia se tornado nas décadas de 1980 e 1990 para o MST e a Via Campesina, por exemplo. Desde ações que visam a afirmação identitária e a luta política de grupos marginalizados que buscam direitos e reconhecimento, como as Paradas Livres e as grandes mobilizações recentes de mulheres, até as centenas de milhares de pessoas que têm ido às ruas no Brasil desde 2013, este repertório tornou-se talvez o mais popular no país.

Nos últimos cinco anos, grandes manifestações de rua voltaram a impactar fortemente a vida política brasileira, como já havia acontecido nos anos 1960 ou em episódios esporádicos mais recentes, como na campanha das *Diretas Já* e nos protestos que antecederam o impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello. Em junho de 2013, centenas de milhares de pessoas tomaram as ruas das principais cidades brasileiras, pelas mais variadas razões e em diversas oportunidades, gerando um amplo debate público e obrigando as autoridades a darem respostas às demandas apresentadas. Em 2015, com menos espontaneidade e uma atitude muito mais condescendente por parte das forças repressivas do Estado, novas multidões tomaram as ruas do Brasil, desta vez com um posicionamento reivindicatório muito mais claro e menos abrangente – contra ou a favor da ex-presidenta Dilma Rousseff. Após estes ciclos recentes e, principalmente, devido à frequência com que foram utilizadas, pode-se falar em um certo esgotamento da força política da marcha como repertório de ação coletiva.

Seguidamente, diferentes repertórios são usados em conjunto, para aumentar a força da ação e alcançar públicos mais abrangentes. No caso de uma ocupação de prédio público, por exemplo, é importante que ações de comunicação conquistem visibilidade e rompam o isolamento físico que a tomada de um prédio geralmente provoca. Durante o período em que as faculdades da UFRGS permaneceram ocupadas, em 2016, os estudantes estiveram presentes em outras ações públicas, como *trancaços* em cruzamentos importantes de Porto Alegre, panfletagens em lugares com grande fluxo de pessoas, intervenções em espaços públicos, assembleias abertas para discussão de temas políticos e marchas no centro da capital gaúcha.

Numa interação conflituosa o repertório nunca é repetido exatamente da mesma forma, há sempre espaço para o imprevisto, o imprevisto. Algumas situações podem ser pensadas, como estratégias para reagir a determinadas reações policiais, mas é só durante o ato, na ação, na *performance*, na interação entre dezenas, centenas, milhares de atores, que de fato se estabelece a comunicação: “O repertório delimita o espectro de rotinas disponíveis, mas faculta aos agentes executá-las à sua maneira e escolher dentre elas estrategicamente, norteados pelo andamento da interação” (ALONSO, 2012, p. 25). Como observa Tilly (1995, p. 27):

as pessoas num dado tempo e lugar aprendem a executar um número limitado de rotinas de ação coletiva alternativas, adaptando cada uma a circunstâncias imediatas e às reações de antagonistas, autoridades, aliados, observadores, objetos da ação, e outras pessoas de alguma maneira envolvidas na luta.

Segundo o autor, repertórios de confronto são sempre relacionais e “pertencem a conjuntos de atores em conflito, não a atores isolados” (TILLY, 1995, p.30). Repertórios de confronto mandam um recado, uma mensagem ao Estado e a alguns setores da sociedade: à elite, à direita, aos machistas, aos poluidores do meio-ambiente, aos racistas, às grandes corporações, ao mercado financeiro, às organizações internacionais, aos tratados de livre comércio e assim por diante.

De maneira um pouco generalizante, entendo que os repertórios de confronto possuem, geralmente, dois objetivos: abrir um flanco de luta e, eventualmente, de negociação com os inimigos; e conquistar apoio e simpatia dos demais segmentos da sociedade. Busca-se o apoio via denúncia, acusação, mas também através de discursos que apelam para fatores emocionais. Por esta razão, mas também para revelar a arbitrariedade do Estado, existe em muitos grupos contemporâneos o desejo predominante de evitar repertórios que se utilizem da

violência física – um desejo estratégico, mas também de natureza subjetiva, já que muitos manifestantes são pacifistas por ideologia.

### 2.1.3 Ação direta

A ação direta parte de uma recusa em jogar pelas regras existentes, da alegação de *objeção de consciência*, do apreço à desobediência civil como forma de luta política, do entendimento de que, quando as leis que regem a sociedade não contemplam o fim de grandes injustiças, elas não apenas podem como devem ser desafiadas, confrontadas, expostas ao próprio autoritarismo – e em alguns casos, tirania. A ação direta pode ser explicada, também, pelo entendimento destes grupos de que pela via da política institucional existem constrangimentos criados pelo próprio sistema que impedem a sua superação, portanto, a solução deve ser buscada fora dele, via ação nas ruas.

A ação direta chama para o espaço de visibilidade midiática uma face explícita da violência do sistema, que age arbitrariamente, embora isso nem sempre seja percebido. Essa violência explícita ocorre diariamente em alguns espaços, como as periferias das metrópoles, mas ali há pouca visibilidade. Graeber (2009) estabelece uma tipologia de ações diretas baseada nas relações entre quatro personagens envolvidos em um conflito: quem pratica a ação; o objeto/alvo desta ação; a audiência (real ou imaginada) e a polícia.

No início dos anos 2000, época de manifestações de massa contra as organizações internacionais que regulam os mais diversos aspectos da política e da economia mundial, foi criada nos Estados Unidos a Rede de Ação Direta (DAN, na sigla original). Entre seus pressupostos, chamados de *Princípios de unidade da DAN Continental* estavam alguns tópicos que definem muito bem a ação direta e os grupos que têm apelado para ela nas últimas décadas:

- a) rejeição das políticas e instituições neoliberais
- b) atitude de confronto com as instituições não democráticas, como governos e corporações
- c) apelo a ações diretas não violentas, à desobediência civil e à construção de alternativas locais por “local people”
- d) filosofia baseada na descentralização, democracia direta e autonomia local
- e) rejeição de todas as formas de hierarquia, opressão e exploração
- f) compromisso de trabalhar local e internacionalmente por um movimento popular pela justiça global e mudança social radical.

No discurso, o apego à democracia é constante – como nos princípios da DAN. Instituições pretensamente democráticas são acusadas de serem o oposto disso. O combate a elas toma a forma de métodos tidos por estas instituições como não-democráticos, uma vez que ferem alguns princípios legais, como o bloqueio de ruas e a ocupação de espaços públicos ou privados (GRAEBER, 2009).

Nas ações diretas, há um elemento muito importante que costuma estar presente: os grupos de afinidade. Eles são a unidade mínima do que mais tarde, durante um repertório de ação coletiva massiva, uma marcha, por exemplo, vai se configurar como um grupo com certa coesão. Gitlin (2012, p. 83, tradução do autor) os define como “associações pequenas e funcionais de pessoas que se conhecem e confiam umas nas outras (um pré-requisito para o funcionamento inteligente em situações caóticas e perigosas)”. Estão presentes sobretudo em grandes marchas, atuando como mediadores entre diferentes grupos.

Mas estes mesmos pressupostos da DAN acima expostos, que prezam acima de tudo pela horizontalidade e não reconhecem qualquer hierarquia, foram responsáveis pela não aceitação da DAN e por ela ter se tornado obsoleta. Não havia como convencer, por exemplo, ativistas anarquistas, de que poderia ser positiva para o ato a presença de uma rede que de alguma maneira trabalhasse por uma boa articulação entre os grupos, a partir de uma posição de legitimidade.

Repertórios de ação direta são muito variados e vão de ações pacíficas a intervenções violentas. Do primeiro tipo podemos citar as ocupações, como as estudadas nesta pesquisa. Já os *property damages*, ou danos à propriedade, pertencem à segunda categoria. Quanto a estes métodos tão diferentes de luta política, é importante colocar que uma das discussões mais recorrentes em movimentos sociais e outros grupos de resistência, diz respeito justamente a isso: Qual o limite? Até onde é possível ir? O quanto ações violentas podem ser prejudiciais, a partir do enquadramento midiático que costuma condená-las? E mais do que isso, queremos marchar ao lado de quem mal vê a hora de quebrar a vidraça de um banco? Para alguns grupos não violentos não há problema nesta proximidade durante os atos. Os objetivos são os mesmos, os inimigos também, a divergência é apenas quanto à maneira de agir. Para outros grupos pacifistas isso é tão desconfortável que pode haver inclusive colaboração com a política para a prisão dos manifestantes violentos<sup>11</sup> (DUPUIS-DÉRI, 2013).

Alonso (2012) diz que os grupos que recorrem a repertórios de ação direta costumam ter uma base moral que inspira a sua maneira de fazer política. De fato, entre os coletivos

---

<sup>11</sup> Isso de fato aconteceu durante os protestos de Seattle, citados anteriormente.

conhecidos por agir desta forma, estão muitos movimentos ligados à ecologia, à defesa dos animais, à oposição à energia nuclear, entre outras pautas pacifistas. Em todos estes casos há um componente de idealismo que foge completamente à mecânica da política institucional. Ao perceberem, por exemplo, a inclinação de parlamentares a votarem a favor ou contra alguma medida que os interessa diretamente, grupos interessados podem avaliar que a única saída é agir nas ruas, ou preparando alguma intervenção em um ponto que seja simbólico para aquela causa.

Os movimentos antiglobalização, que lutam por justiça social em escala global, são também adeptos da ação direta. O caráter moral de tais iniciativas é inegável. É comum que grupos com esta pauta atribuam a si próprios a legitimidade para falar por povos do chamado *terceiro mundo* ou segmentos sociais oprimidos, tradicionalmente sem voz, e se apresentem como dignos representantes de suas causas. Bloqueios de rua, *sit-ins*<sup>12</sup> e sabotagens (táticas muito usadas por movimentos ambientais, visando atrapalhar alguma ação, como a derrubada de árvores ou a abertura de uma estrada que cruza por uma reserva florestal e assim por diante) são alguns dos repertórios utilizados.

Outro exemplo interessante é a Ruckus Society. Criada em 1995 por dois ambientalistas, para preencher o vácuo deixado pelo fim dos campos de treinamento do Greenpeace no Oregon, a associação é especializada em causas ligadas ao meio ambiente, aos direitos humanos e à justiça social. A sua missão é assim definida em seu site:

Em resposta ao aumento do impacto da globalização corporativa sobre todas as formas de vida no planeta, a missão da Ruckus se expandiu para servir a um grande número de campanhas sobre o meio ambiente, direitos humanos e justiça social, Ruckus continua a trabalhar com seus aliados no movimento florestal e também dá suporte ao trabalho dos que lutam contra o abuso social e econômico, ambos internacionalmente e aqui nos Estados Unidos<sup>13</sup>.

Desde então a Ruckus Society proporciona treinamento para os mais diferentes grupos interessados em ação direta. Todos os repertórios ali ensinados são pacíficos.

Aproveitando as facilidades de comunicação das redes sociais digitais tem havido muito intercâmbio de grupos que praticam a ação direta. Na internet é possível achar vários manuais que ensinam como preparar uma ação, que comportamento manter durante os atos e, principalmente, como reagir à chegada da polícia. Para isso uma presença passou a ser obrigatória nos repertórios de ação direta: o *filmmaker*. Muitas vezes estas ações, especialmente dos movimentos ambientalistas, costumam acontecer em locais isolados, de

<sup>12</sup>Permanecer sentado em um local estratégico pra a ação.

<sup>13</sup>Disponível em: <http://ruckus.org/about-us/mission-history/>. Acesso em: 14 abr. 2018. Tradução do autor.

natureza inóspita e com poucos expectadores *in loco*. A partir do registro audiovisual e da quase sempre imediata divulgação, repertórios cruzam o planeta e são assimilados, ressignificados e aplicados de acordo com a necessidade.

## 2.2 DA REPRESENTAÇÃO À DELIBERAÇÃO

Em qualquer ocupação recente que se observe, nas praças da Europa meridional, do Magreb, em Wall Street ou nas escolas e universidades ocupadas no Brasil e no Chile, encontraremos assembleias gerais praticando em escalas variadas (dezenas, centenas ou milhares de pessoas) processos deliberativos, experimentando modelos de democracia direta. Fruto, entre outras razões, da crise de representatividade (HARDT. NEGRI, 2005) que atinge as populações das democracias liberais contemporâneas de maneira indiscriminada, estas ações revelam um protagonismo estranho às regras do sistema político representativo, uma luta para ascender à esfera de visibilidade midiática (GOMES, 2000) a partir de ações de resistência aos poderes constituídos.

A descrença na representação faz com que alguns movimentos sociais e outros grupos de resistência venham experimentando nas últimas décadas modelos horizontais de deliberação e organização. A ausência de hierarquias nas estruturas internas destes movimentos políticos é uma das principais marcas deste início de século XXI, assim como a criação de comissões, a diluição das lideranças, as assembleias que atuam por votação ou consenso, os exercícios de escuta, de reconhecimento de privilégios, de racionalidade, de práticas dialógicas e argumentativas. De inspiração anarquista, no que diz respeito à recusa de líderes, à organização e às tomadas de decisão em discussões coletivas, os grupos que adotam repertórios de confronto carregam no gérmen da própria ação uma certa utopia de substituir a política institucional, de atalhar o caminho até a aprovação de uma lei ou a revogação de outra. Ou, sob outro ponto de vista – o anarquista, por exemplo –, o que estas ações representam são o mais básico direito de cidadania: o de se erguer contra qualquer tirania ou ameaça à soberania de uma nação através da democracia direta, operacionalizada na forma de deliberações coletivas.

É justamente essa tentativa de diminuir a distância entre as esferas governamentais e a sociedade civil (MARQUES, 2009), razão de ser da democracia deliberativa, que me leva a crer que o conceito de deliberação pode ajudar a entender o funcionamento interno das ocupações da UFRGS.



A discussão sobre o conceito e as formas de democracia remonta à antiguidade, onde se localiza também a origem dos debates sobre a política (BOBBIO, 1998). Na tradição republicana moderna, a democracia é definida como um regime policrático em oposição à monocracia, ou ainda como “toda forma de Governo oposta a toda forma de despotismo” (BOBBIO, 1998, p. 323).

A partir do século XIX, a reflexão sobre democracia passa essencialmente pelo confronto ideológico entre liberalismo e socialismo. A democracia representativa passa a ser defendida, em obras de autores como Alexis de Tocqueville, John Stuart Mill e Benjamin Constant, como a única forma de governo compatível com o Estado liberal (BOBBIO, 1998). O povo, enquanto ator social responsável e possuidor de direitos, elege seus representantes, caracterizando assim a concepção liberal de Estado vigente até hoje nas democracias representativas ocidentais. Mas tanto Tocqueville quanto Mill temiam que a democracia representativa pudesse, com o tempo, tornar-se uma espécie de tirania da maioria, suprimindo o que para os dois seria o valor supremo da humanidade: a liberdade individual (BOBBIO, 2000).

Segundo Giddens (2000), o grande paradoxo da democracia é que, ao mesmo tempo em que ela se expande pelos continentes, há uma decepção crescente com a dificuldade prática de cumprir as promessas de igualdade e justiça social que seus pressupostos teóricos prometem. Para corrigir esse problema seria necessário um processo constante de “aprofundamento da própria democracia” (GIDDENS, 2000, p. 75).

### **2.2.1 Esfera pública e deliberação**

Para Habermas (2011), nas sociedades complexas, a coordenação de interesses diversos exige que os cidadãos consigam processar os problemas comuns e os conflitos entre grupos através da deliberação; uma prática social onde a racionalidade conduziria os processos decisórios, em uma esfera pública composta por iguais e destinada a colocar freios aos possíveis excessos do Estado. O autor defende a deliberação não apenas como um método para a tomada de decisões, mas também como “um processo de aprendizagem que se estabelece de forma reflexiva” (HABERMAS, 2011, p. 347). Um processo de prática de cidadania que visa diminuir os espaços entre o poder comunicativo (proveniente da sociedade civil) e o poder administrativo (referente às instâncias do Estado). Conforme destaca Marques (2009, p. 12), o esforço de Habermas:

consiste em estabelecer princípios formais de interação que possam assegurar a legitimidade das normas e de garantir alternativas capazes de regular os tipos de conflito que surgem nas sociedades pluralistas, marcadas, sobretudo, pela tensão e pelo embate entre múltiplas e diferentes demandas, necessidades e identidades.

Para Benhabib (2009), as sociedades democráticas pós-Segunda Guerra têm como compromisso assegurar três bens públicos: a legitimidade; o bem-estar econômico; e um sentido viável de identidade coletiva. Os três devem estar bem equilibrados, para que o excesso de algum deles não prejudique os outros. E a legitimidade, segundo a autora, é conquistada através da deliberação em uma esfera pública:

o resultado da deliberação pública livre e isenta de constrangimentos a respeito de tudo aquilo que se relaciona a questões de interesse comum. Assim, uma esfera pública de deliberação sobre problemas de interesse mútuo é essencial para a legitimidade das instituições democráticas (BENHABIB, 2009, p. 110).

A *esfera pública* é fundamental para o modelo deliberativo. Ela é o correlato institucional da teoria normativa da democracia deliberativa, “uma rede múltipla, anônima e heterogênea de muitos públicos e conversações públicas” (BENHABIB, 2009, p. 138). Uma esfera pública e uma mídia independentes seriam pré-requisitos fundamentais para que a deliberação aconteça.

Para Thompson (2012), ainda que a imprensa tenha sido fundamental para o surgimento do que Habermas chamou de *esfera pública burguesa*, o pensador alemão não teria criado este conceito a partir da atuação dos jornais, mas sim das conversações face a face – muitas delas, o próprio autor admite, estimuladas pela imprensa: “A esfera pública, como na Grécia Antiga, consistia-se sobretudo do discurso, da avaliação de diferentes argumentos, opiniões e pontos de vista, num intercâmbio dialógico de palavras faladas em locais públicos e comuns” (THOMPSON, 2012, p. 173).

No processo de assembleias – *locus* por excelência dos processos deliberativos – acontece o que Thompson (2012, p. 120) chama de *interação face a face*, uma interação que implica na co-presença dos participantes, que “estão imediatamente presentes e partilham o mesmo sistema referencial de espaço e de tempo”. Nestes casos a interação tem sempre um caráter dialógico, “no sentido de que geralmente implicam ida e volta no fluxo de informação e comunicação; os receptores podem responder (pelo menos em princípio) aos produtores, e estes são também receptores de mensagens que lhes são endereçadas pelos receptores de seus comentários” (THOMPSON, 2012, p. 120). Este tipo de interação permite uma série de deixas simbólicas, como variações na entonação do discurso, gestos e outras expressões não verbais que podem também ajudar na interpretação do sentido da fala.

Benhabib (2009, p. 110) define a democracia deliberativa como:

um modelo para organizar o exercício coletivo e público do poder nas mais importantes instituições de uma sociedade, com base no princípio de que as decisões que afetam o bem-estar de uma coletividade podem ser percebidas como o resultado de um procedimento livre e reflexivo de deliberação entre indivíduos considerados moral e politicamente iguais.

Neste modelo, as discussões sobre os rumos da sociedade se dariam em arenas discursivas argumentativas, ao invés de acontecer nos parlamentos, através do sistema de representação. Três características, sem as quais não haveria legitimidade sobre o processo, compõem o modelo deliberativo de democracia defendido pela autora:

1) a participação nessa deliberação é governada pelas normas de igualdade e simetria; todos têm as mesmas chances de iniciar atos de fala, de questionar, de interrogar e de instaurar um debate; 2) todos têm o direito de questionar os tópicos designados para a conversação e 3) todos possuem o direito de produzir argumentos reflexivos sobre as regras do procedimento discursivo e sobre o modo como são aplicadas ou empregadas (BENHABIB, 2009, p. 113).

Para Marques (2009, p. 15), a deliberação pode ser definida como “um processo social e comunicativo que se concretiza a longo prazo através da elaboração e do uso de práticas de intercompreensão capazes de articular os diversos atores e arenas comunicativas que integram a esfera pública.”.

Ao definir a deliberação como um processo que se concretiza a longo prazo, Marques (2009) defende que esta troca pública de argumentos racionais tenha, da mesma maneira que para Habermas (2011), um caráter de aprendizado, de formação política e de cidadania, mais do que apenas um momento de expressão democrática através do qual decisões importante são tomadas.

Diminuir a distância existente entre os que tomam as decisões e aqueles que são afetados por elas, entre a esfera governamental e a sociedade civil: eis o desafio da deliberação e as esperanças que ela comporta. Para Marques (2009, p. 11), a deliberação pública:

pode contribuir não só para a construção de um sistema democrático marcado pela aproximação entre instâncias formais do governo e espaços informais de discussão entre os cidadãos, mas também para um melhor entendimento e abordagem apropriada dos conflitos políticos e sociais travados nas sociedades contemporâneas.

Segundo Bohman (2009), a deliberação pode ser entendida como um processo dialógico de troca de razões com o propósito de solucionar situações problemáticas que não

poderiam ser resolvidas sem coordenação e cooperação interpessoais. Uma forma de discurso, de argumentação, uma atividade cooperativa e coletiva. O desafio a ser superado é que a deliberação parece estar limitada ao poder constituinte dos momentos fundantes das instituições, ao invés de ser exercida na política ordinária das formas já constituídas do poder político. O autor então pergunta: Pode a deliberação funcionar como ideal governante de sociedades modernas complexas e pluralistas ou faltaria a estas a unidade necessária para as práticas deliberativas?

Bohman defende uma abordagem da deliberação baseada no diálogo. Para ele o diálogo público, ação interpessoal que diz respeito ao processo de formação da razão pública, é possível mesmo com aqueles de quem discordamos. Sua defesa de um modelo dialógico de deliberação se baseia no fato de que:

é pelo do diálogo que a deliberação se torna pública e as decisões são legitimadas. A análise do discurso diz respeito a quais argumentos ou tipos de justificação podem ser publicamente convincentes; ao contrário, a análise do diálogo diz respeito a como a interação pública produz esses efeitos práticos nos participantes que tornam as razões convincentes (BOHMAN, 2009, p. 43).

Mas o próprio autor admite que o caráter público, por si só, não garante boas decisões. Nem todas as decisões públicas irão necessariamente ser melhores que as decisões não públicas, especialmente quando existem preconceitos na comunidade. A deliberação alcança sucesso quando os participantes da atividade conjunta reconhecem que eles contribuíram para ela e influenciaram seus resultados, mesmo quando não concordam com eles (BOHMAN, 2009).

A deliberação pública “é constitutiva da autonomia dos cidadãos” (BOHMAN, 2009, p. 35), podendo aperfeiçoar a qualidade epistêmica das justificações para decisões políticas. E o aperfeiçoamento da qualidade das razões empregadas na justificação política irá afetar, em última instância, a qualidade dos resultados que elas produzem: as razões serão mais públicas quanto mais refletirem a ampla contribuição de todos os interlocutores que são afetados.

Para Gutmann e Thompson existe uma característica fundamental para o sucesso de uma ação deliberacionista: a reciprocidade. Os autores classificam-na como uma das chaves para a qualidade da democracia:

A reciprocidade é amplamente reconhecida como princípio central da democracia em suas muitas variações morais, mas grande parte das teorias não conferem a ela o papel central que ocupa na democracia deliberativa. A reciprocidade assegura que os cidadãos devem uns aos outros justificativas para as leis e as políticas públicas que os vinculam mutuamente e que eles coletivamente elaboram (GUTMANN; THOMPSON, 2009, p. 180-181).

Por definição, a reciprocidade é, quando atendida, um antídoto ao autoritarismo, à imposição pela força, pelo argumento do mais poderoso, do mais influente, uma vez que exige a justificação dos argumentos apresentados e a oportunidade de questionamentos e possíveis discordâncias. Para os autores, “A reciprocidade está para a justiça na ética política como a réplica está para a verdade na ética científica” (GUTMANN; THOMPSON, 2009, p. 183).

Outra característica destacada por Gutmann e Thompson é a da provisoriedade. Os valores, a partir desta noção, não são definitivos, e isso faz com que novas deliberações possam rever decisões anteriores. Mais uma vez retomo a ideia de Habermas, para quem a deliberação deveria se constituir num processo de aprendizagem. Só esta abordagem possibilitaria que decisões anteriores pudessem ser revistas à luz do tempo, de novos argumentos e novas conjunturas sociais, econômicas ou políticas.

Críticos da deliberação argumentam que a maneira mais simples de se chegar a um acordo coletivo a respeito de situações da vida social é através de votações, como praticado na democracia representativa. O voto, por si só, eliminaria a necessidade da deliberação. Sob esta ótica, a votação seria “o único modo igualitário de assegurar que todos tenham a mesma oportunidade de fala em sociedades amplas e complexas” (BOHMAN, 2009, p. 36). O autor não questiona as vantagens da votação e da representação como dispositivos políticos, mas não acredita que elas venham a exaurir as possibilidades democráticas em sociedades complexas e pluralistas. Segundo ele, a votação não resolveria, por exemplo, os problemas das preferências diversas e de dar a todos uma fala equitativa em sociedades complexas.

Young (1996) aponta um outro possível problema; um processo deliberativo, segundo ela, corre o risco de acabar em dominação, concorrendo para que isso ocorra duas maneiras de exclusão: a exclusão externa – que não permite a participação de alguém – e a interna. Sobre a exclusão interna, Fishkin (2015, p. 125) escreveu:

Algumas pessoas, mesmo sendo formalmente incluídas, podem não ter suas vozes levadas a sério ou nem mesmo falar. Elas podem dar sinais que indicam que não são bem-informadas ou que não valem a pena ser ouvidas. As pessoas que estão acostumadas com seus privilégios podem ser mais assertivas ao apresentar suas opiniões para outras pessoas e menos abertas a ouvir quem não tem privilégios similares.

Além da possibilidade de dominação, críticos do modelo deliberativo citam outra possível consequência negativa: a polarização, que poderia acontecer através de dois mecanismos: o desequilíbrio na variedade de argumentos e o efeito da comparação social entre os deliberadores. Thompson (2012) se mostra cético ao argumento de que a deliberação

necessariamente leva a uma maior consciência cidadã e a resultados práticos positivos para a sociedade:

Pelo contrário, pode muito bem acontecer que, em alguns contextos e com relação a alguns aspectos, as assembleias de cidadãos mais dificultem do que facilitem o processo de deliberação em um nível racional. Ao encorajar o cuidadoso exame das alternativas, as assembleias podem despertar as paixões e levar os indivíduos a tomar decisões em base a considerações que nada tem a ver com juízos de valor (THOMPSON, 2012, p. 320-321).

Mas o autor admite possíveis vantagens na deliberação. Para Thompson, não é necessário que no início de um processo deliberativo as pessoas tenham uma posição e uma opinião firme. O importante, e que normalmente acontece, é que justamente durante os encontros, na escuta, na consideração de argumentos alheios, que se forma uma opinião e um posicionamento racional frente a determinada situação: “A verdadeira essência da vida pública, neste sentido, é o intercâmbio de argumentos entre indivíduos que se confrontam uns com os outros numa interação face a face” (THOMPSON, 2012, p. 306).

### **2.2.2 Deliberações microcómicas e experimentos deliberativos**

A Deliberação microcómica pode ser definida como “um minipúblico de participantes que se tornam informados conforme ponderam argumentos conflitantes de acordo com seus méritos” (FISHKIN, 2015, p. 73). O microcosmo selecionado “seria formado por um grupo representativo de cidadãos comuns, preferencialmente escolhidos por amostragem aleatória” (FISHKIN, 2015, p. 103). Algumas experiências de pesquisa que podem ser incluídas na categoria do que ele define como deliberações microcómicas são: Células de Planejamento; Conferências de Consenso; Televoto; Questionário de Escolhas; Júris de Cidadãos.

O método de trabalho de Fishkin (2015, p. 55) é a Pesquisa Deliberativa, na qual ele estipula um limite de dezoito participantes, sob a justificativa de que “é difícil os indivíduos participarem de maneira significativa e interagirem uns com os outros”. Entusiasta da deliberação enquanto dispositivo democrático, Fishkin defende que se deva, a todo custo, cultivar a não tirania, assegurando que as decisões reflitam o processo deliberativo, que nenhum grupo automaticamente – sem a troca de argumentações racionais – alcance o sucesso e que nenhum grupo precise aceitar uma decisão que imponha sentimentos de exclusão. Para o autor: “Deliberação significa o processo pelo qual os indivíduos ponderam os méritos de

argumentos conflitantes em discussões em grupo” (FISHKIN, 2015, p. 50). E a raiz desta deliberação é a ponderação.

Fishkin lista seis efeitos possíveis em consequência da democracia deliberativa: mudanças de atitudes políticas; mudanças de intenção de voto; mudanças de capacidades cívicas; mudanças na consciência coletiva; mudanças no diálogo público; e mudanças em políticas públicas. Para o autor, existem cinco indicadores de qualidade em deliberações: que os participantes se tornem mais informados; o equilíbrio substantivo (até que ponto argumentos são respondidos por quem tem outro ponto de vista); diversidade; consciência e consideração igualitária. Uma vez contemplados estes indicadores, aconteceria então um “aumento do espírito civil público” (FISHKIN, 2015, p. 128).

Segundo Fishkin, a participação em assembleias deliberativas tende a fazer com que as pessoas se tornem mais informadas e mais flexíveis a respeito de mudar de opinião, através da audição de outros argumentos e da reflexão a respeito de suas próprias ideias, uma vez que elas são confrontadas com o novo quadro argumentativo que surge na deliberação. O autor não ignora o papel que questões políticas e socioeconômicas podem desempenhar na qualidade da deliberação, afirmando que “qualquer deliberação microcós mica que ocorra em uma sociedade moderna desenvolvida apresentará desigualdades sociais e econômicas significativas em relação à condução da vida em sociedade” (FISHKIN, 2015, p. 124). Assim como Bohman (2009), que vê na deliberação uma ação que tem como consequência o aumento da autonomia individual, Fishkin entende que a prática deliberativa forma cidadãos melhores, tanto para a Democracia Participativa quanto para a Democracia Deliberativa.

Após conduzir pesquisas com grupos focais centradas no tema do racismo, Gamson (2011) chegou a resultados que considerou positivos. Ele percebeu que a consciência de se dirigir a um público amplo produziu altos graus de solidariedade entre os negros e também fez com que os brancos esclarecessem suas perspectivas quando percebiam que suas opiniões poderiam ser entendidas por outros como preconceituosas. O autor estimula a conversação de temas mais ou menos próximos do público selecionado para analisar as reações dos voluntários e, acima de tudo, perceber as nuances em seus pontos de vista para avaliar a importância da deliberação para a conscientização política e a possibilidade de mudança de opinião provocada pela deliberação.

### 2.2.3 Deliberação em situações de resistência

Entre os principais benefícios do modelo de democracia deliberativa estariam o revigoramento da noção de legitimidade e a elaboração de decisões mais complexas (MENDONÇA, 2010, p. 59). Mas, se a deliberação é aplicável em pequena escala, em esferas públicas restritas, como resolver a questão da larga escala, da utilização deste modelo em um país, por exemplo? Benhabib (2009, p. 119, grifos da autora) admite a dificuldade operacional de uma assembleia de massas, propondo então, como alternativa,

*Uma pluralidade de modos de associação através dos quais todos os afetados podem ter o direito de articular seus pontos de vista. Esses modos de associação vão desde partidos políticos a iniciativas dos cidadãos, passando por movimentos sociais, associações voluntárias, grupos de conscientização, entre outros. É através da imbricada rede dessas múltiplas formas de associações, redes e organizações que surge uma "conversação pública" anônima. É crucial para o modelo de democracia deliberativa privilegiar tal esfera pública de redes e associações de deliberação, contestação e argumentação que se entrecruzam e se sobrepõem.*

Segundo Bobbio (1987), Rousseau era um entusiasta do potencial igualitário desta forma de governo e propôs um contrato social que permitisse a participação direta dos cidadãos, definindo-a como República. Mas mesmo ele só a considerava realizável em pequenos estados. Porém, como observa Bobbio (1987, p. 154):

o ideal da democracia direta como a única verdadeira democracia jamais desapareceu, tendo sido mantido em vida por grupos políticos radicais, que sempre tenderam a considerar a democracia representativa não como uma inevitável adaptação do princípio da soberania popular às necessidades dos grandes Estados, mas como um condenável ou errôneo desvio da idéia originária do governo do povo, pelo povo e através do povo.

Bobbio (1987, p. 154) escreve que, sob a ótica do socialismo, por exemplo, a democracia direta foi frequentemente

contraposta, como forma própria da futura democracia socialista, à democracia representativa, condenada como forma imperfeita, reduzida e ilusória de democracia, mas, ao mesmo tempo, como a única forma possível de democracia num Estado de classe tal qual o Estado burguês.

O assim chamado *governo de assembleia*, por sua vez, que também remonta ao modelo grego de democracia, tem tido, tanto na modernidade quanto nestes primeiros anos de século XXI, seu emprego restrito a grupos radicais, tais como anarquistas e outros ativistas adeptos de repertórios de ação direta. A utilização de mecanismos de democracia direta,



portanto, tem sido prerrogativa, pelo menos até este ponto de nossa História, de um número limitado de pessoas, condição antecipada por Rousseau no século XVIII.

Todos estes autores citados, cada um deles de grande importância para a teoria deliberativa, apostam na deliberação como um método de solução de problemas na sociedade, como um meio de alcançar a igualdade política e, em última análise, tornar mais democráticas as tomadas de decisões. Como Habermas (2011) coloca, trata-se de uma tentativa de diminuir os espaços entre as decisões da política e as vidas dos cidadãos que compõem a sociedade civil. Mas em todos eles há a busca de uma formulação teórica – ou mesmo em experimentos empíricos – que embase uma sociedade vivendo sob um regime democrático deliberativo.

Creio que são contribuições importantes neste esforço de entender os processos de troca de argumentos racionais. No entanto, o que interessa particularmente a esta pesquisa é a utilização deste método, ou a sua adaptação a contextos específicos de resistência, de luta política à margem dos canais institucionais de participação. Podemos falar então em deliberação num espaço de exceção. Isto, por si só, contraria algumas das regras normativas esboçadas pelos pensadores citados. Busca-se nesta formulação teórica o embasamento para uma melhor compreensão das assembleias realizadas nas *Ocupas* da UFRGS, sem ignorar que há nestes casos características muito particulares e que fogem ao cenário mais amplo de democracia deliberativa desejado por estes autores.

Com o desenrolar do século XX e principalmente devido ao advento dos meios de comunicação de massa e a consolidação das grandes corporações capitalistas, o ideal de uma sociedade regulada por tais valores normativos de racionalidade e igualdade de condições para discussão teria sido sufocado (GOMES, 2008). As lentes então se voltam para pequenas práticas deliberativas, em associações como grupos anarquistas e novos movimentos sociais inspirados por ideais de horizontalidade e radicalização democrática. Como procuraremos mostrar, ao longo desta pesquisa, as ocupações realizadas por estudantes universitários brasileiros, seguindo o exemplo de secundaristas de escolas públicas, têm na deliberação o seu *modus operandi*, fazendo com que em cada território a ação política se traduza em atitudes comunicativas horizontais, privilegiando o diálogo e a discussão de temas de interesse público.

Estudando os processos deliberativos dentro dos movimentos de justiça global, Rucht e Della Porta (2013) afirmam que os esforços dos ativistas eram não apenas no sentido de se comunicar de maneira igualitária e respeitosa, mas também de buscar soluções que fossem aceitas por todos os membros do grupo – em outras palavras, a busca por um consenso. Para Danner (2015), uma maneira de superar a falência da esfera pública burguesa, tal qual

pensada por Habermas, seria através da constituição de *esferas públicas informais*, ou *esferas públicas autônomas*, essencialmente críticas ao poder:

Essas esferas públicas informais, marginais, seriam utilizadas por iniciativas cidadãs e movimentos sociais que não estariam diretamente ligados a interesses de classe (no sentido marxiano) e nem mobilizados pela busca do poder a qualquer custo, mas sim orientados para o bem comum, em uma atitude solidária diante das suas comunidades e mais além (DANNER, 2015, p. 136).

Danner (2015, p. 147) fala em *esferas públicas informais*, as quais define como:

espaços públicos plurais e, no mais das vezes, informais, não ligados diretamente aos poderes estruturais da esfera administrativo-partidária e do âmbito econômico – na verdade, esses espaços públicos informais são radicalmente críticos dos poderes estruturais, oferecendo arenas de debates e de ações inclusivas, universalistas e contrapostas a qualquer forma de segregação social, política e cultural.

Levando-se em conta os modelos deliberativos utilizados por Fishkin, uma ocupação não se encaixaria, já que a pesquisa deliberativa inclui amostragens aleatórias. Os participantes de uma ocupação de universidade, por exemplo, não se reúnem de maneira aleatória – sequer são reunidos por algum pesquisador. Eles se juntam por um objetivo político em comum e praticam o que Fishkin chama de *deliberação ativista*, não oferecendo, portanto, “uma aplicação da democracia deliberativa para a sociedade como um todo” (FISHKIN, 2015, p. 145). O autor admite a importância da proliferação de experiências deliberativas e acredita que a sua adoção pode ser de fato bastante benéfica em termos de mudanças sociais e políticas. Ele apenas não se interessa pelo fenômeno enquanto objeto de pesquisa devido à sua busca por modelos de democracia deliberativa que possam ser aplicados em toda a sociedade.

Algumas abordagens da deliberação não se interessam por discussões representativas da população em geral, mas por discussões restritas a grupos ativistas engajados no que Cass Sunstein chamou de “deliberação do enclave”. É sem dúvida valioso para os grupos que desejam mudar a sociedade (o movimento pelos direitos civis, o movimento ambientalista, o movimento feminista) deliberarem entre si. Contribuições à defesa deliberativa por vários subgrupos enriquecem o discurso geral da sociedade. Mas elas não são manifestações da democracia deliberativa no sentido definido aqui (FISHKIN, 2015, p. 144).

Sunstein chama de *deliberação do enclave* a experiência de democracia deliberativa, ou democracia direta, em grupos de resistência - organizados ou não. Segundo ele, a deliberação do enclave:

envolve a deliberação entre pessoas ligadas pelas mesmas opiniões que dialogam, ou mesmo vivem, a maior parte do tempo em enclaves isolados. Eu enfatizo o fato de

que a deliberação do enclave é, simultaneamente, um perigo em potencial para a estabilidade social, uma fonte de fragmentação social ou mesmo de violência, e um abrigo contra a injustiça social e a insensatez. [...] quando as pessoas estão ouvindo ecos das suas próprias vozes, as consequências podem ser bem mais do que apenas sustentação e reforço (SUNSTEIN, 2006, p. 73).

Para ele o que existe de mais encorajador e positivo na deliberação de enclaves é a oportunidade de existência de um espaço onde as falas tendem a ser ouvidas com atenção, independentemente do gênero, raça ou classe social dos participantes. Já os chamados grupos heterogêneos, formados a partir da ideia de representação do tecido social em um microcosmo, tendem, segundo o autor, a reproduzir preconceitos e hierarquias presentes na sociedade:

os participantes de grupos heterogêneos tendem a dar menos peso as opiniões de membros de status mais baixos – em algumas épocas e lugares, mulheres, minorias religiosas e éticas, pessoas com acesso a menos educação. Portanto, a deliberação do enclave deve ser o único caminho para assegurar que aquelas opiniões sejam desenvolvidas e eventualmente ouvidas (SUNSTEIN, 2006, p. 75).

Downing (2004) cita Arato e Cohen, para quem os próprios movimentos sociais constituem hoje uma espécie de esfera pública, dando novo sentido ao conceito de Habermas – um conceito estático e localista, segundo Downing –, para quem a esfera pública teria sido suprimida pela hegemonia corporativa e governamental. Ele cita como exemplos de esferas públicas alternativas o movimento antinuclear alemão dos anos 80 e o uso da internet por ativistas dos Estados Unidos já no início do século XXI, caracterizando o que ele chamou de “uma esfera pública alternativa rudimentar” (DOWNING, 2004, p. 170).

Esteves (2011) aponta o surgimento de uma ideia de espaço público plebeu, entre o final do século XIX e início do século XX, como um contraponto ao espaço público burguês. Entretanto, o próprio autor admite que este espaço público plebeu nunca chegou a se consumir de fato, tendo servido muito mais para pressionar o espaço público burguês e, de alguma maneira, persuadi-lo a assumir bases mais democráticas e inclusivas. Na mesma linha, ele cita o movimento feminista e “diversas outras formas de expressão identitárias e de subculturas” (ESTEVES, 2011, p. 281) como exemplos de espaços públicos de resistência que podem dar sangue novo à ideia de esferas públicas como anteparo aos excessos do Estado.

Surgindo como efeito de determinadas exclusões sociais e uma forma de reação às mesmas, estes novos espaços públicos parciais e fragmentados podem assumir, também eles, determinadas características segregacionistas, mas qualquer que sejam as suas restrições, as mesmas não se encontram isentas de uma cláusula de denúncia,

isto é, no seu interior mantém-se disponível a possibilidade de uma autotematização (ESTEVEES, 2011, p. 281-282).

Para Sunstein (2006), as deliberações que ocorrem entre pessoas que vivem situações de isolamento, no enclave, representam um perigo para a estabilidade social, sendo por isso mesmo um método cada vez mais utilizado por grupos contenciosos. Mas essa reunião em determinado local de exceção por pessoas que teoricamente pensam parecido, não isenta as assembleias de momentos de tensão, o que para Thompson (2012, p. 321-322) é positivo. Segundo ele, “nada é mais destruidor do processo deliberativo do que um coro orquestrado de opiniões que não permite divergências”. Como será mostrado adiante, as assembleias da *Ocupa Fabico* também tiveram seus momentos de tensão e exposições de opiniões bastante divergentes sobre várias pautas. Estudantes me relataram terem mudado muitas vezes de pontos de vista após ouvir a explanação de algum colega. Outros que pouco falavam no início, foram se sentindo mais à vontade para falar. No *enclave* representado pela Fabico, dezenas de estudantes viveram momentos de democracia radical e protagonizaram trocas argumentativas nem sempre tão respeitosas quanto seria normativamente esperado. Questões de gênero principalmente, mas também de raça e classe, foram algumas vezes o fator de desequilíbrio das discussões e obrigaram os ocupantes a fazer profundas revisões de suas opiniões sobre determinados assuntos.

### 2.3 COMUNICAÇÃO PÚBLICA, MÍDIA RADICAL E A LUTA POR VISIBILIDADE

Os estudantes que ocuparam as faculdades da UFRGS formaram uma rede de comunicação pública, através da qual procuravam estabelecer canais de diálogo com a população. A visibilidade midiática é insuficiente, além de implicar em uma total falta de controle, por parte dos contenciosos, do resultado final. A autocomunicação, via mídias radicais alternativas, busca a visibilidade: este espaço público onde narrativas são disputadas e lutas políticas saem do ostracismo e se dão a enxergar. A sociedade é vista enquanto grande arena para a produção de sentidos, e é em seu âmbito que redes de comunicação pública atuam. Cabe a elas o desafio de transmitir versões e unificar forças dispersas, qualificando democracias e combatendo autoritarismos, através da valorização do que é público e do combate ao silenciamento de vozes críticas.

### 2.3.1 Comunicação pública

Acontecimentos sociais grandiosos e impactantes geram fluxos de informação e desencadeiam a formação de redes de comunicação pública: uma eleição, um assassinato, um protesto de milhares de pessoas, a revelação de um escândalo de corrupção. Diferentes setores do Estado e da sociedade civil são instados a se pronunciar, ou espontaneamente tomam parte do debate público que tais fatos desencadeiam. A imprensa se apresenta como mediadora legítima dos temas em pauta, mas outros canais de informação, como as redes sociais digitais também permitem que governantes e legisladores, partidos políticos, poder judiciário, instituições, associações e grupos das mais variados matizes se expressem sem o filtro do jornalismo.

A comunicação pública, segundo Weber (2017, p. 29), pode ser definida como “um debate público, acionado por temas de interesse público provocados a partir dos poderes da República, de instituições, sistemas de mídia ou redes de comunicação capazes de gerar disputa de opiniões, ações coletivas, associações, mobilizações consequentes ou não.”.

É através de um processo de comunicação pública, onde as informações fluem via diferentes fontes e em várias direções, transmitidas e interpretadas por distintas mediações, que repertórios de confronto como a ocupação de prédios públicos se tornam conhecidos e passam a habitar o imaginário da sociedade.

Para Esteves (2011), a comunicação pública possui três aspectos que a definem como tal: o *cognitivo*, que visa o esclarecimento; o caráter *agonístico*, que põe em confronto opiniões divergentes; e a *argumentação*, que diz respeito à qualificação do discurso entre os interlocutores. Segundo o autor, a legitimidade política é revestida pela racionalidade, e esta é amparada justamente pela comunicação pública: “um *médium* por excelência de cidadania, colocada à disposição do conjunto da sociedade – dos destinatários em geral dos atos de governação, ou seja, de todo e qualquer indivíduo que apresente condições para fazer uso da própria razão” (ESTEVEVES, 2011, p. 202, grifos do autor).

Para Habermas (2011), a esfera pública, enquanto arena onde os cidadãos debatem assuntos de interesse público, supõe a palavra (a comunicação, o enunciado) e a razoabilidade (racionalidade). Esses dois elementos dão sustentação aos argumentos, gerando assim “uma discussão dotada de sentido social, isto é, que não seja uma mera competição verbal” (GOMES, 2008, p. 36) onde a autoridade e legitimidade seriam conquistadas através do melhor argumento. Através de princípios de paridade discursiva, em tese, essas esferas estariam protegidas da influência de elementos não racionais, como hierarquias sociais e o

poder econômico e político. É claro que, como salienta Esteves (2011), estas características apontadas anteriormente; cognição, agonística e argumentação, são princípios orientadores e normativos das dinâmicas comunicacionais, não se revelando necessariamente na prática social de maneira constante, equilibrada e homogênea.

E é justamente esta “tensão entre normatividade e facticidade” que faz da comunicação pública “um processo permanentemente em aberto, que será sempre passível de ser aprofundado ou aperfeiçoado – no sentido da construção de um conhecimento mais exigente e rigoroso, de uma agonística mais abrangente, ou de uma argumentação mais elaborada (em termos racionais)” (ESTEVES, 2011, p. 203).

A comunicação pública, portanto, está vinculada “ao paradigma e à utopia da esfera pública de Habermas, que valoriza a comunicação, o debate público e, conseqüentemente, a deliberação dirigidos pelo interesse público” (WEBER, 2017, p. 24). Para a autora, a existência e o funcionamento de redes de comunicação pública, acionadas pela eclosão de acontecimentos de interesse público, são índices de qualidade das democracias contemporâneas. Isso quer dizer que a comunicação pública, enquanto instância normativa, diz respeito às relações entre a sociedade, organizações midiáticas e o Estado (WEBER, 2017, p. 25).

Entende-se, pois, que subjacente à dinâmica do espaço público se encontra um processo de esclarecimento em curso – que é o resultado, precisamente, das trocas comunicacionais e de uma prática regular de caráter argumentativo, conduzida pelos membros da sociedade enquanto participantes do espaço público (os cidadãos na condição de interlocutores (ESTEVES, 2011, p. 200).

O autor aborda ainda a natureza da legitimidade da comunicação pública, que teria como pilar normativo imprescindível o uso da razão:

Uma legitimidade racional, estabelecida com base em valores e normas sociais que a opinião pública faz valer perante o Estado em nome de uma sociedade civil que se constitui como um corpo politicamente ativo, na medida em que pode dimensionar-se como um espaço (público) de comunicação (ESTEVES, 2011, p. 210).

Esteves também chama a atenção para o fato de que as desigualdades econômicas acabam gerando diferentes níveis de acesso às arenas da comunicação pública: “as diferenças sociais tornam-se determinantes no que respeita ao sucesso da participação de cada indivíduo na comunicação pública” (ESTEVES, 2011, p. 216). E esta “situação de desigualdade de distribuição de recursos entre os diversos participantes” (ESTEVES, 2011, p. 274) acaba

afetando a qualidade da comunicação pública, revelando os limites e as imperfeições democráticas dos regimes.

Na linha da deliberação dialógica, defendida por Bohman (2009), Esteves (2011) afirma que o enriquecimento da comunicação pública se daria não propriamente por um número mais elevado de enunciados e discursos, mas através de trocas e diálogos mais intensos. Ou seja, não faltam no espaço público argumentos racionais, o problema é a dificuldade de fazer com que estes diferentes argumentos dialoguem entre si.

Partindo das perspectivas teóricas de Weber (2011), Gomes (2010) e Maia (2010), Locatelli (2014, p. 63) define comunicação pública como “uma comunicação que se dá, que se constrói e constrói a própria esfera pública”. Danner, explorando a tese de Habermas sobre as mudanças estruturais na esfera pública provocadas pelos meios de comunicação de massa, define-a como um espaço de afirmação de interesses privados travestidos de interesse público:

Em seu surgimento, a esfera pública burguesa constituía-se enquanto espaço social no qual indivíduos e grupos privados discutiam assuntos ligados à sociedade, de um modo geral, em uma postura aberta de crítica ao poder, de fiscalização do mesmo e exigente de sua legitimação; sua tendência à subversão (mudança estrutural concebida, em um sentido negativo, como massificação, alienação solapamento do potencial de crítica da esfera pública, por meio da associação entre tecnocracia e cultura de massas), desde o século XX, transformou-a em um espaço ideológico de legitimação de interesses privados que se pretendiam públicos e, portanto, buscavam hegemonia na sociedade como um todo – função que, como acredita Habermas, a mídia corporativa assumiu de maneira exemplar, não apenas em termos comerciais, mas também em termos políticos, correlatamente à consolidação de uma postura tecnocrática em termos de administração estatal e ao engessamento burocrático e elitista dos partidos políticos em relação à massa dos cidadãos (DANNER, 2015, p. 135).

A esfera pública, entendida como o “âmbito da vida social em que interesses, vontades e pretensões que comportam consequências concernentes à comunidade política se apresentam na forma de argumentação ou discussão” (GOMES, 2008, p. 35), foi suprimida, segundo Habermas (2011), pela hegemonia corporativa e governamental. Assim, para que a democracia não sucumba sob os destroços do poder econômico, espaços alternativos de discussão, socialização e valorização do político precisam ser estimulados. Quanto mais riscos uma sociedade corre de perder a sua capacidade de articulação e oposição aos poderes instituídos, mais relevância assume a comunicação pública, um dos últimos bastiões de uma ética normativa e refúgio de práticas discursivas racionais.

### 2.3.2 Redes de comunicação pública

As redes de comunicação pública, geradas a partir de acontecimentos públicos, “são espaços de poder” (WEBER, 2017, p. 45), são as vias por onde transitam as informações. A qualidade de uma rede, ou melhor, o seu poder, depende de uma série de fatores, como a base econômica desta rede, o alcance potencial, que atores a integram, o número de pessoas a ela conectada e a credibilidade que possui. Sua atuação é fundamental para a democratização da informação, através de uma maior variedade de fontes, de perspectivas ideológicas e pontos de vista:

As redes de comunicação permitem a circulação de informações e ações, com significados e interpretações passíveis de acolhimento e rejeição por outras redes. As redes são adequadas para defender a ideia da circularidade de informações e opiniões que fortalecem determinados arranjos sociais e sua mobilização. O poder de algumas sobre as outras é determinante para o fortalecimento das demais, como as redes vinculadas ao Estado ou as redes de comunicação massiva (WEBER, 2017, p. 45).

Segundo Weber (2017), as redes de comunicação pública se originam em três diferentes âmbitos: no Estado (redes do Poder Executivo, Poder Legislativo; Poder Judiciário; sistemas de Comunicação e Radiodifusão Pública); na sociedade (redes de Comunicação Política, de Comunicação Social, de Comunicação Mercadológica, de Comunicação Científico-educacional e redes de Comunicação Religiosa); e na mídia (redes de Comunicação Mediática). É importante destacar que a rede de comunicação pública originada no Estado possui um enorme potencial de recursos e, conseqüentemente, de desequilibrar a seu favor a guerra de discursos que acontece na área de visibilidade formada e controlada pela mídia. Como bem coloca Locatelli (2014, p. 61), as redes surgidas no Estado possuem “maior capacidade de investimentos e possibilidade de utilizar simultaneamente estruturas próprias que permitem a disseminação de informação e propaganda, além da sinergia com a mídia”.

No caso de movimentos sociais e grupos de resistência que adotam repertórios de confronto, ou de quaisquer outros acontecimentos que envolvam ação direta, desobediência civil e/ou danos – colaterais ou programados – aos patrimônios público ou privado, a rede do Poder Executivo do Estado e a rede midiática costumam ter um posicionamento alinhado: condenação às ações de resistência, aumentando ainda mais o desafio das redes formadas por esses grupos e pela mídia alternativa simpática à sua causa.

Já as redes de Comunicação Social, originadas na sociedade civil e entre as quais se encontram as redes de Comunicação Política, são descritas por Weber (2017, p. 50) como:



Redes formadas por cidadãos grupos e públicos com algum objetivo ou opinião comum, além de movimentos e entidades da sociedade organizada. Essa formulação privilegia, também, os movimentos culturais, associações, grupos organizados, organizações, coletivos e manifestações de rua, menos institucionalizadas.

As ocupações universitárias desencadearam uma série de redes de comunicação pública. Levando em conta as três instâncias listadas acima, não percebemos, no caso das ocupações, uma participação relevante do Estado neste debate público. Consciente das grandes possibilidades de vitória na votação da PEC 55 no Senado, assim como já havia acontecido na Câmara dos Deputados, o governo federal adotou a estratégia do silêncio, contribuindo assim, juntamente com a mídia hegemônica, para a invisibilidade do movimento de ocupações. Muitas vezes os governos são surpreendidos com críticas e ações de mobilização que contrariam seus interesses. Nestes casos, em que questões de interesse público estão em jogo, a mídia costuma cobrar um posicionamento oficial. Mas no caso das ocupações universitárias esta cobrança midiática não aconteceu. O governo, sem ser cobrado pela imprensa, se limitou a deixar o tempo passar e esperar que o movimento se desgastasse por si próprio, enquanto apostava na aprovação da PEC, que de fato acabou ocorrendo. Por outro lado, no âmbito da sociedade, identifica-se claramente uma rede de Comunicação Política composta de várias unidades autônomas – as diferentes ocupações, cada uma com uma estrutura própria de comunicação.

Além da rede formada pelas diversas ocupações de universidades públicas brasileiras, foi identificada, ainda no âmbito da sociedade, uma rede formada pelos veículos de mídia alternativa. A linha ideológica destes jornais, sites e agências de jornalismo identifica-os com o campo da esquerda. Todos eles procuraram atuar ao longo de 2016, denunciando a tentativa de golpe contra a presidenta Dilma. Houve, portanto, um alinhamento natural com o movimento de ocupações, abertamentepositor ao governo Temer. Outras redes formadas na sociedade foram: a dos movimentos contrários às ocupações, especialmente o *Desocupa UFRGS*<sup>14</sup> e o *Movimento Brasil Livre (MBL)*; a rede formada pela UFRGS e demais universidades públicas brasileiras ocupadas (que manifestaram-se publicamente algumas vezes durante as ocupações); a rede composta pelos advogados e Defensoria Pública da União. Por fim, a mídia hegemônica, terceira instância apontada por Weber como origem das redes de comunicação pública, teve também a sua participação, procurando repercutir, com

<sup>14</sup> Na *fanpage* do movimento a opinião do grupo é assim colocada: “As ocupações na UFRGS impedem alunos, professores e pesquisadores de fazerem seu trabalho. A Universidade NÃO precisa parar pra gente discutir política”. Alguns cursos tiveram seus grupos próprios de Desocupa, caso do Desocupa UFRGS Direito e Desocupa UFRGS EA. Outra *fanpage* criada com este mesmo caráter de oposição às ocupações foi a “Eu digo NÃO à invasão da Ufrgs”.

suas maneiras particulares de enquadrar os acontecimentos e sem grande aprofundamento do tema, o que as ocupações representavam.

As diferentes redes disputam a narrativa do acontecimento, mas têm engajamentos diferentes: os ocupantes geram informações e comunicação diariamente, o *Desocupa UFRGS* produz menos, mas também mantém-se diariamente mobilizado, assim como a mídia alternativa. A mídia hegemônica deu destaque nos primeiros dias, depois silenciou. A relação com as *Ocupas* da UFRGS não era a mais cordial, já que os jornalistas não podiam entrar nos prédios. Pode-se então cogitar que isso, de alguma maneira, tenha ajudado a afastar estes veículos e diminuir o seu interesse pelas *Ocupas*. Como alerta Weber (2017, p. 54), com relação às redes: “nem todas se movem da mesma maneira, assim como os temas de interesse público não afetam a todas”.

E é neste universo comunicacional, formado pelas redes que se mobilizam ao redor de determinado acontecimento, que se estabelece:

uma dinâmica concorrencial em que interesses públicos e privados coabitam e se confundem, nas estratégias comunicacionais – profissionais, estéticas e persuasivas – dos atores cujos argumentos estão em disputa. A tensão está na busca pela visibilidade e pela credibilidade – que só se efetiva na recepção –, em que as versões sobre os temas são convergentes ou conflitivas, nos protagonismos – múltiplos – pertencentes às Redes (KEGLER, 2017, p. 86).

As redes de comunicação pública “acionam opiniões e provocam decisões” (WEBER, 2017, p. 55), agindo – pelo menos a partir de um conceito normativo – como um importante qualificador democrático, seja nos casos onde funcionam de maneira ampla e proporcionando amplo acesso e atuando no sentido de eliminar desigualdades, seja revelando-se insuficiente – o que, da mesma maneira, ajuda a identificar a qualidade de uma democracia.

### **2.3.3 Mídia radical alternativa e a busca por visibilidade**

Uma “mídia – em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas”. Assim, Downing (2004, p. 21) define esta prática de produção de informação – ou, talvez seja mais apropriado dizer, de contrainformação. Normalmente de baixo custo, mídias radicais podem ser encontradas nas lutas de minorias étnicas, de grupos religiosos discriminados, e mesmo de grupos fascistas e neonazistas, por exemplo.

Para Downing (2004, p. 79), a mídia radical alternativa “é a viga mestra da estrutura de comunicação democrática”. O autor acredita que a sua utilização expande e cria novos

horizontes para além dos limites hegemônicos da mídia convencional; abre mais espaço para as vozes das minorias, vinculando-se organicamente, por vezes, a determinados movimentos sociais, discutindo em primeira mão temas que só mais tarde vão ganhar a atenção dos grandes veículos (e não raro apenas depois de acontecimentos públicos de enorme magnitude); é livre das amarras dos interesses comerciais ou de governo; e, por fim, costuma possuir uma organização interna pouco hierarquizada e, portanto, mais democrática e sensível a diferentes pontos de vista.

Os objetivos da utilização de mídias radicais alternativas, segundo Downing (2004, p. 29-30) são:

a) expressar verticalmente, a partir dos setores subordinados, oposição direta à estrutura de poder e seu comportamento; b) obter, horizontalmente, apoio e solidariedade e construir uma rede de relações contrária às políticas públicas ou mesmo à própria sobrevivência da estrutura de poder.

A utilização de mídias radicais alternativas está, portanto, associada majoritariamente a ações de resistência, “de sobrevivência e tensão perante a hostilidade veemente e às vezes mortal das autoridades” (DOWNING, 2004, p. 54). Para o autor,

A resistência, em outras palavras, é resistência às múltiplas fontes de opressão, mas requer, por sua vez, diálogo nos diversos setores – por sexo; por raça, etnia e nacionalidade; por idade; por categorias profissionais – para que possa efetivamente tomar forma. A mídia radical é central nesse processo” (DOWNING, 2004, p. 53).

Segundo Thompson (2012, p. 308), a mídia de massa criou o que ele chama de espaço do visível: “um espaço não localizado, não dialógico e aberto, do qual as formas simbólicas mediadas podem ser produzidas e recebidas por uma pluralidade de outros não presentes”. Mas este espaço do visível, este estado de visibilidade ao qual se aspira, não proporciona necessariamente um acesso democrático a ele. Como bem alerta Maia (2012, p. 135), “a estrutura de acesso aos canais de mídia tendem a reproduzir as assimetrias de poder presentes na sociedade”.

Tanto governos quanto grupos de resistência a estes governos – ou a determinadas políticas aplicadas por eles – se encontram reféns da visibilidade midiática. Como afirma Weber (2006, p. 127), “é no espaço público da mídia que essa visibilidade provoca credibilidade”. Mas as preocupações do Estado e dos seus oponentes são diferentes. Se para os grupos de resistência as estratégias buscam a possibilidade de tornar suas pautas visíveis à sociedade, no caso dos governantes a intenção é outra:

A incapacidade de controlar o fenômeno da visibilidade completamente é uma fonte permanente de problemas para os líderes políticos. Eles devem se policiar continuamente e empregar um alto grau de reflexividade para monitorar suas ações e expressões, pois um ato indiscreto ou alguma observação inconsequente podem, se forem gravadas e transmitidas a milhões de espectadores, ter desastrosas consequências (THOMPSON, 2012, p. 184).

A internet também é considerada por Downing uma mídia radical. Não apenas pelo seu enorme potencial de disseminação de informação contra hegemônica e pela oportunidade de espaço para as vozes de minorias, mas também pela autonomia que proporciona aos contenciosos. Ainda que hoje em dia não haja sequer um veículo da mídia hegemônica que não esteja presente na internet, ela não deixa de representar um potencial enorme de alcance para mobilização ou formação das mais variadas redes.

Da mesma maneira que, conforme observado por Tarrow (2009, p. 149), “a ocorrência simultânea de demonstrações estudantis por todo o Ocidente em 1968 – usando muitos das mesmas palavras de ordem e formas de ação – foi em parte devido ao impacto da televisão”, pode-se dizer que os ciclos recentes de protestos ao redor do mundo possuem repertórios comuns em muito devido às redes sociais da internet, principalmente o *facebook* e o *youtube*, e às imagens e informações que por eles trafegam, mostrando performances de resistência ao redor do mundo, apresentando diferentes repertórios de ação coletiva e lutas locais ou globais com as quais é possível se identificar. Embora as ocupações de cada faculdade brasileira tenham criado suas próprias regras, de acordo com as necessidades do momento, algumas características semelhantes certamente foram assimiladas e incorporadas ao imaginário das *Ocupas* devido à propagação via web de experiências anteriores na aplicação deste repertório.

Por exemplo, como veremos adiante, o grande ciclo de manifestações de alunos secundaristas chilenos, que culminou com a ocupação de centenas de escolas pelo país em 2006, foi o evento que mais inspirou os secundaristas paulistas no final de 2015, iniciando uma onda de ocupações de escolas que atingiu vários estados nos meses seguintes. Como as informações sobre o ocorrido no Chile chegaram até os jovens das escolas públicas de São Paulo? Acima de tudo, de três maneiras distintas: um manual produzido por estudantes argentinos; o documentário *A rebelião dos Pinguins*; e vídeos postados no *youtube*, onde se destacam também os grandes protestos de 2011, protagonizados por universitários chilenos. O manual *Como ocupar uma escola*, impresso aos milhares de cópias por estudantes da América Latina, é um clássico exemplo de uma mídia radical alternativa de formato antigo, cuja propagação foi dinamizada pela internet. A difusão virtual do manual possibilitou a sua

impressão em diferentes países e em grande número, transformando-o novamente em uma mídia radical de formato tradicional.

Um grupo de resistência, ou movimento social, que produz a sua própria comunicação com os seus públicos, através da internet – além da utilização de outras mídias radicais alternativas –, está praticando o que Castells chama de autocomunicação de massa. O autor explica o conceito, afirmando que:

ela tem potencial para alcançar uma audiência global, seja na postagem de um vídeo no Youtube, um blog com links RSS para um número de fontes da web, ou uma mensagem para uma grande lista de e-mails. Ao mesmo tempo, é autocomunicação porque a produção da mensagem é auto-gerada, a definição dos receptores potenciais é auto-dirigida, e o retrieval de mensagens específicas ou conteúdo da www e as redes de comunicação eletrônicas são auto-selecionadas. As três formas de comunicação (interpessoal, comunicação de massa e autocomunicação de massa) coexistem, interagem, e complementam umas às outras, mais do que substituem umas às outras (CASTELLS, 2009, p. 55, tradução do autor).

À medida que produzem a sua própria comunicação contra hegemônica, formando redes por onde as informações circulam, movimentos contemporâneos de resistência, especialmente os que adotam repertórios de ação direta, criam narrativas capazes de influenciar outras ações semelhantes em lugares distantes. Seja no uso de mídias radicais alternativas tradicionais, como cartazes e panfletos, seja na apropriação de tecnologias digitais de comunicação, grupos de resistência buscam acessar corações e mentes e assim desafiar as estruturas hegemônicas de poder atuando de maneira direta, sem a intermediação da imprensa. A capacidade de obter sucesso em suas pautas passa hoje em dia, portanto, pela qualidade da comunicação produzida. Em repertórios como a ocupação, desafios importantes precisam ser superados, no que diz respeito à obtenção de visibilidade. Desafios da autocomunicação, através da qual pequenas arenas discursivas são criadas e passam a integrar a narrativa das lutas políticas.

### 3 PROCESSOS HISTÓRICOS REIVINDICATÓRIOS

*De pé a jovem guarda  
A classe estudantil  
Sempre na vanguarda  
Trabalha pelo Brasil  
HINO DA UNE  
(Carlos Lyra/Vinicius de Moraes)*

*Mas um dia o gigante despertou  
Deixou de ser gigante adormecido  
E dele um anão se levantou  
Era um país subdesenvolvido  
O SUBDESENVOLVIDO<sup>15</sup>*

As ocupações são repertórios de ação coletiva cuja aplicação data de muito longe. Operários ocupando fábricas e implantando a autogestão, casas legislativas invadidas por manifestantes, áreas rurais ocupadas por movimentos populares e assim por diante. A partir da convicção de que as lutas sociais são fontes inspiradoras de futuras ações e herdeiras de ações anteriores, este capítulo fará um resgate histórico da atuação do movimento estudantil brasileiro e de ocupações recentes ocorridas em vários lugares do mundo, e que apresentam características semelhantes as das *Ocupas* da UFRGS.

#### 3.1 MOVIMENTO ESTUDANTIL NO BRASIL – UMA RETROSPECTIVA

Na história da república brasileira, que já conta com quase 130 anos, houve dois momentos em que os estudantes protagonizaram a principal oposição a um governo. O primeiro foi durante a ditadura militar de 1964. Duramente reprimidos quando da eclosão do golpe, tiveram sua sede queimada<sup>16</sup> e foram empurrados para a clandestinidade. Mas, a partir de 1966, voltaram a atuar publicamente, principalmente através de grandes marchas contra o regime, que contavam com grande participação popular. À medida que iam ganhando força e confiança foram praticando ações mais ousadas, até que no final de 1968 foi promulgado o Ato Institucional número 5 (AI-5) que colocou a luta dos estudantes de vez na clandestinidade e estreitamente ligada à luta armada.

O segundo momento de protagonismo inequívoco dos estudantes brasileiros acontece a partir de 2015, com as ocupações de escolas paulistas, influenciando secundaristas em outros estados brasileiros que também adotaram o repertório de ocupação para se

<sup>15</sup>Canção lançada pelo Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE, em 1963.

<sup>16</sup>Uma das primeiras ações dos militares ao tomarem o poder foi incendiar o prédio da União Nacional dos Estudantes (UNE), no Rio de Janeiro.

manifestarem contra a precarização da educação pública. Já no ano seguinte, em 2016, estudantes universitários decidiram ocupar centenas de faculdades em todo o Brasil, apresentando-se assim como o principal movimento articulado em oposição ao então recém empossado governo Temer.

### 3.1.1 Vargas, a UNE e o petróleo

A União Nacional dos Estudantes (UNE) foi criada oficialmente em 13 de agosto de 1937, durante o I Congresso Nacional de Estudantes, no Rio de Janeiro. Três meses depois Getúlio Vargas decretaria o Estado Novo e anunciaria uma nova constituição. A entidade nascia com um discurso forte contra o governo, que seria ainda radicalizado com o endurecimento do regime varguista. Em 1943, na iminência da concessão ao presidente Vargas do título de *Doutor Honoris Causa*, pela Faculdade de Direito da USP, alunos da faculdade entraram em greve. Também organizaram um enterro simbólico do presidente, que acabou recusando a honraria da USP, tamanha a repercussão da ação dos estudantes (AGGIO; BARBOSA; COELHO, 2002).

Já no segundo Congresso anual, realizado em 1938, a UNE colocava entre as suas bandeiras a criação de uma indústria siderúrgica nacional, explicitando o caráter nacionalista que seria sua principal característica nas décadas seguintes.

Quanto ao conflito mundial, os estudantes brasileiros opuseram-se desde início ao nazi-fascismo, pressionando o governo do presidente Getúlio Vargas neste sentido. Não foram raros os confrontos nas ruas entre os estudantes nacionalistas e os integralistas, admiradores do fascismo e que tentavam influenciar Vargas a se juntar aos países do Eixo<sup>17</sup>.

No calor do conflito, em 1942, os jovens ocuparam a sede do Clube Germânia, na Praia do Flamengo, Rio de Janeiro, tradicional reduto de militantes nazi-fascistas. No mesmo período, o Brasil entrava oficialmente na guerra contra o Eixo. Naquele mesmo ano, o presidente Vargas concedeu o prédio ocupado do Clube Germânia para ser sede da União Nacional dos Estudantes. Além disso, pelo decreto-lei n. 4080, o presidente oficializou a UNE como entidade representativa de todos os universitários brasileiros.

Em março de 1945, com o Estado Novo agonizando e Vargas ficando cada vez mais isolado, estudantes realizaram comícios no Rio de Janeiro e em Recife, pela volta da

---

<sup>17</sup> Alemanha, Itália e Japão.

democratização e a saída do presidente. Na capital pernambucana, dois estudantes morreram (SKIDMORE, 1982).

Após a guerra, a UNE consolidou sua participação e posicionamento frente aos principais assuntos nacionais, fortalecendo o movimento social brasileiro em ações como a defesa do petróleo, que começava a ser mais explorado no país. Após a promulgação da Constituição de 1946, houve um grande debate entre os que admitiam a entrada de empresas estrangeiras para a extração e os que defendiam o monopólio nacional.

Até o final da década de 1940, a UNE tinha como principais lideranças estudantes da Faculdade de Direito da USP. O Partido Socialista Brasileiro (PSB) era a agremiação política com mais influência (AGGIO; BARBOSA; COELHO, 2002). Com o fim da Guerra, a partir de agosto de 1945, a UNE seguiu clamando pelo fim do Estado Novo, mas agregou em suas pautas a defesa do petróleo, tema que surgia com fortes debates e duas tendências claras, opondo nacionalistas e entreguistas. Defendendo o monopólio nacional na extração do petróleo, contra os que queriam a entrada de empresas estrangeiras, a UNE lançou em 1947 a campanha *O Petróleo é Nosso*, luta que prosseguiu até 1953, momento de criação da Petrobras.

### **3.1.2 Militares e estudantes: relação explosiva**

No final da década de 1950 há um novo equilíbrio interno de forças dirigentes na UNE. Estudantes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP assumem a dianteira da entidade, enquanto o Partido Comunista Brasileiro (PCB) torna-se a força política hegemônica entre os estudantes (SKIDMORE, 1988).

Um outro momento de protagonismo surge com a renúncia do presidente Jânio Quadros. Com a mobilização civil e militar nascida para tentar barrar a subida de Jango ao poder, o então governador do Rio Grande do Sul liderou uma resistência a partir do Palácio Piratini, em Porto Alegre, no episódio conhecido como *Campanha da Legalidade*. A UNE transferiu momentaneamente sua sede, em 1961, para a capital gaúcha, juntando-se à Brizola e aos demais apoiadores de Jango.

Logo depois de assumir, Jango tornou-se o primeiro presidente da história brasileira a visitar a sede da entidade, no Rio de Janeiro. As boas relações incluíam o financiamento da entidade; a UNE recebia verbas do Ministério da Educação e da Petrobrás (SKIDMORE, 1982).



Mas além da UNE, outros grupos políticos iam se formando nas instituições de ensino no país. Destaque para a Juventude Estudantil Católica (JEC) e a Juventude Universitária Católica (JUC). Ambas criadas na década de 1950, JEC e JUC passaram por um período de forte politização com a aceleração da crise que levaria ao golpe. É justamente no interior da JUC, em 1962, que nasce a Ação Popular (AP), movimento de viés socialista que promovia ações de conscientização política e alfabetização no campo e em regiões periféricas dos grandes centros urbanos. A AP também teve atuação importante no interior da UNE, competindo com os comunistas pela hegemonia na instituição (AGGIO; BARBOSA; COELHO, 2002). Segundo Skidmore (1982, p. 339), a Ação Popular:

era a representante jovem, militante, da ala progressista, consciente do problema social, da Igreja Católica, formando um dos elementos mais imprevisíveis e de mais rápido crescimento no seio da esquerda radical independente. De sua liderança fazia parte uma minoria de comunistas que competiam com os independentes pelo controle da AP.

Em 1962, uma greve nacional paralisou as atividades das então 40 universidades brasileiras. A principal demanda dos grevistas era a participação de um terço de assentos estudantis na direção da universidade (MARTINS FILHO, 1996). No mesmo ano a UNE, ao lado de outras instituições e intelectuais brasileiros, formou a Frente de Mobilização Popular, um projeto de ação política através de caravanas que rodariam o Brasil. A primeira delas, que aconteceu naquele ano, foi a *UNE Volante*, que, em conjunto com o Centro Popular de Cultura (CPC) da entidade, contribuiu para consolidar a sua dimensão nacional. Ao mesmo tempo, ao pautar assuntos como a necessidade de uma soberania tecnológica brasileira, reforçava sua veia nacionalista e antiamericana (AGGIO; BARBOSA; COELHO, 2002).

Quando os militares tomaram o poder, 80% das universidades brasileiras eram públicas. Poucos dias antes do golpe o governo Jango havia lançado o Plano Trienal de Educação, anunciando importantes investimentos no ensino superior. Em fevereiro de 1964, um decreto de Jango criou o Programa Nacional de Expansão das Matrículas, para dobrar o número de vagas nos cursos mais procurados (MARTINS FILHO, 1996).

Apoiadora das reformas de base, propostas pelo governo João Goulart, a UNE apoiou a reforma universitária, que entre outras mudanças ampliava o acesso da sociedade à educação superior. O sistema de ensino superior era visto como pouco democrático pelos estudantes:

Na maior parte das cidades as melhores escolas secundárias eram particulares e atendiam aos filhos dos ricos que levavam enorme vantagem nos exames de admissão as universidades federais gratuitas. Não causava surpresa o fato de as

universidades do governo serem frequentadas em sua maioria por filhos de gente bem de vida. Com mais da metade das verbas para educação canalizadas para as universidades federais, o governo na realidade trabalhava contra a ascensão social via educação (SKIDMORE, 1988, p. 32).

No famoso e fatídico comício da Central do Brasil, organizado por centrais sindicais e realizado na noite de 13 de março de 1964, a UNE estava presente no palanque de João Goulart. O então presidente da entidade, José Serra, foi um dos que discursou na ocasião, manifestando total apoio dos estudantes às reformas de base de Jango.

Na madrugada de 31 de março para 1º de abril de 1964, a sede da UNE, na Praia do Flamengo, foi metralhada e incendiada por forças do novo governo. Entre os grupos sociais com quem o novo regime não aceitaria sequer conversar, os estudantes tinham lugar de destaque.

Para os estudantes universitários, na sua grande maioria de classe média, o governo desde o início reservou más notícias. Nos primeiros meses, através da “Lei Suplicy de Lacerda”, procurou extinguir a União Nacional dos Estudantes (UNE), as Uniões Estaduais (UEEs) e os Diretórios Centrais (DCEs), criando em seu lugar uma espécie de sindicalismo estudantil dependente do Estado. Em seguida, alarmou pais e alunos, ao propor uma reforma universitária que culminaria no ensino pago. Numa onda de obscurantismo, proibiu livros, filmes e peças de teatro, perseguindo artistas e intelectuais. Não bastasse isso, reprimiu com violência nunca vista os protestos de jovens que até então eram tratados como a elite do país. Não espanta, assim, que em 1968 militantes e alunos das universidades gritassem nas ruas: “Abaixo a ditadura!” (MARTINS FILHO, 1996, p. 28-29).

Três foram os momentos de ataque do governo contra os estudantes: a Lei nº 4464 extinguiu a UNE, ainda em 1964. O decreto-lei nº288, de 1967, extinguiu as entidades estudantis estaduais. E, por fim, o decreto nº477, do início de 1969, estipulava sanções para professores e alunos que se envolvessem em qualquer militância política (GASPARI, 2002).

Na nova concepção, a universidade passava a ser vista como peça fundamental para o avanço da política econômica favorável as grandes empresas. Sua função primordial seria oferecer mão-de-obra tecnologicamente qualificada. A consciência política, a crítica social e a criatividade humanística deveriam ser erradicadas. Para facilitar a integração das escolas e afastar os estudantes dos centros urbanos, seriam criados os campi universitários, que substituiriam as vetustas faculdades por horríveis prédios de concreto fora da cidade (MARTINS FILHO, 1996, p. 74).

Para Gaspari (2002, p. 226), embora a repressão e a extinção da UNE tenham inibido a curto prazo qualquer ação ou mesmo possibilidade de atuação estudantil, acabou aumentando entre estudantes o ódio contra os militares:

Com essa providencia o regime, dirigido por uma geração de oficiais que na década de 20 frequentara as academias militares em estado de semi-rebelião, pretendia a

tarefa impossível de despolitizar as universidades. Seu efeito imediato foi a inibição temporária da esquerda acadêmica. O efeito profundo foi bem outro. Colocou-se gradativamente o movimento estudantil na clandestinidade, juntando-o aos partidos comunistas, ao radicalismo brizolista e, sobretudo, as centenas de sargentos e suboficiais que haviam sido expulsos das Forças Armadas.

Em julho, agosto e setembro de 1966 os estudantes organizaram e protagonizaram grandes passeatas contra a ditadura. E a medida que a oposição voltava a ganhar as ruas, aumentava a repressão policial. Martins Filho (1996, p. 42) chama este período de “ciclo de grandes repressões”. Um protesto na Faculdade de Direito, em Belo Horizonte, foi brutalmente reprimido. Na Faculdade de Medicina da UFRJ, no Rio de Janeiro, estudantes foram violentamente agredidos no episódio conhecido como Massacre da Praia Vermelha. Sobre este episódio, Martins Filho (1996, p. 44) escreve que “já em 1966, na pele dos próprios filhos, a classe média brasileira sentira os efeitos incontroláveis do movimento de 1964, que apoiara pra defender a democracia”.

A UNE, embora posta na ilegalidade desde o golpe, em 1964, continuava atuante. No mesmo ano, também na capital mineira, a entidade tentou realizar seu congresso anual no porão de uma igreja. A polícia descobriu e impediu a reunião, prendendo vinte pessoas. Dezenas se refugiaram em conventos dominicanos e franciscanos (SKIDMORE, 1988).

Também em 1966 muitos diretórios acadêmicos reconduziram lideranças afastadas desde o golpe. Em diversas capitais estudantes voltavam às ruas, ganhando confiança e pressionando o regime. Este, por sua vez, endurecia a repressão durante as passeatas. Eram comuns suspeitas de que agentes infiltrados inflamavam os estudantes para confrontos com a polícia, dando o motivo que esta precisava para fazer seu papel.

O ano de 1968 encontra a cúpula da UNE dominada pela Ação Popular (AP), pela Política Operária (POLOP) e outras dissidências. O PCB estava marginalizado e havia perdido sua capacidade de conduzir politicamente a entidade (MARTINS FILHO, 1996). Muitos estudantes abandonaram o movimento estudantil e entraram para a luta armada. Ano marcado por revoluções culturais e sociais em todo o mundo, ecos das revoltas de 68 chegaram ao Brasil e aumentaram a tensão entre estudantes e a ditadura. Uma nova estratégia passou a ser a ocupação de faculdades, dentro de uma concepção de foco guerrilheiro (MARTINS FILHO, 1996). Outro repertório usado foram os comícios-relâmpago, de caráter fugaz e nunca anunciado previamente, justamente para dificultar a repressão.

No dia 26 de junho, estudantes juntaram-se a artistas e trabalhadores para pedir democracia, liberdade e justiça na Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro. Em agosto, tropas do exército invadiram a Universidade do Brasil (UNB), em Brasília. Em outubro,

faculdades do Rio de Janeiro e de São Paulo foram invadidas por grupos paramilitares. No dia 12 do mesmo mês, a polícia impediu a realização do Congresso da UNE em Ibiúna, interior paulista. Quase mil estudantes foram presos. No dia 13 de dezembro de 1968, Costa e Silva, membro do núcleo duro do governo e ex-ministro do Exército de Castelo Branco, proclama o Ato Institucional número 5 (AI-5). A violência do Estado crescerá ainda mais. Apenas quatro dias depois do AI-5, tropas e tanques invadiram a Cidade Universitária da USP, sob o pretexto de buscarem armas e propaganda subversiva (MARTINS FILHO, 1996). Encerrava-se assim um logo período de ação legal institucional dos estudantes brasileiros. Iniciava-se ali mais um período de clandestinidade da UNE.

Só no final dos anos 70, com os primeiros sinais de enfraquecimento do regime militar, a UNE começou a se reestruturar. O congresso de reconstrução da entidade aconteceu em Salvador, em 1979, reivindicando mais recursos para a universidade, defesa do ensino público e gratuito, assim como pedindo a libertação de estudantes presos do Brasil. No início dos anos 80, os estudantes tentaram recuperar sua sede na Praia do Flamengo, mas foram novamente duramente reprimidos e os militares demoliram o prédio.

### **3.1.3 Redemocratização**

Com o fim da ditadura civil-militar, o movimento estudantil voltou às ruas para defender suas bandeiras históricas e a consolidação da democracia no país. Em 1984, a UNE participou ativamente da campanha das *Diretas Já*, com manifestações e intervenções nos principais comícios populares daquele período. A entidade também apoiou a candidatura de Tancredo Neves à Presidência da República. Em 1985, foi aprovado pelo Congresso Nacional o projeto, de autoria do deputado e ex-presidente da UNE, Aldo Arantes, que trazia a entidade de volta para a legalidade.

Durante as eleições de 1989, a UNE se posicionou contra a candidatura de Fernando Collor de Melo, criticando seu aspecto neoliberal e distante das reformas históricas defendidas pelos movimentos sociais nacionais. Quando o presidente envolveu-se em escândalos sucessivos de corrupção, o movimento estudantil teve papel importante na mobilização das ruas com o movimento dos jovens de caras pintadas na campanha *Fora Collor*. Em 1992, após enormes manifestações estudantis com repercussão em todo o país, o presidente renunciou ao cargo para não sofrer processo de impeachment pelo Congresso Nacional.

Na década de 1990, o movimento estudantil brasileiro esteve envolvido em campanhas em conjunto com outros setores sociais. Foi a época da campanha contra a entrada do Brasil

na Alca, de ações contra as privatizações de empresas estatais brasileiras – iniciadas no governo Collor, continuadas por Itamar Franco e aprofundadas por Fernando Henrique Cardoso. Os estudantes se aproximaram de movimento sociais de base, como o MST, abraçando pautas que externas a educação, reassumindo um papel de destaque que historicamente lhes pertencia.

Se 1990 foi a década de avanço das políticas neoliberais, também representou o ressurgimento de importantes ações de resistência, não apenas no Brasil, como no mundo. A popularização da internet facilitou o contato entre grupos geograficamente distantes, contribuindo para a conscientização política e difundindo repertórios de luta para além das fronteiras nacionais. Assim, os estudantes brasileiros se viram atuando em grades marchas, propondo abaixo-assinados, plebiscitos, inserindo-se novamente como *players* importantes, especialmente no que dizia respeito a oposição ao neoliberalismo.

### **3.1.4 Secundaristas: a renovação que vem de São Paulo**

O movimento de ocupações dos secundaristas paulistas foi motivado por uma pauta muito específica: a luta contra o projeto de reorganização escolar do governo estadual de São Paulo. O governo dizia que havia salas de aula ociosas e que a rede estadual de ensino teria perdido dois milhões de alunos desde o ano 2000. A ideia era transformar escolas em escolas especialistas em um ciclo: Fundamental I, Fundamental II ou Médio, o que acarretaria uma série de consequências, como o deslocamento de estudantes para estudar em uma escola distante. Irmãos seriam separados, uma vez que cada escola só disponibilizaria um ciclo. Alunos do mesmo ciclo, mas de regiões diferentes da cidade, seriam concentrados na mesma instituição e várias outras escolas seriam fechadas (94 ao todo).

Logo que o projeto foi anunciado, cinco alunos de uma escola de São Paulo criaram um evento no *facebook* chamado “Luta pela Educação”. Nasce assim o primeiro fórum de discussão sobre o projeto de governo e as suas possíveis consequências:

Desde o início a luta já era concebida como muito mais do que apenas um apelo para que não se mexesse em um escola específica – há uma noção clara da educação pública enquanto direito e de direito enquanto conquista que orientou a maneira como a “reorganização” foi interpretada pelos alunos (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 36).

O primeiro repertório utilizado pelos secundaristas para manifestar publicamente oposição ao projeto do governo paulista foi a passeata. Entre setembro e novembro de 2016

houve protestos de rua em mais de 60 cidades paulistas, algumas com a participação de pais e professores. O leque de repertórios neste primeiro momento de atuação incluiu abaixo-assinados; protestos em frente a unidades escolares, prefeituras, câmaras de vereadores, secretarias estaduais e assembleia legislativa; um ato fúnebre, no dia de Finados, simbolizando a morte de uma escola; trancamento de ruas, avenidas e rodovias; abraços coletivos nas escolas; panfletagem; e atos-debate criados em espaços públicos abertos. Em muitas destas ações, especialmente nas marchas, era acionada uma série de mídias radicais tradicionais, como cartazes, faixas, pinturas nos rostos e nos corpos, *apitaços*, carros de som, etc. Campos, Medeiros e Riberio (2016) chamam a atenção para o protagonismo das escolas do interior do estado nesta primeira etapa de protestos: 80% das manifestações de rua aconteceram fora da capital.

Outro repertório utilizado foram as intervenções artísticas. Uma performance realizada por alunos de uma escola e postada no *youtube* viralizou na internet – mais de 156 mil visualizações. Alunos sentados em uma sala de aula, com os olhos vendados por um pano preto, cantam uma versão de *Cálice*, de Chico Buarque e Gilberto Gil. De repente eles tiram as vendas e passam a declamar a letra de “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, terminando com as palavras “Aqui eu tô, aqui em vou ficar, da minha escola ninguém vai me tirar”<sup>18</sup>.

Uma comissão de estudantes chegou a ser recebida pelo secretário da Educação. Nessa ocasião houve um stress relativo a tentativas de lideranças, por parte da UMES. O chamado Grupo Autônomo Secundaristas não aprovou, não concordava com aquela representação. Eles chegaram com carro de som pra tentar exercer um processo de liderança, mas uma assembleia realizada no local definiu que eles não tinham essa legitimidade pra falar pelos alunos. Segundo Campos, Medeiros e Ribeiro (2016), outras faíscas saíam, durante as ocupações, entre estudantes autônomos e entidades como a Umes, a União Paulista de Estudantes Secundaristas (UPES) e a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES).

A pouca vontade do governo em dialogar, apensar de tantas manifestações, foi desgastando os estudantes: “Enquanto a ineficácia destas táticas ficava cada vez mais evidente, a ocupação das escolas já estava espreitando a mente dos estudantes [...]” (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 53-54).

---

<sup>18</sup> Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=T7MUd11laTI>>. Acesso em: 11 maio. 2018.

Outro elemento importante para a deflagração das ocupações foi a atuação do coletivo *O Mal Educado*<sup>19</sup>. Já em meio à onda de protestos contra o projeto da secretaria de Educação, o blog do grupo publicou o manual “Como ocupar um colégio”, criado pelo coletivo argentino “Frente de Estudiantes Libertários” e traduzido para o português pelo coletivo. O manual trazia sugestões sobre a formação de comissões, o funcionamento das assembleias e outras dicas a partir das experiências dos estudantes argentinos, que por sua vez tinham se inspirado na revolta dos secundaristas chilenos, em 2006, episódio histórico que ficou conhecido como a *Rebelião dos Pinguins*<sup>20</sup>. O manual foi amplamente compartilhado via *whatsapp* e *facebook*. Uma versão impressa era distribuída durante atos pelo pessoal do coletivo, tornando-se rapidamente conhecido dos alunos mobilizados contra o projeto do governo. O filme *A Rebelião dos Pinguins*, sobre o levante de 2006 no Chile, também era compartilhado entre os estudantes. Algumas escolas realizaram exibição do documentário seguida de debates.

Defendendo a ocupação de escolas já desde a fase das manifestações de rua, *O Mal Educado* já surge com uma preocupação de memória política: “como impedir que o ciclo do ensino médio, estruturalmente restritivo para a luta dos estudantes, apague a sua história, suas experiências e vivências” (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 53-54). A centralidade do coletivo nas manifestações pode ser medida pelo ataque cibernético sofrido ainda em outubro. Tanto o blog quanto a página do *facebook* foram atacadas. Todos os registros de textos e fotografias entre abril e aquela data foram perdidos (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2012).

Neste caso dos secundaristas fica muito clara a influência de um movimento sobre outros. Uma rede vai se formando e possibilita que uma ação reverbere além daquelas fronteiras. No final de outubro, em meio a então já grande mobilização de estudantes contra o projeto de reorganização, o governo de São Paulo publicou uma lista com as 94 escolas estaduais que seriam fechadas, afetando diretamente 300 mil alunos. Neste momento uma nova *hashtag* começa a aparecer nas *timelines* dos estudantes: #sefecharvamosocupar.

*O Mal Educado*, junto com outros seis coletivos, formou a *Frente d’O Mal Educado*. Uma de suas primeiras ações foi a organização de assembleias regionais, juntando estudantes de várias escolas. Nestes encontros o grupo já divulgava a ideia das ocupações através da

---

<sup>19</sup> A origem d’*O Mal Educado* está ligada a contatos e convivência com o MPL – Movimento Passe Livre São Paulo. No blog do coletivo, assim é definido o objetivo do grupo: “Queremos registrar e divulgar algumas experiências de luta e organização vividas por alunos de diferentes escolas. Acreditamos que essa troca pode inspirar mais estudantes, que poderão aprender com os erros e acertos dos outros e pensar em formas de agir para enfrentar seus problemas”. Disponível em: <<https://gremiolivre.wordpress.com/quem-somos/>>.

<sup>20</sup> Referência ao uniforme preto e branco dos estudantes chilenos.

cartilha e do documentário. Há assim a construção de uma consciência de ocupar. Campos, Medeiros e Ribeiro (2016, p. 79) definem a participação do coletivo na deflagração das ocupações:

O Mal Educado não atuou como dirigente do processo político, mas meramente como um catalisador que detonou uma virada tática – das manifestações de rua às ocupações –, apresentando uma nova forma de ação coletiva, desconhecida ou impensável para os alunos”.

As ocupações dos secundaristas paulistas, que tanto influenciariam jovens de outros estados e, um ano depois, os universitários, iniciaram no dia 9 de novembro de 2015 com a ocupação de uma escola de Diadema, na grande São Paulo. Uma guerra jurídica teve início imediatamente, com pedidos de reintegração de posse, de reconsideração da integração de posse, liminares deferidas, liminares cassadas e algumas tentativas de audiências de conciliação intermediadas por autoridades como o Ministério Público, defensores públicos, conselheiros tutelares e procuradores do Estado.

Em poucos dias já eram 90 escolas ocupadas em todo o estado. Mesmo algumas que não iriam fechar, mas que certamente sofreriam consequências destes fechamentos, foram ocupadas. As *fanpages* iam sendo criadas e servindo como local de compartilhamento das ações realizadas dentro das escolas. Muitas sofrem com a oposição dos diretores, que fecham salas e dificultam o acesso a setores dos prédios. De acordo com Campos, Medeiros e Ribeiro (2016, p. 126), “raríssimos foram os casos em que a diretoria apoiou a ocupação ou não procurou criar dificuldades para os estudantes”.

A música *Escola de luta*, versão mais politizada de um funk conhecido, viralizou e passou a ser cantada nos atos. Cada um destes é um componente para um sentimento de pertencimento, de um movimento maior. Outro canto comum nos protestos: *Sou estudante, não sou ladrão, não vim pra escola pra voltar de camburão*.

Entre as *hashtags* que davam uma certa unificação a estes atos esparsos, as principais eram: #EuEscolhoMeuFuturo; #AEscolhaENossa, #nãofecheminhaescola. As coberturas mais completas eram realizadas pelo blog *O Mal Educado* e pelo site *Jornalistas Livres*. Nas *fanpages* das escolas, destaque para os pedido de doações e agenda de atividades.

Além de grandes mutirões de limpeza, os alunos realizaram consertos em portas, telhados, cortaram grama, descobriram alimentos vencidos ou prestes a vencer e estoques de material escolar que nem sabiam que existiam. Algumas escolas ocupadas denunciaram em suas *fanpages* focos de larvas, mosquitos e ninhos de ratos. (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016). Mostrando um padrão que se repetiria com os universitários no ano



seguinte, ocupantes aproveitaram o momento de mobilização para reivindicar questões locais referentes às escolas, como mudanças nas eleições para os grêmios estudantis, melhorias de infraestrutura e relações mais democráticas entre professores e alunos (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016).

Em muitas escolas ocupadas a comunidade apoiou a luta dos estudantes. No caso dos secundaristas houve, antes das ocupações, uma tentativa de diálogo com a Secretaria de Educação, coisa que não aconteceu no caso das ocupações de universidades.

As regras internas das ocupações variavam, elas tinham autonomia para decisões. Umas não deixavam entrar nenhuma pessoa que não estivesse ocupando, outras permitiam a entrada de pais, por exemplo. Com relação as assembleias, mesmo nestas que permitiam visitas, as votações eram exclusivas para ocupantes. Qualquer atitude de liderança sobre os demais era mal vista. Automaticamente esta pessoa perdia legitimidade ante os companheiros.

A estratégia do governo para enfrentar os estudantes, quando as ocupações no estado de São Paulo já superava uma centena, foi trabalhar com a desinformação e difamação. Esta campanha:

consistia em realizar ameaças ou mentir aos alunos e seus pais sobre as consequências que a ocupação poderia ter. Por exemplo, houve ameaças de punições em nota, reprovação dos envolvidos ou mesmo dos que apenas expressassem apoio ao movimento; ameaças de que os alunos do terceiro ano do Ensino Médio teriam sua formatura impedida pela suspensão das aulas; de que teriam seus diplomas e históricos escolares segurados pelas Secretarias; e até de que aqueles que se beneficiassem do programa Bolsa Família e estivessem matriculados em uma escola ocupada teriam seus benefícios cortados (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016, p. 186).

Os alunos responderam por meio de postagens no *facebook*, reuniões com as comunidades das escolas. A *fanpage* do *Mal Educado* também atuou no sentido de desmentir o que o governo estava dizendo. Mesmo depois de ocuparem as escolas os estudantes continuaram recorrendo a outros repertórios, como panfletagens, cartazes colados nos bairros das escolas, reuniões com pais e alunos, refeições comunitárias nas ocupações. Como resultado de tamanha mobilização, o projeto de reformulação do ensino médio foi retirado pelo governador Geraldo Alckmin, pouco antes do final do ano, e o secretário da Educação foi destituído. Não demoraria para o exemplo dos secundaristas paulistas ser seguido em todo o Brasil.

### 3.2 OCUPAÇÕES: UM REPERTÓRIO PARA UM TEMPO HISTÓRICO

Concordando com Hegel (1996), para quem os seres humanos são obra da História e toda a ação pressupõe uma matéria pré-existente sobre a qual se age, procurei situar as ocupações universitárias no contexto de outras ações semelhantes que têm ocorrido em outros países ao longo da última década. Islândia, Espanha, Grécia, Chile, Argentina, Canadá, Estados Unidos, entre outros, assistiram nos últimos anos a ascensão de grupos que empregam táticas de ação direta e possuem estruturas organizacionais horizontalizadas, praticando nos espaços criados pela ação coletiva uma espécie de democracia direta baseada na deliberação, radicalizando os processos de tomada de decisões e evitando hierarquias de comando.

Puerta del Sol: Madri. Praça Tahir: Cairo. Zuccoloto Park: Nova York. Praça Syntagma: Atenas. Praça Taksim: Istambul. Locais de grande importância simbólica tomados por dezenas, centenas de milhares de desafiantes dos poderes constituídos. Laboratórios de experiências sociais baseadas no compartilhamento e na colaboração. Uma multiplicidade de bandeiras e de perfis subjetivos-ideológicos, a *pessoalização da vida coletiva*, ou *politização do pessoal* (ESTEVEVES, 2008): pautas do âmbito do privado que, ao ganharem as ruas, juntam-se a outras demandas individuais e se tornam públicas e coletivas, alimentando e fortalecendo o movimento. O espaço público entendido como ponto de encontro e ação, apoteose do coletivo, redescoberta ou reinvenção de “um comum político dos sentidos” (CEDILLO, 2015, p. 129). Como escreveu Pinto (2012, p. 139), os ativistas “se apropriam da geografia das cidades, transformando praças e calçadas em lugares de discussão e do próprio movimento”.

A ocupação, “uma tática popular usada pelos movimentos sociais para tomar e defender espaços” (BOYD; MITCHELL, 2013, p. 41), é um repertório de confronto disruptivo (TARROW, 2009), que tem sua força justamente na quebra das atividades do cotidiano. Nos últimos anos este tem sido um dos repertórios de ação coletiva mais empregadas por grupos de ativistas em vários países do mundo. Diferentemente das marchas, onde o número de participantes é fundamental para o objetivo que se busca, na ocupação ele não é tão determinante para o sucesso ou não da ação. É claro que o objetivo, seja qual for, pode ser mais facilmente alcançado se houver um grande número de pessoas – além da importância simbólica de uma ampla adesão ao movimento. Mas uma quantidade relativamente pequena de ativistas pode realizar a ocupação de prédios importantes e áreas bem significativas, principalmente se não enfrentarem resistência física no momento da ação.

Existem vários tipos de ocupações. Elas diferem quanto ao objetivo e à natureza dos locais onde ocorrem:

- I. Ocupações de territórios, realizadas por exércitos nacionais, grupos revolucionários ou forças paramilitares;
- II. Ocupações de fábricas;
- III. Ocupações de escolas e universidades;
- IV. Ocupações de locais públicos abertos, como praças e trechos de ruas;
- V. Ocupações de locais públicos destinados a virarem propriedade privada;
- VI. Ocupações de prédios públicos ou privados para transformá-los em centros culturais;
- VII. Ocupações de prédios públicos ou privados para fins de moradia;
- VIII. Ocupações de áreas rurais para fins de moradia e reforma agrária;
- XIX. Ocupações de centros de poder do Estado, como assembleias legislativas, câmaras de vereadores, prefeituras, tribunais, secretarias, etc.

Ocupações de prédios de universidades brasileiras têm ocorrido com uma certa frequência nos últimos anos. Inclusive em episódios com ações concomitantes em diversas cidades diferentes em várias regiões do país – ainda que sem qualquer comando central. Em 2007 ocorreu uma série de ocupações de reitorias – inclusive da UFRGS –, em protesto contra políticas para a educação superior<sup>21</sup>. Na Universidade de São Paulo (USP), alunos têm ocupado a reitoria e outros prédios nos últimos anos, como em 2011<sup>22</sup>, 2013<sup>23</sup> e 2016<sup>24</sup>, com demandas como a implantação do sistema de cotas, eleição direta para o reitor e contra ações que consideram prejudiciais ao ensino superior. Em maio de 2016, portanto poucos meses antes da série de ocupações em universidades federais, alunos da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) ocuparam quatro prédios, nas regiões Fronteira Oeste e Campanha do Rio Grande do Sul, protestando contra más condições de infraestrutura e ensino<sup>25</sup>.

<sup>21</sup>Estudantes adotam invasão de reitorias como tática de protesto em 2007. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultnot/retrospectiva/2007/materias/educacao.jhtm>. Acesso em: 12 set. 2017.

<sup>22</sup>Entenda a ocupação feita por alunos em prédios da USP. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/11/entenda-ocupacao-feita-por-alunos-em-predios-da-sp.html>. Acesso em: 12 set. 2017.

<sup>23</sup>Alunos da USP aprovam greve geral e ocupação da reitoria por tempo indeterminado. Disponível em: <http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,alunos-da-usp-aprovam-greve-geral-e-ocupacao-da-reitoria-por-tempo-indeterminado,1080953>. Acesso em: 12 set. 2017.

<sup>24</sup>Estudantes da USP ocupam prédios da ECA, História e Geografia. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/05/estudantes-da-usp-ocupam-predios-da-eca-historia-e-geografia.html>. Acesso em: 12 set. 2017.

<sup>25</sup> *Estudantes ocupam quatro unidades de universidade federal no RS*. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/05/estudantes-ocupam-quatro-unidades-de-universidade-federal-no-rs.html>. Acesso em: 22 jun. 2018.

A própria Universidade Federal do Rio Grande do Sul tem sido palco para a aplicação deste repertório, como no já citado caso de 2007. Em 2014 houve ocupações na UFRGS em dois momentos – e por razões diferentes: primeiro a Faculdade de Direito<sup>26</sup>, depois a reitoria<sup>27</sup>. Em 2016, antes mesmo da série de ocupações deflagrada em outubro e novembro<sup>28</sup>, a reitoria já havia sido ocupada por estudantes do movimento negro. Por todos estes fatos, tem sido criada uma tradição recente deste repertório nas universidades brasileiras.

### 3.2.1 Ocupações do século XXI

As ocupações estão para o ciclo planetário de protestos iniciado em 2010 como as marchas e os bloqueios de rua estão para os protestos contra as reuniões de cúpula dos principais organismos internacionais – como a reunião da OMC em Seattle, em 1999, e o encontro do G-8 em Gênova, em 2001 – na década anterior. Hardt e Negri (2014, p. 13-14) analisam as peculiaridades destes dois momentos históricos, a partir das insurreições iniciadas com a Primavera Árabe:

Naturalmente, esses movimentos compartilham diversas características: a mais óbvia delas é a estratégia de acampamento ou ocupação. Há uma década, os movimentos por uma globalização alternativa eram nômades. Migravam de uma reunião de cúpula para outra, expondo as injustiças e a natureza antidemocrática de diversas instituições-chave do sistema de poder global: a Organização Mundial do Comércio, o fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e os líderes nacionais do G8, entre outras. O ciclo de lutas iniciado em 2011, em contraste, é sedentário. Em vez de perambular de acordo com o calendário das reuniões de cúpula, esses movimentos permanecem num lugar e, em verdade, recusam-se a se mover. Até certo ponto, a imobilidade deve-se ao fato de que estão profundamente enraizados nas questões sociais locais e nacionais.

O ciclo de protestos ao redor do mundo, iniciado em 2010 com a Primavera Árabe, tem como uma de suas características marcantes a influência mútua entre os movimentos. Para isso concorre a divulgação de vídeos em redes sociais digitais, como o *facebook* e o *youtube*, e a interação *online* entre ativistas, mas também a participação presencial de membros de protestos de um país em encontros e atos em outro país.

<sup>26</sup>Estudantes ocupam Faculdade de Direito da UFRGS e exigem anulação de concurso realizado em dezembro. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/estudantes-ocupam-faculdade-de-direito-da-ufrgs-e-exigem-anulacao-de-concurso-realizado-em-dezembro/>>. Acesso em: 12 set. 2017.

<sup>27</sup>Reitoria da UFRGS é ocupada por estudantes. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/reitoria-da-ufrgs-e-ocupada-por-estudantes/>>. Acesso em: 12 set. 2017.

<sup>28</sup>Estudantes e movimento negro ocupam reitoria da UFRGS contra mudanças na política de cotas. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/estudantes-e-movimento-negro-ocupam-reitoria-da-ufrgs-contramudancas-na-politica-de-cotas/>>. Acesso em: 12 set. 2017.

No mês de maio, então, a grande experiência das Acampadas espanholas traduziu de forma produtiva para a realidade e o solo europeus a prática da ocupação do espaço metropolitano já vista na praça Tahir, no Cairo, e na ocupação da Casbá, em Túnis. Todavia, as praças espanholas não estavam meramente reproduzindo uma experiência específica, mas interpretando e reinventando aquilo que havia tomado forma no Cairo e em Túnis. Linguagens e práticas de luta não estavam apenas circulando: entre as duas margens do Mediterrâneo, uma nova composição social e de luta experimentava práticas, linguagens e percursos em comum (CURCIO, 2012, p. 158).

### 3.2.1.1 Os secundaristas chilenos: o exemplo do outro lado da Cordilheira

No início de 2006 os diretores Jorge Leiva e Pachi Bustos lançaram o documentário *Actores Secundarios*. O filme buscava resgatar a história da grande mobilização de estudantes, especialmente secundaristas, que na década de 1980 protagonizaram uma série de protestos de massa pedindo reformas na educação, mas também o fim da ditadura de Augusto Pinochet. O documentário foi assistido por milhares de pessoas, após exibição em grandes salas de cinema e também na televisão.

O primeiro ano de governo da presidenta Michele Bachelet, 2006, começou com uma grande tensão social. Já em abril os secundaristas chilenos ocuparam as ruas em protesto contra o atraso no passe estudantil. Tentaram uma interlocução com o ministro da Educação, Martín Zilic, mas foram ignorados. As manifestações nas ruas foram aumentando e se espalhando pelo país. Estava conflagrada a *Rebelião dos Pinguins*.

A primeira consequência da mobilização estudantil foi a queda do ministro da Educação. Logo a seguir, com a persistência dos estudantes nas ruas e o aumento da violência policial, o general responsável pelos *Carabineros*<sup>29</sup> também foi demitido. Nasceu então na assembleia geral dos estudantes – que chegou a contar com 4000 pessoas – a ideia de ocupar as escolas, já que mais de mil jovens haviam sido presos em todo o país após confrontos nas ruas chilenas. A demanda passa a ser outra: os estudantes querem a revogação da lei que regula a educação no Chile, a Lei Orgânica Constitucional de Educação (LOCE). Promulgada em 1990, no último dia de Augusto Pinochet no poder, a LOCE privatizou a educação no país<sup>30</sup>.

Estes jovens radicalizam a lógica instalada pelo movimento universitário, buscando não apenas centrar-se na dinâmica da negação, mas também dando um passo além, criticando o marco jurídico que nesse momento regia a educação básica e secundária: a Lei Orgânica Constitucional de Ensino (LOCE). (RIFO, 2013, p. 226, tradução do autor).

<sup>29</sup>Força policial militar do Chile.

<sup>30</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tetACHaxxJU>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

A organização dos estudantes se dava através do MSN<sup>31</sup>. Era por ali que eram marcadas as assembleias e outras ações. Os próprios secundaristas registravam os protestos e postavam em *blogs* e *foto blogs*, que também serviam de fórum de discussão. Como seria comum nos protestos gerados a partir da Primavera Árabe, os estudantes também elegiam porta-vozes – que podiam ser destituídos em assembleias – e recebiam muitas doações de alimentos e produtos de limpeza. Além disso, jornalistas independentes e documentaristas eram bem-vindos para registrar o dia a dia das ocupações. Algumas regras eram comuns a todas, como, por exemplo, o fato de que toda pessoa que ia conhecer as ocupações era acompanhado por um ocupante e tinha que deixar seus pertences na entrada.

Embora estivessem entrincheirados nas escolas, os secundaristas também faziam incursões em ônibus e em outros locais com grande fluxo de pessoas para divulgar a pauta das ocupações e pedir contribuições para a causa. Ao contrário do que viria a acontecer no Brasil, especialmente com a ação dos universitários, havia um apoio maciço da população chilena à ação dos estudantes. Profissionais da saúde, sindicatos, operários, universitários, professores universitários, pais, entre outros grupos sociais, passaram a participar dos protestos, somando-se às já centenas de milhares de estudantes mobilizados. A Federação dos Estudantes Universitários também os apoiou com financiamento e documentos para melhor embasar as discussões, mas sem nunca interferir na autonomia dos secundaristas. Colégios municipais e particulares, inclusive dos bairros mais abastados de Santiago, também aderiram ao movimento.

Os resultados positivos da mobilização foram: a criação de um Cartão Nacional Estudantil; o passe escolar para todos os dias da semana; inscrição gratuita ao Programa Seleção Universitária – semelhante ao nosso vestibular. Mas a principal demanda, profundas alterações no sistema educacional do Chile, não foi atingida. O governo chileno, ainda durante as ocupações, criou o *Conselho Assessor Cidadão*, que deveria ser integrado por secundaristas, universitários, sindicatos de professores, e reitores de universidades. O objetivo do órgão seria assessorar a presidência e o Ministério da Educação, mas os secundaristas decidiram não ocupar as cadeiras reservadas para eles, por considerarem que o Conselho era formado por muitos empresários do setor da educação e poucos representantes de movimentos sociais e das classes populares.

---

<sup>31</sup>Programa de conversação virtual da Microsoft, bastante popular na década de 2000.

Acima de tudo, o grande legado da *Rebelião dos Pinguins* foi o exemplo que acabou influenciando, à época, protestos em diversos países da América Latina. Anos depois ela continua reverberando e inspirando ações semelhantes – graças, sem dúvida, ao filme *Rebelião dos Pinguins*, a outros vídeos que podem ser encontrados no *youtube*, e ainda devido a uma cartilha criada por estudantes argentinos que, inspirada no exemplo chileno, dá dicas de como ocupar uma escola. Cartilha essa que viria, dez anos depois, a inspirar uma série de ocupações de escolas estaduais no Brasil.

### 3.2.1.2 Espanha: o fenômeno 15M

Como a rigor em toda a história dos movimentos sociais, grandes acontecimentos políticos não afloram do nada, eles são resultado de lutas prévias que já existiam. Assim foi na Espanha. Embora o movimento 15M tenha ficado conhecido pela ação iniciada no dia 15 de maio de 2011, uma grande marcha que culminou na acampada da Puerta del Sol, o acontecimento não foi um desabrochar instantâneo de cidadania. Já existiam grupos de cidadãos que discutiam em espaços determinados a situação econômica da Espanha. A plataforma do *facebook* chamada *Democracia real Ya*, que ficou famosa a partir de 2011, também já existia. Era uma rede composta por vários grupos ativistas, como o *Anonymus*, por exemplo. A partir deste fórum de discussão, presencial mas também virtual, é que foi começando a se articular o movimento que teve como desdobramento o 15M.

Os “indignados”, como se autodenominou o movimento, tentaram reinventar a democracia em sua própria prática, mediante uma organização assemblear e deliberativa, que combinou os debates no espaço público urbano com a interação constante com a interação constante no espaço público virtual das redes de internet. Construíram assim um território de autonomia híbrido entre o real digital e o real urbano (CASTELLS, 2018, p. 100).

Para Castells (2018, p. 99-100), o movimento 15M tratou-se do “mais poderoso e influente das mobilizações de protesto contra as consequências iniciais da crise financeira de 2008-14 na Europa e nos Estados Unidos”. Segundo o autor, os ativistas espanhóis foram muito influenciados pelo que aconteceu na Islândia: a possibilidade de levar ao banco dos réus, também na Espanha, personalidades do mundo financeiro. Mas também sofreram uma influência direta dos eventos da Primavera Árabe. O autor destaca ainda a inspiração dos indignados espanhóis no do livro *Indignez-vous!*, de Stéphane Hessel, publicado poucos meses antes, ainda em 2011 (CASTELLS, 2013).

Uma das principais características de repertórios de confronto como ocupações, que implicam a permanência em um certo espaço público, é a formação de comissões para melhor operacionalizar o movimento. Não foi diferente em Madri:

Comissões de todo tipo brotaram espontaneamente. Algumas encarregavam-se de problemas logísticos, incluindo instalações sanitárias, água e alimentação. Outras estabeleciam redes. Usavam redes wi-fi e se conectavam com espaços ocupados no país e no mundo. Muitas outras colaboravam nos debates sobre qualquer tema que qualquer um quisesse propor e para quem estivesse interessado. Não se reconheciam líderes: todos representavam a si mesmos, e as decisões ficavam a cargo da assembleia geral, que se reunia no fim de cada dia, assim como das comissões formadas em torno de cada tema sobre o qual as pessoas desejassem intervir (CASTELLS, 2013, p. 88-89).

Talvez o 15-M tenha sido, entre todos estes grandes protestos de massa do ciclo histórico iniciado em 2010, aquele que mais consequências trouxe para a política institucional. Ativistas entraram para o mundo da política e novos partidos surgiram, incorporando em suas plataformas de governo demandas do 15M. O principal exemplo é o *Podemos*:

O Podemos, como expressão política direta do 15-M no espaço parlamentar, é a experiência mais debatida em todos aqueles países onde os ativistas enfrentam o mesmo dilema que os espanhóis. Ou seja, como entrar nas instituições e mudar a política sem serem cooptados pelo sistema. Sua trajetória é acompanhada com atenção em todo o mundo e faz parte do imaginário coletivo dos novos atores sociais e políticos nas gerações mais jovens (CASTELLS, 2018, p. 142).

O exemplo dos *Indignados* espanhóis foi seguido em muitos lugares, inclusive em outras cidades espanholas, como Barcelona, onde dezenas de milhares de manifestantes ocuparam a Praça Catalunha:

O 15-M foi matriz e inspiração dos movimentos sociais em rede que se estenderam pela Europa, pelos Estados Unidos e também pela América Latina, particularmente no Brasil e no México, em resposta à crise econômica e à ruína da legitimidade política. Em alguns casos, como em Occupy Wall Street, foram ativistas americanos e espanhóis participantes da Puerta del Sol que iniciaram os acampamentos em Nova York. As redes mobilizadas em torno da parisiense Place de la Republique pelo Nuit Debout<sup>32</sup>, em 2016, foram em parte desenhadas por ativistas catalães convocados pelo movimento francês (CASTELLS, 2018, p. 142).

---

<sup>32</sup>Ocupação da Praça da República, em Paris, por milhares de jovens desiludidos com a política institucional. Após pouco mais de um mês no local, os manifestantes foram dispersos pela polícia, mas não sem antes inspirar dezenas de outras mobilizações semelhantes em cidades francesas. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/05/03/O-que-%C3%A9-o-Nuit-Debout-movimento-de-rua-que-pretende-revolucionar-a-pol%C3%ADtica-na-Fran%C3%A7a>>. Acesso em: 14 jul. 2017. O movimento continua ativo na internet, no endereço <<https://nuitdebout.fr/>>.



Ações de desobediência civil passaram a se suceder na Espanha, a partir de maio de 2011: grupos impediam fisicamente o despejo de famílias que não conseguiam pagar as hipotecas dos imóveis, entrando em choque com as forças de repressão do Estado; imigrantes procurados pela polícia, por problemas de documentação, eram ajudados pela população; muitos se recusavam a pagar pelo transporte público, cujos preços eram considerados abusivos; numerosos grupos realizavam atos de protesto em frente a órgãos do governo, bancos e escritórios da Comissão Europeia (CASTELLS, 2013).

Mas além da conscientização política da população espanhola – que, segundo autores como Herreros (2012), aumentou muito desde 2011, o movimento 15M acendeu uma fagulha que se espalhou por diversas regiões do mundo, inspirando pessoas e grupos em luta contra os mesmo inimigos, ainda que em locais diferentes. Nem o coração financeiro do planeta escaparia ileso deste ciclo de revoltas contra os poderosos.

### 3.2.1.3 Wall Street

Segundo Gitlin (2012), as revoltas populares se tornaram, aos olhos da opinião pública estadunidense das últimas décadas, algo ultrapassado, como a confirmar a tese do historiador Francis Fukuyama de que, a partir da queda do Muro de Berlim, em 1989, a história teria chegado ao seu fim. O comunismo fora derrotado e o capitalismo vencera, através do discurso de que era o único caminho possível para a vida em sociedade. A crise econômica de 2008 abriu, no entanto, novas indagações com relação às possibilidades de ser atingida a justiça social através de um sistema que cada vez mais aumenta a sua capacidade de exploração dos recursos materiais e humanos do planeta. Insatisfeitos com as decisões tomadas pelo governo dos Estados Unidos para contornar a crise – leia-se quantidades assombrosas de dinheiro injetados em bancos à beira da falência e a não punição dos verdadeiros culpados, todos eles situados no setor financeiro –, ativistas resolveram ocupar o Parque Zucotti, no coração de Wall Street, principal distrito financeiro de Nova York e do mundo. Era agosto de 2011.

Na ocupação de Wall Street estavam presentes muitos elementos que se manifestariam também nas ocupações universitárias brasileiras de 2016, como a criação de comissões para operacionalizar a ocupação; um setor especificamente voltado para a comunicação do movimento; atividades lúdico-artísticas como círculos de meditação, oficinas de percussão, rodas de dança, apresentações musicais e teatrais. O local também contava com aulas públicas e com uma biblioteca.

As decisões também eram tomadas de maneira horizontalizada, através de assembleias que reuniam, às vezes, mais de mil pessoas, tornando este processo por vezes não muito eficaz. Com as desavenças sobre o melhor método para chegar a decisões, foi-se criando uma distinção entre os verticais e os *horizontais* (GITLIN, 2012; GRAEBER, 2015), os primeiros defendendo uma forma de representação que agilizasse os processos de tomada de decisão, os outros insistindo na democratização radical do processo e na recusa de qualquer tipo de liderança.

A partir do entendimento de que as assembleias não eram devidamente funcionais para decidir sobre logística e ações diretas, a própria assembleia resolveu criar um Conselho formado por membros dos Grupos de Trabalho – aproximadamente 40 pessoas. O Conselho se reuniria três vezes por semana, a portas fechadas. Quanto à Assembleia Geral, continuaria discutindo assuntos gerais. Na prática, o Conselho não funcionou. Houve reclamações sobre o silenciamento das mulheres presentes e uma grande insatisfação pelo fato de que duas ou três pessoas podiam bloquear o consenso sobre os temas tratados (GITLIN, 2012).

Paralelamente às discussões sobre os métodos de organização interna, o *Occupy Wall Street* sofreu, desde o início, forte pressão da polícia, no sentido de desocuparem o parque. Isso acabou acontecendo com pouco mais de um mês de ocupação, mas não sem antes deflagrar um rastilho de pólvora pelo país, onde mais de cem ocupações foram criadas. Para alguns autores, como Gitlin, o legado do *Occupy* vai muito além do que os resultados imediatos da ação possam evidenciar:

Mas o que quer que aconteça com este acontecimento memorável [...] a América de repente se tornou mais interessante – menos previsível, mais aberta, mais vigorosa, emocionante, turbulenta e colaborativa, tudo ao mesmo tempo; o que é um feito para celebrar, e uma grande surpresa (GITLIN, 2012, p. xvi, tradução do autor).

Os *Occupies* espalhados pelos Estados Unidos se tornaram coletivos que, embora tendo na questão econômica sua principal razão de ser, abraçaram várias outras pautas, sempre dentro de uma lógica de alinhamento ideológico. Os sites e *fanpages* de tais grupos continuam ativos, compartilhando informações e programando ações coletivas. Talvez pela força simbólica de uma ação como essa acontecendo no principal distrito financeiro do mundo, *Occupies* se espalharam por vários países. Eram sempre localizados em pontos de grande importância simbólica ou política, de visibilidade privilegiada.

### 3.2.2 Ocupações em Porto Alegre

Embora as ocupações universitárias de 2016 sejam assumidamente fruto das ocupações de secundaristas, a capital gaúcha já havia presenciado ações semelhantes em anos anteriores – e não apenas as já citadas ocupações de reitoria na UFRGS ou de outras universidades. Considero importante citá-las aqui porque, como afirma Tarrow (2009), os repertórios de ação coletiva são acontecimentos carregados de uma herança cultural, como um movimento, em princípio isolado, que vai sedimentando uma prática e formando uma tradição. Estes acontecimentos são vistos aqui como um aprendizado coletivo que, direta ou indiretamente, acaba influenciando ações semelhantes em outro tempo e espaço.

Minha primeira experiência presencial com uma ocupação de estudantes aconteceu em 2003. Depois de um pleito para o diretório estudantil da Faculdade de Comunicação Social da PUCRS (Famecos), dezenas de alunos se revoltaram contra o que alegaram ser fraude, e que deu mais uma vez a vitória ao grupo que comandava o DCE e vários diretórios da PUCRS por muitos anos. Os alunos pediram a intervenção da reitoria, que respondeu não se envolver na autonomia dos alunos. Então pouco mais de vinte estudantes dos cursos de Jornalismo, Ciências Sociais e, principalmente, da História, montaram acampamento num espaço de grama entre os prédios da Odontologia, Comunicação, Letras e Educação, à caminho do Direito, da Arquitetura, do Auditório, do Museu de Ciências. Um lugar estratégico em termos de visibilidade, a poucos metros da sede do DCE, principal alvo das críticas.

Destaco então três exemplos de ocupações ocorridos em Porto Alegre. Embora apenas um deles tenha tomado forma em uma universidade e protagonizado por estudantes, acredito que todos eles ajudaram a formar uma tradição de ocupações na capital gaúcha, com uma série de características comuns.

#### 3.2.2.1 Ocupa POA: Wall Street é aqui

O ano de 2011 talvez seja classificado pelos historiadores do futuro como o ano mundial das ocupações de espaços públicos. Inspirados pelos eventos da Primavera Árabe, manifestantes gregos ocuparam a Praça Syntagma, em Atenas; madrilenhos ocuparam a *Puerta del Sol*, na capital espanhola; e no coração do mais famoso distrito financeiro do mundo, ativistas das mais variadas correntes ideológicas tomaram a Praça Zuccotti, dando início ao que ficou conhecido como *Occupy Wall Street*. Em tempos de *youtube* e *facebook*,

estas ações viralizaram e deram origem a outros eventos semelhantes. Só nos Estados Unidos, foram mais de 100 *Occupies*, em cidades de todas as regiões do país.

Apesar das especificidades de cada ocupação e dos distintos contextos político-econômicos dos locais onde ocorreram, todos estes casos tiveram em comum o fato de acontecerem em democracias ocidentais – não tinham como objetivo derrubar ditadores, como ocorreu na Tunísia, na Líbia e no Egito – e se oporem a políticas de recessão, aplicadas para tentar aplacar os efeitos da crise de 2008. Como tem acontecido desde então, os governos destes países agiram para salvar os bancos e demais instituições financeiras – os verdadeiros responsáveis pela crise – e penalizaram suas populações, através da adoção de medidas recomendadas por organismos como o FMI e o Banco Mundial, tais como cortes de verbas para programas sociais e demissões em massa de funcionários públicos.

Nos últimos dias de 2011, Porto Alegre entrou no mapa dos *Occuppies*. Em duas oportunidades, nos meses de novembro e dezembro, havia ocorrido breves ocupações de espaços públicos, a primeira em frente ao Mercado Municipal e ao lado da prefeitura da capital gaúcha, respondendo a um apelo para ações semelhantes e sincronizadas em diversos países; a segunda em celebração ao Dia Internacional dos Direitos Humanos<sup>33</sup>. Mas a ação iniciada no dia 20 de dezembro não seguia nenhum evento específico e não tinha nenhuma intenção de acabar em poucos dias. Em sua página no *facebook*, o grupo se auto definia como um:

movimento político-cultural, estritamente apertidário, sem hierarquia e representantes, autogestionado, de desobediência civil, não-violento, anticorporativista/contra o grande capital e pró-cidadania, visando a ocupação das ruas e praças de Porto Alegre, em consonância com todas as ocupações pelo mundo (Egito, Espanha, Nova York, São Paulo, Rio de Janeiro, etc.). Nenhum partido, empresa, ONG, sindicato, chapa, político, pessoa jurídica nos representa (mas todos são livres para simpatizar).<sup>34</sup>

Os manifestantes que ocuparam a Praça da Matriz – onde se encontram o Palácio Piratini, sede do Governo do Estado, e a Assembleia Legislativa – faziam coro aos que, ao redor do mundo, culpavam os governos de serem subservientes aos poderes econômicos e se afastarem cada vez mais dos interesses dos cidadãos que deveriam representar. Acrescentando a esta pauta macroeconômica questões nacionais e locais, como a oposição ao novo Código

<sup>33</sup>Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/noticias/2012/01/ocupa-poa-recebe-notificacao-da-smam-para-deixar-praca-da-matriz/>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

<sup>34</sup>Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/ocupapoa/about/>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

Florestal, a construção de grandes hidrelétricas e o aumento da passagem de ônibus<sup>35</sup>, os membros da *Ocupa POA* seguiram padrões recentemente estabelecidos em ações deste tipo, como a criação de comissões, a realização de assembleias deliberativas, a inexistência de líderes definidos, a prioridade para a imprensa alternativa e uma programação de atividades culturais, rodas de conversa e aulas abertas. As assembleias ocorriam todos os dias, às 19 horas<sup>36</sup>.

O número de participantes variou bastante durante os quase 120 dias de duração da ocupação. Em janeiro de 2012, por exemplo, Porto Alegre foi palco do Fórum Social Temático (FST), evento ao qual a *Ocupa POA* se opunha, por se tratar, segundo eles, de um evento ligado a governos e à iniciativa privada. Durante os dias do FST, o acampamento recebeu o reforço de pessoas que vieram para o evento, mas acabaram se identificando mais com a *Ocupa*. Segundo reportagens da época, o número de pessoas que pernoitavam na praça variou entre 10 e 50 pessoas, mas um número muito maior participava das atividades programadas para o dia.

Em vídeos postados no *youtube* pela *Ocupa* é possível ver algumas palavras de ordem tiradas diretamente de outras ocupações de 2011, como “Nós somos os 99%”, um dos principais slogans do *Occupy Wall Street*, e “Democracia real já”, palavras de ordem dos protestos espanhóis. Depois de quase quatro meses de acampamento e uma série de conflitos com a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM) e moradores do local, os ocupantes deixaram a Praça da Matriz, em decorrência de uma ação de reintegração de posse<sup>37</sup>.

### 3.2.2.2 Julho de 2013: ocupando a *Casa do Povo*

Muitas ocupações ocorreram em 2013, na continuação dos conflitos entre manifestantes e polícias, iniciado em junho. A Câmara dos Vereadores de Santa Maria, no interior gaúcho, foi a primeira sede de poder político ocupada naquele ano – a única ainda no mês de junho<sup>38</sup>, dia 25. Ainda abalada pelo então recente incêndio da Boate Kiss<sup>39</sup>, onde 242

<sup>35</sup>Movimento Ocupa PoA na Praça da Matriz gera reclamações. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=397409>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

<sup>36</sup>Disponível em: <<https://www.facebook.com/notes/ocupa-poa/encaminhamentos-da-assembleia-geral-112012/167995986633503/>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

<sup>37</sup>Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2012/04/depois-de-quase-quatro-meses-movimento-ocupa-poa-deixa-a-praca-da-matriz-3724660.html>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

<sup>38</sup>Outra peculiaridade interessante no caso de Santa Maria é que, ao contrário das ocupações que vieram logo a seguir e que eram formadas majoritariamente por jovens, na cidade do interior gaúcho boa parte dos ocupantes era de pessoas de meia-idade ou mais. Tratava-se de pais de jovens mortos no incêndio da boate Kiss, ocorrido poucos meses antes, e que se juntaram aos manifestantes do transporte público, unificando as lutas e dando

jovens morreram, a cidade do centro do estado presenciou grandes manifestações de rua contra o aumento do preço das passagens.

A demanda dos pais de vítimas do incêndio na boate era a anulação da CPI da Kiss, acusada por eles de ter como objetivo proteger o então prefeito da cidade César Schirmer de possíveis negligências cometidas pela prefeitura com relação a vistorias técnicas na casa noturna. O vazamento do áudio de uma conversa entre vereadores e assessores foi o estopim para a manifestação dos pais<sup>40</sup>. Somado a isso a mobilização de estudantes que, como em praticamente todo o Brasil, estavam nas ruas para protestar contra o aumento das tarifas do transporte público, e a ocupação de Santa Maria assumiu características peculiares, juntando demandas dos estudantes com as dos pais das vítimas da Kiss<sup>41</sup>.

Como aconteceu em todas as grandes cidades brasileiras em junho de 2013, em Porto Alegre as manifestações de rua podem ser divididas em duas etapas: a primeira, tendo como pauta o preço das tarifas de ônibus e como protagonistas estudantes independentes, anarquistas e jovens ligados a partidos e/ou coletivos de esquerda; e o segundo momento, quando o número de pessoas nas ruas aumentou consideravelmente, chegando às dezenas de milhares, e tendo por característica principal uma grande variedade de pautas, tais como o combate à corrupção e o clamor por uma reforma política.

Na primeira destas duas fases, destacou-se a atuação do Bloco de Lutas pelo Transporte Público, “Movimento composto por diversos indivíduos, organizações e coletivos de Porto Alegre”<sup>42</sup>, criado no final de 2012. Entre as organizações que compunham o Bloco, destaque para a Federação Anarquista Gaúcha (FAG), o coletivo anarquista Utopia e Luta e o DCE da UFRGS, além de outros coletivos ligados a partidos de esquerda, como o PSOL e o PSTU. O *modus operandi* do grupo era bastante similar a outras experiências de lutas coletivas contemporâneas, privilegiando a “busca por horizontalidade, a negação das lideranças, a defesa da assembleia como modo e do consenso como objetivo” (HAUBRICH, 2018, p. 44).

---

força ao movimento, além de uma maior legitimidade simbólica à ocupação. O incêndio da Boate Kiss ocorreu na madrugada de 27 de janeiro de 2013.

<sup>39</sup>O incêndio da Boate Kiss ocorreu na madrugada de 27 de janeiro de 2013.

<sup>40</sup>Na conversa, eles admitem terem recebido orientação para que a CPI não prejudicasse o prefeito. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/06/ocupacao-da-camara-da-sensacao-de-justica-diz-pai-de-vitima-da-kiss.html>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

<sup>41</sup>É importante ressaltar que muitos estudantes que ocuparam a Câmara também perderam amigos no incêndio, o que tornava esta pauta muito cara a eles.

<sup>42</sup>Disponível em: <<https://blocoodeluta.noblogs.org/>>. Acesso em: 28 set. 2017.

Responsável por convocar e organizar os primeiros atos realizados no Brasil em 2013 contra o aumento das tarifas de ônibus, o Bloco definiu, já em suas primeiras reuniões, diretrizes que dariam o norte para a sua atuação nas ruas da capital gaúcha:

a) unidade de ação; b) independência e autonomia do Bloco de Lutas perante qualquer entidade; c) o Bloco é horizontal, democrático e sem representantes e, principalmente, ninguém deverá falar publicamente em seu nome; d) a assembleia como espaço soberano do qual deverão sair todas decisões do coletivo; e) a ação direta como estratégia de luta; f) na definição das agendas e rumos do movimento, bem como a conciliação entre as diferenças táticas, metodológicas, ideológicas junto dos diferentes coletivos, deve prevalecer o consenso; g) na ausência do consenso, segue-se para a votação; h) as decisões tomadas em assembleias são de cumprimento obrigatório dentro do Bloco, devendo seus transgressores serem responsabilizados em assembleia (MUHALE, Miguel, 2014, p. 40).

No início de julho, já arrefecidos os protestos de rua, o Bloco decidiu mudar sua tática e partir para um repertório de grande impacto político: a ocupação da Câmara de Vereadores. Haubrich (2018, p. 122) descreve o clima no momento em que a ação se desenrolou, no final da tarde do dia 10 de julho:

Vereadores, assessores e seguranças sabiam, é claro, que havia algo diferente acontecendo. Não havia nenhuma pauta, naquele dia, que pudesse mobilizar tanta gente. A movimentação em toda a Câmara se intensificava, de um lado a outro. Expressões preocupadas, de um lado; expressões confiantes, cheias de adrenalina e esperança, do outro.

Interrompendo a fala do vereador Cláudio Janta, do PDT, cerca de 50 manifestantes pularam a grade que separa o plenário das galerias<sup>43</sup>. Com a leitura de um texto contendo as duas pautas do grupo teve início a ocupação. As pautas eram: abertura das contas das empresas de transporte coletivo de Porto Alegre e o passe livre municipal. Em seguida iniciou-se a pressão para que as portas da Câmara fossem abertas. Do lado de fora, centenas de pessoas, muitos da *Frente Quilombola*, esperavam para juntar-se aos membros do Bloco. No início da noite este desejo foi atendido. Os ocupantes agora eram mais de 400.

---

<sup>43</sup>Um vídeo postado no *youtube* registra este momento. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GAEcWe5rB3A>>. Acesso em: 26 ago. 2018. Um documentário, chamado *Morar na Casa do Povo* mostra a ocupação de 2013, a partir das reflexões de algum manifestantes que realizaram a ação. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=726&v=fB\\_yxgx\\_iPk](https://www.youtube.com/watch?time_continue=726&v=fB_yxgx_iPk)>. Acesso em: 5 ago. 2018.

Figura 1 – Manifestantes ocupam o plenário da Câmara



FONTE: Alexandre Haubrich/Jornalismo B

Nos oito dias em que durou a ocupação, os ocupantes conviveram diariamente com ameaças de reintegração de posse por parte do então presidente da Casa, vereador Thiago Pereira, do PDT. As assembleias eram diárias e operacionalizadas através da busca por consensos. Também foram formadas comissões. Além das comissões de Comunicação, Autodefesa e Organização, já existentes no Bloco para ações anteriores, criou-se, entre outras, as comissões de Infraestrutura, Alimentação e Interlocação. Esta última era responsável pelas negociações com os vereadores. Parlamentares de partidos de esquerda, como o PT e o PSOL, também desempenharam o importante papel de mediar estas relações.

Com relação à imprensa, identifica-se um padrão que se repetiria anos depois durante as ocupações universitárias: só os meios alternativos eram bem-vindos. A mídia hegemônica precisava se alimentar de informações produzidas por veículos como *Mídia Ninja*, *Jornalismo B*, *Sul 21*, *Jornal Tabaré*, entre outros, ou através da *fanpage* do Bloco de Lutas. As únicas duas únicas oportunidades em que toda a imprensa, sem restrições, teve permissão para ingressar na Câmara, foram em coletivas de imprensa convocadas pelos ocupantes. Segundo Haubrich (2018, p. 155):

A conjunção entre comunicação do movimento e mídias alternativas, que já vinha se expressando nos atos de rua, foi, na ocupação, ainda mais importante. Repetindo o que ocorrera em movimentos recentes em outras partes do mundo – notadamente Espanha e Estados Unidos, embora nesses casos as ocupações se dessem em espaços



abertos –, aliou-se uma tentativa de construção de uma comunicação própria dos manifestantes com meios de comunicação alternativos presentes, atuantes, em alguma medida integrados entre si e comprometidos com a luta. Assim, especialmente através do uso da internet e das redes sociais online – Facebook e Twitter, nesse caso – foi possível fazer circular informações que a mídia hegemônica negava a população, destacando-se convocatórias, divulgação de pautas e publicização das dinâmicas que transcorriam dentro da ocupação.

Como em ocupações anteriores e em outras que se seguiram a esta, na Câmara dos Vereadores também houve programação cultural, incluindo apresentações artísticas e oficinas. Com relação as pautas que deram origem a ocupação, os ocupantes elaboraram dois projetos de lei: o Projeto de Abertura das Contas do Transporte e o Projeto de Passe Livre. Enviados ao Executivo, o Bloco passou a pressionar o então prefeito de Porto Alegre, José Fortunatti, para que encaminhasse os projetos para apreciação e votação dos vereadores. Os manifestantes se sentiram parcialmente contemplados quando, em setembro do mesmo ano, o governador Tarso Genro sancionou o passe livre estudantil intermunicipal na Região Metropolitana de Porto Alegre.

Uma vez desocupada a Câmara, parlamentares contrários à ação do Bloco propuseram e conseguiram votos suficientes para a criação da *CPI da Invasão*. Após seis meses de trabalho, o relatório final apontou que o que ocorrera de fato fora uma ação de aventureiros, e não de movimentos sociais, e listou 17 crimes que teriam ocorrido durante a ocupação, entre eles o consumo de drogas, posse ou porte ilegal de armas de fogo e atentado contra a liberdade de trabalho (HAUBRICH, 2018).

Em abril de 2014, o Bloco de Lutas ocupou a Praça Montevideo, em frente à prefeitura municipal de Porto Alegre. Local de enorme visibilidade, ponto de passagens de milhares de pessoas diariamente, ali eles trabalharam na intenção de conscientizar a população a respeito do transporte público. Panfletos eram distribuídos, esclarecimentos prestados, e coletou-se assinaturas para o projeto de lei criado dias antes na ocupação da Câmara. Além disso, uma rádio poste tocava música e reproduzia os discursos dos manifestantes. A ação durou oito dias. Não houve nenhum encaminhamento das assinaturas coletadas junto à população.

### 3.2.2.3 Escolas de luta

No dia 11 de maio de 2016, meio ano após os secundaristas paulistas terem ocupado centenas de escolas e gerado uma crise que derrubou o então secretário estadual de Educação, a primeira escola estadual gaúcha foi ocupada por seus alunos. Após assembleia, os estudantes da Escola Coronel Afonso Emilio Massot, na zona sul de Porto Alegre, decidiram

ocupá-la. Mais de 160 seguiriam o seu exemplo nos dias seguintes, tornando o Rio Grande do Sul o estado brasileiro com o maior número de escolas ocupadas.

As ocupações de secundaristas no Rio Grande do Sul duraram em média 40 dias. Desde o primeiro dia o movimento recebeu o apoio do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul, o CPERS-Sindicato<sup>44</sup>, sem no entanto, jamais perder a autonomia. No dia 13 de maio, dois dias depois da primeira ocupação, os professores da rede estadual resolveram entrar em greve.

Os estudantes procuravam realizar grandes assembleias que agrupassem representantes de diferentes escolas, assim como havia sido feito em São Paulo. Cada instituição de ensino ocupada gerava suas próprias reivindicações – no caso da Escola Emilio Massot, por exemplo, havia o atraso de quatro meses do repasse do governo estadual. Mas as pautas que uniam os secundaristas das diferentes escolas ocupadas eram o Escola Sem Partido e o Projeto de Lei 44/16, que propunha o repasse da administração de escolas da rede estadual para organizações sociais sem fins lucrativos (OSSs)<sup>45</sup>.

Mas apesar de criticarem a possibilidade de censura em sala de aula e defenderem a liberdade dos professores, as ocupações de secundaristas também criticaram duramente o modelo pedagógico vigente das escolas. A imprensa hegemônica do Rio Grande do Sul também não era vista com bons olhos pelos secundaristas. Algumas ocupações continham cartazes nas fachadas externas dos prédios criticando abertamente a rede Brasil Sul (RBS), afiliada da Globo no estado. Os veículos considerados alternativos eram sempre atendidos quando solicitavam uma entrevista ou a realização de uma reportagem.

Uma equipe do G1 realizou reportagem sobre as ocupações de secundaristas no Rio Grande do Sul, quando a mobilização nas escolas estaduais já chegavam a um mês. Três escolas foram visitadas. Em um vídeo que acompanha a reportagem de texto, é possível ver uma lista de regras em um quadro. Sobre a Comunicação, lê-se que a mídia independente era bem-vinda. Quanto à “mídia burguesa”, apenas seria atendida se fossem entrevistas ao vivo<sup>46</sup>.

---

<sup>44</sup>Os professores gaúchos já estavam, à época das ocupações de secundaristas, recebendo seus salários parcelados e em franca oposição ao governo do Estado do Rio Grande do Sul, comandado por José Ivo Sartori, do PMDB. O “Fora Sartori”, já então tradicional nas manifestações do CPERS contra o parcelamento de salários, foi incorporado pelos secundaristas, tanto em cartazes como nos gritos durante as marchas pelas ruas da capital gaúcha. Muitos atos externos uniram estudantes e professores.

<sup>45</sup>*Um ano depois, estudantes celebram reformas e conscientização como legados das ocupações.* Disponível em: <<http://cpers.com.br/um-ano-depois-estudantes-celebram-reformas-e-conscientizacao-como-legados-das-ocupacoes/>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

<sup>46</sup>*G1 entra em escolas ocupadas em Porto Alegre e relata rotina de alunos.* Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/06/g1-entra-em-escolas-ocupadas-em-porto-alegre-e-relata-rotina-de-alunos.html>>. Acesso em: 2 jun. 2018.

Como nas ocupações de São Paulo, os secundaristas gaúchos defendiam a horizontalidade do movimento, organizavam a agenda do dia com assembleias internas, aulas, oficinas e apresentações artísticas, estabeleciam comissões para operacionalizar o dia a dia. Entre as pautas não ligadas à educação e que foram sendo incorporadas pelos estudantes estavam o combate ao racismo, ao machismo, à homofobia e à transfobia.

Como bem colocam Campos, Medeiros e Ribeiro (2016, p. 127): “Cada ocupação representa um microuniverso particular, com circunstâncias e personalidades singulares que conferem a ela sua dinâmica própria e identidade”. As ocupações de escolas no Rio Grande do Sul também tinham suas especificidades, dependendo do grau de politização, das idades dos alunos envolvidos, da maior ou menor participação de professores, da oposição ou não dos pais de alunos impedidos de ter aula, da localização geográfica da escola e das condições sociais dos alunos.

Muitos jovens e até alguns pais que apoiavam o movimento relataram terem sido agredidos verbalmente e até ameaçados de morte durante as ocupações. As principais agressões vinham de pais de crianças do ensino básico, inconformados com a paralização das aulas. Havia também histórias de que carros passavam buzinando de madrugada<sup>47</sup>. Em Caxias do Sul, o pai de uma criança invadiu a escola com uma corrente e uma barra de ferro e agrediu uma adolescente<sup>48</sup>.

Estes fatos, numerosos demais para serem considerados exceções, faziam da segurança das escolas uma das maiores preocupações – o que se repetiria mais tarde com os universitários. Mas, ao contrário de propriedades federais, como as faculdades da UFRGS, onde a polícia estadual não tem permissão legal para entrar, a não ser no caso de estar amparada judicialmente, nas escolas este era um risco possível e que muitas vezes pareceu eminente.

Além das ocupações, os secundaristas gaúchos acionaram outros repertórios de ação coletiva para levar sua luta até a população. Alunos de várias escolas se juntaram em marchas pelo Centro da capital gaúcha, outros realizaram *trancaços* em avenidas importantes da

---

<sup>47</sup> *Estudantes relatam tentativas de intimidação por pais em escola ocupada*. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/breaking-news/2016/05/estudantes-relatam-tentativas-de-intimidacao-por-pais-em-escola-ocupada/>>. Acesso em: 22. mar. 2018.

<sup>48</sup> *Homem invade escola ocupada no RS e faz ameaças com barra de ferro*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/05/homem-invade-escola-ocupada-no-rs-e-faz-ameacas-com-barra-de-ferro.html>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

cidade, com o intuito de apresentar as faixas produzidas por eles e conversar com os motoristas mais receptivos<sup>49</sup>.

Assim como ocorreria meses depois, com o movimento dos universitários, o número de mulheres era predominante<sup>50</sup>. Houve interlocução e negociações com o governo do Estado. No dia 8 de junho de 2016, por exemplo, representantes dos secundaristas se reuniram com membros do governo, mas não houve acordo, ainda que o Estado tenha apresentado uma proposta de desocupação das escolas<sup>51</sup>. A reunião ocorreu dois dias depois de as escolas terem entrado com ação da Justiça para tentar barrar uma possível reintegração de posse. O saldo final das ocupações no Rio Grande do Sul, depois de um grupo de estudantes ocupar o saguão da Assembleia Legislativa do Estado, foi a retirada do Projeto de Lei 44/16 da pauta da Assembleia e a liberação de verbas para melhorias na infraestrutura de algumas escolas ocupadas.

---

<sup>49</sup>Eu mesmo presenciei um grande tumulto ocorrido durante um *trancaço* em frente à escola Protásio Alves, que se encontrava ocupada. Um motorista tentou furar o bloqueio realizado pelos alunos e acabou atropelando uma garota - sem gravidade. Vários estudantes saíram correndo atrás do carro e conseguiram acertar um tijolo no veículo.

<sup>50</sup>Reportagem do *Sul21* também chamou a atenção para o grande número de estudantes homossexuais entre os secundaristas das ocupações. Um entrevistado comenta que na ocupação da sua escola estavam recebendo muitas visitas de estudantes da UFRGS, inclusive de movimentos feministas ligados à Universidade. *Secundaristas contam como é a vida nas ocupações e o que os move: 'estamos amadurecendo'*. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/entrevistas-2/2016/05/secundaristas-contam-como-e-a-vida-nas-ocupacoes-e-o-que-os-move-estamos-amadurecendo/>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

<sup>51</sup>*Alunos vão à Justiça contra possível desocupação de escolas no RS*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/06/alunos-entram-na-justica-contra-desocupacao-de-escolas-no-rs.html>>. Acesso em: 2 jun. 2018. Entre as propostas do Governo estavam a garantia de liberação de verbas para infraestrutura e a reposição de professores.

## 4 METODOLOGIA

Este trabalho consiste em uma pesquisa básica de natureza qualitativa exploratória, que se utiliza de levantamento bibliográfico, da minha experiência pessoal ao tempo da ocupação da Fabico, de entrevistas e de uma pesquisa na internet, mais especificamente, no site de rede social *facebook*. Entendendo, como Flick (2009, p. 36), que na pesquisa qualitativa “há primazia do tema sobre os métodos”, propomos a conjugação de diferentes procedimentos metodológicos. Esta flexibilização visa contemplar melhor o objeto e apropriar-se das melhores ferramentas disponíveis para abordar o problema proposto.

Foram utilizados nesta pesquisa procedimentos essenciais exigidos para o Estudo de Caso, eixo metodológico do trabalho: a pesquisa bibliográfica, que constitui a base teórica desta tese; a pesquisa histórico-descritiva, necessária a descrição do período e da conjuntura que gerou as ocupações; a pesquisa exploratória, que permitiu identificar e coletar dados e produtos constitutivos do objeto de pesquisa; as entrevistas em profundidade que permitiram relacionar teoria, experiência e processos vivenciados por integrantes das ocupações e, por fim, a observação participante, aqui utilizada para definir o meu papel como espectador e participante na ocupação da Fabico.

### 4.1 ESTUDO DE CASO

A partir do paradigma indiciário, do historiador italiano Carlo Ginzburg<sup>52</sup>, que privilegia os casos individuais a partir de indícios, pistas sobre fenômenos não aparentemente visíveis, Braga elenca quatro possíveis finalidades para a utilização de estudos de caso em uma pesquisa. São eles: a geração de conhecimento rigoroso sobre uma série de fenômenos sociais; articular e tencionar o que é descoberto empiricamente com uma problematização previamente realizada; a geração de proposições abstratas a partir da realidade; a constituição de um âmbito de conhecimento a partir do qual os fenômenos relativos à comunicação podem ser melhor apreendidos (BRAGA, 2008). Todas estas finalidades estão articuladas entre si. Para o autor, o paradigma indiciário não está centrado exclusivamente no empírico, e sim na articulação deste com um quadro social mais abrangente:

---

<sup>52</sup>Um dos principais nomes do que veio a se chamar Micro-História, o italiano Carlo Ginzburg produziu uma série de obras que buscavam, através de estudos de casos particulares, revelar aspectos que pudessem servir para a compreensão de toda uma sociedade.

Apesar da proximidade com o concreto, o indiciário não corresponde a privilegiar exclusivamente o empírico. A base do paradigma não é colher e descrever indícios – mas selecionar e organizar para fazer inferências. Uma perspectiva empiricista ficaria apenas na acumulação de informações e dados a respeito do objeto singular. Diversamente, o paradigma indiciário implica fazer proposições de ordem geral a partir dos dados singulares obtidos (BRAGA, 2008, p. 78).

Para Braga (2008), o risco na utilização do estudo de caso é que casos desviantes acabem sendo priorizados e não sejam articulados a partir de uma tendência mais geral. Ou seja, que o estudo de caso não funcione como uma ferramenta para a criação de teorias mais gerais sobre o objeto pesquisado. Outro possível desvio na função de compreensão de fenômenos sociais mais amplos é a utilização metodológica para confirmar uma hipótese pré-existente, conformando o objeto à intenção do pesquisador. Ou ainda o risco de que a concentração no empírico seja tão forte que não haja articulação com referenciais teóricos. Segundo Braga, situações como as colocadas acima não representam avanço científico.

Para o autor (2008, p. 79), existem os indícios acidentais e os essenciais, sendo muito importante para o pesquisador distingui-los:

Há sempre uma relação entre indícios e um ângulo das coisas para o qual aqueles indícios serão «reveladores». Mas não automaticamente: é preciso fazer articulações entre pistas e fazer inferências. Dois níveis de percepção, então, são necessários. Perceber o próprio indício (ou seja: que um dado aparentemente irrelevante pode ser significativo) e desenvolver relações com uma proposição buscada: fazer inferências. Isso envolve distinguir entre indícios essenciais e acidentais.

Esta distinção depende de três determinantes que se inter-relacionam: o problema da pesquisa; as estruturas e processos do objeto ou situação; e o conhecimento disponível sobre o objeto e seu contexto (BRAGA, 2008). As finalidades formalizadas por Braga indicam o processo para a caracterização e análise das ocupações da UFRGS, na medida em que esta metodologia permite abordar um determinado acontecimento (a *Ocupa Fabico*), situá-lo num determinado contexto social e político e analisar processos e produtos de comunicação vinculados a ele.

## 4.2 PESQUISA EXPLORATÓRIA

Um dos principais instrumentos de coleta de dados deste trabalho é a pesquisa exploratória nas *fanpages* das *Ocupas* da UFRGS no *facebook*, plataforma de comunicação escolhida pelas ocupações para o relacionamento com o público externo. Nas respectivas *fanpages* é possível acompanhar as atividades diárias dos manifestantes – o que as faz hoje

um local de memória política das ocupações. A manutenção das páginas e a produção de conteúdo informativo estiveram a cargo das comissões de Comunicação, formadas nos primeiros instantes após a tomada de cada prédio. Em alguns textos destas páginas (manifestos/comunicados/cartas abertas) propomos uma análise de conteúdo.

O estudo dos sites de redes sociais da internet geralmente tem como foco as interações, os nós e as conexões, as relações que pessoas (páginas pessoais) e grupos ou instituições (*fanpages*) possuem com outras pessoas ou grupos (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Mas como esta pesquisa tem como interesse os discursos político dos manifestantes – e não exatamente a interação entre as redes de conexões – as *fanpages* estão sendo analisadas basicamente como veículos destes discursos, como seriam analisados panfletos ou outras publicações impressas. Em outras palavras, o *facebook* será usado como local, e não como objeto da pesquisa.

#### 4.3 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE OU SEMIESTRUTURADAS

A entrevista presencial faz da pesquisa “uma interação, uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas” (GASKELL, 2014, p. 73). Busca-se assim saber mais sobre os bastidores da produção das informações que se encontram nas páginas do *facebook*, sobre os processos deliberativos de organização do movimento e, num âmbito menos descritivo e mais reflexivo, tentar acessar as subjetividades dos estudantes que participaram da ocupação.

Quinze entrevistas foram realizadas para esta pesquisa, entre março e junho de 2018. A intenção foi saber detalhes sobre a ocupação que não podem ser captados apenas na análise da *fanpage*, tais como as tensões internas – tanto de divergências políticas quanto dificuldades surgidas na convivência em um prédio ocupado. Além disso, houve também o objetivo de sondar o pensamento político dos participantes, incentivar reflexões sobre o processo e penetrar numa dimensão mais subjetiva que só pode ser alcançada, acredito, por meio deste procedimento metodológico.

O modelo escolhido foi a entrevista em profundidade ou semiestruturada, modelo pouco rígido que combina perguntas objetivas (fechadas) com outras mais reflexivas (abertas), possibilitando ao entrevistador intervir para direcionar o assunto de acordo com as respostas que vão aparecendo, além de retomar pontos que não ficaram claros num momento anterior. Perguntas adicionais às previamente formuladas foram acrescentadas durante as

entrevistas, à medida que informações relevantes para o problema de pesquisa foram surgindo, deslocando o interesse do entrevistador para um ou outro ponto específico.

#### 4.4 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Uma parte dos dados que compõem esta pesquisa é fruto das minhas próprias observações durante a ocupação da Fabico. Participei de várias assembleias (inclusive a primeira, que decidiu pela ocupação, e a última, quando foram definidas as datas e os procedimentos para a saída do prédio), aulas abertas, debates, e pude acompanhar durante vários dias a rotina de organização dos alunos e o trabalho executado pelas diferentes comissões criadas nos primeiros dias de ocupação – como a comissão de Comunicação, responsável pela intermediação com a imprensa e pela produção de conteúdo para a página da *Ocupa Fabico* no *facebook*.

Embora ainda não houvesse na época uma definição clara do objeto empírico da pesquisa, já existia o meu interesse sobre repertórios de ação coletiva, como marchas e ocupações, e sobre o uso de mídias radicais alternativas com objetivos contra- hegemônicos. Conviver com os alunos e observar seu dia a dia foi muito importante para a coleta de vários dados que fazem parte deste trabalho. E a deflagração do movimento de ocupações das faculdades da UFRGS me pareceu uma excelente oportunidade de acompanhar de perto e observar *in loco* aspectos da organização interna e da dinâmica do movimento.

#### 4.5 CORPUS E ABRANGÊNCIA DA PESQUISA

O corpus desta pesquisa inclui o material produzido para o *facebook*, documentos do diretório estudantil, cartilhas criadas pela Comissão de Comunicação da *Ocupa*, fontes audiovisuais cedidas pelos estudantes, entre outras fontes, conforme especificação abaixo:

- a) 15 entrevistas com ocupantes da FABICO;
- b) 16 *fanpages* de *ocupas* da UFRGS;
- c) *Fanpages* ocasionais: Balanta, Afronta Fabico, Desocupa UFRGS, *Ocupa* UnB, Comitê de Apoio às Ocupações (CAO);
- d) Reportagens da imprensa tradicional e da mídia alternativa;
- e) Cartilha de comunicação produzida pela *Ocupa Fabico* para as outras ocupações da UFRGS;



- f) Manual de Comunicação interna da Fabico, pensado para orientar a produção informativa da *Ocupa*;
- g) Panfletos sobre a PEC produzidos durante a *Ocupa* para distribuição em Porto Alegre;
- h) Panfletos produzidos em 2018, por estudantes da Fabico, entre o primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais;
- i) Atas das assembleias de 31 de outubro de 2016 e 8 de outubro de 2018;
- j) Fotos e vídeos do acervo pessoal dos estudantes;
- k) Registros de conversas informais com ocupantes da Fabico, Letras, IFCH e Direito, além de uma professora da Esefid;
- l) Lista, organizada pela Comissão de Segurança, de 60 pessoas que não deveriam ter sua entrada permitida na Fabico.

Quanto ao item b), referente às *fanpages*, realizei uma descrição quantitativa das dezesseis páginas das *Ocupas* da UFRGS no *facebook*, com informações como o número de postagens, fotos, vídeos e eventos. Para uma análise qualitativa, foram selecionados os vídeos das ocupações da UFRGS que mais utilizaram esta formato (Direito, Faced, Letras, Esefid, e Fabico) e dezesseis Manifestos/Comunicados/Cartas, de dez *Ocupas* da UFRGS. Nestes textos, publicados nas respectivas páginas no site da rede social, estão claramente publicizados os valores e a visão política das *ocupas*. A *fanpage* da *Ocupa Fabico* mereceu uma atenção especial. As entrevistas com estudantes, especialmente os que compunham a Comissão de Comunicação, ajudaram a compreender o processo de produção da informação.

Além disso, muito do que foi escrito vêm das minhas memórias e de anotações realizadas durante a ocupação da Fabico. Nos primeiros vinte dias, período em que pude estar mais presente, tive a oportunidade de presenciar e participar de algumas assembleias – umas deliberativas, outras não –, já então uma prática que despertava meu interesse. Estas impressões, escritas em papel ou na lembrança, também ajudaram a compor este quadro aqui apresentado.

#### 4.6 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

As quinze entrevistas foram realizadas entre março e junho de 2018, portanto, entre quinze e dezoito meses após o término da *Ocupa Fabico*. Este distanciamento temporal favorece a reflexão sobre o que passou, mas pode trazer problemas relacionados à memória dos entrevistados, como alguma imprecisão cronológica e confusão sobre acontecimentos que teriam ocorrido neste ou naquele momento da ocupação; questões que eu procurei minimizar

ou equacionar baseado na minha memória, na consulta das *fanpages*, e também confrontando os depoimentos para chegar o mais próximo possível da realidade dos fatos.

A duração das entrevistas variou entre 45 e 70 minutos, dependendo da disponibilidade dos entrevistados e da fluidez verbal e capacidade de reflexão de cada um – ainda que todas as conversas tenham sido conduzidas da mesma maneira e tendo como norte os mesmos temas. Nenhum assunto perguntado foi considerado tabu. Além disso, questões polêmicas que não estavam na pauta inicial foram levantados por eles mesmos e acabaram virando tema de todas as conversas, como o racismo e a questão de classe.

Sobre a escolha dos entrevistados, não houve uma preocupação rígida de espelhar a representatividade da *Ocupa Fabico* – como aconteceria na formação de grupos focais, por exemplo. Uma parte deles foi escolhida por serem alunos com quem eu tive bastante contato durante a ocupação. Portanto, já havia uma empatia entre nós e, de minha parte, a certeza de que eram pessoas com uma boa capacidade de reflexão e que contribuiriam muito com a pesquisa. Mas dois ajustes foram feitos na minha intenção inicial de selecionar aquele com quem eu iria conversar: um recorte de raça e outro relacionado ao semestre que estavam à época da ocupação.

Com relação aos estudantes negros foi diferente. Já nas duas primeiras entrevistas, feitas com alunos brancos, fiquei sabendo que houve tensões raciais importantes e que me passaram despercebidas no contato presencial com a ocupação. A partir de então, passei a fazer algumas entrevistas com estudantes negros, chegando ao número de quatro entrevistados com este perfil. O Quadro 1 apresenta características gerais dos selecionados (idade, raça, curso, semestre, comissão que integrou na ocupação, modalidade de acesso à Universidade e vinculação a partido, coletivo ou movimento estudantil). Os nomes verdadeiros dos entrevistados foram devidamente alterados.

Os temas das entrevistas foram definidos a partir da minha experiência na *Ocupa Fabico* e de análises sobre as *fanpages* das *ocupas* da UFRGS. Foram eles: experiência política anterior às ocupações; contato com as ocupações de secundaristas e influência destas ações sobre os universitários; existência ou não de lideranças; presença de partidos e coletivos; as assembleias deliberativas; relacionamento com os professores, direção da Fabico e reitoria; reuniões entre as *ocupas* da UFRGS; participação majoritária de mulheres; questões de gênero; o funcionamento da Comissão de Comunicação; o legado pessoal; e o legado para a Fabico.

Mas já na primeira entrevista surgiu um outro tema que não estava entre as minhas preocupações, pois não havia sido percebido por mim durante a *Ocupa*, e que também não

está presente nas páginas do *facebook*: o racismo. Então, já a partir da segunda conversa, passei a questioná-los também a respeito disso.

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados

NOME	IDADE	RAÇA	CURSO	SEMESTRE	ACESSO A UFRGS	VINCULAÇÃO POLÍTICA		COMISSÃO da <i>Ocupa Fabico</i>
						COLETIVO/ PARTIDO	MOVIMENTO ESTUDANTIL	
1. LARA	18	B	JOR	4	Universal	-	Dacom	Comunicação
2. DANIEL	21	B	RP	6	Universal	-	Dacom	Comunicação
3. PAULO	22	B	PP	9	Cotas	-		Comunicação
4. LUIS	23	B	PP	7	Cotas	Juntos/ PSOL	DCE/ Enecos	Comunicação
5. TANIA	22	B	RP	9	Universal	Fora da Ordem/ PT	-	Comunicação
6. NARA	19	B	PP	1	Universal	-	-	Comunicação Alimentação Segurança
7. INGRID	20	B	JOR	4	Cotas	PT	-	Segurança
8. AMÉLIA	20	B	BIB	4	Universal	-	-	Segurança
9. CRISTINE	22	B	JOR	6	Cotas	-	-	Segurança
10. LUCIANA	18	B	RP	2	Universal	-	-	Segurança
11. VERA	20	B	PP	6	Universal	-	-	Segurança
12. ANTONIA	21	N	JOR	1	Cotas	-	-	Segurança, Limpeza, Organização, Comunicação
13. JÚLIO	23	N	RP	2	Cotas	-	-	Limpeza
14. BÁRBARA	20	N	JOR	5	Cotas	-	-	Alimentação
15. EMANUEL	20	N	JOR	3	Cotas	Juntos / PSOL	Dacom	Relações Institucionais Articulação

Convenções: **B** (branco/a); **N** (negro/a); **BIB** (Biblioteconomia); **JOR** (Jornalismo); **PP** (Propaganda/publicidade) e **RP** (Relações Públicas)

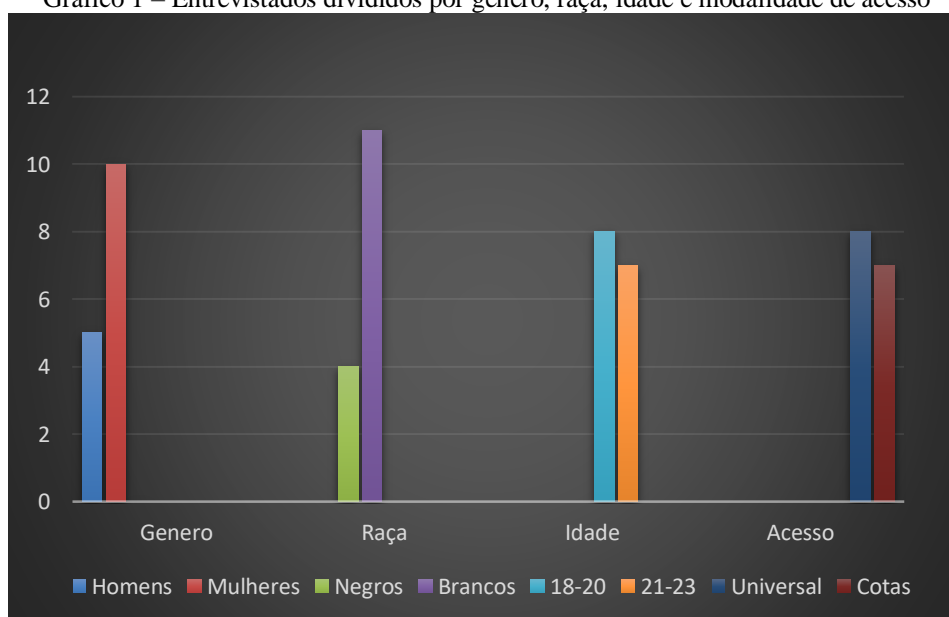
FONTE: O autor (2018).

Entre os quinze entrevistados, conforme apontado no Gráfico 1, dez são mulheres e cinco homens, onze brancas e brancos e quatro negras e negros. Do total, oito ingressaram na Fabico pelo acesso universal e sete via cotas (escola pública, raça e renda inferior).

O Gráfico 2 situa os entrevistados por Curso e semestre, sendo seis estudantes de Jornalismo, quatro de Publicidade e Propaganda, uma de Biblioteconomia e quatro de Relações Públicas. O Gráfico 3 apresenta os vínculos políticos, sendo quatro filiados a partidos políticos – dois do PSOL e dois do PT. Três, entre os quinze, pertenciam a algum coletivo. Apenas quatro tinham experiência com movimento estudantil.

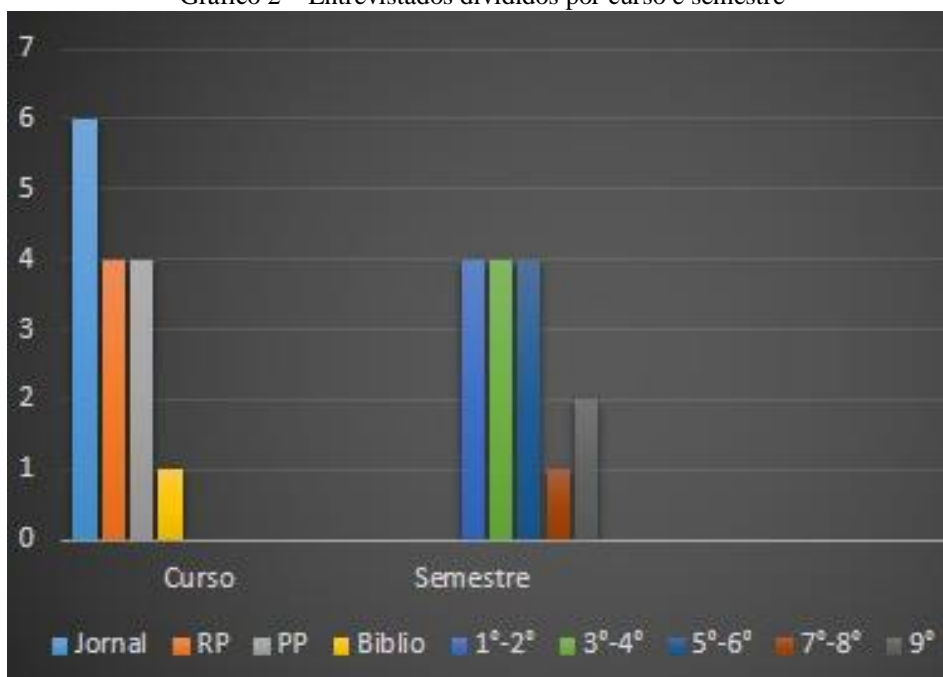
Todos os entrevistados são unânimes em afirmar que pelo menos metade dos ocupantes estavam cursando o primeiro ou o segundo semestre. Esta porcentagem não está representada no quadro de entrevistas logo abaixo (entre os 15 entrevistados, apenas quatro estavam no primeiro ano). A razão destas escolhas não representarem numericamente o que ocorria na *Ocupa* é que boa parte das pessoas que conheci e com quem criei um relacionamento de confiança, estavam na Comissão de Comunicação, e esta Comissão, segundo os próprios ocupantes, era formada majoritariamente por pessoas mais experientes na faculdade. Também não tive a preocupação intencional de entrevistar mais mulheres do que homens. Isso aconteceu naturalmente, já que elas eram de fato maioria e foi natural que eu acabasse tendo mais contato com elas do que com ocupantes homens.

Gráfico 1 – Entrevistados divididos por gênero, raça, idade e modalidade de acesso



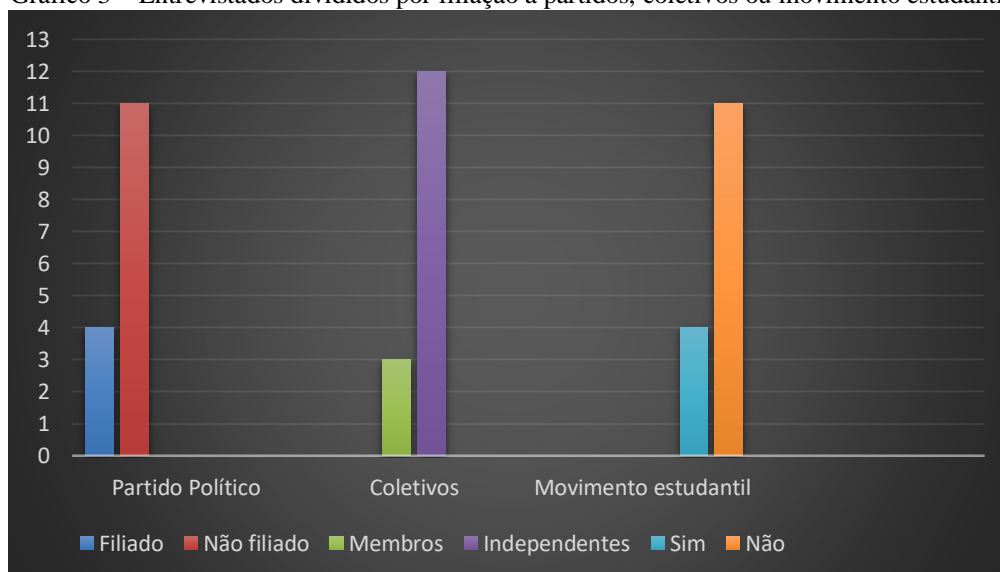
FONTE: O autor (2018).

Gráfico 2 – Entrevistados divididos por curso e semestre



FONTE: O autor (2018).

Gráfico 3 – Entrevistados divididos por filiação a partidos, coletivos ou movimento estudantil



FONTE: O autor (2018).

Cabe ressaltar que, além destas quinze entrevistas, também tive conversas informais, durante e pós-ocupação, com alunos da Fabico, com uma ocupante da Letras e outra da *Ocupa IFCH*, além de uma professora da Esefid. Destes diálogos também foram extraídas informações que fazem parte desta pesquisa.

## 5 OCUPA UFRGS, OCUPA TUDO!!!

*Enquanto isso, procuramos às cegas uma saída que nos devolva aquela democracia mítica que pode ter existido em algum lugar em algum tempo*

*Manuel Castells*

Na manhã do dia 26 de outubro de 2016, uma quarta-feira, a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul foi ocupada. A UFRGS entrava para o rol de instituições de ensino superior brasileiras com prédios ocupados por seus alunos. Já eram dezenas em todo o Brasil, sem falar nas escolas e nos secundaristas. Dois dias antes, estudantes haviam sido duramente reprimidos pela polícia durante um protesto contra o governo federal no Centro de Porto Alegre. Deste fato surgiu a ideia de convocar uma assembleia pra discutir o momento político. No encontro, a decisão da maioria dos presentes foi pela ocupação da faculdade.

Na página então recém criada no *facebook*, um texto defendia as ocupações como tática de oposição ao governo federal e conclamava outras faculdades da UFRGS a fazerem o mesmo:

Nós, estudantes de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ocupamos na manhã do dia 26 de outubro de 2016 o nosso prédio de aulas, seguindo o exemplo de diversas universidades, IFs e escolas de todo o Brasil. A decisão foi tomada a partir de uma Assembleia Soberana e Legítima chamada pelos estudantes do curso. Frente aos ataques do governo golpista Temer em relação à educação, como a PEC 241 e a MP 746, além do projeto Escola Sem Partido, acreditamos que é essencial a luta dos estudantes. Nós, que somos futuros professores e bacharéis da Letras temos a tarefa de barrar esses retrocessos. Não basta, porém, que somente a Letras esteja mobilizada, por isso convocamos nossos colegas dos demais cursos da UFRGS a se somarem na nossa luta. Somente com a Universidade inteiramente mobilizada teremos força para barrar 20 anos de retrocesso. Não aceitaremos nenhum tipo de repressão como a orquestrada pela Brigada Militar na segunda-feira do dia 24 de outubro, quando manifestantes foram covardemente atacados por bombas de gás dentro do campus, em frente a Reitoria<sup>53</sup>. Aos colegas, dizemos que não é apenas o seu semestre que está em jogo, é o futuro do Brasil pelos próximos 20 anos.  
**CONTRA A PEC 241!**  
**CONTRA A MP 746!**  
**FORA TEMER!**

(OCUPA LETRAS – 26/10/2016)

<sup>53</sup>No dia 24 de outubro, um ato contra a então PEC 55 acabou com diversas pessoas refugiando-se dentro da reitoria. Impedidos de entrar na propriedade de jurisdição federal, o pelotão de choque da Brigada Militar lançou várias bombas de gás por sobre as grades da reitoria. A ação da polícia fez com que a reitoria da UFRGS enviasse um ofício ao Comandante da BM, manifestando preocupação com o ocorrido. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/areazero/2016/10/reitoria-expressa-preocupacao-com-acao-da-bm-e-diz-que-na-ufrgs-ha-liberdade-de-expressao/>. Acesso em: 31 jul. 2018.

Entre os dias 26 e 31 de outubro de 2016, a *Ocupa Letras* postou sete vídeos de curta duração, numa espécie de estratégia de campanha para influenciar outras ocupações. Alguns títulos são bem sugestivos neste sentido: “Convoca teu diretório ou Centro Acadêmico e vamos juntos na luta para barrar esses retrocessos!”; “Ocupe a UFRGS, ocupe seu curso!”; “Vamos unificar nossa luta?”. Além disso, fizeram uma transmissão ao vivo, de alguns segundos, convocando para a assembleia do IFCH, que acabou decidindo pela ocupação.

A partir da *Ocupa Letras*, a primeira ocupação da UFRGS, todas as assembleias convocadas nas demais faculdades da Universidade contariam com representantes de cursos já ocupados. Na assembleia da Fabico não seria diferente. As *fanpages* também refletiam a alegria dos estudantes ao verem outras faculdades sendo ocupadas, como mostra um vídeo publicado na *fanpage* da *Ocupa Letras*, em 8 de novembro de 2016. Naquele dia foram definidas seis novas ocupações, somando até então 38 cursos ocupados.

Destacando como pautas principais a PEC 241/55 e a MP 746, mas também fazendo referência ao Escola sem Partido, a *Ocupa Letras* dava assim o norte para as demais ocupações da UFRGS. No mesmo dia, a página da *Ocupa* divulgou dezenas de fotos da assembleia que deliberou pela ocupação, da entrada dos estudantes no prédio e da primeira assembleia realizada por eles, em uma sala de aula. Um vídeo de poucos segundos também mostra o momento em que o alunos entraram no prédio<sup>54</sup>, aos gritos de “Fora Temer”.

Um sentimento de pertencimento a uma cadeia de manifestações viralizadas é expresso no texto abaixo, retirado da *fanpage* da *Ocupa IFCH*:

Não fomos os primeiros. Seguimos exemplos das ações de ocupação protagonizadas pelos estudantes do ensino médio em São Paulo no ano passado, também das ocupações em defesa da educação pública realizadas em escolas do Rio Grande do Sul no decorrer deste ano, havendo processos semelhantes em diversas outras regiões do país. Por sua vez, os secundaristas seguiram a cartilha de ocupações de estudantes chilenos e, portanto, estamos inseridos em um amplo processo de lutas na América Latina contra um período de retrocessos

(OCUPA IFCH – 21/12/2016).

Desde o início, apesar da contrariedade de muitos estudantes e professores da Universidade, as ocupações da UFRGS receberam manifestações de solidariedade. O Comitê de apoio às ocupações (CAO), o Comitê em Defesa da Democracia e do Estado Democrático de Direito e o Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal no Rio Grande do Sul

---

<sup>54</sup>A entrada dos estudantes no prédio da Faculdade de Educação (Faced), no dia da ocupação, também foi registrada em um vídeo semelhante. Os jovens aparecem batendo palmas e cantando contra o governo Temer. Disponível em: <https://www.facebook.com/1805906429623311/videos/1805918512955436/>.



(Sintrajufe/RS), assim como o Sindicato dos Municípios de Porto Alegre (SIMPA), escreveram textos de apoio às *Ocupas* que foram compartilhados nas *fanpages* dos estudantes.

Assim que a Fabico foi ocupada, os alunos foram contatados pelo CAO, um grupo de voluntários que oferece assessoria jurídica popular. Membros do CAO realizaram duas visitas ao prédio – e estiveram também em várias outras ocupações. Um cartaz no saguão da Fabico continha os telefones dos advogados, caso surgisse uma urgência<sup>55</sup>. No âmbito nacional, além de terem sido apoiadas por vários membros da comunidade cultural e intelectual do país, as ocupações foram defendidas pela Associação Juizes para a Democracia<sup>56</sup> e pela Defensoria Pública da União (DPU). A DPU publicou, no dia 7 de novembro de 2016, uma cartilha chamada *Garantia de direitos em ocupações de instituições de ensino – Conheça e saiba proteger seus direitos*<sup>57</sup>. No mesmo dia, a DPU encaminhou um Ofício ao então ministro da Educação, José Mendonça Bezerra Filho, recomendando a ele e aos reitores de universidades ocupadas que empreendessem o diálogo com os estudantes, que não os identificasse com o objetivo de criminalização e que não tentassem desocupar os prédios sem prévia autorização judicial<sup>58</sup>.

Durante novembro e dezembro de 2016, dezenas de artistas gravaram mensagens, em vídeo, colocando-se contra a PEC do Teto de Gastos e ao lado dos estudantes. Políticos de partidos de esquerda, como o PSOL, PCdoB e PT, visitaram as ocupações e manifestaram apoio ao movimento em suas redes sociais da internet. O MST doou alimentos orgânicos para várias universidades – inclusive para a UFRGS –, o MTST declarou-se solidário aos universitários sublevados e seus antecessores secundaristas. O movimento de ocupações de instituições de ensino no Brasil capitaneou a simpatia de diferentes setores da esquerda nacional, ainda em choque pelo afastamento de Dilma Rousseff. Mas estes apoios nunca foram além de manifestações públicas, normalmente através do *facebook* e do *twitter*. Os ocupantes de universidades jamais chegaram a responder a outra instância que não a eles próprios, ou a formar alianças estratégicas com outros setores da sociedade, assim como nunca perderam a autonomia dentro de cada prédio ocupado.

<sup>55</sup>Na *fanpage* do grupo há um pequeno texto de apresentação: “O Comitê atua em Porto Alegre! Somos voluntários que trabalham com assessoria jurídica popular e defendemos as ocupações”. Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/comitedeapoioasocupas/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/comitedeapoioasocupas/about/?ref=page_internal)>.

<sup>56</sup>Disponível em: <<http://emporiiodireito.com.br/leitura/nota-publica-da-ajd-em-defesa-da-livre-manifestacao-de-estudantes>>.

<sup>57</sup>Disponível em: <<http://www.dpu.def.br/noticias-defensoria-publica-da-uniao/233-slideshow/33836-dpu-publica-cartilha-com-direitos-dos-estudantes-que-participam-de-ocupacoes>>.

<sup>58</sup>O Ofício não está mais disponível no site da DPU.

## 5.1 FABICO OCUPADA

Em outubro de 2016 havia conversas esparsas na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS (Fabico) sobre as ocupações dos secundaristas e dos universitários. Mas foi a ocupação do prédio da Letras que de fato levou a discussão a um outro patamar. Para o Diretório Acadêmico da Comunicação (Dacom), era preciso fazer alguma coisa, ao menos discutir a questão com os estudantes:

*DANIEL - Quando a ocupação chegou na UFRGS pela Letras a gente começou a falar. Mas internamente no Diretório existia um receio muito grande de ocupar, por achar que os alunos da Fabico não comprariam a ideia, que a ocupação seria fraca e perderia o sentido em pouquíssimos dias.*

Alguns estudantes que vieram a ocupar a Fabico mantiveram contato com algumas ocupações de secundaristas. Alguns visitaram colégios porque havia companheiros de Coletivos entre os ocupantes, outros fizeram trabalhos para disciplinas do curso de Jornalismo. Em todas as falas dos entrevistados desta pesquisa está presente o respeito pela ação dos mais jovens e a influência deles sobre a deflagração das ocupações da UFRGS:

*TANIA - Eu acho que eles ressignificaram a palavra ocupar naquele ano. Pareceu lógico ocupar. Se eles podiam ocupar e manter tanto tempo, porque que os estudantes de graduação e de pós não poderiam? Se tava sendo ameaçado o ensino público, não fazia sentido não ocupar. Então foi muito porque eles demonstraram muita força, seria até vergonhoso não fazer. Obrigação moral. Se eles fizeram, se eles puderam, nós podemos também.*

*BARBARA - Ver que tinha uma geração de pessoas mais novas que a gente, com menos acesso ao tipo de conhecimento que se tem na academia, e mesmo assim terem uma consciência política... Tão novos, menores de idade, e tomando uma decisão corajosa de ocupar... [...] Isso nos colocou numa situação de pressão, sabe? De eu pensar: “Nossa, o que que eu tô fazendo?” Acho que ocupar era um ato mínimo, óbvio, é o que a gente poderia fazer frente a uma situação de impotência.*

Paulo tinha 22 anos. Estudante de Publicidade e Propaganda, estava já a nove semestres na faculdade. Era mais um entre os muitos alunos independentes (sem partido, coletivo ou experiência de movimento estudantil):

PAULO - *Eu já tinha visitado ocupações de secundaristas, a gente via muito através de reportagens, e via que dava muito certo, que era um formato de luta política que era possível, era viável. Eles nos ensinaram de um certo modo como fazer esse tipo de ato.*

Quatro ou cinco dias antes da assembleia que decidiu pela ocupação, Luciana foi adicionada num grupo de whatsapp, criado para debater a possibilidade de ocupar a Fabico. Aluna do segundo semestre de Relações Públicas, já havia visitado a ocupação do Colégio Protásio Alves, uma das escolas públicas mais tradicionais de Porto Alegre:

LUCIANA - *Na primeira vez nós levamos alimentos. E eu voltei uma segunda vez pra um evento cultural, um sábado inteiro de shows. Lembro que eu já me interessava, quis ir lá ver, apoiar. E quando falaram em ocupação na Fabico eu lembrei direto deles. Eu lembro que eu nem pensei duas vezes pra ocupar. E acabei ficando 54 dias.*

Entre os quinze entrevistados desta pesquisa, Daniel, um dos três coordenadores do Dacom à época da ocupação, é o que teve mais contato com os secundaristas. Morador da região metropolitana de Porto Alegre, havia integrado em sua cidade dois coletivos voltados à educação e conscientização política de alunos de escolas públicas. Quando as escolas começaram a ser ocupadas, em 2016, passou 30 dias dormindo em cinco colégios diferentes para ajudar na organização:

DANIEL - *A politização daqui era maior, uma conscientização crítica bem fruto do amadurecimento mesmo. Mas lá nos secundaristas, eles de certa forma tinham mais coragem, porque era um processo muito mais delicado. Aqui a gente tinha um segurança na porta e mesmo assim as pessoas tinham medo de várias ações. Mas lá tinha uma vulnerabilidade muito maior. Teve várias ações, jogaram rojões nas salas que o pessoal fez de dormitórios... Então era mais delicado e o pessoal seguiu, ficou trinta e poucos dias. Tinha pressão dos pais dos pequenos, porque o Fundamental ficou sem aula. Então lá a pressão era maior. Tinha muitas preocupações externas e mesmo assim eles conseguiram se organizar.*

Paulo destaca um componente de classe para diferenciar as ocupações de secundaristas das ocorridas na UFRGS:

PAULO - *O público do ensino médio não é o público do ensino superior da universidade. Na escola pública é classe C, baixa renda, eram mais pobres em geral. No ensino superior é gente de classe média, classe média alta. Pelo menos na nossa ocupação.*

Havia outra razão para os universitários seguirem o exemplo dos mais jovens: os secundaristas foram bem sucedidos em sua luta. No caso de São Paulo, por exemplo, eles conseguiram reverter o fechamento de quase cem escolas, derrubaram o secretário de Educação e fizeram cair a popularidade do governador Geraldo Alckmin. Este era, portanto, um repertório recentemente aplicado em instituições de ensino e com resultados positivos, pelo menos em alguns lugares e a curto prazo.

A ocupação da Fabico foi definida em assembleia convocada pelo Diretório Acadêmico da Comunicação (Dacom) e pelo Centro Acadêmico de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia (Cabam). Embora poucos metros separem os dois diretórios, no andar térreo da Fabico, havia pouco diálogo entre eles. Isso é, para Daniel, um dos principais legados da *Ocupa*; a aproximação entre os dois órgãos representativos dos estudantes na faculdade:

*DANIEL - Foi uma das primeiras conversas entre Dacom e Cabam. O contato não era próximo como é hoje, isso é fruto da ocupação. É difícil ter uma continuidade, não sei daqui a dois anos como vai ser, mas depois da ocupação o contato ficou muito próximo. Mesmo sendo áreas distintas, os diretórios conversam muito. É uma aproximação mais administrativa do que política, de organização interna.*

O edital foi publicado na sexta-feira, dia 28 de outubro, convocando para a assembleia a ser realizada na segunda, dia 31. Chegado o dia, com a proximidade das 18 horas, as pessoas iam se aglomerando no saguão. Daniel tinha medo de que não houvesse quórum. Pelo estatuto dos diretórios é necessária a presença de pelo menos 5% da comunidade acadêmica para que a assembleia tenha legitimidade<sup>59</sup>. E como não costumava haver muita participação nas reuniões ordinárias do Dacom e do Cabam, pairava a dúvida se dessa vez as pessoas compareceriam. Esta era, também, a sensação de Emanuel, estudante de Jornalismo e também coordenador do Dacom. Um dos participantes mais politizados da *Ocupa Fabico*, então integrante do coletivo *Juntos* e filiado ao PSOL, ele havia estado na ocupação da reitoria meses antes e visitado algumas escolas ocupadas em Porto Alegre. Era justamente essas experiências anteriores que o deixavam receoso quanto ao resultado da assembleia:

---

<sup>59</sup>À época da ocupação, a Fabico tinha 1410 estudantes matriculados, entre graduandos e pós-graduandos.

EMANUEL - *Foi um dos dias mais nervosos da minha vida. Eu achava que ia ser ocupada, mas meu medo era ocupar e não conseguir manter. Porque a ocupação é um método de luta muito exaustivo. [...] Eu tava muito receoso. Depois os meus medos não se confirmaram, mas eu tinha muito medo de ocupar e não se segurar. Meu medo era esse, tanto que tinha 170 pessoas na assembleia e depois no dia a dia tinha 60 rodando aqui dentro. Mas OK, com 50 pessoas tu mantém uma ocupação, com 10 não. E depois até se mostrou que a gente foi uma das ocupações mais fortes, com maior número de pessoas até o fim.*

Para a alegria das faculdades então já ocupadas da UFRGS, que queriam que toda a Universidade seguisse o exemplo, a Fabico decidiu ocupar. Assinaram a Ata de presença da assembleia 168 pessoas, entre alunos da graduação, pós-graduação, professores e demais servidores da faculdade, alunos de outros cursos e até alguns secundaristas.

DANIEL - *Quando chegaram 150, 200 pessoas ali no saguão, a gente se deu conta de que era uma outra coisa, era algo que a gente nunca tinha vivido.*

Emanuel presidiu a assembleia. De início foram tratadas algumas pautas ordinárias, como a eleição para o Dacom, que precisaria ser adiada caso se decidisse pela ocupação. Em seguida, ele fez alguns comentários de conjuntura sobre o cenário político brasileiro, sobre a PEC e outras pautas a serem debatidas a seguir. Ao seu lado, Lara, também coordenadora do Dacom, fazia anotações para a Ata<sup>60</sup>. Depois de Emanuel e antes da palavra ser disponibilizada aos presentes, ela também fez uma explanação inicial. Outra estudante fazia as inscrições das falas.

Uma das principais características de grande parte das ocupações contemporâneas de espaços públicos, e não foi diferente na Fabico, é a busca por uma estrutura horizontalizada de organização e de comando, a chamada *horizontalidade*. Isso será discutido adiante. Mas faço referência aqui para apontar o importante papel do Dacom na deflagração da *Ocupa*, bem como os limites desta atuação. Ao longo de 2016, o diretório esteve ativo com relação à política nacional, muitas vezes convocando alunos por e-mail para atos no Centro de Porto Alegre contra a tentativa de impeachment da presidenta Dilma. Assim, foi natural o protagonismo da entidade na deflagração da ocupação:

---

<sup>60</sup>Esta Ata se encontra no Livro de Atas do Dacom. Mas, por questões de segurança, as anotações não chegaram a ser passadas a limpo e foram posteriormente destruídas. Sobre a Assembleia do dia 31 de outubro de 2016, constam apenas as 168 assinaturas.

EMANUEL - *Por mais que no início o Dacom estivesse dando os nortes, e a gente era tomado como lideranças naquele momento, a ideia nunca foi que a gente continuasse na ocupação como liderança, até porque seria humanamente impossível. A gente tinha que confiar no que os outros decidiam, então de largada já foi assim. O papel do Dacom foi possibilitar a assembleia. E depois na ocupação teve reuniões do conselho da unidade, teve plenária, teve Comgrad, então nós como representantes discentes continuamos fazendo essas reuniões. Mas o Dacom nunca esteve à frente, ou geriu recursos da Ocupa.*

Abertas as rodadas para manifestação dos presentes, falaram alunos da Graduação, da Pós-Graduação, servidores técnico-administrativos, professores, alunos de outros cursos que já haviam ocupado e alguns secundaristas, que traziam para a reunião a carga política, emocional e simbólica das recentes ocupações de suas escolas. Algumas poucas falas foram moderadas, reforçando a necessidade de reflexão sobre a radicalidade do ato, mas a maioria dos que falaram reforçou a gravidade do momento político nacional e a necessidade de fazer alguma coisa. O representante sindical dos servidores técnicos da UFRGS fez uma fala inflamada, declarando apoio total da entidade à ocupação<sup>61</sup>. Muitos citaram o exemplo dos secundaristas e afirmaram que os universitários tinham uma obrigação histórica de agir. Uma aluna da *Ocupa Letras* defendeu radicalmente a necessidade de ocupar, insistindo que se fizesse logo após a reunião, e não dois dias depois, como sugerido por alguém. Não se podia, segundo ela, “agendar uma ocupação”, ela deveria iniciar de imediato.

Naquele mesmo dia, pela manhã, a Faculdade de Educação da UFRGS (Faced) tinha sido ocupada, somando-se à *Ocupa Letras*. Uma outra assembleia deliberativa com a mesma pauta estava acontecendo naquele momento na Faculdade de Arquitetura (ArqDsg). Algumas pessoas receberam em seus telefones a mensagem de que os alunos tinham decidido ocupar a ArqDsg. Ao repassarem essa informação para os presentes, elas provocaram aplausos e manifestações de euforia.

Ao final das mais de quatro horas de discussão, uma votação definiu pela ocupação. Professores da Universidade arrecadaram 200 reais para os estudantes, que foram gastos em mantimentos. Foi decidido que quem fosse dormir tinha uma hora para sair e buscar coisas que pudessem ser úteis para aquela noite. Professores também ajudaram na infraestrutura, doando cobertas, colchões e travesseiros. Um deles emprestou um frigobar para os ocupantes.

---

<sup>61</sup>Uma semana depois, servidores técnico-administrativos da UFRGS, servidores da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFSCPA) e do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do RS (IFRS), entraram em greve contra a PEC 55, aderindo ao movimento nacional convocado pela Federação de Sindicatos de Trabalhadores de Universidades Brasileiras (Fasubra), duas semanas antes. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/areazero/2016/11/servidores-da-ufrgs-declaram-greve-contrapec-55/>. Acesso em: 3 ago. 2018.

Encerrada a assembleia, os alunos descobriram que as chaves das salas de aula não estavam no prédio – uma medida preventiva de parte da direção que, prevendo a possibilidade de ocupação, temia danos aos equipamentos da faculdade.

Definido quem ia ficar e quem ia embora, teve início a organização do espaço para a realização da primeira assembleia da ocupação já consolidada. Foi escolhida na hora uma comissão provisória de segurança para ficar na portaria durante a reunião. Ainda que não tenham dormido nesta primeira noite, estavam ainda presentes na segunda assembleia algumas alunas da Letras e alguns secundaristas. Eles ficaram no prédio após a primeira assembleia para colaborar com dicas iniciais de estruturação da ocupação, como a formação de comissões, por exemplo. A divisão por tarefas, através das comissões, reforçava o espírito de horizontalidade que a *Ocupa Fabico* e as demais ocupações da UFRGS defenderam desde o início, fazendo com que cada um se sentisse importante na construção do movimento. Pode-se dizer que as comissões operacionalizavam a ocupação:

A organização do movimento em comissões não é algo fácil. Exige uma boa quantidade de gente, capaz de diálogo, concessões e construções coletivas com quem quer chegar a lugares parecidos por caminhos nem sempre tão similares. Ao mesmo tempo, tem o grande mérito de responsabilizar sujeitos por funções e tarefas. O recurso constante às assembleias mantém a horizontalidade do movimento, mas as comissões, ao imporem essas responsabilidades, permitem que tudo ande (HAUBRICH, 2018, p. 44).

A segunda assembleia da noite, primeira pós-ocupação, aconteceu no espaço onde ficam os diretórios acadêmicos da Fabico, no andar térreo. Inicialmente foram criadas sete comissões. Os alunos se dispuseram a integrá-las de acordo com suas aptidões. Quatro delas eram voltadas para a logística interna de permanência no prédio: Limpeza, Alimentação, Segurança e Organização (responsável por saber quantas pessoas iam almoçar, jantar, quantos iam dormir, quantos colchões e cobertas seriam necessários, além de arrumar o saguão para as atividades diárias, como aulas e oficinas). As outras três eram responsáveis pelo contato com o público externo: Comunicação, Articulação e Eventos. À Comissão de Articulação cabiam as relações institucionais da *Ocupa* com professores, com a direção da Faculdade, com a Reitoria e com as outras *Ocupas*. Com o passar dos dias a Comissão de Eventos, responsável pela programação cultural, aulas, oficinas e rodas de conversa, fundiu-se com a de Comunicação. As outras mantiveram-se nessa configuração até o final<sup>62</sup>.

---

<sup>62</sup>O número e a especificidade das comissões de cada ocupação da UFRGS variaram de caso a caso, embora algumas se repetissem em todas, como as comissões de Comunicação e Segurança. Na *Ocupa Letras*, por exemplo, elas foram seis: Comunicação; Cultural; Segurança; Limpeza; Alimentação e Mobilização. No IFCH havia, em princípio, cinco comissões permanentes: Comunicação; Segurança; Cozinha; Limpeza (dissolvida

No fim dessa primeira assembleia da Fabico ocupada, foi decidido pela criação de uma página no *facebook*, nos moldes do que havia sido feito pelos secundaristas e pelas primeiras ocupações da UFRGS. Um texto inicial informava o controle sobre o prédio e as pautas que deram origem à ação. Uma estudante de jornalismo, da Comissão de Comunicação, criou a *fanpage* no telefone celular. Durante a assembleia, três pessoas se voluntariaram para escrever o texto:

*EMANUEL - Lembro de termos ido no computador do Dacom, eu, a Lara e mais alguém e criamos o texto de ocupação, a primeira coisa lançada na página da Ocupação.*

Ainda que a administração da *fanpage* fosse de responsabilidade da Comissão de Comunicação, textos políticos que davam voz à *Ocupa* eram escritos por quem se dispusesse a fazê-lo, independentemente da Comissão que fizesse parte.

*DANIEL - Com os manifestos geralmente era assim: surgia a ideia numa assembleia, surgia o assunto: “Bom, precisamos falar sobre isso”. Se definia na deliberação, aí três ou quatro pessoas se responsabilizavam para escrever. Não era algo de responsabilidade da Comissão de Comunicação. Isso surgia na assembleia e alguns se encarregavam de construir. Escrito o texto, era lido numa assembleia e publicado.*

*LUIS - Quando era uma posição política da Ocupa, tirada em assembleia, se formava uma equipe com quem quisesse escrever, não precisava ser da Comunicação. Coisas mais sérias: teve um zelador da Arquitetura que se suicidou, aí saiu nota de todo mundo. E coisas mais duras da política também.*

Finalizada a primeira assembleia da Fabico ocupada, novas reuniões aconteceram, desta vez entre as comissões recém definidas. Como não tinham as chaves de nenhuma sala de aula, as cerca de 70 pessoas que ficaram na primeira noite dormiram amontoadas no espaço dos diretórios acadêmicos. A partir do dia seguinte começariam as negociações com a diretoria para o acesso às salas. Elas seriam transformadas em dormitórios e sedes de algumas comissões, como as de Comunicação e Alimentação. Ao todo, os ocupantes conseguiram as chaves de seis salas, todas no andar térreo. Além das duas comissões citadas acima, três salas

---

mais tarde) e Pedagogia. Além destas, os alunos instituíram comissões provisórias e pontuais, como uma responsável pelas negociações com a diretoria do Instituto e outra que organizou a participação do grupo em *tranças* nas ruas de Porto Alegre. Na *Ocupa Direito*, a Comissão de Comunicação foi dividida em três subcomissões: comunicação interna; comunicação externa; e comunicação com outras ocupações. Todas as *Ocupas* se organizaram em comissões, mas cada uma encontrou o formato mais adequado às suas necessidades e ao perfil dos participantes.



foram transformadas em quartos: um só para mulheres e dois mistos. Por uma questão de segurança das mulheres, ficou decidido que só os banheiros do primeiro andar seriam usados.

Figura 2 – Quarto só para mulheres na *Ocupa Fabico*



FONTE: Acervo pessoal dos estudantes

Como normalmente acontece com mobilizações políticas desencadeadas por grupos não organizados e heterogêneos – as chamadas *coalizões frouxas* de Castells (2003) –, a decisão de participar de uma ação inclui também razões afetivas e de ocasião que independem de uma maior conscientização política. Amelia, estudante de Biblioteconomia e uma das únicas ocupantes dos cursos da Informação<sup>63</sup>, tinha alguma experiência com militância LGBT em sua cidade, na Grande Porto Alegre, mas admite que ignorava a pauta que acabou gerando as ocupações:

*AMELIA - Foi totalmente pela emoção do momento, eu não sabia que tava ocupando. Tava trabalhando, vinha pouco na Fabico, tava completamente por fora de movimento estudantil e essa coisa toda. Meu círculo social não era acadêmico. Vim pra ter aula no primeiro dia de ocupação e descobri que não tinha aula. Entrei pra ver se uma amiga do Cabam tava aqui dentro. Ela tava e tava muito preocupada porque tinha pouca gente da Informação, não sabia como o pessoal da Informação ia se organizar dentro daquilo, se alguém ia pousar... Então fiquei uma noite pela questão*

<sup>63</sup>Segundo Amelia, a própria estrutura dos cursos da Informação é um obstáculo ao surgimento de uma conscientização política estudantil. Cada curso tem suas aulas inteiramente em um turno (Biblioteconomia de manhã, Museologia de tarde e Arquivologia à noite), o que dificulta a integração entre eles e destes com alunos da Comunicação. Além disso, o perfil médio é de alunos mais velhos, que já trabalham, muitos com família constituída.

*emocional, de não deixar ela dormir sozinha. Aí eu fui conhecendo e entendendo, não sabia bem o que era a PEC. Então minha educação de política macro, nacional, foi na ocupação. Eu fui educada e formada politicamente na ocupação, eu entrei muito verde aqui.*

Ao tempo da *Ocupa Fabico*, Julio estava no segundo semestre de Relações Públicas. Embora tivesse à época 23 anos e fosse um dos mais velhos da *Ocupa*, não tinha experiência de engajamento político e acabou ficando na primeira noite porque morava longe e era tarde pra voltar pra casa:

*JULIO - A minha opinião era bem contrária. Eu achava que não resolveria, tanto que na assembleia eu não levantei a mão. [...] Os argumentos durante a assembleia me convenceram da importância do movimento, mas ainda assim, como eu morava longe, eu não votei a favor. Essa era a minha opinião naquele momento. E já fiquei na primeira noite, porque a assembleia durou até bem tarde, e eu simplesmente não tinha mais como voltar pra casa, daí eu acabei ficando. Foi por isso.*

Mas para boa parte deles, ocupar a Fabico foi um desdobramento natural de um ano repleto de atos de apoio à ex-presidenta Dilma e de protestos contra o governo Temer:

*PAULO - Em 2016, com todo aquele lance do impeachment, “Não vai ter golpe, vamos lutar, vamos pra rua...” [...] Eu tava muito nesse sentimento de estar no meio de um golpe, e a PEC tava nesse contexto. Porque a ideia não era só trocar o governo, era trocar o governo e fazer a PEC, as reformas e essas coisas que tão acontecendo. Então não era só contra a PEC, era contra o governo, era contra o golpe que tava em curso.*

*EMANUEL - Foi logo depois do golpe, as pessoas ainda acreditavam que a gente podia derrubar o Temer. Não tava nesse status quo surreal que tem hoje, que o Temer faz o que quer, tem 3% de aprovação e continua no poder.*

*LUCIANA - Eu achava que era a única saída que a gente tinha. Eu já tava indo em atos, tava vendo que não tava adiantando nada, que a gente não era escutado.*

Vera, aluna do sexto semestre de Publicidade e Propaganda, tinha 20 anos quando foi deflagrada a ocupação. Os pais são filiados ao PT, partido ao qual também se filiou após a *Ocupa*. Ainda que não acreditasse no veto à PEC, ela decidiu ocupar para demonstrar insatisfação com os rumos do país:

*VERA - Eu não tinha esperança nenhuma. Eu sabia que ocupar não ia fazer com que no Congresso eles mudassem. [...] Então era mais uma questão de fazer pressão, de mostrar que as pessoas tavam insatisfeitas com aquilo e que não ia ser fácil. Eu achava que era importante mostrar que a gente não ia só baixar a cabeça e deixar passar.*

Barbara tinha 20 anos à época da ocupação. Estudante do quinto semestre de Jornalismo, foi uma das poucas alunas negras a participar da *Ocupa*. Cotista de raça, renda e escola pública, não tinha experiências anteriores com o movimento estudantil, mas isso não a tornava menos politizada. São dela algumas das melhores reflexões coletadas nas entrevistas

*BARBARA - Eu votei por ocupar porque eu sei o quanto esses lugares como a universidade não estão à disposição de pessoas que vieram de lugares como eu, que moro na periferia. Então tinha essa coisa de fazer algo concreto para defender coisas que são importantes, tanto agora como pras gerações futuras que vão vir de lugares como eu vim. [...] E também muito dessa consciência de ser uma estudante da universidade pública, de questionar esse meu lugar, que é custeado, que é o Estado que banca, e que tem que ser cada vez mais democrático.*

Barbara foi uma entre os muitos ocupantes que aprenderam sobre a PEC dentro da ocupação. Para ela, a universidade não cumpriu seu papel de promover debates a respeito da proposta do governo Temer:

*BARBARA - Não tinha um debate profundo sobre a PEC na Fabico. A gente poderia ter se aprofundado, esmiuçar, os professores podiam ter trazido pra aula. Aqui é o lugar de aprofundar conhecimento.*

Embora apenas quatro entre os quinze entrevistados estivessem no primeiro ano de curso, duas delas no primeiro semestre, é consenso entre eles de que pelo menos metade das pessoas que ocuparam a Fabico era formada por ingressantes de 2016, quase todos sem experiência de movimento estudantil, boa parte deles recém chegados do interior do estado. Isso deu à *Ocupa Fabico* uma característica diferente de outras *ocupas* da UFRGS, onde o número de alunos veteranos e ligados a partidos e coletivos era maior. Como alguns estudantes relataram durante as entrevistas e outras conversas informais, é no início do curso que os alunos mantêm uma relação mais estreita com a faculdade, formando laços de amizade, participando mais ativamente de atividades acadêmicas e sociais. Além disso, normalmente não estão ainda trabalhando:

*DANIEL - A base da ocupação era o pessoal do primeiro e segundo semestre. O tempo livre, de não estarem fazendo estágio fora, foi o fator principal. Ao longo do tempo de Fabico os alunos vão criando um distanciamento maior com a faculdade, o vínculo é maior de quem tá entrando.*

*TANIA - Os bixos foram fundamentais na construção da ocupação. E muitos cotistas. Então era importante pra eles o que a PEC delimitava, era parte da vida deles. Eles foram na assembleia e ficaram, e eram pessoas que tavam sempre aqui diariamente.*

Ainda com relação ao perfil dos ocupantes, é preciso destacar que a *Ocupa Fabico* foi uma ocupação de graduandos. Os professores foram importantes, alguns alunos da Pós-Graduação ministraram aulas e conduziram rodas de conversa, mas quem de fato ocupou a faculdade foram os alunos de graduação. Pode-se atribuir à ausência de pós-graduandos entre os ocupantes uma ligação menos orgânica com a faculdade e o envolvimento com atividades externas, como emprego ou outros compromissos. Adicionando ainda um componente geracional, não seria demasiado supor que, conforme tantos exemplos na história dos movimentos sociais e das lutas de resistência, a intensidade do engajamento político e a disposição de adotar repertórios de ação direta costuma ser maior nos mais jovens.

Na assembleia que decidiu pela ocupação estavam presentes 168 pessoas. Aproximadamente 70 dormiram na primeira noite, outros começaram a participar a partir dos dias seguintes. Muitos que estavam presentes nos primeiros dias deixaram de ir logo em seguida, outros ficaram um pouco mais, mas com o tempo também desistiram. Alguns jamais chegaram a dormir, mas compareciam todos os dias, ajudando no que fosse necessário. Uns saíam de manhã para o trabalho e retornavam para passar a noite na *Ocupa*. Como havia sempre o medo de uma invasão de pessoas contrárias à ocupação, era preciso organizar a presença de estudantes em todos os momentos do dia. A tarde era considerada o período mais crítico. Por vezes havia menos de dez pessoas no prédio. O número de ocupantes realmente comprometidos variou durante os 54 dias em que os estudantes permaneceram no prédio. Mas, em geral, a participação foi diminuindo com o tempo:

*DANIEL - No primeiro mês tinha 35, 40 sempre. A maior Ocupa em número era a nossa. Ali com 40, 45 dias, foi o ponto mais crítico, quando a gente tinha 15 pessoas dormindo por dia, às vezes menos. Aí a gente começou a se organizar. A gente tinha um grupo interno do facebook e começamos a ver por ali quem ia dormir. Se chegava a noite e só tinha 9 ou 10 pessoas a gente chamava mais e as pessoas se esforçavam pra vir. Mas quando chegou na fase final, nos últimos dez dias e que a gente começou a*

*ver quando ia desocupar, de que forma, qual dia... Aí aumentou. Teve uma noite na última semana que teve quase 60 pessoas dormindo. Foi impressionante. E a gente procurava fazer eventos mais à noite pra chamar mais gente. Mas o ponto mais crítico foi ali pelos 40 dias.*

A ocupação é um repertório de ação coletiva muito desgastante. Problemas pessoais e familiares, brigas durante as assembleias, exaustão física e mental, são alguns dos fatores que explicam a desistência de muitos estudantes:

*PAULO - As noites mais lotadas tinham 40, até 50 pessoas pra dormir, principalmente no início, nas primeiras semanas. Da metade pro final foi diminuindo bastante, no dia da desocupação devia ter 10, 15 pessoas. O pessoal foi saindo. Ou porque tava cansado emocionalmente, ou até fisicamente, ou porque tinha brigado com pessoas queridas pra estar ali e tinha que voltar pra casa, porque não tava mais conseguindo conciliar com o trabalho, por rixas internas, por discussões do tipo “Eu quero isso, eu quero aquilo, então eu vou embora”. Teve gente que ficou insatisfeita com o rumo das coisas.*

Entre razões emocionais, políticas e outras causas que podemos chamar de acidentais, algumas dezenas de alunos da Fabico e uns poucos de outros cursos da UFRGS, ocuparam a faculdade e ali permaneceram durante 54 dias. Apesar das pautas em comum, da escolha do mesmo repertório de ação coletiva, de estudarem na mesma Universidade e possuírem uma posicionamento político comum em relação ao governo federal, as *ocupas* da UFRGS possuíam especificidades, dependendo de diversos fatores, como a faixa etária dos ocupantes, a vinculação ou não a partidos políticos e coletivos, a experiência com o movimento estudantil, o relacionamento com os professores e direção, a característica física e geográfica do prédio ocupado.

## 5.2 A OCUPA MAIS NOIADA<sup>64</sup> DA UFRGS

Aspectos ligados à segurança do prédio estiveram entre as principais preocupações na *Ocupa Fabico*. Mesmo antes da reunião que definiu as comissões já houve a iniciativa de formar uma equipe provisória para controlar o acesso ao prédio. Ingrid, 20 anos, aluna do quarto semestre de Jornalismo, filiada ao PT, esteve desde a primeira noite na Comissão de Segurança. Com experiência anterior em uma ocupação da reitoria, ela admite a influência positiva dos secundaristas na decisão de ocupar, mas diz que os traumas vividos e narrados

---

<sup>64</sup>*Noiada* é uma gíria usada para descrever uma pessoa paranoica.

por eles, devido a ações violentas da Brigada Militar, causaram um medo coletivo que repercutiu também na Fabico. Ingrid conta que, apesar da relativa autonomia das comissões, alguns temas mais controversos sobre a segurança eram levados para apreciação geral nas assembleias:

*INGRID - A gente fazia relatorias sempre no final de cada assembleia, com as coisas que a gente decidia e algumas das coisas que a gente decidia a gente passava pra decisão coletiva porque implicavam numa questão de valores. Por exemplo, a gente queria fazer revista, então a gente submeteu ao grupo a ideia de revista. Em alguns momentos tinha revista, em outros caía a revista, porque a gente não tinha uma resolução muito certa com relação a isso. Então conforme foram acontecendo as assembleias a gente foi mudando de ideia.*

Os primeiros dias foram os mais tensos na entrada no prédio. E a tarde o período mais crítico. Alguns professores insatisfeitos, as direções e secretarias da Graduação e da Pós-Graduação subordinadas aos estudantes para poderem trabalhar, alunos nervosos, formandos, pós-graduandos em etapa final da pesquisa, pessoas com bancas de TCC, dissertação e tese agendadas, centenas afetadas pela ação de dezenas de estudantes. Cristine, 22 anos, aluna do quarto semestre de Jornalismo, também esteve desde o início na Comissão de Segurança. Como sofria de insônia, não tinha problemas em passar a noite acordada na portaria. Nos primeiros dias ela chegou a ser agredida:

*CRISTINE - Teve conflitos com pais de alunos que vieram aqui esbravejando, empurrando a gente na porta, batendo boca. Eu tomei uns cotovelaços, uns cinco, seis.*

Houve duas invasões individuais. Um aluno, descrito como alto, forte e lutador de jiu-jitsu, entrou à força, empurrando as estudantes que estavam na segurança naquele momento. Ele entrou, olhou o saguão, leu alguns cartazes nas paredes e decidiu jogar sinuca. Um ocupante foi chamado pela Comissão de Segurança para acompanhá-lo. Os dois ficaram conversando e jogando por um tempo, até que o intruso resolveu ir embora e nunca mais retornou. O outro caso envolveu um homem – 55, 60 anos, segundo algumas entrevistadas que presenciaram a cena – que queria ir na gráfica, no andar térreo da Fabico. Na portaria ele foi informado de que a gráfica não estava funcionando, mas não acreditou e entrou correndo, burlando a segurança. Já no saguão o homem foi abordado por dois ocupantes que o derrubaram. Ingrid veio conversar com ele, enquanto estava imobilizado no chão. Quando o

homem se acalmou, os estudantes levaram-no até a porta da gráfica. Ele viu que estava mesmo fechada e foi embora.

Outro incidente envolveu uma aluna de graduação, ainda nos primeiros dias. Ela precisava entregar um documento a uma professora que estava no prédio e não aceitou deixá-lo na portaria, fazendo questão de entregá-lo pessoalmente. A Comissão de Segurança ligou para a sala onde estava a professora e passou o telefone à aluna. Elas combinaram que a aluna subiria, mas quem estava na segurança não ouviu a autorização da professora. Ela subiu as escadas correndo, sendo perseguida por dois estudantes da Segurança. Amelia subiu as escadas segundos depois, a tempo de ver a aluna gritando com os dois perseguidores e brandindo um guarda-chuva para atacá-los. Ela descreve o episódio como um grande mal-entendido de comunicação. A *Ocupa* chegou a pedir desculpas no dia seguinte, mas a aluna não aceitou, alegando que tinha sido agredida e assediada.

A preocupação com a segurança do prédio não dizia respeito apenas à insatisfação de professores, alunos e pais. Muitas pessoas contrariadas se manifestavam nas *fanpages* das *Ocupas*, com maior ou menor agressividade. Mas alguns se organizaram para pressionar os ocupantes e a reitoria com mais firmeza. Nascia assim o *Desocupa UFRGS*. O *Desocupa* e o *MBL* pairavam no imaginário das ocupações da UFRGS sempre associados à ameaça de agressões. Cristine participou anonimamente, durante a ocupação, de um grupo criado pelo *Desocupa* no *whatsapp*. A intenção era monitorar os passos do grupo e prever possíveis ações contra a ocupação.

*CRISTINE - Eram ameaças muito baixas: “A gente vai lá, vai quebrar eles, vai voar cadeado nos dentes, vamos fazer uma doação pra eles e botar laxante na comida...” [...] A gente conseguia ver quando eles iam fazer petições, quando eles iam no Ministério Público fazer protesto...*

Em relação à segurança, as maiores tensões foram vividas no Campus do Vale<sup>65</sup>, na região leste de Porto Alegre, próximo à divisa com o município de Viamão. Durante uma assembleia, um homem chegou a apontar uma arma para os estudantes. Ameaças eram comuns nas *fanpages* das *Ocupas*. Muitas receberam fotografias de armas e ameaças de todo o tipo. No computador da Comissão de Segurança, onde eram feitos os cadastros das pessoas que entravam na Fabico, havia uma planilha chamada “Lista amarela – Barrados na *Ocupa*”. O documento continha sessenta e três nomes e fotografias de pessoas – 55 homens e 8

---

<sup>65</sup> O Campus do Vale tinha cinco ocupações.

mulheres – consideradas perigosas. A orientação era impedir a entrada de qualquer uma delas<sup>66</sup>.

Em um encontro realizado na Procuradoria Regional da República da 4ª Região, em Porto Alegre, no dia 18 de novembro, alunos e servidores da UFRGS denunciaram ações de provocação do MBL e do *Desocupa UFRGS* no IFCH, no Instituto de Artes (IA) e na Escola de Administração (EA)<sup>67</sup>. A página da *Ocupa Fabico*, assim como algumas outras, também recebeu fotografias de armas. Mas estas ameaças jamais chegaram a se concretizar. E apesar dos fatos de invasão relatados anteriormente, que podem ser considerados isolados para um período de 54 dias de ocupação, a preocupação exacerbada com a segurança não era consenso entre os ocupantes:

PAULO - *Eu acho que o pessoal da segurança exagerava. Quem ficou na Comissão de Segurança eram pessoas muito novas na Fabico, e não conheciam os mais velhos que tavam indo pras atividades. E muita gente da Fabico que tava querendo muito ajudar e conhecer foi barrada, foi confundida com o movimento Desocupa. O meu irmão veio me buscar um dia e foi confundido com alguém do MBL. Tinha uma paranoia muito grande.*

VERA - *Nossa ocupação foi uma das mais tranquilas. Teve situações pontuais, mas em geral não era uma ocupação visada pelo MBL, pelos movimentos de Desocupa. Acho que por conta de ser no meio da cidade, não sei, a gente ficava mais tranquilo. Era mais uma questão de precaução, sempre ficava umas duas pessoas acordadas de madrugada. Eu não achava que nada ia acontecer, eu era a menos noiada da segurança. Eu não achava que a nossa ocupação era visada.*

Embora defenda as medidas que foram tomadas para garantir a segurança do prédio e dos ocupantes, Cristine reconhece que essas atitudes trouxeram problemas:

CRISTINE - *Nossa paranoia justificada com segurança acabou afastando muita gente da ocupação. As pessoas não entendiam o porquê de toda aquela super vigilância das coisas.*

A preocupação com a segurança do prédio ajudou na propagação da fama da *Ocupa Fabico* como a mais organizada entre todas da UFRGS. Já nos primeiros dias foi criada uma planilha que registrava o horário de entrada e saída de todos os que visitavam a ocupação. Ao

<sup>66</sup>Ao lado de alguns nomes havia uma observação para chamar ainda mais a atenção de quem estivesse na portaria: “Cabeça”; “Violento”; “Cabeça violento”; “Extremamente violento”; “Cabeça jurídica”.

<sup>67</sup>Disponível em: <https://www.sul21.com.br/areazero/2016/11/estudantes-denunciam-ao-mp-federal-aco-es-de-integrantes-do-mbl-contra-ocupacoes/>. Acesso em: 3 ago. 2018.



chegar pela primeira vez, o visitante recebia um cartão com seus dados pessoais, escritos à mão, que deveria ser apresentado a cada visita. A revista em bolsas e mochilas também causava desconforto nos visitantes, mas era defendida pela Comissão de Segurança para evitar que drogas ou objetos comprometedores ingressassem na *Ocupa*.

*CRISTINE - No começo a gente era mais espiado, era uma preocupação de plantarem coisas aqui dentro pra nos incriminar. Então a gente olhava as mochilas, pedia pra nos mostrarem o que tinha dentro. Depois a gente foi relaxando com isso.*

Tamanho zelo gerou contrariedades, mas fez da *Ocupa Fabico* uma referência neste quesito. Um grupo de ocupantes da Economia chegou a visitar a Fabico para levar ideias sobre segurança para a própria ocupação. Outra preocupação era com carros que às vezes ficavam horas estacionados em frente à faculdade. Temia-se que fossem policiais disfarçados, os chamados P2.

*NARA - A gente tinha uma lista de carros de P2 que ficava na portaria, na segurança. Uma lista de cores e placas de carros que a gente via parados aqui nos olhando.*

A preocupação com a segurança também teve repercussão na comunicação produzida pela *Ocupa*. Conforme será mostrado adiante, questões como mostrar ou não o rosto, fazer ou não fazer vídeos e divulgar ou não imagens internas do prédio afetaram a produção de comunicação da *Ocupa*, sendo seguidamente tema de debate nas assembleias.

### 5.3 HORIZONTALIDADE E LIDERANÇAS DILUÍDAS

Uma das principais características de muitos coletivos de resistência dos últimos anos é a maneira colaborativa e horizontalizada com que se organizam internamente. A palavra horizontalidade, no sentido em que tem sido ultimamente empregada para descrever novos movimentos sociais e coletivos de ação política, sinaliza a ausência de lideranças definidas, de hierarquias previamente acordadas, sugerindo que, pelo menos em tese, todas as pessoas e falas tem o mesmo peso e nenhuma decisão importante pode prescindir de apreciação geral em assembleia. Mas falar em horizontalidade não implica em decretar a ausência de qualquer tipo de lideranças, e sim apontar que não há nenhuma pessoa com legitimidade para tomar decisões que prescindam da deliberação entre os participantes. Referindo-se à dinâmica

organizacional do já citado Bloco de Lutas pelo Transporte Público, Haubrich (2018, p. 158) afirma: “Havia, é claro, líderes de fato, sujeitos que, por suas ações, ganhavam proeminência nos processos decisórios, mas essa liderança era pouco ou nada institucionalizada, de forma a que todos fossem parte efetiva da construção coletiva”.

Grupos de resistência com estruturas horizontais de organização não são propriamente um fenômeno novo na história da luta política e dos movimentos sociais. Como afirma Gitlin (2012), isso tem ocorrido cada vez com mais frequência, desde a segunda metade do século XX, nos Estados Unidos, por exemplo. De inspiração anarquista, estes modelos se constroem de acordo com a situação, com o oponente e com as pessoas envolvidas, sem seguir um rígido exemplo específico: “Desde os anos 70 ativistas se revoltam contra a autoridade de quem quer que seja, inclusive deles próprios” (GITLIN, 2012, p. 83, tradução do autor). Hardt (2014, p. 5-6) vai na mesma direção:

Importantes práticas dentro dos próprios movimentos nos EUA foram dramáticas e determinantes e levavam à derrubada, muitas vezes de forma violenta, dos seus líderes. Qualquer pessoa que fosse escalada para ser líder, que assumisse posição de liderança ou aceitasse que a mídia o criasse como líder podia ser alvo. No movimento feminista americano, esse processo foi chamado de *trashing*. Quando uma mulher aceitava tal papel e se dizia líder do movimento feminista, outras de dentro do mesmo movimento a removiam da liderança, diziam não. Isso foi bastante forte nos EUA e não ocorreu apenas no movimento feminista. Agora, está muito difundido nos movimentos sociais, que não mais aceitam alguém que se posicione como líder.

Tantos são os relatos, vindos de tantas partes do mundo, de grupos que se organizam desta maneira, que penso não ser exagero dizer que este é um dos principais paradigmas dos movimentos atuais. Paradigma que se opõe à verticalidade de comando dos movimentos sociais tradicionais, partidos políticos e sindicatos.

Durante a ocupação da Fabico, era visível a maior capacidade de articulação verbal de alguns deles, fruto de experiências políticas anteriores, e o quanto isto fazia com que fossem consultados pelos colegas em determinadas situações. Como bem coloca Gitlin (2012, p. 101-102, tradução do autor), às vezes, ainda que não sejam buscadas lideranças, elas aparecem. Algumas pessoas passam então a ser vistas como referências importantes:

Em todos os grupos sociais os líderes aparecem. Eles surgem no curso da ação, quando emergem os atos de liderança. [...] Alguns são rotulados assim, outros não. Alguns aceitam o rótulo, outros não. Aqueles que conquistam uma reputação de liderança são tratados como líderes. É simples (e complicado) assim: Líderes são pessoas que os outros seguem – admiram, prestam atenção, reconhecem.

Alguns ocupantes reconhecem que havia pessoas que eram tomadas como referência. À época da ocupação, Lara tinha 18 anos e estava no quarto semestre de Jornalismo. Uma das três coordenadoras do Dacom, ela integrou a Comissão de Comunicação desde o início da *Ocupa*:

*LARA - Tinha um pressuposto de que era uma coisa horizontal, sem liderança explícita, sem hierarquia, desde o início. Não era uma coisa definida, era uma questão de credibilidade, de as pessoas nos ouvirem e através do nosso discurso confiarem mais na gente. Foi uma coisa muito espontânea. Eu via que eu era uma pessoa que as pessoas confiavam, por eu estar sempre aqui, por ter me dedicado totalmente, por ter largado tudo na minha vida pra ficar aqui. [...] Acho que tinha umas sete, oito pessoas que eram referência, pessoas que demonstravam já ter experiência. Mas nem sempre o fato de já ter participado de uma ocupação dava credibilidade a ela. Se ela já participou mas não tá aqui todo o dia, o pessoal automaticamente já dizia: “Não, mas tu não tá aqui todo o dia”. Geralmente era quem tava pegando junto todo o dia ou quem já tinha experiência com ocupação.*

Para Barbara, havia as lideranças positivas e as lideranças negativas:

*BARBARA - Tentava-se ao máximo não ter cargos ou funções de liderança e nem fomentar isso. Tanto que nas entrevistas a gente tentava fazer uma rotação, ou levar mais de uma pessoa, pra que não ficasse essa sensação de liderança. Mas às vezes ou rolava liderança porque a pessoa era pró-ativa e coordenava alguma coisa, tipo na Segurança, ou pessoas que eram muito centralizadoras, por característica, por personalidade, e às vezes destoava do comportamento. Acontecia. Ninguém foi líder, mas eu acho que tinha essas duas situações: ou pessoas que por personalidade acabavam se exacerbando e se colocando num nível de liderança que não tava colocado, ou as pessoas acabavam se destacando porque pegavam as frentes de coisas que outras pessoas não pegavam.*

Como a *Ocupa Fabico* não foi deflagrada por um grupo organizado que preexistia à ocupação, mas que se formou através de uma reunião de pessoas com perfis diferentes, tanto de classe e raça, como de distintas experiências políticas, é compreensível que alguns se destacassem com o passar dos dias e conquistassem uma maior ascendência sobre o coletivo, sem que isso necessariamente ferisse o estatuto informal da horizontalidade:

*LUIS - É claro que lideranças vão aflorando, mas não se nomeava um líder. Era se colocar onde se sentia melhor, mais funcional. Eu acho que não existe horizontalidade completa, nunca existiu e nunca existirá, nem na Comuna de Paris. Eu acho que existem aptidões. Existem pessoas que até*

*pela trajetória de luta social têm um desprendimento maior e um acúmulo maior. Tem pessoas que não têm esse desprendimento, mas foram importantes. Vão ter funções, vão ter características humanas que vão diferenciar as pessoas. Querendo ou não, existirão certas hierarquias.*

*LUCIANA - Havia lideranças. Acho que querendo ou não é uma coisa natural. [...] Mas acho que isso não deslegitima o movimento como sendo horizontal.*

Para Cristine e Nara, então com 19 anos e cursando o primeiro semestre de Publicidade e Propaganda, questões de gênero também influenciavam nesta relação:

*NARA - Tinha caras que passavam o dia inteiro dormindo, ressurgiam no momento da assembleia, falavam um monte de coisa, iam dar o seu rolê e voltavam no outro dia e faziam a mesma coisa. Só tavam ali pra falar, pra dizer que mandavam em alguma coisa. Pra mim eles não eram líderes, mas pra outras pessoas eles poderiam ser. Tinha pessoas que tavam há muitos semestres na faculdade. Muitas vezes essas pessoas eram vistas sim como líderes. Homens, na maior parte das vezes.*

*CRISTINE - Incomodava eles quererem assumir posições de liderança aqui dentro, coordenar as coisas, quando a ideia é que fosse um movimento mais horizontal, como uma equipe, e não com um chefe mandando nos outros. Isso era o que mais incomodava, pelo menos pra mim. E às vezes os homens queriam estar mandando, mas eles não ajudavam no serviço prático, do dia a dia. Isso incomodava bastante.*

Antonia, então aluna do primeiro semestre de Jornalismo, tinha 21 anos durante a *Ocupa*. Cotista de raça, renda e escola pública, acostumada a perceber o racismo em suas formas mais sutis, ela aponta a branquitude como um elemento importante para a formação de lideranças:

*ANTONIA - Havia lideranças lá dentro. Os líderes eram as pessoas brancas, e tomavam a frente de tudo. Eu não coloco culpa em ninguém, também não acho que foi uma coisa ruim, porque eu não sei se eu teria coragem de ficar naquele lugar de liderança. Então eles fizeram, alguém tinha que estar naquele lugar.*

Além de operacionalizar o dia a dia e ajudar na sobrevivência de uma ocupação, a criação de comissões também tem por objetivo pulverizar o poder e distribuir tarefas de modo a inserir todos, de acordo com suas habilidades, na construção de uma luta coletiva. Mas através das conversas com os ocupantes e mesmo das minhas lembranças da *Ocupa*, acho possível dizer que algumas comissões tinham mais peso que outras. As comissões de

Articulação e Comunicação, por exemplo, reuniam a maior parte destas pessoas que de alguma maneira serviam de referências na ocupação:

*JULIO - A gente tava lá, todo mundo dentro da mesma situação, mas algumas pessoas julgavam que a comissão X era mais importante que a comissão Y, portanto a comissão X tinha direito a ir nas reuniões com as outras ocupações, ou com os professores. Tipo a Comissão de Comunicação. As pessoas daquela comissão eram do 4º, 5º, 6º semestre, e se julgavam já profissionais, portanto as opiniões delas eram mais válidas. Eram essas coisas que desgastavam.*

Para Nara, a formação das comissões também passava pela questão racial:

*NARA - Muitas vezes as pessoas brancas ficavam em comissões mais legais, mais empolgantes de estar.*

De qualquer maneira, estas lideranças não saltavam aos olhos de imediato. Alguém que fizesse visitas esporádicas à *Ocupa*, ou mesmo que presenciasse uma assembleia, poderia sair dali com a convicção de ter presenciado um movimento absolutamente horizontal, onde o coletivo reprimia qualquer individualidade destoante do grupo e sufocava toda liderança em potencial. Tanto assim que mesmo alguns ocupantes que estiveram presentes do início até o fim do processo negam a existência de lideranças:

*VERA - Elas não existiam, eu pelo menos não vejo. O que aconteceu é que tinham pessoas que participavam mais do que outras. Algumas pessoas se pronunciavam mais. Mas de se tornarem líderes, eu acho que não aconteceu.*

*TANIA - O que acontecia é que havia as figurinhas carimbadas da ocupação, pessoas que tu chegava a estranhar se não tavam ali no dia, porque eram pessoas que tavam podendo se dedicar diariamente. Eu não tava trabalhando, por exemplo, eu podia estar ali 24 horas.*

Outros alegam que o próprio mecanismo de funcionamento da *Ocupa* reprimia tentativas de imposição por parte de determinadas pessoas:

*JULIO - Às vezes pessoas com personalidades mais fortes começavam a se sobressair sobre outras e com elas a opinião delas acabava se sobrepondo à opinião de outras pessoas que não tinham a voz tão ativa quanto a delas. [...] Mas eu percebia que em todos os momentos em que alguém se botava na posição de líder isso não era bem visto pelas pessoas.*

BARBARA - *Esse pessoal às vezes vinha com uma fala mais de liderança e a gente dizia: “Opa, peraí, é pra ser horizontal, não é pra ter uma figura de liderança”. E eu não digo nem que seja por má fé, acho que é por essa posição, que é um conhecimento diferente né? A gente era só estudantes e tinha umas pessoas que tinham uma experiência de militância que puxa pra uma liderança, pra ser pró-ativo, pra ter uma fala mais imponente. Isso às vezes destoava sim.*

Embora de fato não houvesse lideranças definidas, nem pessoas eleitas para comandar a *Ocupa* e ser a voz e o rosto do movimento pro exterior, estes papéis acabavam sendo assumidos por alguns ocupantes. As entrevistas e as observações *in loco* apontam para três fatores que faziam com que alguns conquistassem um respeito maior dos colegas, tornando-se referências: a experiência política, o comprometimento de estar presente fisicamente e a pró-atividade na ocupação.

Mas o curioso é que a experiência política que não viesse acompanhada pelos outros dois aspectos não rendia a essa pessoa tal posição de ascendência. Alguns ocupantes participavam de coletivos políticos. Estavam acostumados a embates ideológicos e conflitos de ideias. Mas por mais que possuíssem uma fala articulada e demonstrassem sabedoria no tema em pauta, não conquistariam grande legitimidade perante os demais se não participassem no dia a dia de tarefas menos glamurosas, mas fundamentais na manutenção da ocupação, especialmente questões de estrutura interna como a limpeza e a organização do espaço para as atividades diárias. Conforme os entrevistados, pessoas que só apareciam para participar das assembleias e tentar impor suas opiniões foram sendo cada vez menos ouvidas, a ponto de, com o tempo, não comparecerem mais nem às assembleias.

Mas ainda que nenhuma das *Ocupas* da UFRGS tenha designado líderes oficiais, o jornal *Zero Hora* publicou matéria mostrando quem seriam, supostamente, alguns dos líderes do movimento<sup>68</sup>. A reportagem destacava três estudantes, todos eles ligados a partidos políticos de esquerda. A filiação partidária costuma ser tratada pela imprensa hegemônica como uma espécie de mácula na militância, como algo que fere a pureza da intenção política e a suposta superioridade ética do discurso dos estudantes. Há uma necessidade midiática e policial de individualizar uma ação coletiva, de apontar o dedo para alguém que personifique um coletivo, até para fins de incriminação. Como escreveu Gitlin (2012, p. 103, tradução do autor): “O aparato das celebridades necessita delas, procura-as e as encontra”. Foi assim em

---

<sup>68</sup>*Quem são os líderes das ocupações em escolas e universidades do RS?* Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/11/quem-sao-os-lideres-das-ocupacoes-em-escolas-e-universidades-do-rs-8255172.html>. Acesso em: 14 fev. 2017.

2013 e 2014 durante os protestos contra o aumento das tarifas de ônibus e a realização da Copa do Mundo no Brasil. Elisa Quadros, a Sininho, ganhou as capas dos principais jornais e revistas do país, apresentada como uma militante perigosa, definida por vezes como terrorista<sup>69</sup>, ainda que nenhum grupo jamais se referido a ela como uma liderança.

Talvez a melhor maneira de definir essa existência de lideranças mesmo em um espaço onde toda a organização é baseada e norteada pela busca da horizontalidade, tenha sido escrita em um dos muitos cartazes que cobriam as paredes internas do prédio da Fabico: “Liderança não é chefia”. Um certo grau de liderança era bem vindo entre os estudantes da *Ocupa*, metade deles sem qualquer experiência política anterior. Mas a partir do momento em que uma pessoa se colocava numa posição de destaque, ela tinha a sua atenção chamada. Se nada mudasse, ela deixava de ser considerada uma liderança.

#### 5.4 COLETIVOS E PARTIDOS NA OCUPA

O movimento secundarista de São Paulo, pioneiro nas ações recentes de ocupações de instituições de ensino no Brasil, teve entre seus apoiadores movimentos sociais – principalmente os de moradia urbana –, coletivos ligados a partidos, coletivos anarquistas e partidos de esquerda, como o PT, PSOL, PSTU e o PCB. Mas aconteceram várias situações, em diferentes escolas, em que os estudantes precisaram chamar a atenção de seus apoiadores quando estes tentavam assumir a direção interna do movimento ou se promoverem publicamente às custas das ocupações. Conforme Campos, Medeiros e Ribeiro (2016, p. 160), “Quem tentasse ‘tomar a frente’ dos estudantes seria imediatamente denunciado e teria perdido sua legitimidade, que estava circunscrita a seu papel – externo – de ‘apoiador’”. Esta é uma característica interessante presente em muitos grupos de resistência atuais: apoios são bem-vindos, desde que não tentem interferir na autonomia das ocupações:

Nenhum grupo político – fosse ele estudantil (como a Umes<sup>70</sup>), sindical (como a Apeoesp), partidário (como as juventudes do PCB, PSTU e PSOL) ou de movimento popular (como o MTST e outros) – jamais poderia sequer almejar hegemonizar ou dirigir o movimento como um todo. Mesmo em uma dimensão micro, na dinâmica de uma única ocupação, não era simples para um grupo tentar mandar no dia a dia dos ocupantes ou manobrar a sua assembleia interna (CAMPOS; MEDEIROS. RIBEIRO, 2016, p. 155).

<sup>69</sup>Elisa Quadros foi chamada de *fadinha dos black blocs*, pelo ex-colunista da Veja Reinaldo Azevedo e estampou a capa da edição de 15 de fevereiro de 2014 da revista da editora Abril, sob a manchete *Os segredos de Sininho – a militante Elisa Quadros, protetora dos black blocs, é chave para descobrir quem financia, arma e treina os vândalos*.

<sup>70</sup> União do Movimento Estudantil Social.

Isso vale para os secundaristas, mas também para as *Ocupas* das universidades. Como já foi apontado, alguns integrantes da *Ocupa Fabico* pertenciam à coletivos, quase todos ligados a partidos de esquerda. Mas, segundo eles, o número de estudantes independentes era tão superior que nenhum coletivo teve força para influenciar os rumos do movimento:

*DANIEL - Isso é uma grande diferença política da Ocupa Fabico pra várias outras ocupações, inclusive o IFCH, por exemplo. A Ocupa Fabico não teve uma organização política institucionalizada, um movimento tal que representasse os alunos. Tinha vários integrantes de movimentos, mas aqui na Fabico eles não representavam os movimentos, os coletivos. Em nenhum momento tinha uma bandeira aqui, foi uma coisa muito orgânica. Surgia embates em assembleias, e se via que o discurso tinha a ver com o coletivo que ela fazia parte, mas era uma consequência só. Enquanto no IFCH, lá no Vale, tinha sete coletivos que participaram da ocupação enquanto coletivos. Então isso gera uma tensão maior, é mais problemático, toda decisão é uma decisão política entre os coletivos. Então tem ego, tem uma série de fatores envolvidos. [...] Aqui tinha gente do PT, PSOL e anarcos. Inclusive na Comissão de Articulação. A gente achou que podia quebrar o pau mas não, funcionou muito bem.*

*CRISTINE - Eu via bastante isso na ocupação da Administração e da História, que eu via que tinha posicionamentos bem partidários.*

*EMANUEL - Aqui a gente tinha poucas pessoas de coletivos. A gente tinha divergências e sabia dessas divergências. A gente nunca entrou com essa de ser isentão, mas eu nunca fiz política de aproximação pra trazer alguém pro coletivo, eu nunca quis pautar as coisas do Juntos.*

Mas mesmo nas *Ocupas* em que havia uma influência mais forte de algum coletivo, não houve uma vinculação pública com grupos políticos ou quaisquer siglas/movimentos. As influências, quando aconteciam, se davam no funcionamento interno da *Ocupa*:

*DANIEL - Se tu vai no Julinho<sup>71</sup>, que é uma escola politicamente já tradicional, tem uma presença do movimento estudantil, mas não é uma coisa tão forte, tão profissionalizada. Na UFRGS não, na UFRGS tu entra e já sabe que tem fulaninho de tal coletivo, e tal coletivo age de tal forma, e quando tem eleição no DCE faz aliança com tal coletivo... Então tem um grau de complexidade e de profissionalização muito maior. Eu acho que os secundaristas conseguiram construir por muito tempo um movimento mais independente, com pautas feitas de um jeito diferente, e na UFRGS a gente teve mais uma briga de coletivos.*

---

<sup>71</sup>Colégio Estadual Júlio de Castilhos.



*JULIO - Num primeiro momento, nas primeiras assembleias, dava pra perceber que existia uma tentativa de pessoas ligadas a partidos fazerem parte da ocupação para tentar aliar os pensamentos do partido delas aos da ocupação. Mas minha turma em específico tinha muita gente que vinha do interior e não tinha muita ligação com partido político, com movimento estudantil e tal. Então essa ideia de trazer o partido pra dentro da ocupação acabou se perdendo e conseqüentemente essas pessoas também acabaram se afastando da ocupação e indo pra outras.*

*VERA - Tinha pessoas aqui dentro de coletivos bastante conflitantes. Então tinha gente do Juntos e outros ligados ao PT, e eles têm muita rixa. Mas a maioria era gente independente, gente do primeiro e do segundo semestre. E eram pessoas que tavam participando do movimento estudantil pela primeira vez, não eram ligadas a coletivos.*

Dois dos entrevistados para esta pesquisa integravam, ao tempo da ocupação, o Coletivo *Juntos*<sup>72</sup>. Para eles, acostumados a outras ocupações e a longos debates políticos, a *Ocupa Fabico* criou uma espécie de novo paradigma em militância. Ambos são hoje bastante críticos da política praticada pelos coletivos na Universidade.

*LUIS - Isso foi bem nítido pra mim. Seja em ocupação da reitoria ou eleição do DCE, ou eleição do Dacom, é um coletivo aqui, um coletivo ali, vão num canto e decidem alguma coisa. E tu nem conversou com a outra pessoa, tu não olhou nos olhos dela, tu não sabe porque que ela tem a política dela, a plataforma de governo dela. A gente já vem dos debates internos dos coletivos com certezas muito prontas pra fora. E aqui, chegando nesse espaço a gente criou uma coisa muito nova. Foi um momento de muita superação pra todo mundo ali. Raramente tu vai ver um espaço com um anarco, com o PT, com o PSOL, com oposição de esquerda ao PSOL, que seja um ambiente positivo. Então todo mundo deu uma pisada no chão, despindo essas certezas, essas pequenas arrogâncias.*

*EMANUEL - A ocupação da reitoria, pelas cotas, foi uma das piores experiências políticas da minha vida. Pauta importantíssima, mas o método dela.... Aqui na Fabico a gente não tinha muitas pessoas filiadas a partidos ou a coletivos querendo defender os seus coletivos. Aqui a gente conseguiu fazer muitas coisas em pauta comum, deixar nossas diferenças de lado e construir. Mas na ocupação da reitoria... Eram profissionais, por assim dizer, do movimento estudantil. Então era uma briga de egos, em toda reunião se dizia: “Eu sou o fulano de tal do coletivo tal”. Teve uma assembleia da reitoria que durou 8 horas e meia. E não foi decidido nada, não foi aprovado nenhum encaminhamento. Levava-se um tempo muito grande nas assembleias. E era uma função porque não se conseguia chegar a um consenso.*

---

<sup>72</sup>Ambos deixaram de participar do Juntos após a ocupação.

Segundo Nara, membros de coletivos que compareciam só nas assembleias da Fabico não gozavam de grande conceito por parte dos estudantes. Barbara fala em uma dupla identidade, formada pela visão subjetiva e pela orientação do coletivo e/ou partido. Para Luis, um dos principais legados das ocupações da UFRGS é o surgimento de um novo perfil militante:

*LUIS - O velho é esse militante que entra no movimento estudantil pra usar a camisa do coletivo, pra passar em sala de aula e conquistar o DCE, o Dacom. O novo é um perfil independente, que não gosta das tretas, que percebe as subjetividades, os afetos, a representatividade, a tolerância, o respeito. Tu via o estudante falando por si. No perfil do estudante organizado é sempre o coletivo acima. Foi a única ocupação em que eu me senti com voz. Eu decidi por mim e falei por mim, e isso me fez crescer muito.*

*BARBARA - Era uma dupla identidade, porque era a pessoa e o coletivo que ela carregava. Mas acho que aqui dentro não chegou a ser um problema. [...] Às vezes as pessoas tinham divergências e levavam esses pré-conceitos da escola de esquerda de cada um pras assembleias, mas acho que não chegou a ser uma questão. Todo mundo pôde conviver e ter o mesmo peso da fala.*

*NARA - Alguns participantes de coletivos que não estavam ocupando participavam das assembleias, só pra ficar vendo, mas a gente não dava muita moral pra eles. Às vezes nos debates, nas rodas de conversa, eles tentavam puxar algum viés, e às vezes ficava muito destacado. E se alguém participava de algum coletivo a opinião dele resultava numa fala mais política, mas nunca nada orientado. Era tudo muito a gente fazendo pela gente.*

Outra razão para que a presença de representantes de coletivos entre os alunos independentes não transformasse a *Ocupa Fabico* em uma arena de disputa pela hegemonia na condução do movimento, é que estas pessoas faziam parte de grupos diferentes. Não havia um único partido ou coletivo dominando numericamente a ocupação. Uma das consequências foi a convivência surpreendentemente amistosa entre eles, algo não muito comum, segundo os estudantes com experiência em movimento estudantil.

*PAULO - Tinha gente do PT, do PCdoB, de coletivos de partidos, PSOL... [...] Teve coletivo autônomo, teve gente marxista, mais centro-esquerda, mas era todo mundo da Ocupa, os partidos não entravam de forma decisiva em nada. Isso foi uma coisa muito legal, o pessoal tava ali vestindo a bandeira da Ocupa, e não a bandeira do coletivo ou do partido.*

CRISTINE - *A visão pessoal e o partido ou movimento que ela era filiada influenciava na opinião dela e das pessoas que ela conseguisse convencer daquilo na assembleia, mas não acho que de um modo geral influenciava.*

LUIS - *Quem era de coletivo se despiu um pouco, se desnudou um pouco por um negócio maior. Porque sempre o movimento estudantil é levado pelo coletivismo: “Eu sou do coletivo tal, vou defender isso e foda-se”. Às vezes tu nem concorda tanto. Centralismo democrático. Na Fabico tu realmente ia lá porque ou tu discordava ou tu concordava, e tu podia concordar ou discordar e beleza. Já teve umas coisas do DCE que eu discordei e depois tomei advertência, porque eu não segui tal linha. E ali não.*

Embora apresente características comuns a outros repertórios semelhantes, aplicados em situações e lugares distintos, a *Ocupa Fabico* aparece na fala dos estudantes, principalmente os que possuem maior bagagem política, como uma experiência diferente do que já fora vivido por eles até então. Sem estar livre de problemas de relacionamento ou mesmo da reprodução de preconceitos existentes na sociedade – conforme será mostrado a seguir –, a ocupação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação apresentou novidades em relação às demais ocupações ocorridas na UFRGS antes da luta contra a PEC, especialmente as ocupações da reitoria.

## 5.5 RELAÇÃO COM PROFESSORES E REITORIA

Assim como em vários outros aspectos, a qualidade da relação dos ocupantes com os professores de seus cursos variou muito de ocupação para ocupação. Na *Ocupa Letras*, por exemplo, houve intensa participação dos professores, talvez mais do que em qualquer outra. Em algumas oportunidades, eram eles que ficavam tomando conta do prédio, para que os estudantes participassem de atos contra o governo Temer no centro de Porto Alegre. Uma aluna referiu-se à relação com eles como o principal legado da ocupação.

Vários quadros da Universidade manifestaram apoio público às *Ocupas*, através de declarações que foram divulgadas nas várias *fanpages*, como, por exemplo: discentes dos programas de pós-graduação em Educação, Sociologia, Antropologia Social, Políticas Públicas, Ciência Política, Comunicação e Informação, Filosofia; docentes dos cursos de História e Comunicação; servidores do Colégio de Aplicação; o Conselho Superior Universitário (Consun) e a Assembleia Geral de Docentes da UFRGS (ANDES-SN – Seção sindical/UFRGS) – que se referiu ao movimento como *primavera estudantil*.

Desde a assembleia que decidiu pela ocupação, os estudantes da Fabico puderam contar com o apoio de boa parte dos professores da faculdade. Alguns relutaram em cancelar suas disciplinas, transferindo aulas para o prédio anexo ao da Fabico:

LUCIANA - *Lembro de professores meus me pressionando por trabalho durante a ocupação, chamando de invasão, mandando e-mails pra turma toda.*

Mas essas vozes de contrariedade eram minoria e não chegaram a desequilibrar a relação entre eles. Em outras faculdades ocupadas da UFRGS alguns professores não seguiram a recomendação dos estudantes, de cessaram as aulas e qualquer outro tipo de atividade acadêmica. Este foi o caso da Faced, como mostra a publicação do dia 7 de novembro na *fanpage* da ocupação:

COM OCUPAÇÃO, NÃO TEM AULA FORMAL!!!

Iniciamos uma campanha como apelo aos professores que se colocam favoráveis às ocupações, mas apesar disso têm mantido as atividades curriculares pelas plataformas virtuais (ou no bar do Antônio). Se tu apoia a Ocupa, assina e interrompe o calendário acadêmico para barrar a PEC! (OCUPA FACED – 07/11/2016).

Na Esefid, que congrega os cursos de Educação Física, Fisioterapia e Dança, houve uma divisão profunda entre os professores. Os docentes que se posicionaram contrários à ocupação, majoritariamente do curso de Educação Física, cancelaram atividades de Extensão voltadas à comunidade e não as retomaram até a época deste trabalho – dois anos depois. Além disso, segundo me foi relatado por uma professora da Fisioterapia, alguns deles seguiram ministrando aulas em um shopping center próximo a faculdade durante a ocupação.

Na Fabico também houve casos de professores que não respeitaram a paralisação e seguiram com suas disciplinas, enviando trabalhos, orientando leituras, comunicando-se com seus alunos por e-mail ou alguma outra ferramenta digital, cobrando prazos e determinando tarefas. Mas a maioria dos docentes esteve ao lado dos ocupantes, ministrando aulas na *Ocupa*, propondo ações e estratégias de comunicação, colaborando com doações. Foi o caso de Luciana Pellin Mielniczuk, professora da Fabico falecida em 7 de março de 2017. Luti, como era conhecida, é lembrada com muito carinho pelos ocupantes e citada como alguém que estava sempre presente na *Ocupa*, que oferecia cafés da manhã aos alunos e se reunia periodicamente com a Comissão de Comunicação<sup>73</sup>. Uma outra professora preparava feijão e

---

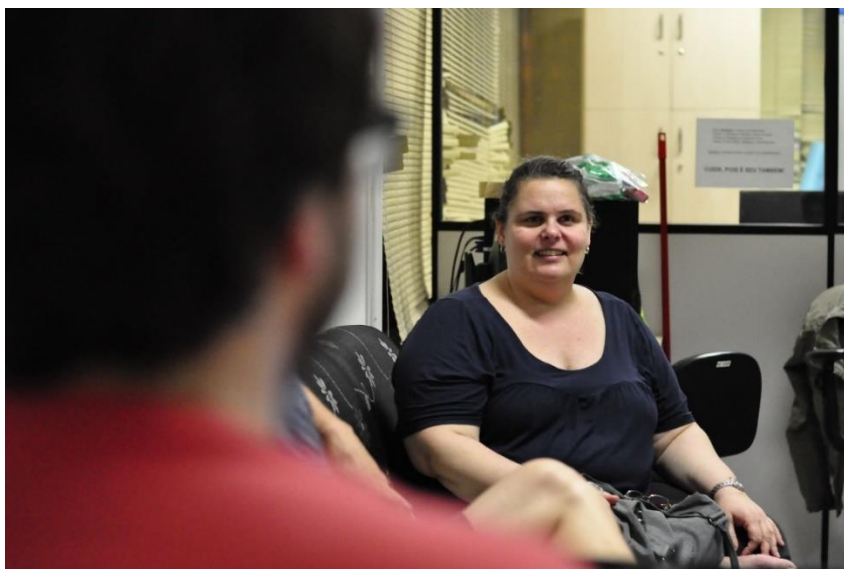
<sup>73</sup>A internet e os sites de redes sociais estavam entre suas áreas de interesse como pesquisadora.

levava para os alunos todos os finais de semana. Para Daniel e Lara, este apoio foi um dos diferenciais da *Ocupa Fabico* em relação a algumas outras *ocupas* da UFRGS:

*DANIEL - Uma relação privilegiada comparada com as outras. Acho que duas professoras se pronunciaram publicamente contra nós, mas não teve eco porque havia um apoio docente muito forte, oficial inclusive. Bastante participação no dia a dia. Os professores vinham, traziam mantimentos, conduziam atividades, tinha um apoio muito forte. As vozes dissonantes nem eram sentidas.*

*LARA - A gente foi muito sortudo por ter o corpo docente que a gente tem. A maioria é de esquerda, a maioria apoia.*

Figura 3 - Professora Luti reunida com a Comissão de Comunicação



Fonte: Acervo pessoal dos estudantes

Emanuel integrava a Comissão de Articulação, responsável, entre outras questões, pela relação com os professores e diretoria da Fabico. Ele diz que havia o desejo, por parte dos estudantes, de manter uma boa relação com a direção e os professores. As ocupações já contavam com a oposição de muitos alunos da Universidade – estivessem ou não ligados ao movimento *Desocupa UFRGS* –, de grupos de direita da sociedade civil, como o *MBL*, e despertavam a desconfiança dos principais veículos midiáticos do Rio Grande do Sul. Sendo assim, uma relação saudável com os docentes da Fabico era desejável não apenas por dar mais força política às *ocupas*, mas também pelo fator emocional, de se sentirem cercados de apoiadores:

EMANUEL - *Porque nunca foi do nosso interesse ter um relacionamento ruim com os professores e funcionários da Fabico. Foi justamente isso que eu trabalhei muito nas duas primeiras semanas: era construir uma relação que fosse saudável. É obvio que teria interferência, estamos ocupando um prédio, a gente não pode deixar o PPG funcionar 100%, a secretaria funcionar 100%, porque não é assim que funciona. E eu sempre busquei essas relações pra gente não ser penalizado no final.*

Organizadas pela diretoria da faculdade, em conjunto com a Comissão de Articulação da *Ocupa*, as reuniões eram constantes entre docentes e ocupantes. Os estudantes normalmente eram representados por duas ou três pessoas:

VERA - *Às vezes tinha reuniões que a gente discordava, mas não teve nada de muito intenso. Acho que eles não atrapalharam. Mas essas negociações com a direção eram sempre chatas.*

A Ocupação da Fabico provocou mudanças institucionais importantes. Pela primeira vez na história da faculdade, professores dos diferentes departamentos (Comunicação e Informação) realizaram reuniões e deliberações conjuntas, semanalmente. Embora compartilhassem o mesmo prédio, docentes destas duas áreas não possuíam nenhuma agenda em comum. Isso mudou a partir da *Ocupa*.

No dia 4 de novembro de 2016, portanto, uma semana após o início das ocupações da UFRGS, o Conselho Superior da Universidade (Consun) divulgou a seguinte moção de apoio às *ocupas*<sup>74</sup>:

O Conselho Superior da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, reunido em 4 de novembro de 2016, vem manifestar-se em relação a importantes assuntos da pauta política nacional que atingem diretamente a educação brasileira, especialmente a educação pública. O Conselho Universitário entende que são legítimas as manifestações do movimento estudantil e solidariza-se a sua luta em defesa da educação pública em repúdio à PEC nº 55/2016, à Escola sem Partido e à reforma do ensino médio proposta pelo governo federal em medida provisória.

No dia 9 de novembro foi a vez dos professores lançaram uma nota de apoio aos estudantes. O Manifesto foi escrito após plenária conjunta dos Departamentos de Comunicação e Ciências da Informação da faculdade. Segue abaixo um trecho do texto dos docentes:

---

<sup>74</sup>Seis dias depois, o Conselho Universitário da Universidade Federal das Ciências da Saúde de Porto Alegre também divulgou moção contra a PEC e apoiando a ação dos estudantes.

#### MANIFESTO DE APOIO ÀS (AOS) ESTUDANTES DA FABICO/UFRGS

Nós, professoras e professores dos Departamentos de Comunicação e Ciências da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, reunidos em plenária, expressamos publicamente nosso integral apoio às mobilizações promovidas pelas(os) estudantes dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia, Jornalismo, Museologia, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas.

Ao lado das alunas e dos alunos, que promovem manifestações legítimas e pacíficas em todo o país, afirmamos a importância histórica deste movimento nacional de resistência que reúne escolas, institutos federais e universidades em defesa da educação e de outros direitos dos cidadãos brasileiros.

Como eles, rechaçamos o autoritarismo de um governo cuja política consiste em retirar direitos elementares de vários segmentos sociais, adotando medidas de eficácia questionável e sem respaldo da população. [...]

Por todas essas razões, solicitamos à Reitoria da UFRGS que garanta a segurança dos que se encontram nas manifestações e expressamos nossa preocupação com a possibilidade inaceitável e injusta de incriminação dos estudantes. Entendemos ser fundamental garantir o amplo respeito à decisão soberana das assembleias discentes, legalmente convocadas, que deram início aos protestos em curso na Universidade.

Professoras e professores reunidos em FABICO/UFRGS.

O Manifesto foi publicado no site oficial da Fabico e compartilhado na página da *Ocupa*. O título da postagem era “Obrigado, Mestres!” e iniciava com um agradecimento pelo apoio:

Na última quarta-feira, os professores da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação emitiram uma nota, em nome de todos, apoiando o nosso movimento. Muitos deles têm nos visitado, cooperado e contribuído para nossas atividades e nosso posicionamento. Não apenas em sala de aula, nossos mestres continuam presentes no nosso descobrir político, reconhecendo a importância de nossas pautas e reforçando o grito contra o retrocesso (OCUPA FABICO – 09/11/2016).

Figura 4 – Aula na Fabico ocupada, ministrada por docentes da faculdade



FONTE: Acervo pessoal dos estudantes



No dia 4 de dezembro de 2016 professores da Fabico realizaram uma ação importante de apoio público à *Ocupa*. Os docentes organizaram uma “Vigília em defesa da educação e contra a PEC 55”, um ato simbólico que contou com a participação de mais de uma centena de pessoas, entre docentes, estudantes e servidores administrativos da UFRGS. Cada pessoa presente recebeu uma vela, depois foram todos ao gramado do Planetário, prédio que fica perto da Fabico, mas em um local de muito mais visibilidade – no caso, a Avenida Ipiranga, uma das principais e mais movimentadas de Porto Alegre.

Figura 5 - Vigília organizada pelos professores da Fabico



Fonte: Fanpage Ocupa Fabico

Figura 6 – Vigília contra a PEC 55



FONTE: Acervo pessoal dos estudantes da Fabico



Figura 7 – Docentes e discentes em frente ao Planetário



FONTE: Acervo pessoal dos estudantes da Fabico

Mesmo com o apoio da maioria dos professores, houve momentos tensos, o que não surpreende, dado o número de atividades que estavam suspensas na faculdade e o número de pessoas afetadas – entre servidores técnico-administrativos, docentes, alunos da graduação, da pós-graduação e trabalhadores terceirizados, sem falar nos atingidos de maneira indireta, como os familiares dos que trabalhavam ou estudavam na Fabico. E se o cotidiano da *Ocupa* trouxe desgastes no relacionamento entre os estudantes, não seria diferente na relação com os docentes:

*DANIEL - Eu lembro que ali por novembro tinha as bancas de TCC e isso gerou uma discussão enorme, porque a direção queria usar o prédio. A Comissão de Segurança era contra e a Comissão de Articulação era a favor. A gente discutia sobre o que fazer, liberar qual espaço, já tinha tido alguns atritos com gente querendo entrar... E no fim foi organizado tudo no anexo<sup>75</sup> mesmo. Mas isso gerou muita discussão.*

Passados 40 dias do início da ocupação, e à medida que se aproximava o final do ano, os estudantes começaram a ser cobrados pela direção da faculdade para que desocupassem o

<sup>75</sup> Assim é conhecido o prédio que fica anexo ao da Fabico.

prédio. A pressão aumentou após o dia 13 de dezembro, data da aprovação definitiva da PEC 55 no Senado:

LARA - *Os professores no final tavam começando a ficar impacientes.*

DANIEL - *No começo de dezembro tinha uma pressão muito forte pra desocupar e a gente teve que segurar, mas era normal, a reitoria pressiona a direção que pressiona a gente.*

Mas, possivelmente, a *Ocupa* da UFRGS que teve a pior relação com a direção tenha sido a do Direito. Esta ocupação teve uma característica distinta em relação às demais: ela não paralisou as atividades da faculdade, apenas interditou algumas salas. Na assembleia em que os estudantes decidiram pela ocupação, houve uma segunda votação em que foi determinada a continuidade das aulas. Apesar disto, os momentos de tensão foram constantes. O diretor da Faculdade de Direito, Danilo Knijnik foi o único citado nominalmente e de maneira crítica em um texto das *Ocupas* da UFRGS. Segue abaixo um trecho da “Carta à comunidade e ao Sr. Diretor Danilo Knijnik”:

A Direção desta Faculdade, representada pelo Sr. Danilo Knijnik, em flagrante dissonância com a postura adotada pelos demais setores que protagonizam a luta pela educação pública e fazem frente à onda de precarização que avança, além de não contatar os estudantes ocupantes, publicou uma nota desrespeitosa qualificando o ato dos estudantes como uma invasão. A postura ultraja a todas e a todos que cá estão, de corpo e alma, lutando pela sobrevivência do ensino público – mas, certamente, não nos surpreende. A posição da Direção, embora assuste, é coerente com todo o histórico da gestão. A criminalização do movimento estudantil – representada pela acusação de esbulho – nada mais é que o triste fim da gestão apática de um Diretor invisível que não tem apreço pela democracia. Duas ocupações em uma única gestão não são coincidência<sup>76</sup>.

(OCUPA DIREITO – 09/11/2016)

Esta foi também a única *Ocupa* da UFRGS onde foram abertos processos administrativos contra estudantes. Três deles foram processados – a pena seria o afastamento de um mês da faculdade, por terem barrado algumas pessoas na entrada do prédio nos primeiros dias de ocupação. A página da *Ocupa Direito*, cuja última postagem havia sido feita em 16 de dezembro de 2016, voltou a ser utilizada em 2 de março de 2018, com a publicação de um abaixo-assinado contra a perseguição aos estudantes. Uma aula pública foi organizada na faculdade para debater o tema, conforme trecho destacado no texto de apoio do evento:

---

<sup>76</sup>O texto faz referência à ocupação da Faculdade de Direito, ocorrida em maio de 2014, como protesto contra o resultado de um concurso público para docentes.

O que acontece no Direito da UFRGS é grave. Uma direção que processa seus estudantes por terem participado de um movimento político constitui uma afronta aos valores de uma universidade que deveria ser socialmente referenciada e plural. É um grande retrocesso e desatenção aos valores democráticos e da legalidade, sendo mais espantoso ainda quando essas violações legais acontecem justamente onde se trabalha com o direito. Por isso, convidamos toda a comunidade da UFRGS – estudantes, professores e servidores – para participar da aula pública sobre os motivos da criminalização dos estudantes que ocuparam contra a PEC55 e se somar ao movimento contrário a essa perseguição!

OCUPA DIREITO – 06/03/2018.

Sindicatos de professores, de servidores técnico-administrativos e o Diretório Central dos Estudantes (DCE) lançaram uma nota de apoio aos estudantes, compartilhada na *fanpage* da *Ocupa*. Uma nota do Serviço de Assessoria Jurídica Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (SAJU-UFRGS) também condenava a ação da diretoria e apontava ilegalidades no processo. Foi igualmente compartilhada na *fanpage*. Os estudantes ligados à *Ocupa* produziram um vídeo, publicado em 22 de março de 2018, onde algumas alunas listam uma série de irregularidades na ação incriminatória, como, por exemplo, o fato da suposta contravenção já ter prescrevido, o que por si só já seria suficiente para anular o processo<sup>77</sup>.

A relação das *Ocupas* com a reitoria também não foi um mar de rosas. No dia 3 de novembro, o site da ASSUFRGS divulgou um ofício do reitor, encaminhado aos conselheiros da Universidade, além de um detalhado estudo realizado pela reitoria. Apresentando números sobre os custos de manutenção da Universidade, o estudo concluiu que, caso a PEC do Teto de Gastos tivesse entrado em vigor em 2006, o orçamento da UFRGS em 2016 seria menos da metade do que foi. A página da *Ocupa Fabico* compartilhou a notícia do site da ASSUFRGS. Este posicionamento da reitoria revela a ambiguidade na relação do mandatário da UFRGS com as ocupações:

*DANIEL - Com a reitoria era uma relação muito delicada. Existia um discurso externo de apoio à ocupação, de legitimação, o que nos ajudava de certa forma. Agora, quando a gente vinha pra negociação interna... Quando a gente fala em PEC a reitoria aplaude, porque ela tem uma necessidade de recurso. Agora, quando a gente fala de pautas internas, se fecha.*

E que “pautas internas” eram essas? Uma série de mudanças e melhorias na Universidade, a partir de demandas levantadas pelas ocupações. Questões como o

---

<sup>77</sup>E o processo administrativo foi de fato suspenso, embora esta informação não tenha sido disponibilizada na *fanpage* da *Ocupa*.

reconhecimento do resultado das eleições para a direção da Fabico<sup>78</sup>, melhores instalações para os diretórios acadêmicos das faculdades, paridade de voto nas eleições da Universidade, reformas no modelo pedagógico – no caso das licenciaturas. Mas nenhuma pauta interna deu tanta dor de cabeça para a reitoria quanto as precárias condições de trabalho dos funcionários terceirizados da UFRGS:

As trabalhadoras e os trabalhadores da UFRGS, de empresas terceirizadas, para além de receberem péssimos salários e conviverem diariamente com assédios morais, vem sofrendo com o parcelamento dos vale-refeição e o frequente atraso no pagamento dos salários.

OCUPA IFCH – 05/12/2016.

Em várias publicações das *fanpages* de *Ocupas* da UFRGS pode-se ler a frase “A nossa luta unificou! É estudante junto com trabalhador!” Sensibilizados com a falta de cumprimento de uma série de obrigações trabalhistas, por parte da empresa contratada pela universidade para os serviços de limpeza, estudantes montaram uma comissão com integrantes de todos os prédios ocupados para apoiar os trabalhadores e tentar intermediar negociações entre as três partes. As *fanpages* passaram a publicizar a questão com postagens diárias sobre o problema. Ausente dos noticiários dos principais veículos locais de mídia, o assunto recebeu cobertura exaustiva nas páginas das *ocupas*, com textos fortes que expunham as irregularidades cometidas contra os terceirizados e vídeos sobre as tentativas frustradas de contato com os donos da empresa em questão. A *Ocupa Fabico*, assim como todas as outras da UFRGS, incorporou esta pauta sob o guarda-chuva maior representado pela PEC. Seus ocupantes também integraram a comissão criada para acompanhar a situação. No prédio da Fabico, o serviço de limpeza foi suspenso logo no início da ocupação. Mas os vigilantes noturnos, também terceirizados, continuaram trabalhando. Um deles era tão querido pelos ocupantes que ganhou um bolo no dia do aniversário<sup>79</sup>. Alguns estudantes contaram, nas entrevistas, que não faziam ideia das condições de trabalho enfrentadas pelos terceirizados:

*DANIEL - Elas não podiam entrar porque o prédio tava ocupado, mas elas sofriam pressões da empresa que geria esse serviço. E aí começou o*

<sup>78</sup>Apesar de uma lei que recomenda que os votos sejam distribuídos em 70% para docentes, 15% para servidores e 15% para os alunos, algumas faculdades da UFRGS, como a Fabico e a Faced, realizaram pleitos na proporção de 33% para cada um dos três segmentos. Encaminhado o resultado das eleições nas faculdades para a reitoria, esta relutou em dar posse aos eleitos. Coincidindo com o final das ocupações, as diretorias eleitas finalmente assumiram, depois da retirada nos autos dos processos eleitorais nessas duas unidades do detalhamento dos percentuais de votação.

<sup>79</sup>Este momento foi registrado e incluído em um pequeno vídeo-documentário sobre a *Ocupa Fabico*. Chamado de “A Ocupa Fabico segue”, foi feito pelos estudantes e publicado na *fanpage* em 22 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupafabico2016/videos/1785526824998198/>.

*relacionamento: “vamos conversar e ver o que se pode fazer”. E nessas conversas foram surgindo coisas que a gente não sabia, como as terceirizadas da Fabico serem proibidas de sentar nos bancos, coisas absurdas assim. Mas tem muita força da pauta do IFCH. O Vale<sup>80</sup> trouxe muito isso nas reuniões conjuntas. Eles deram um histórico, um arcabouço muito mais forte pra ela se tornar pauta de todas as Ocupas.*

*LARA - Era uma situação de humanidade, de não conseguir levar comida pro filho em casa, de não ter como trabalhar porque não tinha vale-transporte, mas se não trabalhar não recebe. Uma situação absurda assim. Isso acabou virando uma pauta, porque a gente não sabia dessas questões. A gente foi descobrindo a universidade, foi um outro contato com a universidade que a gente não tinha: o que acontece com os seres humanos que trabalham aqui? A gente começou a perceber essas relações. Tinha um funcionário terceirizado da Fabico que ficava o dia inteiro no sol e não deixavam ele ficar embaixo de uma árvore, porque era abandono de posto. Uma lógica meio escravocrata. Muitos assim, da limpeza, da segurança...*

No dia 8 de dezembro, a *Ocupa Fabico* manifestou publicamente apoio aos terceirizados através da *fanpage*:

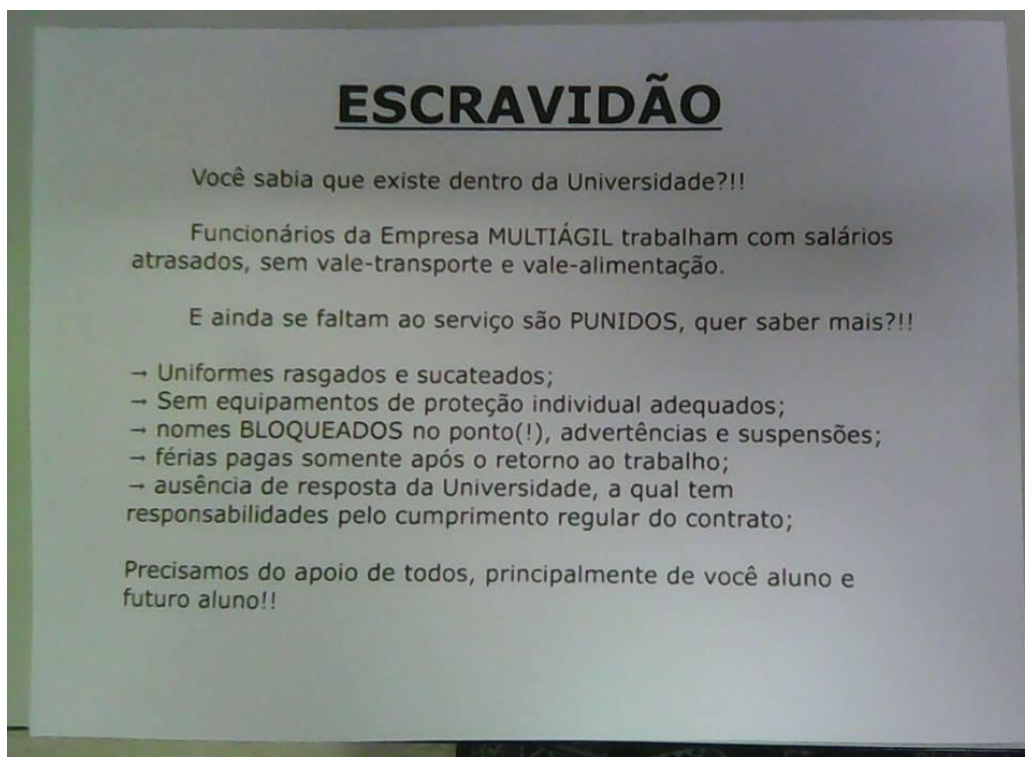
Hoje aconteceu uma reunião aqui na nossa ocupa com integrantes das ocupações da Biologia, da Geociências, do Instituto de Artes, da Escola de Administração, da Psicologia e do Serviço Social. Nela, reforçamos a irregularidade de algumas empresas terceirizadas da UFRGS que não são fiscalizadas e infringem diversas leis trabalhistas e discutimos algumas propostas de formas de apoio. [...] Os trabalhadores são (e sempre foram) colocados nessa posição de inferioridade e impotência perante a hierarquia do sistema. É nosso dever, enquanto estudantes, professores e técnicos, não se calar diante de tanta injustiça social. A mobilização é conjunta, e, em meio a tantas retiradas de direitos, é necessário olharmos para aqueles que sustentam nossa Universidade nas costas e não ganham reconhecimento algum.

OCUPA FABICO – 08/12/2016.

Um cartaz, criado na *Ocupa IFCH*, comparava a situação dos terceirizados da UFRGS à escravidão. Uma fotografia dele foi publicada na *fanpage* do Instituto e compartilhada nas páginas de várias outras *Ocupas*:

---

<sup>80</sup>Campus do Vale da UFRGS.

Figura 8 – Cartaz produzido na *Ocupa IFCH*

FONTE: *Fanpage Ocupa IFCH*

No texto “Carta Aberta (O futuro das *Ocupas*)”, escrito em conjunto pelas ocupações da Universidade e publicado no dia 10 de dezembro de 2016 em todas as *fanpages*, a UFRGS foi cobrada publicamente por seus estudantes. No discurso os alunos falam em nome dos trabalhadores, demandam uma reunião e indicam as condições em que ela deveria ocorrer, conforme o trecho abaixo:

6) Devido aos crimes trabalhistas cometidos com trabalhadoras e trabalhadores terceirizados e abstenção da universidade e empresa terceirizada Multiágil em responder à situação, informamos que:

As e os trabalhadoras/es terceirizados, em seus espaços organizativos, demandam reunião junto da PROGESP/GERTE, representante das empresas, Reitoria e SUINFRA para debater suas demandas.

Indicamos que a reunião ocorra na mesma semana, antes do recesso universitário, sendo informada a data às ocupações e trabalhadoras/es anteriormente a próxima reunião de negociação.

Outro exemplo do engajamento das *Ocupas* neste tema é a “Nota de repúdio à empresa Multiágil e o desrespeito com as trabalhadoras terceirizadas”, escrita pelos alunos da *Ocupa Faced* e veiculada em 19 de dezembro de 2016:

Nós, estudantes que ocupamos a Faculdade de Educação, manifestamos nosso desacordo e total repúdio ao desrespeito da empresa Multiágil com suas trabalhadoras terceirizadas da universidade. A empresa não tem feito o devido

pagamento do décimo terceiro salário, além das passagens e do vale-refeição, desde o dia 17 de novembro. Não é de hoje que a Multiágil atua com descaso com suas trabalhadoras. Nos solidarizamos à luta das terceirizadas que exercem um trabalho fundamental para a universidade e não aceitaremos a precarização de seus direitos trabalhistas e de organização do local de trabalho. Exigimos que a empresa se pronuncie e que se regularize essa situação, respeitando assim seus funcionários. Além disso, exigimos transparência da Reitoria, sobre o repasse do dinheiro público para o pagamento dos serviços terceirizados.

(OCUPA FACED – 19/12/2016).

Os estudantes das *Ocupas* da UFRGS conseguiram chamar a atenção para a questão dos terceirizados e, após muita pressão, a reitoria aceitou receber alguns representantes para tratar do assunto. Mas duas entrevistadas, que participaram desta reunião pela *Ocupa Fabico*, relataram uma situação de desrespeito do reitor com algumas trabalhadoras terceirizadas que estavam presentes. Elas não tiveram permissão para ingressar e participar da reunião, sendo recebidas pelo reitor, após muita insistência dos alunos, na porta de entrada da sala:

*DANIEL - Eles proibiram a entrada dos terceirizados na reunião. A gente queria que eles falassem da situação porque sabem muito melhor do que nós. Tinha discussões de horas pra liberar o acesso, intervenção de fala, sempre essa noção de poder durante a reunião. Foi um processo muito delicado e autoritário da reitoria quando o assunto dizia respeito a eles, e pra fora diziam nos apoiar, por causa da PEC mesmo.*

Além do problema dos trabalhadores terceirizados, os estudantes aproveitaram para fazer outras exigências aos responsáveis pelos seus respectivos cursos. Uma série de melhorias foi pedida em todas as *Ocupas*. Temas como a posse da diretoria recém eleita da Fabico, ou a cedência de espaços físicos para centros e diretórios acadêmicos, entraram nas negociações para as desocupações dos prédios. O Diretório Acadêmico da Fisioterapia (DAFisio), por exemplo, conseguiu durante a *Ocupa Esefid* uma sala para sua sede. Ainda que muitos integrantes das ocupações não nutrissem muita esperança em barrar a aprovação da PEC do Teto de Gastos, a ação acabou servindo para que outras questões locais de estrutura física, e mesmo de ordem pedagógica, fossem incorporadas e se tornassem também bandeiras de luta.

Na já citada “Carta Aberta (O futuro das *Ocupas*)”, os estudantes pediram garantias para que não fossem criminalizados e responsabilizados civilmente ou de alguma maneira punidos pela Universidade. Nesse texto, pela primeira vez, as diferentes *Ocupas* se apresentaram sob o nome de *Movimento de Ocupações da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. A Carta Aberta elenca seis pontos de reivindicações: 1) Não criminalização e não responsabilização civil, administrativa e acadêmica do movimento de ocupações; 2)

Ampliação imediata da democracia universitária garantindo maior participação (através de ações como a homologação imediata das direções eleitas por consultas paritárias e mais transparência na gestão de recursos da universidade); 3) Maior efetividade na garantia da permanência e assistência estudantil (reajuste no valor de bolsas administrativas e acadêmicas, ampliação das moradias estudantis, etc.); 4) Ações afirmativas, nos Programas de Pós Graduação da Universidade, para negros, indígenas, quilombolas, travestis, trans e pessoas com deficiência, gratuidade dos cursos de extensão e especialização e oferta obrigatória de disciplinas que contemplem o debate de raça, gênero e sexualidade em todos os cursos; 5) Segurança e permanência das mulheres (ouvidoria para as denúncias das violências de gênero, ampliação e manutenção das creches da universidade, contemplando servidores, estudantes e terceirizados, etc.); 6) Providências da UFRGS quanto à situação de precariedade dos trabalhadores terceirizados. Assinaram o texto 15 das 16 *ocupas* da UFRGS<sup>81</sup>.

É curioso observar que o reitor foi muitas vezes criticado pelas *Ocupas*, mas isso não o tornou menos alvo de críticas dos movimentos contrários às ocupações, como o *Desocupa UFRGS*. Na *fanpage* do grupo há uma série de postagens condenando o que consideravam falta de pulso firme e de vontade para acabar com as ocupações.

Já às vésperas das desocupações, os estudantes tentaram se reunir com a reitoria para negociar a saída dos prédios e assim tentar obter algumas de suas demandas. Algumas faculdades já estavam, inclusive, desocupadas. Foram definidas algumas demandas em comum, já que cada *Ocupa* tinha suas próprias sugestões sobre melhorias em seus cursos:

LUCIANA - *Daí teve uma reunião das Ocupas antes da reunião com a reitoria, pra decidir o que a gente ia exigir deles. A gente já tava cansado, foi bem pro final, sem pernas pra aguentar, sem gente pra ocupar, e cada um queria cobrar uma coisa, cada um queria coisas da sua unidade específica. Mas não dava pra levar as pautas de cada campus, e a gente acabou decidindo por coisas mais gerais: a questão da bolsa, das assistências todas, a PRAE<sup>82</sup>, a Casa de Estudante, a creche, a questão das terceirizadas, essas coisas mais gerais.*

Mas a reunião com a reitoria, na visão dos ocupantes, foi um fracasso. A *fanpage* da *Ocupa Fabico* repercutiu o fato, lamentando que os estudantes não teriam recebido qualquer garantia de que ninguém seria responsabilizado criminalmente ou penalizado academicamente:

<sup>81</sup> A Carta só não foi assinada pela *Ocupa Biologia Marinha*, única ocupação da UFRGS fora de Porto Alegre.

<sup>82</sup> Pró-reitoria de Assuntos Estudantis.



Infelizmente, a reitoria da UFRGS se negou a participar da reunião em que seriam debatidos diversos temas referentes às demandas das ocupações, sendo um deles a não-criminalização do nosso movimento. Assim, desocuparemos sem nenhum respaldo do reitor – que se dizia apoiador da causa – e seguimos sujeitos a quaisquer formas de criminalização em diversas ordens. A ausência de diálogo saudável entre o reitor e os ocupantes quebrou um relacionamento que vínhamos construindo desde novembro e impossibilitou o prosseguimento na luta pelas nossas pautas.

OCUPA FABICO - 20/12/2016.

O relacionamento com os docentes e as diretorias das faculdades variou bastante de *Ocupa para Ocupa*, indo do ótimo, casos da Fabico e da Letras, ao péssimo, caso da *Ocupa Direito*. Quanto à reitoria, a relação foi ambígua. Foi amigável e de apoio, no que se referia à tentativa de pressão sobre o governo federal e o Congresso; e tensa, quando estava em jogo temas internos – especialmente as acusações de omissão no caso das empresas prestadoras de serviços terceirizados<sup>83</sup>.

## 5.6 O PROTAGONISMO DAS MULHERES

Quem visitasse qualquer uma das ocupações da UFRGS nos meses de novembro e dezembro de 2016, facilmente perceberia a maioria de mulheres entre os ocupantes. Isso pode ser constatado ainda hoje, num passeio pelas fotos das *fanpages*. Esta é uma das principais características neste movimento de ocupações, e, possivelmente, o que elas trouxeram de mais surpreendente e paradigmático. Na Fabico, sob a ampla cortina do combate ao governo Temer, houve grandes tensões de gênero, demandando das participantes mulheres a criação de mecanismos internos de apoio, escuta, carinho e, em última instância, deliberação.

As ocupações de secundaristas já haviam revelado um predomínio numérico de meninas. Isso gerou, além de muitas aulas abertas e debates sobre questões de gênero, a recusa entre as ocupantes de reproduzir no cotidiano das escolas ocupadas padrões patriarcais identificados na sociedade, como a divisão de tarefas socialmente reconhecida: mulheres na cozinha e na limpeza, homens nas comissões de articulação política (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016). Segundo os autores, muitos coletivos de mulheres, geralmente formados por universitárias, realizaram atividades nas escolas ocupadas de São Paulo. Este intercâmbio seria de vital importância na decisão de estudantes de universidades em seguir o exemplo dos secundaristas.

---

<sup>83</sup>Ao término do contrato, a empresa Multiágil foi substituída. Algumas trabalhadoras foram recontratadas por esta nova empresa, mas as principais lideranças do movimento dos terceirizados foram demitidas e não absorvidas pela nova prestadora de serviços na Universidade.

Como bem colocam Campos, Medeiros e Ribeiro (2016, p. 128), “A ocupação é um espaço no qual o sujeito questiona a si e aos outros a todo momento, um exercício constante de desconstrução”. Na Fabico não foi diferente. Antes mesmo da *Ocupa*, a faculdade já possuía uma tradição recente de discussões e outras atividades sobre machismo e feminismos. Desde 2013, acontece anualmente a Semana da Diversidade Sexual e de Gênero da Fabico, evento que já se tornou uma referência em debates sobre gênero, sexualidade e racismo, entre outros temas sensíveis. Entre as iniciativas geradas por estas discussões, está a ação chamada de *Fabicano Assediador*; uma série de cartazes colados em murais e portas de sala de aula, cada um com a narrativa anônima de uma estudante sobre fatos de sexismo envolvendo colegas, professores ou demais funcionários da faculdade:

*LUIS – Tem um grupo de mulheres da Fabico que tem um compartilhamento de experiências sobre machismo que é bem forte, antes mesmo da ocupação.*

Questões de gênero, sexualidade e racismo são pautas que não foram deflagradas das ocupações universitárias, mas tiveram papel importante nos debates internos das *Ocupas*. Estes três temas representaram boa parte das aulas abertas, debates e oficinas realizadas na Fabico – e a rigor nas demais ocupações da UFRGS, como pode ser constatado nas publicações das *fanpages*. Estas pautas também estão presentes nos discursos veiculados no *facebook*, como no primeiro parágrafo do manifesto de ocupação dos alunos da Fabico, publicado no dia 31 de outubro de 2016:

Repudiamos as medidas racistas, misóginas, homofóbicas e de preconceito de classe que vemos no cenário político brasileiro.

OCUPA FABICO – 31/10/2016.

Os movimentos feministas têm tido atuação marcante nos últimos anos no Brasil, fenômeno potencializado com o advento das redes sociais da internet. Isso pode ajudar a explicar a predominância feminina nas ocupações da UFRGS, uma vez que já havia uma mobilização prévia de boa parte das ocupantes em militâncias diversas em questões de gênero. Mas algumas vozes ouvidas nesta pesquisa deram uma explicação que talvez ajude a entender melhor este quadro. Segundo algumas entrevistadas, no início havia tantos homens quanto mulheres, mas alguns alunos abandonaram a ocupação durante os primeiros dias por não aceitarem o protagonismo feminino. Este desconforto ficava claro durante as assembleias, onde, pela proposta de horizontalidade que norteou a ocupação, as falas deveriam possuir o

mesmo peso e nenhuma pessoa contaria com mais legitimidade que outra para emitir sua opinião<sup>84</sup>.

Ao discorrer sobre o modelo deliberacionista, Benhabib cita o desconforto de algumas pensadoras feministas, como Íris Young e Nancy Fraser, com esta prática, a partir do entendimento de que ela

privilegia um certo modo de discurso enquanto silencia outros: esse é o discurso racionalista, machista, unívoco e hegemônico de uma política transparente que despreza as emoções, a polivalência, a multiplicidade e as diferenças na articulação da voz do público (BENHABIB, 2009, p. 120).

A desconfiança teria origem no fato de que o modelo normativo de uma assembleia deliberativa, pelo menos até o século XX, era de fato o de um espaço predominantemente masculino.

*PAULO - Eu acredito que as mulheres, pelo que eu vi, são mais fortes pra luta que os homens, são mais decididas, tem mais fibra. Pelo menos as mulheres da ocupação aqui na Fabico e pelo que eu senti na UFRGS.*

*DANIEL - E de uma certa forma as mulheres é que tinham mais força de enfrentar os problemas do dia a dia na Fabico. São elas que mais ficam até o fim. Os homens se desgastam, se estressam e saem. Aqui na Fabico as mulheres tiveram uma resiliência maior. [...] É um stress muito grande, uma pressão muito forte. Muitas pressões externas, familiares também, várias dificuldades. E talvez os homens sejam mais fracos pra aguentar isso.*

O protagonismo de mulheres em lutas de resistência contemporâneas é um fenômeno relativamente novo no Brasil. Com relação ao movimento estudantil brasileiro, ele encontra paralelo com o que vem ocorrendo em outros países do mundo nesta segunda década do século XXI. Segundo Hobsbawm (1995), a luta das mulheres e os novos papéis sociais conquistados por elas representou o principal avanço social do século XX. Seja nos protestos contra políticas neoliberais, seja em movimentos por uma educação pública de qualidade, ou ainda na luta por moradia, as mulheres têm aumentado a sua participação a ponto de, em muitos destes casos, superarem numericamente os homens. E, uma vez posicionadas nessas trincheiras, acabam combatendo também o machismo dentro dos grupos onde atuam.

São muitas as denúncias de sexismo no interior dos movimentos sociais. Mesmo em eventos celebrados nas narrativas recentes sobre protestos antiglobalização, como é o caso dos

---

<sup>84</sup>As ocupantes revelaram ainda que alguns participantes ligados a partidos e coletivos políticos também se sentiram desconfortáveis com este modelo horizontalizado e não hierárquico.

distúrbios que cancelaram a última reunião do século passado da Organização Mundial do Comércio (OMC), em Seattle, há relatos de atitudes machistas e discriminatórias contra ativistas mulheres. Os três dias de batalha campal na cidade do Noroeste dos Estados Unidos foram repletos de queixas contra participantes homens dos protestos, o que inspirou a criação de blocos formados exclusivamente de mulheres para os atos antiglobalização que se seguiram àquele (DUPUIS-DÉRI, 2014).

Durante as acampadas de Madri, em maio e junho de 2011, foi criada uma Comissão de Feminismos, a partir da conclusão de que os assuntos levados à deliberação nos primeiros dias não contemplavam as preocupações das mulheres. Como lembra Huguet (2012, p. 32, tradução do autor):

Desde algum tempo nos acostumamos a pensar nos feminismos como movimentos ou correntes que atravessam outros movimentos sociais, como por exemplo nas ocupações, no movimento ecológico, nas federações de vizinhos e, ainda que em menor escala, em alguns sindicatos e partidos políticos. Em todos eles atuam coletivos de mulheres que intervêm nas ações conjuntas com uma perspectiva própria, desenvolvendo iniciativas específicas ou alertando continuamente sobre o descuido das temáticas que interessam às mulheres. Não deixa de ser chocante que em um movimento tão heterogêneo com o 15M a presença da Comissão de Feminismos fosse vista em princípio como uma comissão inadequada que, mais que unir, dividia.

Questões de gênero que perpassam movimentos sociais e coletivos de resistência não são novidade no Brasil, tampouco as polêmicas que causam no interior destes grupos. Segundo Pinto (2016), a onda feminista que chegou ao Brasil nos anos 1970 também não foi bem recebida pelos movimentos contra a ditadura, especialmente os de viés marxista. Essa pauta era vista como desagregadora e desviante da luta prioritária que devia ser travada contra o capitalismo, já que, uma vez que este fosse vencido, problemas secundários, como o machismo, automaticamente seriam resolvidos. Huguet (2012, p. 33, tradução do autor) reage a esse pensamento, também presente nas acampadas de Madri:

Porque introduziram então uma prioridade temporal nas transformações sociais, estabelecendo que primeiro devia se dar uma transformação social e econômica e logo haveria tempo para dedicar-se a estas outras transformações pessoais, sem compreender que as primeiras são impossíveis sem as segundas e que ambas devem acontecer ao mesmo tempo?

No Chile, país com um histórico recente de sublevações estudantis, mulheres ocuparam em 2018 universidades em diferentes cidades, em protesto contra o machismo no meio acadêmico. O que deflagrou as *tomas* feministas foi a reposta da Universidade Austral, da cidade de Valdivia, a uma denúncia interna de assédio sexual. Um docente foi denunciado por uma funcionária da Universidade, mas, ao invés de ser demitido, foi transferido, o que

provocou o levante das universitárias em outras partes do país. Entre suas pautas estavam: o fim do sexismo no ensino; respostas institucionais a denúncias de violência contra a mulher; uma maior presença feminina em cargos importantes da Educação no país; mudanças curriculares que venham a contemplar estudos de gênero; respeito a identidades de gênero e nomes sociais; mais bibliografia composta por autoras femininas; o fim das carreiras para mulheres e para homens; e ambientes que assegurem condições para mães estudantes e trabalhadoras, entre outras reivindicações<sup>85</sup>.

### 5.6.1 Coletivos de mulheres: as *Ocupas da UFRGS e seus frutos*

Na carta aberta redigida pelos alunos e entregue à reitoria em reunião no dia 9 de novembro – assinada pelas 15 ocupações da UFRGS em Porto Alegre e publicada nas respectivas *fanpages* –, dois dos cinco itens de reivindicações dos estudantes tratam de questões de gênero, sexualidade e racismo:

4) Acesso, ensino e extensão:

Ações afirmativas nos Programas de Pós Graduação da Universidade: para negros, indígenas, quilombolas, travestis, trans e pessoas com deficiência;

Gratuidade dos cursos de extensão e especialização;

Oferta obrigatória de disciplinas que contemplem o debate de raça, gênero e sexualidade em todos os cursos;

5) Segurança e permanência das mulheres:

Ouvidoria para as denúncias das violências de gênero.

Resposta à carta sobre violência de gênero na Casa do Estudante<sup>86</sup>;

Ampliação e manutenção das creches da universidade, contemplando servidores, estudantes e terceirizados.

As ocupações da UFRGS foram femininas no sentido numérico. Segundo os entrevistados, esta atuação destacada é um desdobramento natural de um protagonismo crescente nos últimos anos:

*CRISTINE - Eu acho que tem muito a ver com o que eles têm chamando ultimamente de primavera feminista. Então as mulheres se deram conta do potencial político que elas têm, da necessidade que a gente tem de ocupar esses lugares políticos e de exercer movimentos, de protestar, de botar a cara a tapa mesmo. Então eu acho que tem muito a ver com isso. E uma*

<sup>85</sup>Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/05/09/Por-que-mulheres-est%C3%A3o-ocupando-e-paralisando-universidades-no-Chile> e em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/o-feminismo-toma-o-chile>. Acessos em: 14 ago. 2018.

<sup>86</sup>Poucas semanas antes da deflagração das ocupações, estudantes fizeram um ato de protesto contra situações de assédio, violência e estupro na Casa de Estudantes da UFRGS, acusando a reitoria de omissão. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/areazero/2016/07/mulheres-da-casa-do-estudante-da-ufrgs-pedem-socorro-apos-casos-de-violencia/>. Acesso em: 14 ago. 2018.

*questão de irmandade, que eu particularmente não sentia muito isso. Eu não sentia irmandade entre as mulheres, era sempre uma coisa meio competitiva demais assim. E a partir de 2015 eu comecei a me sentir mais empática a elas, mais essa sensação de irmandade. É uma coisa que vinha crescendo, acho que a ocupação consolidou isso.*

**DANIEL** - *Desde 2012, 2013, existe um certo protagonismo da mulher, enfrentando e combatendo uma série de preconceitos históricos. E quando acontece a Ocupa eu acho que vem esse reflexo. A Ocupa tinha um grupo só de mulheres, as comissões eram cheias de mulheres, o movimento secundarista já era formado por uma maioria de mulheres. Foi quase natural na Fabico.*

**EMANUEL** - *A gente tinha mulheres muito fortes. Eu aprendi muito com elas. São o tipo de pessoa que não tem medo de dizer: “Olha, tu tá fazendo merda”. A gente discordou, várias vezes, mas elas não tinham medo de puxar as coisas.*

Em pelo menos duas ocupações da UFRGS foram formados coletivos femininos. No dia 1º de fevereiro de 2017, portanto, mais de um mês após a desocupação, uma postagem na página da *Ocupa Esefid* anunciava a criação do coletivo Esefridas:

O coletivo Esefridas surgiu durante a OCUPA ESEFID, no intuito de acolher e unir as mulheres do nosso campus. Com a presença de estudantes, professoras, companheiras de luta da nossa e de outras ocupas, foram feitas as rodas das minas. Nessas rodas, espaços foram abertos para ouvir histórias, estudar sobre o movimento feminista e fortalecer os vínculos entre as mulheres para combater qualquer tipo de abuso.

Vai ser cada vez mais difícil ser machista na ESEFID. Estamos unidas e ligadas! Quem quiser conhecer mais pode entrar em contato com a página, estamos aqui pra ouvir todas.

Se tu apoia a causa e é #ContraTroteOpressor, pode botar essa capa linda feita pelas Esefridas pra ajudar a divulgar a ideia. #NãoAndoSó#RespeitaAsMina #MachistasNÃOPassarão #GirlPower

OCUPA ESEFID – 01/02/2017

Figura 9 – Post de anúncio da criação do Coletivo Esefridas



FONTE: *Fanpage Ocupa Esefid*

No dia 28 de junho de 2017, seis meses após o fim das ocupações, foi a vez da *Ocupa Ceclimar/IB/UFRGS* criar o seu coletivo feminino. A *fanpage* anunciou assim a iniciativa:

Nós, mulheres e alunas da biologia marinha, viemos por meio deste comunicar a criação do Coletivo de Mulheres Norma Luiza.

Nosso coletivo recebeu esse nome em homenagem à Professora Doutora Norma Luiza Würdig, pela mulher, professora e pesquisadora exemplar, alguém sempre a frente do seu tempo, além de ter fundado o curso de Ciências Biológicas com ênfases em biologia marinha e costeira e gestão ambiental marinha e costeira. Temos como propósito acolher as mulheres da comunidade, do CECLIMAR, da UERGS, do CLN, incluindo alunas, servidoras, técnicas, professoras, terceirizadas e toda aquela que necessitar de ajuda ou que se sinta confortável a participar. Lutaremos pelos direitos das mulheres, empoderando-as e repreendendo atitudes machistas, misóginas, sexistas e qualquer outra forma de preconceito.

Figura 10 – Logomarca do coletivo Norma Luiza



FONTE: *Fanpage Ocupa Ceclimar/IB/UFRGS*

Outro exemplo interessante deste protagonismo das mulheres em ações recentes, fora da UFRGS, ocorreu na Universidade de Brasília (UNB), três meses após o fim da ocupação da universidade brasiliense. Demandando um espaço físico permanente para o acolhimento de alunas mulheres e para debates sobre machismo, algumas estudantes ocuparam uma sala do Instituto de Ciências Centrais da Universidade. Na *fanpage* #ocupa-UnB, as alunas publicaram o seguinte manifesto, no dia 3 de maio de 2017:

#### CENTRO DE CONVIVÊNCIA DE MULHERES DA UNB

A falta de visibilidade e de providências em relação aos recorrentes casos de violência contra a mulher em suas diversas formas – assédios, silenciamentos, agressões físicas e verbais, estupros e feminicídios – não nos permitiram ficar imóveis e compactuar com o descaso da comunidade universitária. A partir da organização autônoma entre mulheres através de assembleias semanais que vem ocorrendo desde março de 2017, identificamos por consenso a necessidade urgente de um espaço físico permanente exclusivamente para mulheres na Universidade de

Brasília. Nos articulamos no intuito de nos fortalecer, oferecer apoio mútuo, estimular e valorizar a troca de saberes entre mulheres.

O espaço físico permite a vivência em conjunto da maneira mais ampla e horizontal possível a fim de construir respostas coletivas às nossas demandas. Sua construção tem como base o respeito às vozes de mulheres em todas as suas especificidades: estudantes, terceirizadas, servidoras e professoras, bem como a compreensão de que as vivências da Universidade ultrapassam a relação tradicional e privilegiada das salas de aula.

Por que alocar o Centro de Convivência de Mulheres no Instituto de Ciências Centrais? Dada a visibilidade, acessibilidade e o caráter simbólico do Instituto, que visa em seu projeto ser um centro de troca entre as diversas áreas da ciência, consideramos intransferível a alocação em outro prédio.

Convocamos todas as mulheres a protagonizarem essa luta que é de todas nós.

OCUPA UnB – 03/05/2017

Da mesma maneira que realizavam assembleias conjuntas das *Ocupas* situadas no Campus do Vale, também as mulheres das diferentes ocupações do Campus se organizaram para trocar impressões e experiências sobre o que estava acontecendo nos prédios ocupados. No dia 3 de dezembro, uma publicação da *Ocupa IFCH* convocou as estudantes que ocupavam suas faculdades para participar da “Assembleia de Mulheres da UFRGS”, a ser realizada dali a dois dias:

Mulheres de toda a UFRGS! É hora de pensarmos nossa unidade enquanto estudantes universitárias, ocupantes e de luta!

Nessa segunda (5/12) às 14h, vamos nos reunir na Ocupa Bio para discutir os próximos passos no movimento e construir a unidade de minas pra além das ocupas!

MULHERES RESISTEM!

LUTAR SEM TEMER!

OCUPA IFCH – 03/12/2016

Figura 11 – Convocação para assembleia de mulheres no Campus do Vale



FONTE: Fanpage Ocupa Biologia



Na luta contra medidas do governo federal, mas também contra a opressão diária e – nem sempre – silenciosa, as ocupações deflagraram e puseram sob os holofotes resistências variadas, da macro e da micropolítica. Temas de interesse público, ao serem levados para dentro do espaço de exceção em que foi transformado o ambiente universitário durante os últimos dois meses de 2016, impulsionaram não apenas atividades reflexivas, mas ainda a formação de novas associações, reforçando identidades e inspirando a emergência de subjetividades as mais variadas.

A *Ocupa Fabico* realizou muitos eventos sobre opressões de gênero, feminismos e outros temas ligados diretamente às mulheres. Uma destas atividades foi a mostra “Ela na Tela”, destacando quatro filmes dirigidos por mulheres e seguida por uma roda de conversa.

Figura 12 – Sessão de cinema da *Ocupa* só com filmes dirigidos por mulheres



FONTE: Fanpage Ocupa Fabico

Poucos dias depois, 23 de novembro, foi a vez da Fabico receber uma “Batucada Feminista”, promovida pela Marcha Mundial de Mulheres. No dia 6 de dezembro, uma postagem convidava para uma atividade sobre feminismo radical:

#### VAMOS FALAR SOBRE FEMINISMO RADICAL?

Algumas feministas radicais da Ocupa Fabico organizaram uma roda de conversa para essa quarta-feira, às 20h30, com o objetivo de "destabilizar" o termo que hoje soa como um palavrão. É pra ser um espaço de troca, diálogo e problematização e qualquer um pode participar!

Chama as amigas e vem!

#OcupaFABICO #OcupaUFRGS #OcupaTUDO #NenhumDireitoAMenos

OCUPA FABICO – 06/12/2016

Figura 13 – Atividade na Fabico coordenada pela Marcha Mundial de Mulheres



FONTE: *Fanpage Ocupa Fabico*

Além de discutir questões ligadas a este tema, as ocupações serviram para unir ainda mais as estudantes da UFRGS, a partir do convívio e do enfrentamento em conjunto de situações de opressão de gênero. Como já destacado em outros momentos, as *Ocupas* tinham as suas peculiaridades, que passavam também pelo equilíbrio alcançado na relação entre homens e mulheres no isolamento dos prédios ocupados. Na *Ocupa Fabico* este foi um tema latente e que também ajudou a moldar a ocupação.

### 5.6.2 O Encontro das mina<sup>87</sup>

A ocupação de um prédio traz problemas alheios à questão política que a inspira, como, por exemplo, a segurança das mulheres. Afinal, ocupar um edifício implica em uma situação de confinamento. Já na primeira semana de ocupação da Fabico, foram distribuídos apitos a todas as estudantes que fossem dormir na faculdade. Caso viessem a se sentir ameaçadas em alguma situação, deveriam soprar os apitos e alertar as demais ocupantes<sup>88</sup>.

*INGRID - E na primeira reunião só de mulheres a gente falou da segurança das mulheres, tipo ter camisinha nos banheiros. Porque se acontece alguma coisa a prejudicada é a mulher.*

<sup>87</sup>Vários nomes para estas reuniões só de mulheres foram ditos pelas entrevistadas desta pesquisa: *Assembleia das mina*, *Ocupa das mina*, *Encontro das mina*, etc. Como este último foi o que mais apareceu durante as conversas, resolvi utilizá-lo para descrever esta experiência, mas é importante deixar claro que não havia de fato um nome definido para os encontros.

<sup>88</sup>Esta prática foi observada por algumas estudantes da Fabico que participaram do Encontro dos Estudantes de Comunicação (Enecom), realizado em 2016, em Fortaleza.

AMELIA - *Querendo ou não a gente teve que pensar até em prevenção contra estupro, porque a gente tava morando com homens, num lugar onde a segurança era a nossa responsabilidade.*

Estas e outras regras de convivência, como a separação de quartos e banheiros, teriam também desagradado alguns ocupantes dos primeiros dias e os levado a abandonarem a ocupação. Antonia e Tania destacam a importância da participação dos homens e afirmam que nunca houve a intenção de transformar a *Ocupa Fabico* em uma ocupação exclusivamente de mulheres. O tempo é que foi apresentando uma nova configuração, onde a presença feminina se tornou bem maior:

TANIA - *A presença dos caras que estavam foi muito importante, por segurança mesmo. Os homens precisavam participar também, tinha muita discussão sobre machismo e a gente queria que os caras estivessem presentes pra ouvir.*

ANTONIA - *O nosso protagonismo foi involuntário. Em nenhum momento a gente combinou: “vamos ficar só mulheres aqui dentro”. Até porque a gente precisava da força dos homens, na portaria principalmente, porque tentaram invadir a ocupação muitas vezes.*

TANIA - *No início tinha muito a sensação de colônia de férias. E quando a coisa se revelou não ser assim a longo prazo, pra muitas pessoas perdeu a graça. E a grande maioria dessas pessoas eram homens. Não só, mas a maioria. Tem mulheres que eu lembro que frequentaram a primeira semana inteira e quando algumas regras de convivência foram estabelecidas, tipo horários pra silêncio, o que fazer e não fazer, daí deixaram de vir.*

Figura 14 – Bandeira pintada por estudantes da Fabico



FONTE: Acervo pessoal dos estudantes

As primeiras queixas sobre machismo, dentro das comissões, e comportamentos sexistas durante as assembleias na Fabico – como o silenciamento de vozes femininas e a tentativa de alguns homens de comandar a ocupação – são ainda da primeira semana. Surgiu daí a ideia de fazer reuniões apenas entre as mulheres, para que se organizassem contra qualquer opressão de gênero na *Ocupa*:

*ANTONIA - Aconteceram algumas coisas lá dentro que causavam muito desconforto na maioria das mulheres, que abalava a nossa estrutura. E bem ou mal a gente precisava dos homens, a gente não queria que eles saíssem, mas a gente foi ficando mal com a presença deles lá dentro. Então precisava se segurar em alguma coisa, e a gente se segurou na gente mesmo.*

*BARBARA - Foi lugar de uma escuta coletiva, de dar um apoio específico a coisas que só a mulher sente, porque a gente aqui tava vulnerável. A gente já tá em posição vulnerável na sociedade, então estar em uma condição vulnerável já sendo vulnerável vai mexendo contigo. Era um espaço de conversa, de amparo, de desabafo, sobre várias situações, mas principalmente sobre a atitude dos meninos da ocupação. Foi um espaço meio de resistência e de conforto, de alguma forma, de se conhecer as meninas.*

Os *Encontros das minas* não eram ordinários como as assembleias da *Ocupa*. Eles aconteciam de acordo com a necessidade, em qualquer hora e local:

*INGRID - Às vezes nem era marcado, acontecia uma situação e a gente se reunia na hora, se tinha alguma menina chorando ou passando por um momento difícil.*

*BARBARA - Às vezes era no quarto das minas, no diretório acadêmico, na cozinha... Todo mundo ali fazendo almoço e acontecia alguma coisa urgente e a gente já discutia.*

*NARA - Era muito íntimo. As reuniões eram conversas, era um momento que a gente tinha pra chorar, pra conversar, pra sorrir, pra comer alguma coisa escondidas, pra combinar algumas coisas que a gente podia fazer. Eram as nossas combinações.*

*ANTONIA - A gente fazia reunião das minas, a gente se isolava num lugar e não deixava nenhum homem passar, e lá a gente conversava sobre coisas que aconteciam e uma ou outra não via, pra gente ter cuidado, cuidar umas das outras, se apoiar.*

Ingrid conta que certa vez houve uma discussão entre uma menina e um menino da *Ocupa*. Os ânimos foram se exaltando e eles começaram a falar cada vez mais alto, alertando os ocupantes. Segundo ela, em questão de segundos havia pelo menos dez mulheres ao redor da menina, intimidando o ocupante que discutia com ela e encerrando o conflito. Situações em que as mulheres da *Ocupa* se sentiam desrespeitadas se repetiriam outras vezes ao longo dos 54 dias de ocupação:

*VERA - No começo sim, tinha bastante cara que queria impor a sua opinião. Acho que não era proposital, tipo: “Ah eu vou falar e não vou deixar essa menina falar”. Era mais de estar acostumado com esse protagonismo, de parar pra falar e as pessoas ouvirem e dizerem sim. Só que aqui não, aqui todo mundo tinha a sua opinião, e as gurias também tinham e às vezes era diferente da dos caras. E aí eles batiam o pé e diziam: “É assim e assim” e a gente dizia: “Não, não é”. E aí começou essa coisa de tentar falar mais alto e a gente começou com essa reunião só de meninas, já na primeira semana, e a gente percebeu que tinha uma força entre nós todas. Eles tentavam ganhar no grito mas a gente não deixou, porque a gente não arredava o pé.*

Estes encontros serviam também para preparar assuntos que seriam levados por elas para as assembleias. Na hora de confrontar vozes masculinas que muitas vezes se impunham na força e às custas do silenciamento de vozes femininas, as mulheres da *Ocupa Fabico* resolveram se unir e criar estratégias de ação:

*NARA - Se tinha alguma coisa que tinha deixado alguma mina mal e se foi relacionado a algum cara, como é que a gente ia chegar pra falar aquilo sem constrangê-lo na frente de todo mundo...*

*BARBARA - Era um ambiente também de consulta sobre como abordar esse assunto pro grande público da ocupação nas assembleias gerais, como trazer alguma coisa à tona, uma proposta, que fala levar sobre o que a gente tá percebendo aqui.*

Inicialmente utilizado como um fórum de debate sobre atos de machismo na ocupação, os encontros de mulheres foram se tornando também espaços de confidências pessoais e troca de experiências sobre outros temas. Questões familiares eram trazidas à tona e por vezes transformavam as reuniões em uma grande sessão de terapia em grupo:

*NARA - Era muito íntimo, a gente conversava sobre família, sobre estabilidade mental, emocional, sobre tudo. Acho que isso foi uma das coisas principais pra gente enxergar o outro, porque as pessoas começaram*

*a dividir coisas que não precisavam dividir, mas elas se sentiam à vontade com pessoas que elas mal conheciam. Tinha muita gente ali que enxergava a gente como família. A ocupação foi como um resgate, foi o que sensibilizou todo mundo e nos fez enxergar a outra pessoa.*

*BARBARA - Eu acho que eram espaços bem legais pra gente discutir várias coisas, e até relações entre a gente mesmo. Somos mulheres mas viemos de vários lugares diferentes, de várias situações econômicas diferentes, ou linhas de feminismo diferentes, meninas de orientação sexual diferentes, e várias questões eram tratadas entre nós. Eu acho que funcionou. Era um ambiente em que eu me sentia muito mais ouvida e que eu gostava bastante de participar.*

*VERA - Porque muita gente não se conhecia, e teve essa necessidade da gente se reunir pra cuidar uma da outra, pra não acontecer nenhum caso de assédio, nenhum tipo de opressão que a gente tá acostumada a sofrer. Então a gente se reunia pra falar sobre isso, sobre como tava sendo, se tinha algum cara que tava sendo desrespeitoso ou que tinha tentado fazer alguma coisa.*

Unidas contra uma opressão em comum, articulando-se em grupo, as mulheres da *Ocupa Fabico* logo enfrentariam uma situação que repercutiria entre todas as *Ocupas* da UFRGS, servindo de exemplo para todas as mulheres que ocuparam seus cursos: a expulsão de um ocupante. Segundo elas, em diversas oportunidades o estudante em questão foi citado nestas reuniões como alguém que não respeitava as mulheres, que assediava e constantemente desrespeitava os limites impostos por elas para a convivência no prédio ocupado. Além disso, uma das ocupantes já havia relatado ter sido fisicamente agredida por ele em outra situação, antes da *Ocupa*. A insatisfação com estas atitudes, consideradas machistas, foi aumentando com os dias de confinamento, gerando em princípio conversas privadas de algumas ocupantes com ele. Como o seu comportamento continuava desagradando as mulheres da *Ocupa*, elas decidiram tomar uma atitude mais drástica: a expulsão.

Ao contrário das assembleias gerais, onde geralmente ocorria uma votação sobre os assuntos tratados, no caso das reuniões femininas a mecânica era outra, muito mais próxima de uma roda de conversa entre amigas. Assuntos delicados eram abordados, mas sem a rigidez do método de assembleia utilizado na *Ocupa* – com inscrições e tempo marcado para as falas, pautas ordinárias e extraordinárias, etc. A única exceção foi neste encontro que decidiu pela expulsão de um ocupante. Ao final dos relatos sobre todas as situações ocorridas e as tentativas frustradas de resolver esta questão através do diálogo com ele, foi realizada uma votação. De maneira unânime, decidiu-se pela expulsão, a ser informada em assembleia geral no dia seguinte.

*INGRID - A gente fez uma assembleia extraordinária, muito mais cedo que o horário normal, às sete da manhã, com essa pauta só. Nenhuma mulher dormiu aquela noite. Foi na noite da votação da PEC<sup>89</sup>, na noite que tinha alguns companheiros em Brasília e a gente não conseguia falar com eles... Tinha a notícia de que tinha gente que tinha sumido, foi uma das piores noites da minha vida.*

A reunião foi marcada para o início da manhã seguinte, horário em que havia o maior número de pessoas no prédio, inclusive aqueles que dormiam na *Ocupa* e saíam cedo para trabalhar. As mulheres pediram que dois homens em quem elas confiavam estivessem alertas, caso o estudante que seria expulso reagisse com violência. Pelo menos na visão das estudantes que entrevistei, esta foi de longe a assembleia mais tensa dos 54 dias de ocupação. Apesar de terem planejado a ação em seus mínimos detalhes, houve muita dificuldade de apontar o dedo para aquele que, ao final das contas, era o alvo da reunião:

*LUCIANA - Poucas falaram, acho que três. Eu lembro que eu suava, tremia, ninguém conseguia falar o nome dele. Teve uma colega que falou que tinha uma pessoa que a gente ia pedir pra se retirar da ocupação, por esses, esses e esses motivos, e ninguém conseguia depois falar o nome, ninguém conseguia. Ficou um silêncio, a gente se olhava, se olhava e não sabia o que fazer. Aí alguém falou.*

Uma das poucas mulheres a falar na assembleia, Tania confirma a tensão do momento e diz que temia, acima de tudo, que a reunião desequilibrasse internamente a ocupação, causando uma fissura difícil de contornar:

*TANIA - Poucas gurias queriam falar naquela assembleia. Muitas tinham medo, e as que falavam tavam bem nervosas. Eu falei e tava bem nervosa, eu tava tremendo. Não por medo dele, mas porque a gente tinha medo que não aparecesse mais nenhum cara depois daquilo. E realmente o número baixou muito depois. Porque rolava um certo “Não quero ser o próximo cara expulso”. Pra mim honestamente era o medo da Ocupa acabar ali. Eu tinha medo que aquilo fosse uma ruptura, porque tinha uma confiança de família e eu tinha medo que acabasse. Não acabou, mas ficou bem mais crítica a situação depois daquilo.*

Ao final destas falas vacilantes, foi revelado então o nome da pessoa que deveria se retirar. Para surpresa de algumas delas, ele reagiu de maneira tranquila, preferindo não se manifestar na assembleia, arrumando rapidamente suas coisas para sair. Esse fato repercutiu

---

<sup>89</sup>Ela se refere à primeira das duas votações no Senado, que ocorreu no dia 29 de novembro de 2016, data de uma grande manifestação das *Ocupas* em Brasília, que será abordada a seguir.

nas outras *Ocupas* da UFRGS. Embora não haja nenhuma informação sobre isso nas *fanpages*, o assunto foi debatido em reuniões entre as *Ocupas* e em encontros exclusivamente entre mulheres das ocupações da UFRGS, servindo de exemplo para o combate ao machismo no interior de cada prédio ocupado.

Na Fabico, o número de ocupantes homens, que já era menor que o de mulheres, diminuiu ainda mais depois do episódio da expulsão.

*VERA - A gente tava se impondo bastante, a gente não deixava passar nada, eles gritavam e a gente gritava de volta, então não sei se eles tavam meio que acuados, não sei, porque no começo tinha bastante caras, mas eles foram saindo e as gurias foram ficando. E os caras que mais participavam mesmo eram dois caras negros e gays. Se tivessem tirado todos os homens a ocupação teria ficado de pé, mas se tirassem as mulheres a ocupação não resistia, porque tinha pouquíssimos homens. Eles foram indo embora um por um e não apareceram mais. Só um foi expulso, o resto saiu porque quis, não aguentou a pressão das mulheres, acho que foi isso.*

*ANTONIA - Eles foram se sentindo incomodados, porque por mais que nós fôssemos frágeis a gente tinha uma força enorme juntas, sabe? Porque a gente não tava mais se calando pra eles, a gente queria conversar de igual pra igual e eles não aceitavam, eles achavam que eram os donos da verdade, que sabiam tudo porque tinham mais força que a gente e podiam falar por nós.*

*AMELIA - Eu acho que tem muito a ver com a horizontalidade do comando, com a horizontalidade da comunicação, e também com o convívio social, com a parte de rotina, de estar em casa, de cuidar da casa. A ocupação foi crescendo e se organizando de forma orgânica. A gente tentava, se desse certo ficava, se desse errado saía. Todas as coisas. Ela passava por mudanças constantes. E aí as formas que foram dando certo eram formas mais coletivas horizontais que nem sempre agradavam esse público masculino.*

*PAULO - Os homens em geral não aceitavam muito a gerência das mulheres, tinha homens que faziam coisas machistas, reproduziam coisas que tu nem te toca que é machista porque tu sempre fez. Aí elas diziam “Isso é errado” e eles não aceitavam. Uns saíram por causa disso. Eu sei de casos de quem tava sendo machista, aí as gurias falavam e quando vê esse cara não vem mais.*

Outra possível razão para a diminuição da presença masculina na *Ocupa Fabico*, segundo algumas entrevistadas, é que muitos homens que frequentavam a ocupação o faziam menos por uma razão política, e mais como uma opção de divertimento nas noites de final de semana:



NARA – *Havia um motivo maior pras mulheres ficarem ali do que os homens ficarem ali, porque as mulheres tinham seu círculo de amizade, seu círculo de confiança e os homens estavam ali sozinhos, não tinham os amigos deles, não tinham companhia. No início da ocupação os caras vinham em bando, traziam seus brothers e faziam rolê. Muitas vezes a ocupação foi vista como um rolê. Tinha festas que não eram pra ser festas, eram eventos que viravam festas porque os amiguinhos traziam seus amiguinhos que traziam cerveja, e acabava ficando muito grande, e quando não teve mais isso a quantidade de homens foi diminuindo.*

TANIA – *A união coletiva das minas assusta. Acho que tem caras que por mais politizados que sejam não são menos machistas por isso.*

BARBARA - *Foi um lugar que só quem tava respeitando e quem tava ao máximo tentando não oprimir ficou.*

Na contracorrente da opinião de suas colegas, Lara também aponta a responsabilidade das mulheres durante os conflitos de gênero ocorridos na *Ocupa*:

LARA - *Uma coisa que eu criticava e ainda critico, é que acontecia de muitas das gurias terem muita raiva dos homens. E isso refletia na forma como tratavam eles no dia a dia. E aí, claro que tu não vai querer ficar num ambiente onde tu não é bem-vindo, se não tão te incluindo no movimento. Então alguns caras saíram por isso.*

Cristine acredita que, com o tempo, as estudantes da *Ocupa* foram ficando mais tolerantes com relação a alguns comportamentos masculinos. Tolerância essa assentada sobre o medo de que apenas mulheres continuassem ocupando a Fabico:

CRISTINE - *Eu não sei se foi melhorando ou se a gente foi se acostumando, porque era o que tinha. Chegou um determinado ponto que a gente começou a discutir assim: “Cara, a gente não tá mais em condições de ficar botando o dedo na cara porque... sei lá, tem 20 pessoas aqui, e se a gente vai começar a botar todo mundo pra fora porque discorda disso, e discorda daquilo e do não sei o que, a gente vai acabar ficando muito defasado e não vai conseguir sustentar a ocupação por muito tempo”. Então acho que chegou nesse ponto, não tinha mais... Acho que a gente simplesmente ficou resignada com as coisas que tavam acontecendo.*

Apesar de todas estas tensões e do abandono de muitas pessoas que estavam na origem da *Ocupa*, Luciana fala na ocupação da Fabico como um ambiente de respeito, onde as mulheres se sentiram escutadas como nunca até então. Conforme revelam os trechos das

entrevistas destacados aqui, não foi algo que surgiu naturalmente, mas sim uma experiência que precisou ser esculpida às custas de muitas assembleias gerais, de alguns *encontros de mina*, além de horas e horas de conversas interpessoais, de uma série de dinâmicas de afeto e até mesmo do amadurecimento político ocorrido durante os quase dois meses em que a faculdade esteve ocupada:

LUCIANA - *Eu fiquei muito impressionada com o movimento que a gente criou na Fabico. Querendo ou não a gente criou um coletivo de mulheres. De todas as mulheres ficarem à vontade pra relatar, de falar o que tavam sentindo, da gente se impor de uma forma que eu nunca tinha visto, nunca tinha vivido isso. Ali se criou uma comunidade. No mundo que a gente vive a gente não se sente escutada, respeitada, com uma voz que se imponha. Eu nunca tinha sentido isso. E ali dentro a gente criou algo impressionante. E ir pra essas reuniões das Ocupas e ver que isso acontecia também nas outras Ocupas foi maravilhoso. [...] A gente ganhou uma força que acho que ninguém esperava. Porque a gente nunca tinha experimentado isso na vida: ter todos os homens na volta nos respeitando. Isso pra nós é novidade, sabe? Eu sinto que isso repercute até hoje. Uma experiência que eu nunca tinha tido, de ter respeito pleno.*

O “coletivo de mulheres” citado pela entrevistada não é exatamente um coletivo no sentido de um grupo organizado e estruturado a partir de uma ou mais pautas – como outros já citados –, e sim uma união entre as estudantes que participaram da *Ocupa*. Inclusive a não transformação da força feminina surgida na Fabico em um coletivo nesses moldes, com uma de organização, com uma atuação constante e organizada, foi colocado por mais de uma entrevistada como um ponto negativo. É possível apreender até um certo sentimento de energia dissipada, uma vez que esta união feminina não foi transformada em algo mais institucionalizado. Mas, como será mostrado adiante, essa força de alguma maneira seguiu atuante, proporcionando novos capítulos de luta no ano de 2018.

### 5.7 UMA OCUPAÇÃO DE *PLAYBOY*: TENSÕES DE CLASSE E RAÇA NA *OCUPA*

O perfil dos estudantes de universidades públicas sofreu importante alteração a partir da implantação da Lei de Cotas. Ainda assim, essas instituições continuam sendo consideradas, pelos mais variados movimentos negros, como espaços de privilégios e de silenciamento de minorias oprimidas. A entrada na universidade de estudantes da periferia, índios, negros, provoca até hoje tensões, estranhamentos, adaptações. Na UFRGS existe mais

de um grupo organizado ao redor da questão de raça. Também são relativamente frequentes as ocupações da reitoria em decorrência dessa pauta.

Muitas atividades foram realizadas nas *Ocupas* a partir da temática da negritude – inclusive na Fabico. Mas através das entrevistas é possível perceber uma certa decepção com a relação construída entre os estudantes da ocupação e alunos ligados ao movimento negro da Universidade. O racismo não era uma pauta deflagradora das *Ocupas* e, apesar das muitas aulas abertas, rodas de conversa e cine-debates sobre o tema, a sensação dos estudantes é que pouco foi alcançado no sentido de integrar estes coletivos à ocupação.

Figura 15 – Postagem sobre o Novembro Negro



FONTE: *Fanpage Ocupa IFCH*

No dia 18 de novembro de 2016, a *fanpage* da *Ocupa Fabico* divulgou a 2ª Semana Afronta Fabico, uma série de palestras, cine-debates, rodas de conversa e oficinas alusivas à Semana do Movimento Negro. Embora as atividades fossem ocorrer durante a ocupação, a programação não passava por nenhuma comissão da *Ocupa*, sendo toda ela definida pelo Afronta Fabico, coletivo criado em 2014 por alunos negros da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.

Figura 16 – Postagem do *Afronta Fabico*

FONTE: *Fanpage Afronta Fabico*

A relação dos ocupantes com o Afronta teve momentos de tensão, especialmente por causa das restrições de acesso ao prédio. A Comissão de Segurança, sempre receosa com relação à presença de pessoas de fora da ocupação, criou normas que acabaram desgastando o relacionamento entre a *Ocupa* e o movimento negro da Fabico e da UFRGS. A pouca importância dada pelos integrantes do Afronta à ocupação – e a ausência de um apoio público – fica clara na *fanpage* do grupo, onde não há nenhuma referência ao fato de a Fabico estar ocupada, mesmo nas postagens que convidavam para as atividades da Semana do Movimento Negro:

PAULO - *Eu sentia que eles vinham mais porque já tava certo e tinha que fazer alguma coisa, mas eles não se sentiam representados. A programação foi mantida, mas teve algumas faíscas. Por exemplo, por questão de segurança a comissão da Ocupa queria que enviassem previamente uma lista de quem ia participar das atividades. E o pessoal disse algo do tipo: “Somos nós, se eu tô convidando alguém aqui que é da atividade do Novembro Negro é porque é nosso”. Tipo: “Vocês tão desconfiando da gente?”*

No dia 3 de novembro, a página da *Ocupa Fabico* compartilhou evento criado pelo Balanta – Nenhum Cotista a Menos<sup>90</sup>, grupo organizado em defesa das ações afirmativas na UFRGS. O evento tratava-se de uma vigília na reitoria, na noite anterior a uma votação no CONSUN a respeito das cotas<sup>91</sup>. Além de compartilhar o post, a postagem da *Ocupa Fabico* tinha um texto de apoio:

<sup>90</sup>A página do grupo no facebook é <https://www.facebook.com/balantanegritude/>.

<sup>91</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/events/687432004757175/>. Acesso em: 11 abr. 2018.

Na noite de hoje, ocorrerá uma vigília no prédio da reitoria da UFRGS em virtude da votação de professores, técnicos e discentes do Conselho Universitário (CONSUN) da UFRGS para eleger os membros da Comissão Especial CEPE/CONSUN que decidirá como será executada a política de Ações Afirmativas para os próximos vestibulares da Universidade.

O ato é organizado pelo movimento Balanta - Nenhum Cotista a Menos e nós, como ocupação, convocamos a todos os que são solidários a participar.

#NenhumCotistaAMenos #NenhumDireitoAMenos #OcupaFABICO#OcupaUFRGS  
#OcupaTudo

OCUPA FABICO – 03/11/2016

Figura 17 - Imagem da capa de evento sobre ações afirmativas



FONTE: *Fanpage Balanta*

No mesmo dia 3 de novembro, uma postagem registrou o que acontecia naquele momento na *Ocupa*: a exibição de um documentário seguido de um debate. O filme *Lanceiros Negros Estão Vivos - uma ocupação por moradia e liberdade* descreve o despejo, acontecido em setembro de 2016, de uma ocupação em um prédio do Centro de Porto Alegre: a *Ocupação Lanceiros Negros*. Estavam presentes para o debate membros da ocupação e do Coletivo Catarse, responsável pela produção do documentário.

Figura 18 – Exibição de documentário na *Ocupa Fabico*



FONTE: *Fanpage Ocupa Fabico*

Além dos exemplos citados acima, outros debates sobre racismo e pautas relacionadas ao movimento negro ocorreram na Fabico, durante os 54 dias de ocupação. No dia 16 de novembro, por exemplo, a jornalista da rádio FM Cultura, Fernanda Bastos, conduziu uma roda de conversa chamada de “O negro no jornalismo brasileiro”. Em outra oportunidade aconteceu uma oficina de turbantes de motivos afro. Nas palavras do texto que acompanha as seis fotografias publicadas sobre o evento, o encontro foi “uma aula de vivências e histórias da realidade da comunidade negra, de religiões de matrizes africanas e da herança cultural africana”.

Entre os muitos cartazes que cobriam as paredes, portas e janelas do prédio ocupado, alguns abordavam a temática racial: “Não à retaliação das ações afirmativas”; “Queremos uma Fabico preta, indígena, periférica e popular!”. Esses e outros cartazes do mesmo estilo não me chamaram a atenção de maneira especial na época, porque me pareciam bem sintonizados com os discursos de combate aos preconceitos da *Ocupa Fabico* e das demais *Ocupas* da UFRGS. Mas embora fosse nítida a pouca presença de alunos negros na *Ocupa*, a não ser durante atividades específicas, não percebi a tensão racial que estava presente entre os estudantes e que veio à tona com a convivência no interior do prédio.

Essa questão foi trazida a esta pesquisa pelos entrevistados. Não havia este interesse na elaboração inicial das perguntas para as entrevistas, por um desconhecimento meu sobre alguns problemas ocorridos – em parte, talvez, pela sutileza com que o racismo muitas vezes se manifesta. Como disse uma das poucas entrevistadas negras, dificilmente o racismo é debatido no interior de algum movimento heterogêneo, sem que seja estimulado por uma pessoa negra.

Da mesma maneira que as mulheres da *Ocupa Fabico* reclamavam a pouca presença de homens em atividades sobre gênero, para que escutassem os relatos e refletissem sobre as próprias atitudes, também ocupantes e convidados negros que ministraram atividades na ocupação se ressentiram pela baixa presença de alunos e alunas brancas em atividades ligadas ao racismo. Isso foi objeto de reflexão dos estudantes, durante e depois da *Ocupa*:

*TANIA - Nós pessoas brancas de fato não vamos em coisas que não nos favorecem tanto assim. Eu aprendi muito com isso, de estar num lugar só pra ouvir mesmo. Aí eu comecei a fazer um esforço maior para estar aqui nas atividades do Afronta. [...] Eles queriam uma presença coletiva, queriam que os brancos ouvissem. E a gente não estava ali. Isso é racismo nas suas formas mais sutis. E é uma coisa que eu só fui aprender melhor com o fim da ocupação. Ano passado a minha presença em atividades do*

*movimento negro foi muito maior. Aprendi isso com colocações que foram feitas naquela época.*

*CRISTINE - Era uma reclamação grande do movimento negro que quando tinha atividades do movimento negro que tratasse da temática de racismo, em geral só participavam os negros, e a ideia era justamente que os brancos participassem. Então isso era um conflito bem latente.*

A pouca presença de alunos e alunas negras ocupando a Fabico, segundo alguns deles, é atravessada também por um recorte de classe. Para estar na ocupação era necessário tempo livre, coisa que só quem não estava trabalhando tinha:

*VERA- Eu acho que muitas pessoas não tinham como estar aqui, por mais que quisessem e que nos apoiassem, porque tinham que trabalhar, não tinham tempo, tinham que cuidar do irmão, da irmã, não tinham essa disponibilidade de estar aqui o dia inteiro. Eu acho que isso foi o que mais pesou. A gente se preocupava bastante com isso, até pra não ser mais um movimento que só tem uma visão, que é a visão das pessoas brancas, privilegiadas. A gente queria que tivesse mais esse olhar das pessoas periféricas, das pessoas negras, das pessoas que estão aqui atrás da Fabico<sup>92</sup>, que são nossos vizinhos e nós não temos contato nenhum com eles. Mas eu acho que de verdade, além do grafite<sup>93</sup> eu acho que a gente não conseguiu fazer nada de muito produtivo. A gente discutia e se preocupava com isso, mas não teve nada de concreto com relação a isso, era só discutido.*

*DANIEL - De uma certa forma essas pessoas não se sentiam acolhidas aqui dentro. Pra estar aqui na ocupação era preciso ter uma série de privilégios [...] O movimento negro não se sentia parte dessa ocupação. E pra quem tava aqui desde o início ouvir isso foi um baque, sabe? Poxa, não foi por isso que a gente ocupou, mas é a verdade. E o pessoal negro que tava ocupando do começo ao fim talvez se sentisse integrado porque fazia parte do perfil do 1º e 2º semestre, então os colegas deles estavam ali. Agora o pessoal do movimento negro, do Afronta, por exemplo, que já era do meio pro fim do curso, não tinha essa integração por semestre e nem se sentia confortável.*

*PAULO - O movimento não foi o espelho nem da parcela do vestibular, porque o pessoal baixa renda, o pessoal negro não se sentiu representado por esse movimento. Pessoas do movimento negro não entravam aqui.*

Para Fishkin (2015), quando se trata de ações políticas onde a adesão é voluntária – como foi o caso da *Ocupa Fabico* –, acontece uma distorção significativa: as pessoas que possuem melhores condições sociais tendem a participar mais – exatamente por possuírem

<sup>92</sup>Vera se refere à Vila Planetário, comunidade carente localizada na rua de trás da Fabico.

<sup>93</sup>No próximo capítulo será abordado o grafite realizado durante a *Ocupa*.

tempo e condições financeiras para isso. Já os menos favorecidos precisam se preocupar com a sobrevivência e tendem a se mobilizar apenas ocasionalmente – justamente quando essa sobrevivência se acha ameaçada. Em outras palavras, baixas condições sociais tendem a afetar significativamente a participação política, restringindo-a a situações em que algum direito se encontra ameaçado:

*BARBARA - Ocupar aqui não era tão acessível. A ocupação não era uma coisa que qualquer um podia abraçar, porque se tu tem uma rotina de morar longe, de ter que trabalhar... É uma rotina desgastante, vir pra ocupação é mais desgastante ainda. Então se não é uma necessidade de sobrevivência tua, não tem como abraçar. A maioria dos negros e das negras que estão aqui tem um vivência parecida, essa questão histórica da população negra nas periferias. Então ocupação da universidade não é uma prioridade. Eu abracei, mas vejo o quanto foi cansativo pra mim, o quanto às vezes eu não podia participar. Eu estive aqui menos tempo do que outras pessoas, e os meus colegas brancos e brancas e normalmente ricos e ricas poderiam estar aqui bem mais fácil do que eu, esse é um ponto. Às vezes o que diferenciava passar o dia todo aqui era não precisar se sustentar minimamente ou ter uma casa perto.*

Em publicação compartilhada pela *fanpage* da *Ocupa* em 23 de novembro, alusiva a um evento da Semana do Movimento Negro, um texto do *Afronta Fabico* explica a importância do coletivo e descreve a universidade como um ambiente ainda estranho aos alunos negros:

Quando entramos neste espaço branco e elitizado que é a Universidade, muitos de nós, pretos, por sermos na maioria das vezes os primeiros da família a entrarem neste espaço, nos sentimos perdidos, solitários e não pertencentes ao espaço, que de fato, não foi pensado para nós.

As ações afirmativas, apesar de serem uma reparação histórica de um direito que nos foi e é negado (educação pública de qualidade), são insuficientes para todas as demandas de assistência estudantil que a Universidade não oferece. Os Coletivos e Movimentos acabam sendo um ponto de encontro de troca de vivências, aprendizado e luta.

O Movimento Afronta tem por referência alguns coletivos e movimentos que resistem, acolhem, empoderam e criam redes de fortalecimento negro dentro da Universidade, dentre eles, o Coletivo Negração e o Movimento Balanta - Nenhum Cotista a Menos que estarão conosco conversando hoje, na Roda de Conversa Ações Afirmativas e Militância.

AFORNTA FABICO – 23/11/2016

Além de reforçar a influência da questão social para que não houvesse uma participação mais ativa de alunos negros, Emanuel acredita que a PEC do Teto de Gastos não foi uma pauta assumida pelo movimento negro. Refletindo sobre estas questões um ano e



meio depois do fim da ocupação, ele acredita ter sido um erro não ter incluído o racismo como uma das pautas centrais da *Ocupa*:

*EMANUEL - Uma ocupação da Fabico dificilmente vai ser negra porque a Fabico não é nem meio a meio. Mas eu acho que o principal motivo se deve ao fato de que a ocupação é uma coisa que requer tempo, e se tu for ver o perfil do aluno negro e do aluno branco, o aluno negro começa a trabalhar muito mais cedo, trabalha mais, tem toda uma estrutura que é diferente. Então eu acho que se deve a isso. E também talvez a falhas que a gente tenha cometido desde o começo, de não incluir a pauta do racismo institucional desde o começo. Isso é uma das coisas que eu mais penso que a gente fez de errado. E também a pauta. A pauta da PEC não foi comprada pelo movimento negro como a questão das cotas, que é uma coisa que mexe diretamente com o movimento. Então teve muitos fatores que cada um contribuiu um pouquinho. A gente conversou, a gente fez atividades do Afronta, a gente tentou, só que não deu, e isso é uma das coisas que mais me dói com relação ao período da Ocupa.*

Com a ocupação em pleno andamento, questões raciais foram aflorando na convivência do dia a dia. Barbara conta que, em determinado momento, ainda nas primeiras semanas, os poucos ocupantes negros foram se dando conta de uma triste realidade presente na sociedade brasileira e que, de certa maneira, estava também se refletindo na *Ocupa Fabico*. Conforme já foi colocado, as comissões eram formadas de maneira voluntária, com cada pessoa decidindo onde queria e poderia colaborar. Qual não foi a surpresa dos negros e negras da *Ocupa* ao se darem conta de que eles estavam majoritariamente na Comissão de Limpeza, e alguns poucos na de Alimentação? Não havia negros, por exemplo, na Comissão de Comunicação:

*BARBARA - Assim como a que mais tinha meninas era a cozinha, se não me engano, a que mais tinha pessoas negras era a limpeza. E aí tu olhava isso... Tipo, isso já me é familiar, é o que eu vejo todo o dia. E aí tu via essa diferença absurda, mesmo nessa situação. É óbvio que ninguém foi obrigado nas comissões, mas é todo esse jogo: porque que mais pessoas negras se dispuseram a estar e porque que pessoas brancas não foram pra limpeza também?*

*PAULO - Tinha algumas lógicas muito enraizadas nisso. Os negros se voluntariavam e os brancos não.*

*ANTONIA - A ocupação foi totalmente elitista. A maioria das pessoas era branca, de classe média, média alta, e essas eram as pessoas que não faziam nada lá dentro, que não cuidavam do seu prato, que não cuidavam se o lixo do banheiro tava cheio ou não. Acabou que as pessoas menos*

*favorecidas, e eu estou neste grupo, acabaram tomando frente de coisas que não precisavam ser por nós. Como na limpeza: a maioria das pessoas que tavam na limpeza eram negros, mulheres ou homens gays. Não tinha homem branco nem heterossexual na limpeza.*

*NARA - A ocupação não foi um movimento de todos. Foi um movimento para estudantes brancos, que tinham condições de vir aqui. Eram estudantes que não trabalhavam. E de fato muitas vezes não se ouvia pessoas negras, que tavam na limpeza e na alimentação. Muitas vezes as pessoas brancas ficavam em comissões mais legais, mais empolgantes de estar.*

Ao se dar conta deste padrão social que estava se repetindo na *Ocupa*, Barbara reuniu os poucos ocupantes negros da Fabico para uma conversa. Da mesma maneira que o *Encontro das mina*, a reunião dos estudantes negros funcionou como um espaço de desabafo, de compartilhamento de situações de opressão. Este primeiro encontro acabou não se repetindo, mas criou-se um grupo no *whatsapp*, só com os ocupantes negros, que serviu de fórum de discussão entre eles. Assim como no caso das mulheres da *Ocupa*, que criaram espaços exclusivos para debater questões que as afligiam, também os negros e negras da *Ocupa* sentiram a necessidade de se unir. Ao fim da reunião, foi decidido que o assunto seria levado para a assembleia geral. Barbara foi uma das que relatou publicamente o que os estava incomodando, principalmente o traço racial presente na formação das comissões:

*BARBARA - E aí as pessoas... Algumas ficaram chocadas, caiu a ficha. E as pessoas só baixaram a cabeça e nos ouviram, pediram desculpas, foram rever as coisas. Foi mais uma chamada de atenção pelo absurdo que tava acontecendo.*

Segundo as entrevistadas, questões de gênero não teriam sido tratadas nas assembleias se não fossem levantadas por mulheres. Da mesma maneira, o racismo só foi discutido por iniciativa das pessoas negras da ocupação. Isto, segundo Barbara, não foi apenas uma característica particular da *Ocupa*, mas também o reflexo da pouca atenção dada a este tema pela faculdade e seus professores:

*BARBARA - Racismo não era tema sem ser levantado por pessoas negras. Além de ser reflexo de uma construção, é reflexo da própria Fabico. Porque é isso... Uma pessoa que estuda na Fabico pode tranquilamente se formar sem ter noção de questões raciais. Tranquilamente pode acontecer isso. É obvio que isso vai se manifestar na dinâmica de grupo. Se isso fosse uma pauta estimulada pelos professores, pelas disciplinas, teria mais pessoas com conhecimento da coisa, menos atitudes racistas teriam acontecido.*

*Acho que não era uma pauta do jeito que deveria, começou a ser uma pauta puxada por alunos negros.*

Nas entrevistas realizadas com estudantes brancos, fica muito clara a sensação de desconforto com os relatos de alunos negros feitos durante a ocupação e com críticas à *Ocupa* vindas do *Afronta*. Em nenhuma destas entrevistas houve qualquer tentativa de justificar o que aconteceu ou de criar conflito quanto a estas declarações. Pelo contrário, elas geraram e geram até hoje constrangimento, provocam arrependimentos, autocrítica. Para alguns este pode ser considerado o ponto mais negativo da ocupação: a reprodução de padrões de preconceito presentes na sociedade e a incapacidade de fazer algo prático, além de debater o assunto.

À medida que a ocupação ia transcorrendo e certas tensões com o movimento negro foram se impondo, foi se criando a convicção de que a *Ocupa Fabico*, que tinha por objetivo falar pelos alunos da faculdade e defender direitos que diziam respeito à toda a comunidade acadêmica – e também aos futuros alunos – era, na verdade, uma ação segmentada de pessoas brancas e de boa condição social:

*JULIO - Muita gente me contestava porque eu participava muito ativamente. Muita gente acabou estigmatizando a Fabico como uma ocupação de playboy. É que infelizmente o perfil da Fabico é muito esse, tem muita gente que tem dinheiro, que é classificada como playboy mesmo, então pra mim é natural que isso se espelhe na ocupação. Eu tinha colegas negros que tinham participado da ocupação da reitoria e que me diziam: “O que tu tá fazendo aí com esses playboys?” Eu acreditei no movimento, e a minha forma de acreditar era estar lá junto.*

*ANTONIA - Num primeiro momento a ocupação não me representava de maneira nenhuma. Tinha mulheres, mas a maioria das mulheres era branca, e as mulheres negras ficavam na limpeza. As mulheres brancas ficavam na Comunicação, dando entrevistas, pintando, ou organizando os alimentos na cozinha, mas nunca limpavam o chão da cozinha. Era tudo a gente que fazia. Eu fiquei até o final porque eu achei que talvez eu estando lá as pessoas negras poderiam querer estar lá também. Ao menos por ter uma pessoa negra, ou duas pessoas negras lá dentro, que chamassem o pessoal pra lá. Pra me representar, se não tinha ninguém me representando eu ia ser essa representação. [...] E eu fiquei até o final por isso, eu queria representar o pessoal que não tava lá. O pessoal via que o espaço era totalmente elitista e não tinha vontade de ficar lá. Não era um espaço aberto pras pessoas negras.*

No *Occupy Wall Street* também houve denúncias de preconceito contra mulheres e negros, especialmente durante as assembleias gerais, fazendo com que se pensassem

alternativas para equilibrar as falas. As assembleias eram conduzidas por facilitadores, que passaram, a partir destas reclamações, a solicitar a participação feminina, quando percebiam que vozes masculinas estavam dominando as reuniões, ou a participação de pessoas negras, quando as discussões eram protagonizadas essencialmente por pessoas brancas. Também eram criadas listas de fala apenas com pessoas de grupos que se sentiam discriminadas (GITLIN, 2012).

Na Fabico, as assembleias refletiam a baixa representação de negros e negras na *Ocupa*. Além de estarem em pequeno número, também se sentiam intimidados, especialmente no início, a participar mais ativamente e dar sua opinião. Nas primeiras semanas as assembleias eram um espaço onde o perfil predominante era de homens brancos, com experiência de movimento estudantil e em coletivos independentes ou ligados a partidos de esquerda. Mas da mesma maneira que aconteceu com os estudantes independentes, também tímidos no início da ocupação, os negros e negras também foram entendendo os procedimentos das assembleias e se sentindo mais confiantes para expressar a sua opinião. A partir dos compartilhamentos de experiências de opressão, alguns estudantes se sentiram à vontade para expor seus medos, fossem eles ligados ao não à questão racial. Como experimento político constantemente em evolução, a *Ocupa Fabico* serviu, entre outras coisas, para que o mal estar presente na Universidade se manifestasse sem máscaras, forçando estudantes brancos a olharem para dentro de si e refletissem sobre o assunto. Como disse Vera, em trecho destacado anteriormente, isso só foi discutido, mais nada. Pouco para quem tinha a intenção de mudar os rumos da política do Brasil e combater preconceitos na Universidade. A *Ocupa Fabico*, diagnosticada como uma ocupação de *playboys*, não era um espaço imaculado de pureza estudantil e irmandade absoluta entre gêneros e raças diferentes. Mas talvez o seu grande valor esteja no reconhecimento destes limites, no constrangimento provocado em seus membros por algumas reflexões apontadas em assembleia e na visão unânime dos entrevistados de que muito mais deveria ter sido feito neste sentido.

## 6 COMUNICAÇÃO EM UMA OCUPAÇÃO: ORGANIZAÇÃO E VISIBILIDADE

*Na realidade, as emoções coletivas são como a água: quando encontram um bloqueio em seu fluxo natural, abrem novas vias, frequentemente torrenciais, até inundar os exclusivos espaços da ordem estabelecida.*

*Manuel Castells*

A opção por um estudo de caso busca obter, a partir de uma situação específica (a ocupação da Fabico), elementos que ajudem a compreender aspectos do todo (as ocupações na UFRGS). Os *paradigmas indiciários*, tomados emprestados de Ginzburg por Braga (2008), revelam zonas de intersecção entre diferentes casos e possibilitam a criação de hipóteses que sugerem algum nível de unidade. Embora entenda que cada ocupação seja um microuniverso único, formado pela negociação das agendas individuais dos seus membros e que, portanto, envolva uma diversidade que pode conduzi-la para caminhos que não são necessariamente os mesmos, também acredito que o estudo da ocupação da Fabico revela pistas muito interessantes para a compreensão do que ocorreu nas universidades públicas brasileiras nos últimos meses de 2016, especialmente no que diz respeito à comunicação praticada pelas *Ocupas* da UFRGS.

Entendo que a comunicação, como ferramenta de interação, tenha operado em dois níveis durante a ocupação da Fabico: o mais evidente foi a comunicação realizada para os públicos externos, através da identificação visual do prédio ocupado, da produção de material para a *fanpage*, de entrevistas para a mídia e de atos públicos, como marchas e panfletagens. O outro nível, menos evidente na superfície, é o de organização interna da ocupação, da comunicação interpessoal coletiva, das assembleias deliberativas, dos cartazes e das dinâmicas de afeto, fundamentais para dar uma identidade, uma solidez e um norte político para um movimento formado por pessoas que não existiam como grupo antes da ocupação. Neste segundo caso, foi identificadas práticas distintas, por isso falo na comunicação como eixo de sustentação das *Ocupas* em três dimensões: *estratégias de visibilidade; as assembleias deliberativas e a comunicação interpessoal*. A primeira integra a comunicação externa, as outras duas estão situadas no âmbito da comunicação interna.

Tabela 2 - Práticas de Comunicação na *Ocupa Fabico*

TIPO DE COMUNICAÇÃO	OBJETIVO	PRÁTICAS
<b>Comunicação Interna</b>	Organização	Assembleias deliberativas Relações interpessoais (dinâmicas de afeto, murais, cartazes, etc.)
<b>Comunicação Externa</b>	Divulgação/ Visibilidade	Identificação visual (cartazes, faixas, intervenções na fachada do prédio) Entrevistas à imprensa <i>Fanpage</i> Atos externos (marchas, trançaços, panfletagens, vigília, jograis)

FONTE: O autor (2018).

As ocupações, enquanto grande acontecimento impulsionado por um tema de interesse público – uma medida econômica restritiva –, desencadearam a formação de redes de comunicação pública. A rede que interessa particularmente a esta pesquisa é a que foi formada pelos ocupantes: a comunicação que partia das faculdades ocupadas para a sociedade. Mas é importante destacar outras redes que também foram ativadas: a rede midiática; a rede formada por grupos de direita oriundos da sociedade civil, como o MBL e os movimentos *Desocupa*; a rede de entidades e indivíduos do campo jurídico que apoiaram as *Ocupas* (Defensoria Pública da União, Comitê de Apoio às Ocupações, advogados independentes); e a rede formada pela mídia alternativa, que desde o início apoiou as ocupações. Todas estas redes de Comunicação Pública ingressaram no debate público gerado a partir deste acontecimento.

As estratégias desenvolvidas pelas *Ocupas*, no sentido de conquistar visibilidade, foram, em geral, pensadas pelas equipes de Comunicação formadas em cada prédio ocupado. É o que chamei, na Tabela 2, de Comunicação Externa. Mas antes de se pensar nas estratégias de divulgação e visibilidade em uma ocupação, são necessárias várias outras ações de natureza interna e que dizem respeito à organização.

### 6.1 ORGANIZAÇÃO INTERNA: DELIBERANDO E CONSTRUINDO AFETOS

Refletindo sobre as condições normativas ideais para o desenvolvimento de um processo deliberativo, Fishkin (2015, p. 130) indaga: “O que as pessoas precisam compartilhar para poder deliberar juntas? Elas precisam compartilhar princípios fundamentais?”. Os participantes da *Ocupa Fabico* tinham experiências e simpatias políticas diferentes, conforme já foi colocado. Mas o que seriam então estes princípios fundamentais comuns imprescindíveis, segundo Fishkin, para que a deliberação ocorra? Quais valores

precisariam ser compartilhados entre eles? No caso da *Ocupa Fabico*, havia um grande corte ideológico, uma espécie de consenso que colocou todas aquelas pessoas juntas dentro de um mesmo espaço físico, após uma atitude política radical: a oposição ao governo Temer e o combate à PEC. Este é o ponto de partida e sobre ele não havia qualquer tipo de controvérsia entre os ocupantes. As discordâncias que foram surgindo entre os estudantes com o passar dos dias eram relativas aos rumos do movimento, à maneira de organizá-lo, à incorporação de outras pautas, à participação em atos externos e à articulação com as outras *Ocupas*, com movimentos sociais e, eventualmente, com partidos políticos. O golpe contra a presidenta Dilma e a consequente ilegitimidade de Michel Temer nunca foram pontos de discordância, assim como a perspectiva de prejuízos ao Brasil caso a PEC fosse aprovada.

Anteriormente destaquei a presença de comissões e a realização de assembleias deliberativas em outros movimentos recentes. Embora as comissões variem em número e em competências, de caso para caso, e as assembleias possuam diferentes regras de funcionamento, dependendo da ocupação que se analise, elas estão sempre presentes. Na *Ocupa Fabico*, as comissões tinham autonomia para tomar decisões referentes às suas responsabilidades, mas por vezes levavam decisões mais delicadas para a apreciação de todos nas assembleias, consideradas a instância superior da *Ocupa*:

*AMELIA - Todas as comissões eram submissas à assembleia. Se a assembleia tomasse uma decisão a comissão não poderia fugir disso. As comissões tinham autonomia pra agir, tomar as decisões, fazer o seu trabalho, desde que estivesse dentro das diretrizes gerais que a gente tomava em assembleia. Então se tinha alguma dúvida sobre se isso vai fugir ou não da diretriz, bom, se leva pra assembleia de novo. A assembleia era nosso órgão de decisão suprema.*

*BARBARA - A assembleia foi a ferramenta que pra mim mais explicitava os valores da ocupação. De ser um lugar onde a fala de todos fosse escutada, e sem um posicionamento hierárquico, todo mundo sentado, às vezes no chão...*

Os secundaristas paulistas que iniciaram a onda recente de ocupações de instituições de ensino brasileiras, no final de 2015, também tinham nas assembleias seu momento máximo de exercício de democracia radical. A partir de uma série de entrevistas com jovens que ocuparam suas escolas, mas também do acompanhamento *in loco* da gestão cotidiana realizada por estudantes do ensino médio no estado de São Paulo, Campos, Medeiros e Ribeiro (2016, p. 132-133), argumentam que:

a realização de assembleias diárias talvez tenha sido uma das maiores novidades em termos de aprendizado, pois não apenas é necessário conviver com opiniões diferentes, como é preciso exercer ao máximo a capacidade de compreensão, argumentação e síntese.

É importante destacar aqui a influência do movimento anarquista sobre os métodos de autogestão e tomada de decisões, tanto dos secundaristas, quanto dos universitários que ocuparam escolas e universidades em 2015 e 2016. Para Gitlin (2012, p. 81, tradução do autor), nestes primeiros anos de século XXI, “o anarquismo é menos uma teoria de ausência do Estado do que uma maneira, uma teoria e prática de auto-organização, ou democracia direta, como governo”. Ao ressignificarem “a velha utopia autogestionária” (CASTELLS, 2018, p. 147) no dia a dia das ocupações, os secundaristas e universitários que ocuparam escolas e faculdades, seguindo o exemplo de outras ocupações contemporâneas, como as ocorridas no Chile e cujos métodos foram registrados no manual argentino “Como ocupar uma escola”, atualizaram antigos métodos anarquistas, criando centenas de micro sociedades de curta duração, experimentando modos de organização não hierarquizados e constantemente discutidos e revistos.

### **6.1.1 Deliberação e construção do comum: as assembleias da *Ocupa Fabico***

Alguns textos nas páginas de *Ocupas* da UFRGS, inclusive da Fabico, defenderam a utilização de comissões e assembleias, classificando este modelo de funcionamento como o mais democrático:

O principal meio de construção do movimento é a horizontalidade das decisões tomadas em assembleias e as comissões de organização divididas em funções de: comunicação, segurança, eventos, alimentação. Foi por meio das comissões que realizamos atividades como palestras, rodas de conversas, protestos, cuidados do patrimônio da universidade, de nossa integridade física e também da nossa alimentação – através de muita solidariedade de quem trouxe doações.

OCUPA IFCH – 21/12/2016.

Somos uma ocupação de alunos que está em constante crescimento entre reuniões e assembleias – nem sempre teremos as respostas.

OCUPA FABICO – 31/10/2016.

Estamos abertos para quaisquer outras perguntas, no entanto, pedimos compreensão, pois questões maiores ainda estão sendo debatidas nas diversas assembleias agendadas.

OCUPA FABICO – 02/1/1/2016.

Para a maioria dos estudantes que ocuparam a Fabico, aquela foi a primeira experiência com uma ocupação. Eles não tinham referência anterior de assembleias e foram



descobrimo e aprimorando o método à medida que transcorriam os dias. Segundo os entrevistados, as assembleias das primeiras semanas eram desorganizadas, as regras que eles próprios definiam eram por vezes desrespeitadas, com pessoas falando mais do que o tempo permitido, interrompendo falas alheias, e com um certo predomínio de estudantes homens, especialmente os que tinham experiência de movimento estudantil e de participação em ocupações anteriores. O número de pessoas que ocupou era maior no início, outra razão apontada como causa para as assembleias tumultuadas:

*CRISTINE - No começo era mais bagunçado, porque nos primeiros dias tinha muita gente na ocupação, então era difícil de organizar a assembleia, todo mundo queria falar. E também como era um pessoal que nunca tinha participado muito de assembleia, não sabia como funcionava e já saía falando e se atravessava nas falas dos outros. Mas com o tempo o pessoal foi pegando. E também o número de participantes foi caindo ao longo dos dias. As pessoas já tavam mais habituadas com a dinâmica de: “Ó, agora o tema vai ser esse, vamos discutir isso, então quem tiver alguma coisa pra falar...” Aí tinha mesa, o pessoal organizava pra falar, tinha tempo, passava a palavra pra ti e tu tinha teu tempo pra falar: “Acabou teu tempo e deu”. E assim ia indo. Mas no começo era bem complicado.*

*ANTONIA - O pessoal mais velho<sup>94</sup> que ocupou era muito eufórico. Eles brigavam, discutiam, eles eram nervosos, era: “Meu Deus, tá acontecendo tudo isso no Brasil e a gente tá aqui, a gente precisa fazer isso, precisa fazer aquilo...” Só que a gente não conseguia abraçar tudo.*

*LARA - A organização das assembleias às vezes era caótica. Uns se atravessavam, não respeitavam o tempo, era um caos.*

*VERA - Às vezes acontecia de alguém querer falar demais, aí tinha 50 pessoas inscritas pra falar e uma não parava de falar. Então a gente tentava cortar.*

Nessas primeiras assembleias, ainda relativamente desorganizadas, onde vozes eram silenciadas e pontos de vista tentavam se impor sem a devida escuta de outras opiniões, onde mulheres e estudantes negros ainda se sentiam tímidos para participar e contestar o que não lhes parecia o mais razoável, algumas práticas já estavam presentes e foram sendo aprimoradas com o passar dos dias. Por exemplo, o uso de alguns códigos de expressão não-verbal, como balançar as mãos silenciosamente, ao invés de bater palmas, para demonstrar concordância com algo que acabava de ser dito sem interromper a fala. Ou ainda a designação de uma pessoa para presidir a reunião e fazer as inscrições para as falas e outra para escrever a

---

<sup>94</sup>As idades dos ocupantes da Fabico variavam entre 18 e 24 anos. A expressão “Mais velho” refere-se mais ao fato de estarem já há vários semestres na faculdade do que propriamente às idades, que eram muito parecidas.

ata. Após várias reuniões, o tempo finalmente passou a ser cronometrado – normalmente até 3 minutos para cada intervenção. As comissões, criadas na primeira noite de ocupação, tinham um espaço na assembleia, geralmente depois de todas as pautas da reunião serem discutidas e votadas, para fazer relatoria dos assuntos de sua alçada. Antonia, que diz ter mania de organização, resolveu assumir o papel de dirigente da mesa e por várias assembleias se empenhou na tarefa de zelar pelo respeito às regras criadas por eles próprios:

*ANTONIA - E acabava que eu tomava a frente pra fazer essa organização, eu pegava um papel e “Tá, ok, agora a gente vai fazer assembleia, a assembleia tá começando tal hora, ela tem que ir até tal hora porque depois tem uma atividade pra fazer. Então quem é que vai começar falando?” Porque senão a coisa não andava, a gente ia ficar discutindo a tarde toda, a gente tinha milhares de coisas pra fazer, e a gente precisava ter tempo e utilizar aquele tempo com muito cuidado. Então eu tomava a frente, fazia as atas, fazia as inscrições, porque senão ninguém fazia, o pessoal se perdia, ninguém focava.*

As assembleias deliberativas, onde eram decididas questões importantes sobre a sobrevivência da ocupação e seu direcionamento político, eram sempre internas. Só podiam estar presentes quem de fato estava ocupando o prédio. Mas houve também assembleias não deliberativas, abertas ao público. Uma delas debateu a qualidade da comunicação que estava sendo praticada na ocupação: Como a *Ocupa* estava se comunicando com seus públicos? Quais eram exatamente estes públicos? Como se poderia melhorar? Além da atuação no *facebook*, que outras ideias poderiam ser aplicadas para aumentar a visibilidade das ocupações? Conduzida por uma professora da Fabico, a assembleia contou com a presença de outros docentes, alunos da pós-graduação, integrantes de comissões de comunicação de outras *Ocupas* e jornalistas de veículos alternativos – que não estavam ali para cobrir a reunião, mas para contribuir com opiniões e ajudar o movimento. As sugestões foram debatidas, mas não houve qualquer votação.

Os discentes do PPGCOM da Fabico realizaram uma reunião dentro da ocupação no terceiro dia após a tomada do prédio. Quatro alunos que estavam ocupando assistiram à reunião, fazendo eventualmente algumas anotações que posteriormente relataram a seus colegas. Debatidas as primeiras pautas, o tema passou a ser a *Ocupa Fabico*. Todos os que se manifestaram deram o seu apoio à ocupação. Ninguém se prontificou a ocupar fisicamente a

faculdade, mas muitos prometeram ajudar com aulas abertas e com o suporte que fosse preciso para a Comissão de Comunicação<sup>95</sup>.

Quanto à frequência, as assembleias nas primeiras semanas aconteciam todos os dias, às vezes duas no mesmo dia. Depois foram ficando mais espaçadas:

*LUIS – Nesse primeiro momento tinha assembleia todos os dias, nas primeiras semanas tinha duas por dia. Aí se disse que a gente tava debatendo as mesmas coisas todo dia. Aí tinha um que só vinha de noite e alguma coisa já tinha sido discutido no dia: “Ah, mas eu não participei desse debate”. Nesse segundo momento tinha uma assembleia por semana.*

No período de 54 dias de duração da *Ocupa Fabico*, ocorreram transformações importantes com relação às assembleias. Até a desocupação, elas foram a principal ferramenta de organização do movimento – assim como em todas as outras *Ocupas* da UFRGS. Essas transformações ocorreram não apenas devido à variação no número de participantes, mas também porque as pautas colocadas em discussão mudaram, à medida que a perspectiva de vitória com relação à PEC foi ficando cada vez menor:

*LUIS - Eu enxergo a ocupação como um todo em dois momentos. O primeiro foi um período muito novo, de descobertas, que a gente ainda não sabia do nosso poder, do nosso potencial de fazer atividades, de durar tanto tempo. Ninguém imaginou que ia durar 54 dias. E o segundo momento foi a partir do meio, quando todo dia já era a mesma coisa, a gente já sabia a solução dos nossos problemas. “A comissão tal não tá funcionando? Junta ela com a comissão tal”. Então tu via que esses probleminhas organizativos foram sendo resolvidos. [...] Então nas assembleias nesse primeiro momento de ocupação a gente debatia muito política, era meio a meio política e organização. E nessa segunda metade era tudo organização. A política já tava feita.*

Emanuel também enxerga a ocupação em duas instâncias, ambas acontecendo ao mesmo tempo: a operacional (que Luis chamou de organização) e a política:

*EMANUEL - Eu sempre vi a ocupação acontecendo em dois níveis. Um era o nível operacional da ocupação: discutir comida, a hora de acordar, se ia fumar maconha ou não, tinha que discutir os quartos, e tudo era votado. O outro era discutir as questões políticas: “Temos que acertar tal coisa com*

---

<sup>95</sup>Alguns pós-graduandos ministraram aulas abertas na *Ocupa*, mas o apoio limitou-se a isso e a manifestações públicas de solidariedade aos ocupantes em sites de redes sociais. Não houve uma participação presencial significativa dos mestrandos e doutorandos da Fabico durante a ocupação.

*as outras ocupações, temos que acertar tal coisa com a direção”, toda essa questão política maior.*

Os temas debatidos nas assembleias da *Ocupa Fabico* podem ser divididos em três grandes blocos: *política; organização e questões pessoais*. A *política* incluía definições para serem levadas em reuniões com outras *Ocupas*, com a reitoria e com a direção da faculdade, além de discussões de conjuntura do cenário nacional – frequentes na primeira metade da ocupação. A *organização* incluía todos os aspectos ligados à permanência no prédio, como limpeza, segurança, avaliações sobre o trabalho das comissões, etc. E *questões pessoais*, chamadas por alguns entrevistados de *tretas*, diziam respeito a desavenças, incompatibilidades e desgastes na convivência diária, além de discussões sobre racismo e sexismo. Os debates sobre *política*, intensos e constantes na primeira metade da ocupação, foram perdendo espaço para as *questões pessoais*, tema predominante nas assembleias durante a segunda metade da *Ocupa*.

*LUIS - Política, organização e treta teve todo o tempo, só se mudaram os percentuais.*

*JULIO - Naquele momento que a gente tava debatendo coisas mais importantes, como posicionamento, pra onde a gente queria ir com aquilo, e às vezes a gente acabava duas horas debatendo fofoca. “Fulano disse isso de mim, fez isso que eu não gostei”. E essa parte parece pouco mas ocupou boa parte das assembleias. [...] Muita gente desistiu e desacreditou no movimento por causa disso, com certeza.*

*TANIA - As assembleias de coisas internas eram as que tinham mais dor de cabeça e que as pessoas brigavam mais. Mas não por questão política, era irritabilidade mesmo, de morar juntos.*

Aqueles que procuravam se apresentar como lideranças logo no início foram se afastando ou revendo seu posicionamento, à medida que as assembleias iam se tornando mais organizadas e que descontentamentos com essas posturas se tornavam públicos. Nos primeiros encontros o perfil predominante dos que mais se manifestavam era de homens brancos heterossexuais. Depois isso foi mudando e as assembleias passaram a refletir mais fielmente o público da ocupação – principalmente no que diz respeito à participação feminina, predominante numericamente desde o início, mas, em princípio, tímida nas assembleias.

Segundo Fishkin (2015, p. 129), “uma das chaves para o sucesso das deliberações microcósmicas é que os participantes acreditem que suas vozes sejam de alguma forma importantes”. Na *Ocupa Fabico*, as primeiras assembleias foram dominadas por estudantes

com alguma experiência em movimento estudantil e com a política em geral. Pelo menos dois entrevistados afirmaram que não se sentiam à vontade para falar publicamente no início da ocupação, por acharem que eram muito imaturos politicamente e que outras pessoas tinham mais capacidade para se manifestar. Isso foi mudando com o tempo, à medida que foram assistindo às diversas aulas abertas da programação da *Ocupa*, se instruindo politicamente e ganhando coragem para expor suas opiniões. Mas, acima de tudo, esta mudança no comportamento se deve ao fato de terem acreditado que, pelo menos naquele espaço de deliberação, suas vozes eram ouvidas. A outra transformação ocorrida é que as pessoas com mais desenvoltura para falar tiveram que se autodisciplinar para também escutar. Estudantes que estavam acostumados a publicizar suas vozes, vontades e pontos de vista, foram aprendendo a importância de ouvir o outro, inclusive para não trair a horizontalidade que a *Ocupa* desde o início definiu como principal paradigma do movimento.

*BARBARA - Tinha pessoas que falavam melhor e conseguiam colocar as coisas mais às claras. A fala tinha um peso diferente, até por ser uma pessoa mais engajada, e tu ficava mais a favor dela. Eu acho que todo mundo tentava se escutar e levar as questões, ver a situação como um todo, diversos pontos de vista...*

Segundo os entrevistados, aprender a escutar fez com que se tornassem pessoas mais justas, mais equilibradas e ponderadas, mais propensas a levar em consideração a opinião do outro, mais abertas a realizar a auto crítica. Mas para Barbara, exercitar este *escutar* era muito difícil às vezes, por duas razões: havia pessoas que faziam longas falas e tergiversavam, abandonando completamente o assunto em pauta na discussão, atrapalhando a objetividade que alguns estudantes tentavam aplicar nas assembleias. Além disso, ela conta que algumas falas entravam em contradição com atitudes que ocorriam na *Ocupa*, deslegitimando-as perante os colegas.

Segundo Bohman (2009, p. 40), a oportunidade de fala durante uma assembleia não garante, por si só, que:

todo interlocutor será capaz de influenciar o resultado da deliberação em seu favor. Como procedimentos abertos e informais como "ter a própria vez" não inibem a manipulação estratégica, é necessário considerar a efetividade do falante, e não só a oportunidade de ter suas razões consideradas.

Como alerta Young (1996), ao refletir sobre os mecanismos de exclusões internas durante deliberações, apenas a oportunidade de fala não significa que aquela voz será

adequadamente ouvida e que seus pontos de vista serão de fato levados em consideração. Isso foi sentido claramente por alguns ocupantes da Fabico, especialmente as mulheres. O acesso à fala de fato acontecia, mas outros mecanismos de desrespeito tinham lugar durante as assembleias, dificultando a troca argumentativa democrática que deveria nortear o processo deliberativo:

*BARBARA - Eu acho que tinha pessoas que não escutavam, então tinha que lembrar a pessoa que o movimento era horizontal, e que ela tinha que cuidar quando falava. Eu lembro de assembleias em que eu falei que a fala das pessoas não tava sendo uma fala democrática, elas tavam se colocando como pessoas detentoras da situação, meio que querendo dominar a fala ou a situação. Então a todo momento a gente falava pra tentar retomar essa equidade de peso nas falas.*

Fishkin (2015, p. 125) afirma que “As pessoas que entrarem no debate tendo uma perspectiva feminista vão se preocupar com a dominação masculina. As pessoas focadas em desigualdades socioeconômicas estarão preocupadas com a dominação pelos ricos e mais instruídos”. Isso ocorreu na *Ocupa Fabico*. Atitudes como machismo e racismo dentro da ocupação foram temas de assembleias, mas sempre provocados por pessoas que sofriam aquela opressão:

*BARBARA - Nessa questão de fala se via muito a fala da branquitude, de pessoas brancas estarem mais acostumadas a falar que as pessoas negras. Por uma construção que é histórica e social. Não era uma construção da Ocupação, mas repercutia ali. “Então tá, toda fala tem o mesmo peso”, mas tua via essas construções históricas se manifestando ali também. Mas o que era mais nítido mesmo é que essa fala mais centralizadora vinha muito dos meninos da ocupação. Ou não esperar a pessoa e interromper. A gente ao máximo tentava que cada um tivesse o seu tempo e terminasse esse tempo pra alguém contra-argumentar. Mas às vezes qualquer pessoa interrompia, porque: “Ah, eu não vou abrir uma fala pra só dizer que sim ou que não sobre isso”.*

Os negros e as mulheres da *Ocupa Fabico* levaram para as assembleias seus descontentamentos com coisas que aconteciam na ocupação, como a reprodução naquele microcosmo de preconceitos latentes na sociedade. E os problemas levantados por esses grupos incluíam também situações ocorridas durante as próprias assembleias – especialmente nas primeiras semanas –, como o silenciamento de algumas vozes e a pouca atenção dada a determinadas falas, o que configurava, segundo eles, uma certa hierarquização informal.

Sobre o funcionamento da deliberação na *Ocupa Fabico* e o quanto ela foi sendo afetada pelo cotidiano e pela convivência, as entrevistas revelam duas impressões predominantes: a de que as assembleias no início eram mais desorganizadas e tinham muito mais participantes; e que do meio pro fim foram ficando mais organizadas, mas como os temas predominantes eram relativos à organização e à convivência, foi havendo mais discussão e talvez menos tolerância, fruto, segundo eles, do cansaço.

*VERA - Tudo era discutido, qualquer coisa, a gente quase discutia o cardápio do dia. Algumas eram muito importantes e decidiam coisas importantes, tipo: “Quais os nossos objetivos? A gente tá ocupando porquê?” Mas tinha vezes que parecia que a gente se reunia e nada saía do lugar, que a gente tava discutindo coisas meio inúteis. Aí ficava uma briga, ninguém se ouvia direito, tava todo mundo cansado, era uma da manhã, duas da manhã, as pessoas queriam dormir, tavam com fome. Em vários momentos era bem tenso, bem estressante. Eu saía, vinha aqui pra fora... [...] Do meio pro fim a gente começou a ter muitas divergências.*

*ANTONIA - A organização melhorou, acho que a maioria das pessoas aprendeu a respeitar o lugar de fala do outro, sabe? Deixar o coleguinha falar enquanto é a hora dele falar, esperar terminar pra falar, mas depois foi ficando mais difícil porque o nosso desgaste tava demais. Cada dia que passava era um desgaste a mais.*

*BARBARA - Eu via que no começo todo mundo queria estar na assembleia, todos queriam chegar. Aí depois o pessoal não acordava pra assembleia da manhã, às vezes não queriam participar. A assembleia às vezes era uma coisa exaustiva [...]. Mas acho que isso também é reflexo de todo o cansaço. Essa não otimização da ferramenta é fruto da inexperiência, imaturidade, mas a longo prazo também é reflexo do quanto o processo de ocupação vai se tornando cansativo.*

Outro problema, fruto da inexperiência e da falta de uma organização mais efetiva, especialmente nas primeiras semanas, era o tempo que duravam algumas assembleias: cinco, sete, oito horas de duração, muitas vezes discutindo pautas pouco relevantes:

*TANIA - Às vezes demorava demais. Muito debate que não necessariamente levava pra algum lugar. Mas acho que era uma questão de adaptação do formato. Tinha umas que iam muito mais rápido. Acho que dependia muito da mesa também, de quem tava anotando o tempo no dia. Se a pessoa era mais rígida funcionava melhor. [...] Teve umas que começavam às sete e terminavam mais de meia-noite, que a gente nem tinha comido ainda, a gente tinha que comer durante a assembleia.*

BARBARA - *O formato e a ferramenta eram super válidos, mas eu não sei se a gente otimizava essa ferramenta, sabe? Porque no começo era muita gente, aquela loucura, euforia, então a gente às vezes passava horas...*

CRISTINE - *As decisões eram tomadas coletivamente, que era uma coisa que dificultava um pouco o processo porque era tudo muito devagar, qualquer coisa que precisasse decidir era decidido depois de muito tempo, muita discussão, assembleias longas.*

JULIO - *50% das assembleias eu acho que eram bem úteis, porque era uma vivência coletiva, a gente tinha que sentar e conversar sobre pontos, mas 50% era bem inúteis. Acho que por uma falta de experiência.*

Uma destas assembleias demoradas, lembrada por vários entrevistados, foi a discussão sobre o jardim de inverno da Fabico. Alguns queriam aproveitar a oportunidade de estarem no comando do prédio para deixar um legado material mais duradouro na faculdade, outros argumentavam que, com o tempo, não haveria ninguém para cuidar do jardim e, portanto, seria um esforço inútil. A energia do grupo, diziam eles, deveria ser gasta em outras iniciativas:

CRISTINE - *Teve uma discussão sobre o jardim de inverno, que foi uma das assembleias mais longas. Foi oito horas de discussão se ia plantar ou não um jardim de inverno.*

NARA - *Teve uma assembleia que durou seis horas, sete, e grande parte desse tempo foi discutindo sobre uma horta, que era pra ser ali no jardim de inverno. Eu mesma em determinado momento da assembleia peguei minhas coisas e fui dar uma volta. Acho que eu voltei uma hora e meia depois e continuava se discutindo sobre a horta.*

Havia entre os estudantes que ocuparam a Fabico um grande consenso: o combate ao governo Temer, tido como ilegítimo, e a tentativa de barrar a PEC. Mas a partir do momento em que tantos jovens com histórias e culturas diferentes começam a conviver no mesmo espaço físico, faz-se necessária uma série de acordos que possibilitem uma convivência saudável e viabilizem o sucesso da ação política. E como as decisões tomadas em assembleia não eram definitivas, podendo ser revistas a qualquer momento que o grupo considerasse adequado, alguns temas eram recorrentemente debatidos. Foi assim com relação aos hábitos no interior do prédio. Questões como a hora de dormir e acordar – e mesmo se deveria haver tais regramentos –, o consumo ou não de bebidas alcóolicas, o respeito às regras determinadas pela Comissão de Alimentação – algumas pessoas *assaltavam* a cozinha de madrugada,



gerando insatisfação nos responsáveis pela comida – costumavam provocar discussões fortes e, não raro, muito longas:

*EMANUEL - Lembro de uma assembleia que debateu hábitos e comportamentos aqui, do tipo fumar, beber, e aí outras questões que foram surgindo. E foi uma discussão muito demorada, acalorada, o caldo foi engrossando... Essa assembleia durou muito tempo. Eu lembro de ter ido pra rua fumar um cigarro e quando eu voltei ainda tava na mesma discussão. E não se decidiu nada.*

Os ocupantes da Fabico participaram, durante o período da ocupação, de manifestações de rua. Boa parte delas foi organizada e realizada em conjunto com outras Ocupas da UFRGS. Ainda assim, algumas questões eram pauta das assembleias internas, principalmente com relação ao comportamento durante os atos:

*EMANUEL - Teve uma assembleia que a gente discutiu uma das questões mais tradicionais da esquerda: a gente apoia ou não manifestação com quebra-quebra? Essa assembleia durou muito tempo e a gente não entrou num consenso. Porque a gente não podia fazer um quebra-quebra em nome da ocupação da Fabico, mas a gente não podia impedir que quem quisesse se manifestar desse jeito fizesse.*

Outra assembleia importante e que teve muitos posicionamentos divergentes foi a que debateu a possibilidade de realização, no prédio da Fabico, de uma aula pré-Enem do cursinho popular que funciona na faculdade. A Comissão de Segurança era contrária à ideia, argumentando que a presença de menores de idade na ocupação poderia trazer problemas para a *Ocupa*. A Comissão de Comunicação era favorável à aula, sob o argumento de que a luta que estava sendo travada nas unidades ocupadas da UFRGS era justamente para garantir que a universidade pública não sofresse prejuízos financeiros com a PEC e tivesse o seu funcionamento no futuro assegurado. Assim, como impedir a entrada de futuros alunos de baixa renda?

*VERA - Foi decidido que a gente ia ceder o espaço, mas acabou que não aconteceu por causa deles, eu não sei se conseguiram outra sala, mas a gente tinha liberado, até porque a gente tava ocupando por essas pessoas que estudariam aqui depois de nós, então seria meio insensível a gente barrar essas pessoas, porque este espaço também era direito deles.*

Os relatos presentes em *fanpages*, blogs, *youtube*, trabalhos acadêmicos e entrevistas realizados sobre as práticas de secundaristas e universitários durante as ocupações de suas instituições de ensino, nestes últimos anos, revelam processos deliberativos que vão sendo implantados e aprimorados pelos estudantes a partir da prática. Regras vão sendo implantadas e, caso não apresentem resultados satisfatórios, modificadas. É na autogestão que o modelo vai sendo melhorado, através de fatores intrínsecos a cada ocupação. Nas assembleias da *Ocupa Fabico* ocorreram uma série de problemas. Muitos foram resolvidos, outros implicavam questões de valores a respeito de preconceitos e práticas discriminatórias solidificadas no tecido social levaram ao fim da participação de algumas pessoas. Apesar destas imperfeições, os entrevistados defendem a utilização das assembleias:

*VERA - Era bem importante, mesmo que fosse muito cansativo e às vezes parecia que não chegava em lugar nenhum. A gente precisava daquelas assembleias pra discutir o que a gente ia fazer ou não, já que não tinha como uma, duas ou três pessoas decidirem por todo mundo.*

*CRISTINE - Tu aprendia meio com a experiência, de estar participando e ver como é que funcionava, ninguém nos preparava pra isso. Mas era uma coisa que dava muito acesso pra gente poder falar.*

*TANIA - Eu acho que é o método mais horizontal possível, não teria como ser diferente.*

*JULIO - Tinha essa perda de tempo com assuntos irrelevantes praquela momento, mas como sistema eu acho que era a melhor forma de todo mundo ser ouvido, não penso em outra coisa que não dessa forma.*

Ao contrário, por exemplo, de uma ocupação por moradia, nenhum grupo ocupa uma escola ou uma faculdade com a intenção de permanecer ali definitivamente. Portanto, todas as deliberações neste espaço visam, de antemão, um processo temporário. Algumas decisões sobre a segurança, por exemplo, foram aprovadas em assembleia e em outro momento revogadas.

A última assembleia realizada na *Ocupa* foi na noite que antecedeu a devolução do prédio à diretoria da faculdade. Houve discussões fortes sobre como organizar a desocupação e se deviam ou não fazer alguma intervenção no prédio. Segundo Barbara, em um dado momento, a assembleia parou e duas pessoas ficaram discutindo acirradamente, estragando, de certa maneira, a última noite dos estudantes no prédio.

As assembleias deliberativas, enquanto método de organização e tomada de decisões, são defendidas por todos os estudantes com quem conversei. Sem ser um modelo acabado e

tendo maleabilidade para se adaptar a diferentes situações, sofreu adaptações nas *Ocupas*, de acordo com o número de pessoas, a importância e o número das pautas e a urgência de tomar uma decisão, entre outros fatores. À medida que as pessoas iam se acostumando ao processo, na *Ocupa Fabico*, os encontros ficavam mais organizados, com controles mais rígidos do tempo das falas, por exemplo. Por outro lado, o cansaço decorrente da administração de um prédio por tantos dias, mais a tensão do momento político, por vezes deixavam as pessoas irritadas e com pouca paciência para a alteridade. Como qualquer experiência de democracia radical, as assembleias foram entrando sendo moldadas de acordo com a necessidade e o perfil dos participantes. Um processo dialógico, em constante reconstrução, a serviço de um objetivo político.

### **6.1.2 Comunicação interpessoal e dinâmicas de afeto**

Uma das principais características dos movimentos de ocupação da UFRGS – e a rigor, de todas as outras ocupações de universidades no Brasil – é que a organização acontecia após o ato, ela não o precedia. Não eram grupos organizados que decidiram realizar uma ação política. Primeiro a ação aconteceu e depois surgiu a necessidade de se organizar. Como afirma Butler (2018, p. 65): “algumas vezes não é uma questão de primeiro ter o poder e então ser capaz de agir; algumas vezes é uma questão de agir, e na ação, reivindicar o poder de que se necessita”.

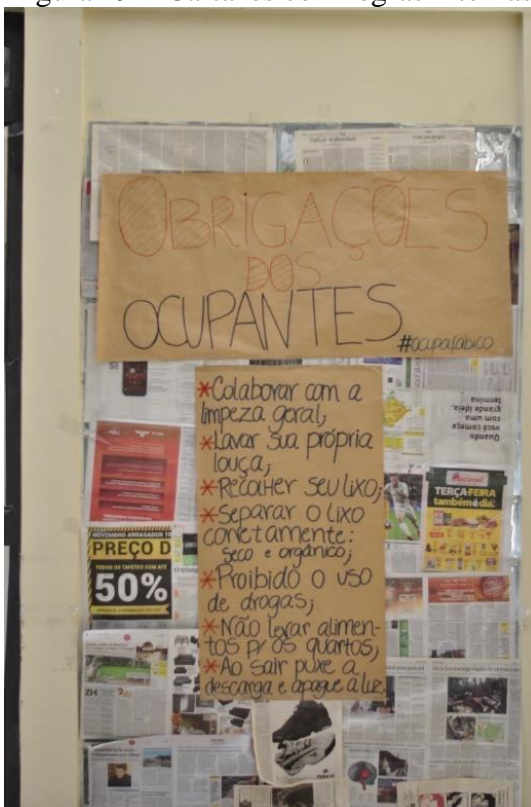
E a ferramenta utilizada para essa organização interna, visando a coesão e o consenso quanto às pautas defendidas, foi a deliberação. Era nas assembleias que os problemas eram debatidos e que os rumos do movimento eram definidos. Isso faz da comunicação interpessoal um elemento de estruturação do movimento. Além de organizar a ocupação, instrumentos de comunicação precisam ser mobilizados inclusive para que as pessoas conheçam umas às outras, uma vez que havia estudantes de semestres diferentes e até mesmo pessoas de fora da Fabico ocupando, sem qualquer tipo de relação anterior. A ação política fez com que estudantes passassem a conviver no mesmo espaço e fossem obrigados a pensar em conjunto, não apenas para manter o espaço ocupado e lutar contra a aprovação da PEC, mas também para equacionar problemas surgidos na convivência.

Definidas as comissões, ainda na primeira noite de *Ocupa*, os estudantes – quase todos alunos dos cursos de Comunicação – tentaram criar uma rotina organizacional. À medida que iam sendo definidas as atividades que fariam parte da agenda semanal da ocupação, estas eram publicizadas em cartazes e murais internos:

AMELIA - *Tinha murais das comissões onde iam todos os recados. Porque nós não nos conhecíamos, então como nós vamos saber o que que nós vamos comer, que horas a gente vai dormir, os turnos da segurança, o que tem de eventos, o que a Comunicação tá fazendo? Leiam os murais. Todo mundo acordava de manhã, pegava seu café e passava lendo todos os murais.*

Além das assembleias e das muitas dinâmicas, que iam de exercícios de discussão de privilégios até práticas de dança e rodas de massagem coletiva, muitos cartazes cobriam as paredes e portas internas do prédio da Fabico. Os cartazes no interior da ocupação eram usados com quatro objetivos: a) *divulgação das atividades da Ocupa* (agendas com horário das assembleias, aulas abertas, oficinas); b) *informações sobre as salas e sobre o cotidiano da ocupação* (onde botar o lixo, horário de silêncio, horário do almoço e da janta, regras sobre o acesso à cozinha, quais quartos e banheiros eram mistos e quais eram só para mulheres); c) *mensagens de afeto*, visando criar e/ou reforçar laços de amizade e carinho entre os estudantes; d) informar os estudantes, através da reprodução de notícias da mídia sobre temas de interesse da *Ocupa*. Eram cartazes produzidos por eles e que tinham eles próprios como público-alvo – além, é claro, das pessoas que visitavam a ocupação.

Figura 19 – Cartazes com regras internas

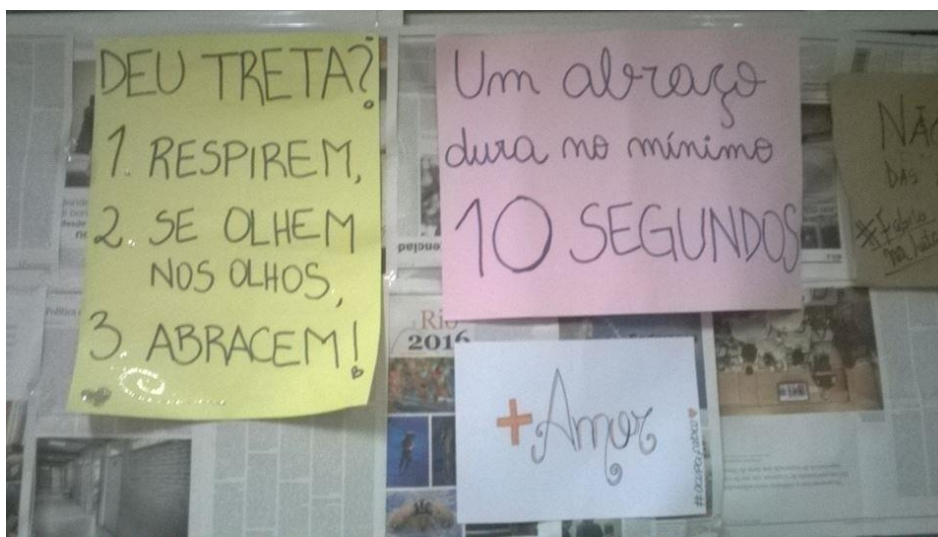


FONTE: Acervo pessoal dos estudantes

De acordo com Downing (2004, p. 166), “a comunicação radical pode destinar-se a fortalecer aqueles a quem ela se dirige, a validar sua dignidade e renovar sua identidade cultural”. O autor chama esta comunicação interna de *comunicação radical lateral*. A experiência prática da ocupação foi revelando desafios diários, que precisavam ser superados com a união dos ocupantes. Além do inimigo externo, simbolizado na figura do presidente Michel Temer, questões pessoais internas poderiam arruinar o cotidiano da *Ocupa* e decretar o seu fim, se não fossem enfrentadas e discutidas pelos estudantes. Uma das ideias foi a confecção de cartazes que ajudassem na consolidação da ocupação como um grupo coeso de estudantes:

ANTONIA - *A gente parou um dia e falou: “Vamos fazer uns cartazes, a gente precisa se olhar mais, a gente precisa falar de empatia, de amizade, de amor. A gente tá longe da nossa família, nossa família agora somos nós, são nossos amigos, então a gente precisa reconhecer isso”. E aí um dia a gente parou e fez um mutirão, a gente juntou dinheiro e comprou vários materiais pra fazer: “Vamos desenhar pra todo mundo que tá aqui”. Aí a gente fez em cartolina, umas frases, uns desenhos, mas tudo começou com essas atividades.*

Figura 20 – Cartazes com mensagens de afeto



FONTE: *Fanpage Ocupa Fabico*

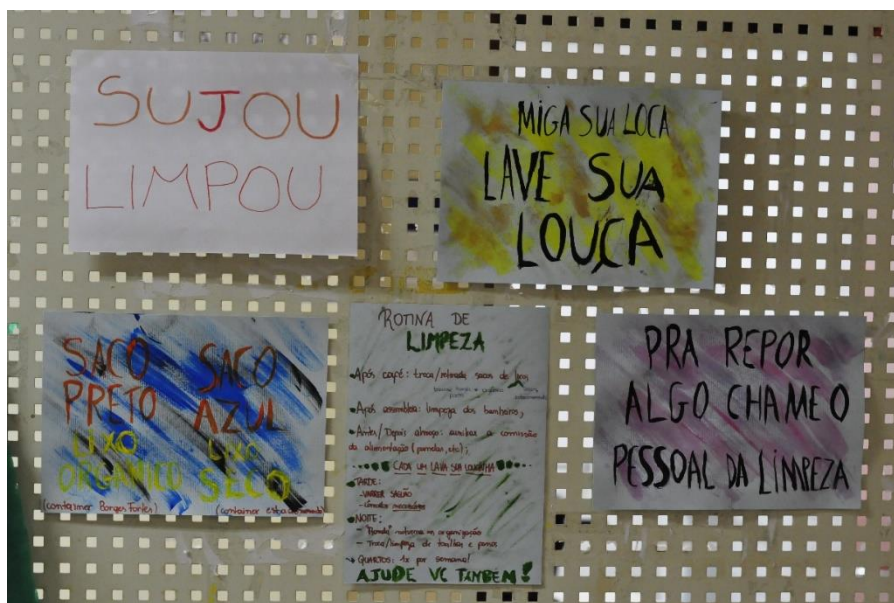
Não há como precisar a quantidade de cartazes produzidos na *Ocupa Fabico*, mas certamente está na casa das centenas. O acesso a eles, para esta pesquisa, se deu através da *fanpage*, onde muitas fotografias os retratam, e do compartilhamento de arquivos pessoais dos estudantes, especialmente fotos e vídeos. Alguns poucos ainda se encontram nas paredes e

murais da faculdade ou em portas de salas de aula, mas a maior parte foi destruída pelos próprios estudantes ao desocuparem a Fabico. É possível identificar alguns padrões quanto ao seu conteúdo e objetivos. Assim, os dividi em: *Limpeza*, *Comportamento*, *Política*; *Críticas à Universidade* *Combate a preconceitos*; e *Demonstrações de afeto*. Seguem abaixo alguns exemplos:

- a) *Limpeza*: “Tá de bobeira na Ocupação? Dê um tapa na louça!”; “Miga sua loca, lave sua louça”; “Separe o lixo – Reciclável, não reciclável”; “Toalhas de rosto são para o rosto, toalhas de louça são para a louça”; “Jogue os restos de comida no lixo ao lado da cozinha”, “Se estiver de bobeira encha as garrafas”.
- b) *Comportamento*: “Respeite o horário de acordar”; “Você não vai ser menos de esquerda se não fumar maconha por uns dias”; “Proibido o uso de drogas”; “Para a segurança de todxs não é permitido entrar com bebida alcóolica e/ou drogas. A Ocupa Fabico agradece”.
- c) *Política*: “Se você é neutro numa situação de INJUSTIÇA você escolheu o lado do opressor”, “A escola sem partido aniquila o pensamento crítico”; “Reforma do Ensino Médio = Retrocesso na formação”
- d) *Críticas à universidade*: “Catracas são instrumentos de poder coercitivo, utilizados para afastar a comunidade da Universidade pública. A manutenção desse poder é para quem? Queremos um espaço aberto de verdade. A UFRGS é de todos”.
- e) *Combate a preconceitos*: “Black lives matters”; “Queremos uma Fabico preta indígena periférica e popular!”; “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”; “Respeita as mina, os mano, as mona!”.
- f) *Demonstrações de afeto*: “Um abraço dura no mínimo 10 segundos”, “Inspira, respeita, não pira”; “Perdoe os outros e você também”; “Aceita-se doações de afeto”; “Cair pra perceber que a honra tá no levantar”; “+ Amor”.

Alguns cartazes internos compunham uma série chamada “O que eu aprendi com a ocupação”. Aqui os *aprendizados*, sugeridos no título, não eram do campo da política, mas dos afetos e das relações interpessoais: “Mostrar sentimento não é fraqueza”; “Não definir as pessoas pela primeira impressão”; “Que ainda posso acreditar na bondade das pessoas”; “Não esperar que façam por mim”.

Figura 21 – Mural com cartazes no interior da ocupação



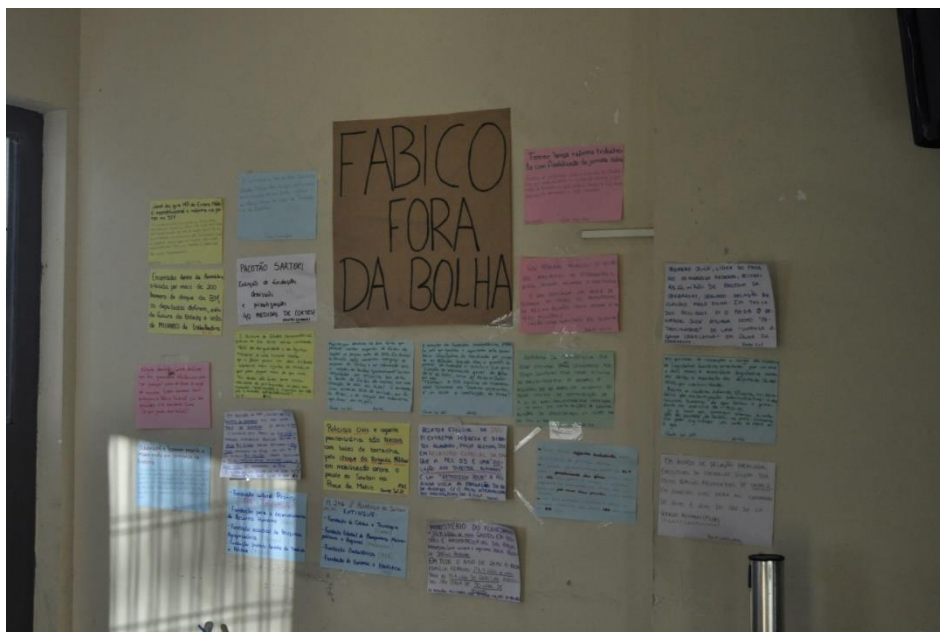
FONTE: Fanpage Ocupa Fabico

Uma das paredes internas da Fabico foi decorada com cartazes que reproduziam notícias da mídia (principalmente dos sites do *Correio do Povo* e do *Sul21*). Quase todas diziam respeito ao Pacote Econômico lançado pelo governo Sartori<sup>96</sup>. As notícias escolhidas eram sempre desfavoráveis ao governo do Estado e alinhadas ao pensamento da ocupação. No centro destes cartazes menores – na verdade, folhas de tamanho A4 –, um cartaz maior com a frase “Fabico fora da bolha”, sinalizava que, embora reclusos no prédio ocupado, os estudantes estavam conectados com o que acontecia no *mondo exterior*. Assim como ocorreu em outras *Ocupas* da UFRGS, os ocupantes da Fabico se posicionavam com relação a outros temas políticos não diretamente ligados à PEC do Teto de Gastos, sem que isso representasse qualquer desvio na linha ideológica do movimento.

<sup>96</sup> No dia 21 de novembro de 2016, o governo do Estado do RS enviou a Assembleia Legislativa o “Pacote de Modernização” que, entre outras propostas, propunha a extinção de nove fundações estaduais. A extinção das fundações foi aprovada pelos deputados gaúchos no dia 21 de dezembro de 2016.

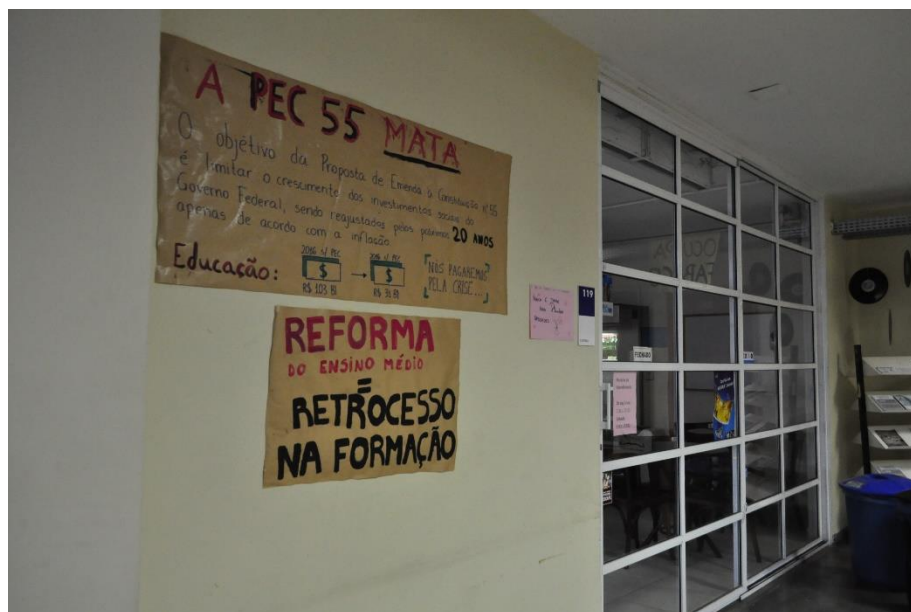


Figura 22 – Cartazes reproduzindo notícias da mídia



FONTE: Acervo pessoal dos estudantes

Figura 23 - Cartazes de conteúdo político na Fabico



FONTE: Acervo pessoal dos estudantes

As paredes internas da Fabico também foram, durante a ocupação, decoradas com desenhos de rostos – principalmente femininos –, pinturas abstratas e mensagens textuais ilustradas com flores, cores, tribais e formas geométricas. Os estudantes estimulavam e eram estimulados a deixar aflorar suas aptidões artísticas. Em um espaço da faculdade foi criado o Mural da Poesia, onde papéis com versos escritos pelos ocupantes eram pendurados em uma



corda, como em um varal de roupas. Os materiais para desenhar, pintar e escrever estavam sempre em um lugar acessível para os que quisessem criar alguma coisa.

Figura 24 – Desenhos nas paredes da *Ocupa*



FONTE: Acervo pessoal dos estudantes

As críticas à Universidade e as insatisfações quanto ao modelo considerado hierarquizado de ensino passavam também pela ressignificação e reconfiguração visual da faculdade. As paredes brancas e vazias se encheram de cores durante os dias de ocupação. Para os estudantes, redecorar seu espaço diário de aprendizagem significava também provocar reflexões sobre a maneira com que a instituição pública cumpre a sua missão, sobre o seu caráter democrático ou não, sobre o quão inclusiva ela de fato é. Para além dos aspectos lúdicos, de motivação emocional, de compartilhamento de emoções subjetivas – que se tornam coletivas ao serem publicizadas e encontrarem reciprocidades –, as expressões artísticas também podem ser políticas.



precisavam ser equacionados, sob o risco do fim da ocupação. Um bom exemplo foi uma dinâmica realizada ainda na primeira semana de ocupação, sobre privilégios de classe, raça, gênero ou orientação sexual. No dia 4 de novembro, foi publicado na *fanpage* da *Ocupa Fabico* um álbum com 6 fotografias deste encontro. Assim os estudantes justificaram a atividade, em texto que acompanha o álbum:

Buscamos fazer, diariamente, atividades como essa na parte da manhã. Lembramos que ocupar é, também, um exercício diário de convivência humana. Crescemos ao abdicar do conforto dos nossos lares para, juntos, lutarmos por uma universidade pública e popular de qualidade. Crescemos ao olharmos uns aos outros e entendermos nossos privilégios, ao enxergarmos os nossos colegas para além das nossas salas de aula. Crescemos ao debatermos incessantemente em assembleias todas as nossas ações, todos os acontecimentos da Ocupação, para que ela permaneça sendo uma construção coletiva e horizontal.

OCUPA FABICO - 04/11/2016.

Rodas de massagem, dinâmicas de abraços (que os alunos chamaram de *Abraços*<sup>97</sup>), troca de bilhetes com frases de carinho, meditação, práticas de yoga, exercícios psicológicos de discussão de privilégios, rodas de dança, cirandas, contação de histórias de vida. Muitas foram as maneiras através das quais os estudantes procuraram harmonizar a relação entre eles. Com o passar dos dias, com o aumento do cansaço e o desconforto de estar longe de casa, e também a partir da identificação de casos de machismo e racismo, os estudantes criaram atividades para tentar equacionar seus problemas internos e se manterem ocupando a faculdade. É o que chamo aqui de *dinâmicas de afeto*:

CRISTINE - *A gente fazia umas dinâmicas de abraço pra tentar dar uma amenizada, porque ficava um clima muito tenso às vezes.*

---

<sup>97</sup>Alusão ao disco homônimo de Caetano Veloso.

Figura 27 - Abraço no pátio da Fabico



FONTE: Fanpage Ocupa Fabico

*ANTONIA - Algumas pessoas começaram a propor algumas atividades, porque se a gente continuasse assim a gente ia se desunir, e a ocupação ia acabar logo, a gente não podia continuar assim, a gente tinha que se segurar. Porque era nós por nós. Tu não pode ocupar uma universidade com 10 pessoas, a gente precisava manter todo mundo lá dentro, a gente precisava ter empatia um com o outro: “Então vamos meditar, vamos acordar às 8 e meditar. Vamos fazer um exercício sobre privilégios: Quem reconhece aquilo, quem sabe que aquilo é presente na sua vida dá um passinho à frente. A gente vai pegar um bastão na mão e vai falar aquilo que mais gosta um no outro, ou as coisas que mais marcaram na nossa vida, se a gente quiser compartilhar com as pessoas que tão aqui”, E acabou que depois dessas atividades a gente foi se sensibilizando mais um com o outro, a gente foi voltando a se gostar, a se respeitar como indivíduo. E aí a gente começou a perceber que lá dentro a gente precisava também ter dias felizes, precisava dançar às vezes, a gente precisava jogar carta...*

*LUIS - A gente fazia meditação coletiva, atividades em grupo em que a gente expunha nossas dores. Se fez uma rodinha no jardim de inverno e todo mundo contou sua história. A gente dançava, se olhava no olho...*

Algumas atividades eram iniciativas das mulheres e voltadas exclusivamente para elas – o *Encontro das Mina* é um exemplo, mas também as cirandas, que passaram a ocorrer a

partir da segunda metade da ocupação. Segundo uma das entrevistadas, algumas pessoas com problemas familiares revelavam estar mais à vontade para dividir seus medos e problemas entre os colegas do que em casa ou em um consultório. E assim estes encontros foram de alguma maneira, pelo menos para os que deles participavam, um fórum para o compartilhamento das angústias, tristezas e alegrias que o confinamento na faculdade fazia aflorar.

Muitas das tensões surgidas entre os ocupantes vinham à tona durante as assembleias e seguiam reverberando no dia a dia da ocupação. Discordâncias de ordem política, ou, na maioria das vezes, desavenças pessoais. Casos de racismo e sexismo contribuíam para uma espécie de segmentação interna na *Ocupa*:

*BARBARA - O afeto era mais fácil entre pessoas que se enxergavam em opressões parecidas. Então era mais fácil o afeto entre mulheres, entre pessoas de baixa renda, entre pessoas negras. E com o tempo foi perdendo o caráter coletivo e foi tendo mais uma cara de panelinha.*

*VERA - No começo tinha dinâmicas, de se olhar no olho e se abraçar por pelo menos 10 segundos. Nem sempre funcionava, porque as pessoas nas assembleias brigavam e depois não queriam olhar uma na cara da outra, mas em geral eu acho que isso funcionou bastante pra aguentar tanto tempo aqui. Porque era estressante e a gente precisava formar essa maneira de falar e tratar uns aos outros de uma forma que não ficasse muito pesada. Por mais que tivesse discussões e stress, a gente tentava dar um jeito nisso e dizia: “A gente vai ter que se aguentar porque senão a gente vai desocupar, a gente não vai ter força”.*

De acordo com Downing (2004, p. 67): “A comunicação efetiva no interior dos movimentos sociais [...] é uma necessidade vital para que a automobilização possa ocorrer e prosperar”. Comunicação que deve contribuir para, pelo menos em algum nível, homogeneizar um grupo bastante heterogêneo de estudantes:

*DANIEL - Pessoas com vidas diferentes, histórias diferentes, costumes diferentes e tinham que se tolerar naquele espaço. Então como evitar atritos e ser uma coisa saudável? A gente teve que trabalhar muito isso, seja com dinâmicas, seja com conversas. Isso foi muito legal.*

*EMANUEL - Na ocupação a gente teve muitos momentos de conversar, trocar experiências, brincadeiras que a gente fazia. Porque tu tem que prezar pela sanidade mental. Me lembro da gente fazer roda de massagem, são coisas que te dão folego e dão uma respirada pra seguir.*

VERA - *Mais do meio pro fim as pessoas tavam cada vez mais cansadas, era muito desgastante estar aqui o todos os dias. No começo tinha muita gente e no final foi ficando cada vez menos pessoas, então era sempre as mesmas pessoas que tavam aqui desde o início e dormiam mal, comiam mal, era frio. Então por causa do cansaço e do stress as pessoas começaram a ficar sem paciência. Qualquer coisinha virava uma discussão enorme. No início, essas dinâmicas, era bem mais fácil, e ajudou a fluir melhor, senão talvez nem teria dado certo até o final. No final as pessoas não tinham mais paciência pra isso. Acho que só mais nos últimos dois dias, que aí as pessoas já tavam mais saudosas, aí voltaram a se abraçar, a chorar e a ser fofas, Mas do meio pro final as pessoas já tavam meio sem saco de ficar se abraçando: “Não, tô braba mesmo e é isso aí”.*

Cabe ainda comentar que o *whatsapp* foi bastante utilizado durante as *Ocupas* da UFRGS, como ferramenta de comunicação e organização interna. Havia grupos com todos os ocupantes de um prédio, um apenas para integrantes das comissões, um que incluía todas as *Ocupas*, outro para membros de comissões semelhantes de *Ocupas* diferentes, grupos exclusivos para mulheres, para negras e negros, e assim por diante. Grupos fechados no *facebook* e no *Messenger* também cumpriam essa função de possibilitar a comunicação entre os ocupantes, seja em grupos maiores heterogêneos, seja de maneira segmentada, através de critérios como gênero e raça.

## 6.2 A COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO E A BUSCA POR VISIBILIDADE

No dia 8 de dezembro de 2016, foi publicado na *fanpage* da *Ocupa Exatas* da UFRGS um vídeo com pouco mais de dois minutos, do professor Attico Chassot, veterano professor, hoje já aposentado e com 79 anos, autor de vários livros (um deles, “A ciência é masculina? É, sim senhora!”), foi tema de uma visita posterior do professor à *Ocupa Exatas*). No vídeo ele se diz surpreso com o que viu na ocupação, a primeira que visitara em toda a vida<sup>98</sup>. Após elogiar a organização dos alunos, disse que desconhecia completamente o que estava se passando na UFRGS, embora acompanhasse diariamente a mídia local:

Mas principalmente me impressionou é que isto acontece numa cidade onde eu vivo, uma cidade onde eu leio a grande imprensa de cada dia, e eu não sabia que existia. Eu sabia que existia, mas não sabia que existia assim. Então a ausência de notícias acerca de um fenômeno completamente novo... que não é conhecido pela grande maioria da população, talvez não seja nem conhecido pelos estudantes da universidade...

<sup>98</sup>O próprio professor contou a experiência de conhecer uma ocupação em seu blog. Disponível em: <<http://mestrechassot.blogspot.com/2016/12/08-o-que-e-uma-ocupacao.html?m=1>>. Acesso em: 8 set. 2018.



O desconhecimento do professor Chassot não era uma exceção. Como os estudantes da UFRGS iriam descobrir ao ganharem as ruas para conversar com a população sobre a PEC e as *Ocupas*, a invisibilidade das ocupações nos principais espaços midiáticos de Porto Alegre, principalmente nos telejornais, fez com que a ação dos alunos simplesmente inexistisse para boa parte da opinião pública.

As estratégias de visibilidade elaboradas pelas *Ocupas* foram pensadas pelas equipes de Comunicação formadas em cada prédio ocupado. Assim como todas as demais comissões da Fabico, a de Comunicação foi criada na primeira noite de ocupação. O número de pessoas que a integrou variou de 5 a 10, durante os 54 dias de *Ocupa*. Ela foi a comissão com mais alunos veteranos. A maioria dos integrantes já estava a pelo menos dois anos na faculdade e já havia feito, ou estava fazendo, estágios à época da ocupação – trabalhando em assessorias de imprensa, agências de Publicidade ou em empresas, na gestão de mídias sociais:

PAULO - *O pessoal da comunicação era um pouco mais velho, gente que já tinha uma certa dinâmica de como se faz.*

Figura 28 – Quadro na sala da Comissão de Comunicação

Sábado 12/11	Domingo 13/11	Segunda 14/11
10h- Multirão de limpeza	10h- Assembleia	9h- Assembleia
11h- Assembleia	11h- Dinâmica	Também - O negro no jornalismo brasileiro (Fernanda Bastos/TVE)
15h- Roda de Conversa sobre o legado da Ocupa + Picnic da Ocupa	14h30- Reunião comunicação	
22h- Discotecagem da Ocupa	16h- Sunset	18h- Cine Negro
	#SomdaOcupa / DJ: Dimas Henkes, Fê Carlim	
	18h- Cine Negro	

FONTE: Acervo pessoal dos estudantes

Entre as incumbências da comissão estava a produção de conteúdo e gerenciamento da *fanpage* e o relacionamento com a mídia. Na noite de criação das comissões surgiu a ideia de uma equipe responsável especificamente para organizar eventos na *Ocupa*. Nascia assim a Comissão de Eventos. Como esta trabalhava em estreita relação com a de Comunicação, a quem cabia divulgar as atividades na *fanpage*, os estudantes resolveram uni-las, passando os

primeiros dias de ocupação. Os eventos eram programados para atrair as pessoas até a *Ocupa*, para que elas vissem com os próprios olhos o que estava acontecendo e tirassem suas conclusões a partir do contato direto com a Ocupação, sem a mediação midiática:

*LUIS - Eu acho que os eventos quase diários... isso ficou bom. Isso é comunicação também, fazer eventos pras pessoas virem e participarem. E teve eventos fantásticos.*

Figura 29 - Show do grupo Dingo Bells no pátio da Fabico ocupada



FONTE: Fanpage Ocupa Fabico

Os convites para aulas abertas, shows musicais, assembleias e outras atividades possuíam, em muitos casos, uma linguagem acolhedora. A intenção era que as pessoas que fossem às atividades na *Ocupa* de alguma maneira acabassem se envolvendo na ocupação e se somassem às dezenas de estudantes que ocupavam à faculdade. Os exemplos abaixo mostram o esforço em atrair as pessoas à Fabico:

Lembramos que hoje, no feriado, a ocupação permanece ativa e aberta à comunidade. Convidamos todos a conhecer nossa Ocupa, entender seu funcionamento e desmistificar algumas ideias comuns sobre o dia-a-dia desse movimento.

OCUPA FABICO - 02/11/2016

**CHEGA MAIS, FABICO!**

Somos cada vez mais e as atividades culturais e educacionais já estão acontecendo. O que mais precisamos é de GENTE disposta a vir construir coletivamente esse ambiente de aprendizado horizontal.

OCUPA FABICO - 08/11/2016



Traz teu chimarrão, vem ficar por dentro do que está rolando.

OCUPA FABICO - 26/11/2016

Os integrantes da Comissão de Comunicação criaram uma espécie de programa estrutural a ser seguido pela *Ocupa*. Denominado “Comunicação: qual vai ser?”, o material propunha regras internas para o funcionamento da *Ocupa* e estratégias específicas para aumentar a qualidade das ações de comunicação produzidas por eles. Com relação às normas de convivência, o material sugeria, por exemplo, que os ocupantes dormissem cedo para acordarem cedo e não perderem nenhuma das atividades da manhã, principalmente as assembleias. Propunha também horários para a utilização da mesa de sinuca, para as assembleias da manhã (inclusive delimitando em uma hora a sua duração, das 9 às 10 horas) e que todas os dias, antes do almoço, houvesse alguma dinâmica de interação, além de reuniões entre as comissões.

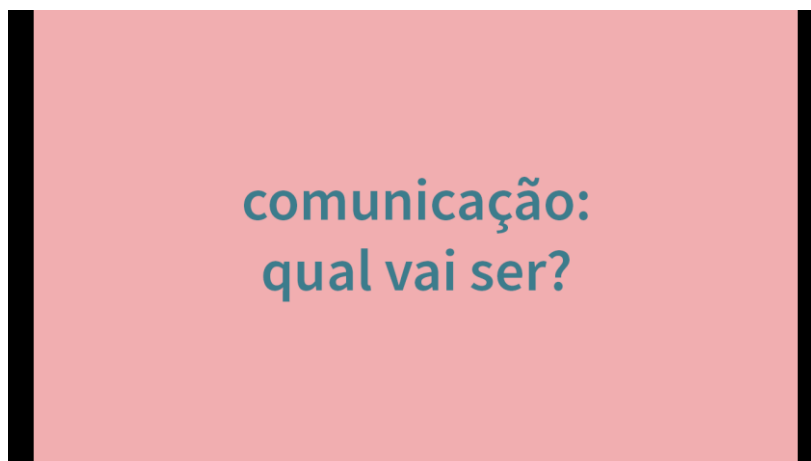
O material – que não chegou a ser impresso, apenas compartilhado pelas ferramentas de comunicação interna utilizadas pelos ocupantes – e-mail e *whatsapp*<sup>99</sup> –, também os estimulava a fotografar e filmar as atividades da *Ocupa*, produzindo conteúdo para a *fanpage* e registrando em imagens a experiência de ocupar o prédio da própria faculdade. Com relação à programação, sugeriu-se que houvesse pelo menos dois shows e três sessões de cinema por semana.

Sobre o trabalho da Comunicação, o material propunha reuniões semanais com a professora Luti, especialista em redes digitais e apoiadora próxima da *Ocupa*, para avaliação de como estava a produção de conteúdo e a administração da *fanpage*.

---

<sup>99</sup>Algumas sugestões para o funcionamento interno da ocupação foram aceitas em deliberação na assembleia geral da *Ocupa* e se transformaram em cartazes. Mas não houve uma impressão do material conforme foi criado pela Comissão de Comunicação.

Figura 30 - Capa do material criado pela Comissão de Comunicação da Fabico



FONTE: Acervo pessoal dos estudantes

Tendo em vista o método horizontal com que os ocupantes da Fabico se organizaram, não seria razoável que uma das comissões tivesse o poder de propor regras para todos os estudantes. Sendo assim, as sugestões sobre a organização da ocupação do manual “Comunicação: qual vai ser?” foram submetidas à apreciação geral durante assembleia. Algumas dicas foram aceitas, outras não. Mas no que se referia à Comissão de Comunicação, seus membros afirmam que as determinações foram seguidas à risca por eles próprios.

### 6.2.1 A identificação visual da Fabico e das outras *Ocupas*

Intervenções definitivas nas fachadas dos prédios não eram uma opção para os estudantes da UFRGS, já que uma pintura, por exemplo, poderia ser enquadrada como dano ao patrimônio público. Havendo essa restrição a alterações drásticas nas partes externas dos edifícios ocupados, a escolha recaiu então sobre as mídias radicais alternativas mais populares, mais baratas e removíveis, mas nem por isso de pouco alcance: faixas, cartazes e bandeiras. Estes foram os principais elementos de identificação visual das *Ocupas* da UFRGS. As mensagens veiculadas nessas mídias eram as primeiras a serem lidas pelo público que chegava aos prédios ocupados. Era o cartão de visitas do movimento, a declaração de conquista do território.

Como afirma Downing (2004), boa parte dos formatos de mídia radical não dependem de tecnologia e possui baixo custo, como os muitos tipos empregados em uma marcha, por exemplo: cartazes, faixas, camisetas, performances teatrais, cantos, slogans, grafite, pichações, máscaras, pinturas no corpo, etc. O cartaz, utilizado à exaustão nas *Ocupas* da

UFRGS, é uma mídia radical alternativa largamente utilizada pelos movimentos de resistência ao longo da história. Adequado para qualquer tipo de discurso (irônico, firme, satírico, agressivo, poético) e expressão visual (foto, desenho, pintura, grafia), tem sido amplamente utilizado em repertórios como marchas e ocupações. Também funciona bem ao ser reproduzido através dos meios visuais como o vídeo e a fotografia, o que aumenta o alcance e o público do seu discurso<sup>100</sup>.

Neves (2017, p. 163) fala no cartaz como “suporte de agitação política, propaganda e, mais tarde, de memória”. Mas, se nas passeatas ele pode funcionar como expressão individual, como momento de subjetivação política pela exibição de um conteúdo auto produzido, um *eu como marca* (NEVES, 2017), nas ocupações, repertório onde também se adequa perfeitamente, ele deve expressar valores coletivos. O cartaz na ocupação é resultado de uma negociação entre os ocupantes. Os eventuais dissensos não devem aparecer nas mensagens aos públicos externos. É preciso que, nessas mídias, caracterizadas por poucas palavras – e que devem expressar seu conteúdo de maneira direta e sem margem para interpretações dúbias –, as decisões sobre o que será escrito repouse sobre pautas comuns, sobre os consensos.

Segue abaixo uma série de frases escritas em cartazes que compunham a identificação visual externa das *Ocupas* da UFRGS:

- a) *Ocupa Biologia*: “Não à escola com mordaza”, “Fora Ana Pellini”<sup>101</sup>.
- b) *Ocupa Esefid*: “Que os ricos paguem a conta”, “Nenhum direito a menos”, “Ocupa Tudo”, “O agora não cabe no seu Lattes”, “Vem pra Ocupa”, “Ocupa Esefid contra PEC 55, MP 746 e Lei da Mordaza. Por educação e saúde públicas de qualidade”, “Ocupar e resistir Ufrgs”
- c) *Ocupa Faced*: “Ocupa pela educação”, “Faced Ocupada” “Lutar também é educar”.
- d) *Ocupa IFCH*: “Não é só a educação. Lutamos contra todo um sistema que torna a vida mercadoria!!!”, “Contra a repressão dos de cima, luta e organização dos de baixo”; “Teu conhecimento serve pra que(m)?”; “Total apoio à luta das terceirizadas”; “Agradar a maioria é diferente de pisar na minoria”; “Vinte anos sem arte, educação e cultura são vinte anos em silêncio # Não à PEC 55”.
- e) *Ocupa Direito*: “Não ao pacto de mediocridade”; “Basta de corporativismo”; “70 – 15 – 15 não nos representa”; “Paridade já”; “A neutralidade das instituições é um mito”.

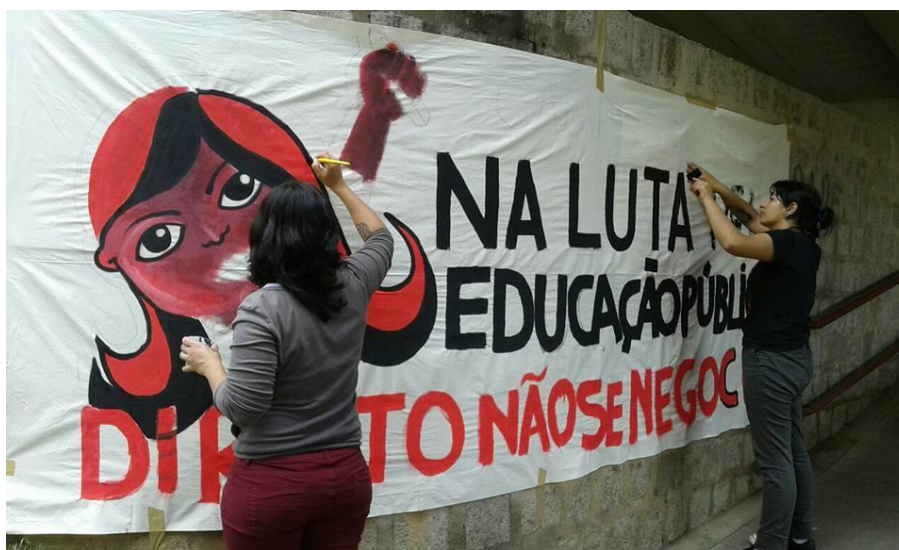
<sup>100</sup>Nas grandes marchas de 2013 e 2015, no Brasil, eram comuns cartazes em outros idiomas, principalmente em inglês, visando um público que tomaria contato com eles através da televisão, jornais, sites e redes sociais da internet.

<sup>101</sup>Secretária do Meio Ambiente do governo Sartori, bastante criticada por ambientalistas durante a sua gestão.

- f) *Ocupa Letras*: “Educação pública de qualidade para todxs! Contra a MP 746”; “A Letras ocupou! Ocupa teu curso também”; “Você sabia? A ocupação da reitoria conseguiu modificar o parecer 239 que reduziria o acesso de cotistas à UFRGS. Só a mobilização conquista”; “Toda vez que você pensar em desistir, lembre-se que essa Ocupa precisa de ti!!!”
- g) *Ocupa Dsg-Arq*: “FAU-UFRGS ocupada! Como ajudar: > Doe alimentos. > Doe materiais de higiene. > Doe/empreste colchões, cobertas, etc. > Colabore com aulas e oficinas. Ocupa Junto!”.

Além destes cartazes e faixas que ficavam em locais de visibilidade, nas partes externas dos prédios ocupados, as ocupações do Campus do Vale confeccionaram, em conjunto, uma faixa que era levada em todos os atos externos de protesto no Centro de Porto Alegre: “Campus do Vale na luta pela educação pública. Direito não se negocia!”.

Figura 31 – Estudantes produzindo faixa para atos externos



FONTE: *Fanpage Ocupa IFCH*

Figura 32 – Versão final da faixa levada para protestos externos



FONTE: Fanpage Ocupa IFCH

No prédio da Fabico, uma enorme faixa pintada pelos ocupantes, presa na fachada frontal, dizia “Fabico ocupada contra PEC 55”. O problema, no que se refere à visibilidade, é que o prédio é cercado de árvores, impedindo, por exemplo, que carros que passassem na rua, a mais de 200 metros de distância, tivessem a sua atenção chamada para a faixa com a informação da ocupação.

Figura 33 - Fachada da Fabico durante a ocupação



FONTE: Fanpage Ocupa Fabico



Outras faixas menores e visíveis apenas a metros da entrada diziam “#Ocupa Fabico contra PEC 55”, “Ocupar e resistir” – uma espécie de grito de guerra utilizado como um referencial de identidade por todas as ocupações recentes no Brasil. Cartazes menores comunicavam com quem se enfileirava para entrar, antes de passar pela comissão de segurança, na entrada do prédio. Um deles dizia “Contra o pacote do Sartori”. O outro, o quase onipresente, àquelas alturas de 2016, “Fora Temer”.

Figura 34 - Fachada externa da *Ocupa Fabico*



FONTE: *Fanpage Ocupa Fabico*

Figura 35 - Estudantes da Fabico confeccionando faixas e cartazes



FONTE: *Fanpage Ocupa Fabico*

Figura 36 – Pintura de faixa na Ocupa Fabico



FONTE: *Fanpage Ocupa Fabico*

A Fabico fica situada numa área central de Porto Alegre, junto ao Campus Saúde da UFRGS – onde funcionam as faculdades de Medicina, Psicologia, Serviço Social, Enfermagem e Farmácia. Apesar da localização central, ele não é um prédio que goze de uma boa visibilidade. Portanto, a eficácia dos cartazes e faixas que eram pendurados na fachada externa do prédio estava ligada mais à multiplicação destas mensagens através do *facebook*. Assim, a reprodução das peças criadas pelos estudantes alcançava um público mais amplo.

Um cartaz, uma faixa, uma bandeira, são elementos físicos, materiais, que, ao viajar pelo virtual, ganham às vezes mais peso simbólico do que *in loco*. O mesmo pode se dizer de uma pintura realizada em uma fachada lateral do prédio da Fabico. O grafite, feito por um artista que realizou o trabalho de acordo com orientações básicas dos estudantes, retrata uma mulher negra e a inscrição “#ocupafabico” e “Nenhuma preta a menos”. Apesar do mesmo medo de criminalização que estudantes de outras *Ocupas* da UFRGS também possuíam e que os levou a não interferir de maneira mais radical nas fachadas dos prédios, a pintura foi realizada, após um evento de hip hop na *Ocupa*. Só depois da arte gravada na pedra do prédio, é que os estudantes conversaram com a diretoria da faculdade e conseguiram a autorização para que ela permanecesse onde está até o momento de conclusão desta pesquisa.

Figura 37 - Grafite em uma fachada exterior do prédio da Fabico



FONTE: Acervo pessoal dos estudantes

Outra presença constante na identificação visual das *Ocupas* da UFRGS era a bandeira do movimento LGBT, vista em muitas fachadas e também levada em atos externos. Embora questões ligadas à sexualidade estivessem sempre presentes nas atividades das *Ocupas*, especialmente em aulas abertas sobre o tema, elas não eram uma pauta deflagrada do movimento. Ainda assim, considero este mais um marcador identitário das ocupações universitárias. Na Fabico, durante a *Ocupa*, foi colocada uma bandeira LGBT no espaço dos diretórios estudantis e ela lá permanece até hoje.



Figura 38 - Fachada da Ocupa Biologia, no Campus do Vale da UFRGS



FONTE: *Fanpage Ocupa Biologia*

As pautas principais das *Ocupas*, todas de âmbito educacional e de alcance nacional, também estavam presentes nas fachadas dos prédios ocupados, em faixas e cartazes. Muitas *Ocupas* manifestavam sua oposição à PEC 55, à Medida Provisória do Ensino Médio e ao Escola sem Partido, através de mensagens expostas a quem passasse pelos prédios – e a quem acessasse as *fanpages*, já que fotografias destes materiais eram constantemente reproduzidas no *facebook*.

Figura 39 - Entrada bloqueada do prédio da Biologia, no Campus do Vale



FONTE: Fanpage Ocupa Biologia

Figura 40: Fachada externa de um dos prédios da Ocupa Esefid



FONTE: Fanpage Ocupa Esefid

Figura 41 - Fachada frontal da Faculdade de Educação da UFRGS



FONTE: *Fanpage Resistência UFRGS Ocupa Faced*

### 6.2.2 A relação com a mídia e com as outras *Ocupas* da UFRGS

O relacionamento com a mídia foi um dos temas mais delicados nas *Ocupas* da UFRGS. Na Fabico, o assunto foi pauta das assembleias gerais desde a primeira noite. Decidiu-se que todos os veículos que os procurasse seriam atendidos. A ressalva era que apenas os meios alternativos teriam acesso ao interior da *Ocupa*. Foi o caso do *Jornalismo B*, *Jornal Extra Classe*, *Mídia Ninja*, *Agência Anú - Laboratório de Jornalismo Social*, *Nonada – Jornalismo Travessia*, entre outros. Já com os meios de comunicação da chamada *grande mídia*, o tratamento foi diferente. As equipes destes veículos não podiam entrar no prédio. Os próprios alunos cediam imagens internas para serem usadas nestas reportagens. A preocupação com a segurança dos ocupantes e o medo de uma possível criminalização por parte da reitoria, ou mesmo das forças de repressão do Estado, tinham grande influência nesta seleção do material a ser disponibilizado:

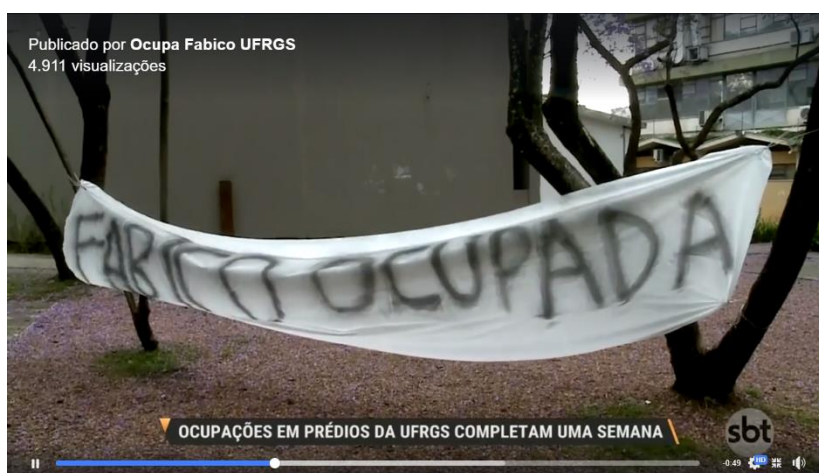
*NARA - A gente passava imagens muito neutras pra eles, fotos das paredes, fotos de cartazes, tentando não mostrar o que a gente tinha de alimento, não mostrar os quartos, o que a gente tinha de equipamentos. Era mais cartazes da cozinha, coisas assim muito básicas.*



Apesar das reclamações de repórteres, que ficavam desconfortáveis ao terem seu trabalho dificultado, a *Ocupa Fabico* não abriu mão de cumprir as determinações tiradas em assembleia: os veículos de comunicação tiveram que se adaptar às normas dos ocupantes<sup>102</sup>:

*DANIEL - No começo da Ocupa tinha uma procura muito forte da imprensa e a gente segurou muito, até porque a gente produzia material pra eles. Então a RBS chegava e dizia: “A gente quer fazer uma matéria”. Então a gente dizia: “Nos dá X horas que a gente vai produzir essa matéria”. O SBT publicou uma nossa dessa forma, a RBS usou um trecho, mas tudo isso dava trabalho e discussão.*

Figura 42 - Reportagem do SBT, com imagens internas cedidas pelos estudantes



FONTE: *Fanpage Ocupa Fabico*

Em reportagem do SBT, dois estudantes da Fabico atuaram como porta-vozes. Foram mostrados frontalmente e identificados com seus nomes verdadeiros, indo contra a determinação da Comissão de Segurança de que os ocupantes deveriam preservar o anonimato para não sofrerem qualquer tipo de criminalização. Ao final de um minuto e quinze segundos de matéria, o repórter, em off, diz: “O grupo não confirma o número de pessoas que participam da ocupação. Dizem apenas que todos são estudantes da UFRGS”.

Ainda que houvesse todos estes cuidados com a exposição da imagem da *Ocupa* e dos estudantes, era consenso entre eles que toda a oportunidade de visibilidade midiática devia ser aproveitada:

*LARA - Fechar pra imprensa foi debatido em assembleia. “Pô, a gente estuda jornalismo, como é que a gente vai se negar a falar com a mídia? Se isso tá acontecendo tem que estar na mídia, a gente quer visibilidade”. Foi*

<sup>102</sup>Em algumas oportunidades as comissões levavam suas determinações para submeterem à apreciação geral em assembleia. Este foi o caso das normas para o relacionamento com a mídia.

*meio que consenso, a gente debateu como a gente queria aparecer na mídia.*

Estas resoluções foram tomadas nos primeiros dias, mas não a tempo de impedir um mal entendido. No dia 1º de novembro, primeiro dia da Fabico ocupada, uma equipe do *Jornal do Comércio* esteve na *Ocupa* para fazer uma matéria. Como ainda não havia definições sobre o atendimento à mídia, eles não receberam permissão para ingressar no prédio. Também não foram atendidos na solicitação de alguém que falasse pela *Ocupa*. No mesmo dia, a repórter fez uma postagem em seu perfil no *facebook*, criticando os estudantes da Fabico.

Essa postagem foi tema da primeira assembleia realizada após o fato. Recém ocupado o prédio da faculdade, os estudantes já se viam em meio a um imbróglgio justamente com a imprensa, uma das preocupações prioritárias do grupo. Definidas então as estratégias gerais de comunicação da *Ocupa*, a Comissão entrou em contato com a jornalista, buscando esclarecer o ocorrido e se colocando à disposição para um novo encontro. No dia 8 de novembro, o *Jornal do Comércio* postou, em seu canal no *youtube*, uma edição do programa *Politiqum* com a participação de dois estudantes das *Ocupas*, um da Letras e outro da Fabico<sup>103</sup>.

Uma informação considerada estratégica e que nunca era divulgada para a imprensa era o número de ocupantes. Outra questão importante definida em assembleia foi a escolha de porta-vozes que falassem pela *Ocupa*. Como no caso das comissões, os estudantes dispostos a atender à imprensa e mostrar o rosto se voluntariavam para a tarefa:

*DANIEL - No começo a gente tinha um rodízio, tinha uma lista de sete, oito porta-vozes pra fazer um giro e não mostrar muito a cara. Isso funcionou no começo. Foi definido em assembleia mesmo. E depois, mais adiante, vinha a pauta de fora e a gente definia quem falava. Claro, se tinha urgência e só tinha assembleia programada pro dia seguinte, tinha uma decisão emergencial. [...] Em geral até a primeira metade a mídia nos procurava muito e a gente tinha essa lista, mas depois isso foi mais de acordo com a necessidade e quem estivesse presente.*

O *Jornal Extra Classe* fez uma reportagem sobre as ocupações da UFRGS para o seu canal no *vimeo*. Embora utilizassem imagens de outras *Ocupas*, a única fonte ouvida foi da Fabico. A estudante foi mostrada frontalmente, sem qualquer tipo de efeito para dificultar a

---

<sup>103</sup>Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pjpn40FJVrA&t=92s>>. Acesso em: 3 maio 2018.

identificação. Perguntada pelo jornalista Flávio Ilha sobre o porquê de ocupar as faculdades, ela assim respondeu:

A gente já vinha fazendo essa luta nas ruas com caminhadas, e sendo altamente reprimidos pela Brigada Militar. [...] Então a gente percebeu que não tava mais bastando estar nas ruas, a gente só tava sendo reprimido. A mídia não tá do nosso lado, a grande mídia costuma dar visibilidade mais pros acontecimentos do que para as problemáticas. E a gente percebeu que não tava mais adiantando, indo pra rua e sendo reprimido, indo pra rua e sendo reprimido, e não tendo ninguém pra falar por nós, pra nos dar visibilidade. Era um movimento que tava perdendo força só na rua<sup>104</sup>.

Na segunda semana de ocupação, alunos da Fabico foram contatados pela Rádio Bandeirantes. O convite era para participar de um debate, ao vivo, com a senadora Ana Amélia Lemos – abertamente favorável à PEC. Para melhor se prepararem, pediram ajuda a dois professores da faculdade. Na noite anterior ao programa foi realizado *um media training* com os estudantes destacados para a entrevista. Chegando à Rádio Bandeirantes, na manhã seguinte, foram informados de que a senadora não iria comparecer. A solução encontrada pela produção do programa foi gravar uma entrevista com ela e reproduzi-la junto à entrevista com os estudantes. Apesar do imprevisto, a experiência foi considerada positiva:

DANIEL - *Foi legal. A gente conseguiu antecipar algumas coisas que possivelmente ela ia falar e conseguimos levar a nossa visão.*

No dia 9 de novembro de 2016, a página da *Ocupa Fabico* compartilhou uma reportagem de vídeo realizado pela *Agência Anú - Laboratório de Jornalismo Social*. Em determinado trecho da reportagem, uma ocupante da Fabico sintetiza em poucas palavras o sentimento dos estudantes em relação à medida econômica de corte nos gastos públicos: “A PEC 241, atual PEC 55, ela corta gastos. Mas se ela for implementada, ela corta futuros, com certeza.”.

As ocupações propunham uma parada nas atividades do dia a dia da instituição, uma pausa para pensar política, para discutir as medidas econômicas e proposições de mudanças na educação propostas pelo governo Temer e outros tantos temas de interesse público. Mas acima de todos os outros assuntos estava a PEC. Ela justificava a eclosão das ocupações exatamente naquele momento histórico. E a importância e urgência da oposição a ela, na visão dos estudantes, legitimava o movimento. Porém, ao contrário do desejo dos estudantes, a mídia focava suas lentes nas ocupações, não na PEC. As *Ocupas* se tornaram, para a

<sup>104</sup> Disponível em: <<https://vimeo.com/190299455>>. Acesso em: 9 ago. 2018.

imprensa, um fato maior do que a PEC. Maior pela novidade, pelo tipo de quebra no cotidiano que este repertório provoca, pelo número de pessoas que são prejudicadas com a paralisação de boa parte da universidade. Na visão dos veículos hegemônicos do jornalismo, as ocupações acabaram se tornando uma pauta muito mais atrativa do que a discussão sobre a medida econômica que a deflagrou. A curiosidade sobre o que se passava dentro das paredes de uma instituição pública ocupada e o acionamento de estigmas tradicionalmente ligados à juventude, como o consumo de drogas e a criação de um ambiente mais festivo do que propriamente militante, foram maiores do que a intenção de mediar um debate público qualificado sobre uma medida econômica que propunha o congelamento dos gastos públicos no Brasil por vinte anos.

Assim, a visibilidade alcançada pelas *Ocupas* nos principais meios de comunicação de Porto Alegre não foi a desejada. Apesar das restrições impostas pelos ocupantes ao trabalho dos repórteres, a partir das decisões de segurança tomadas em assembleia, o produto final esteve sempre nas mãos dos profissionais de imprensa e submetidos a uma linha editorial que, no caso da mídia comercial, costuma ser crítica a movimentos sociais e a quaisquer iniciativas de ação política que acarretem em interrupções radicais no cotidiano.

Logo que a Comissão de Comunicação chegou a um consenso sobre o tratamento que seria dado à mídia tradicional e aos veículos alternativos, passou-se a discutir a criação de uma cartilha com orientações para as outras *Ocupas* da UFRGS. Produzida pela Comissão de Comunicação ainda na primeira semana, a cartilha foi enviada por *whatsapp* para estudantes das outras ocupações da Universidade. Intitulado *Comunicado da Ocupa Fabico às outras ocupas Ufrgs*, o texto, de linguagem coloquial, iniciava com a seguinte apresentação:

Oi, gente. Como vocês sabem, somos estudantes de Comunicação Social e Ciências da Informação. Temos aulas e estudos críticos em relação ao relacionamento com a imprensa, comunicação interna de organizações, etc. Levando isso em conta e respeitando a autonomia coletiva de cada Ocupa, temos algumas recomendações a fazer no contato de vocês com as mídias - principalmente a tradicional. Consideramos que QUALQUER tipo de visibilidade que possamos dar a esse movimento nacional é de extrema importância, por isso não podemos lidar de forma arrogante ou agressiva com os e as jornalistas, seja qual for o veículo em que trabalham. Embora representem organizações privadas com interesses econômicos e políticos acima do interesse público, muitos deles estão do nosso lado e querem dar cobertura ao movimento.

Em seguida, seis tópicos traziam as recomendações no atendimento à imprensa: a) nomeação de porta-vozes; b) prevalência de conteúdos produzidos pelas *Ocupas* nas *fanpages*; c) ressaltar, durante as entrevistas, de que se tratava de um movimento nacional; d) não permitir a entrada dos veículos hegemônicos e procurar convencer os repórteres de que

deveriam dar mais destaque às pautas que originaram as ocupações do que às questões do convívio cotidiano; e) deliberar, em assembleia, sobre questões como mostrar ou não os rostos dos ocupantes e quais espaços internos divulgar; e) por fim, o anúncio de um Núcleo de Comunicação<sup>105</sup>.

*LUIS - Alguns não queriam receber a mídia, outros queriam, outros queriam com restrições, mostrando os rostos ou não, um milhão de coisinhas. Aí a gente escreveu uma orientação [...] Nas Ciências Sociais eles correram uma equipe da RBS, desrespeitando o trabalho do jornalista. Pô, tem um profissional ali.*

É difícil precisar o quanto estas recomendações influenciaram de fato as outras *Ocupas*. Há algumas dicas na cartilha que já fazem parte do imaginário recente de ocupações, a *herança cultural* da qual fala Tarrow (2009), e seriam aplicadas de maneira geral independentemente de dicas de assessoria, como a nomeação de porta-vozes e a discussão de temas delicados em assembleia. Mas as estratégias no atendimento à mídia foram, pelo menos, debatidas em outras faculdades ocupadas da UFRGS.

Além da cartilha e dos contatos pessoais travados nas reuniões gerais das *Ocupas*, estudantes da Fabico foram convidados a visitar outras ocupações e ajudar com a comunicação. Lara esteve na faculdade de Letras, ajudando a fazer um vídeo, outros coordenaram uma oficina sobre comunicação na *Ocupa IFCH*.

Figura 43 - Alunos da Fabico falam sobre comunicação no IFCH



FONTE: Fanpage Ocupa IFCH

<sup>105</sup>O objetivo do Núcleo seria realizar cobertura jornalística sobre as *Ocupas* e prestar todo o tipo de assessoria. Mas esta ideia não chegou a ser colocada em prática.



Luis também participou de um destes encontros entre comissões de comunicação das *Ocupas*:

*LUIS - Eu fiz uma reunião com a Esefid pra falar sobre Comunicação. Um amigo meu me convidou pra ir lá e ajudar. E eles tinham uma demanda que eu não imaginava. É um monte de prédio, um monte de pesquisa. Tinha um trabalho social com os velhinhos que tinham que ir na fisioterapia, e tinha dias que não tinha gente pra acompanhar, um monte de problemas. Tinha um judoca deficiente que ia pro Mundial e não tinha como treinar. E tinha que ter uma Comunicação, eles não tavam dando conta, precisavam organizar tudo isso.*

Na fala de Luis fica clara a associação entre comunicação e organização, e de como a primeira era também uma preocupação nas outras *Ocupas*, e não apenas na Fabico. Além deste intercâmbio e do *Comunicado da Ocupa Fabico às outras ocupas Ufrgs*, houve algumas outras iniciativas para integração entre elas: havia um e-mail que servia de fórum de discussões interno das *Ocupas*, um encontro semanal com representantes de cada ocupação; encontros entre membros de comissões semelhantes (reunião das equipes de comunicação das diferentes faculdades, por exemplo). Também foi criada uma Comissão de Apoio aos Terceirizados, contendo representantes de todas as *Ocupas* da UFRGS. Chegou a ser cogitada a realização de encontros online com membros de todas as ocupações do Brasil, mas isso não se concretizou<sup>106</sup>.

### **6.2.3 As *Ocupas* no facebook**

Seguindo o exemplo dos secundaristas que ocuparam escolas em todo o Brasil, as *ocupas* da UFRGS também elegeram o *facebook* como sua plataforma de comunicação com os públicos externos. A administração e a produção de conteúdo para as páginas ficaram a cargo das comissões de comunicação criadas em cada *Ocupa*. O próprio site da rede social impõe uma unificação estética das postagens, o que torna as *fanpages* das *Ocupas* bastante parecidas no sentido visual, com pouca margem de liberdade de criação para os *layouts*.

---

<sup>106</sup>No dia 29 de novembro houve uma reunião nacional das *Ocupas* em Brasília, transmitida via Skype. Foi o mais perto que se conseguiu chegar no sentido de integrar em tempo real todas as *Ocupas* em uma plataforma digital.

Figura 44 – Layout da *fanpage* da *Ocupa Letras*

FONTE: *Fanpage da Ocupa Letras*

Figura 45 - Layout da *fanpage* da *Ocupa Direito*

FONTE: *Fanpage Ocupa Direito*

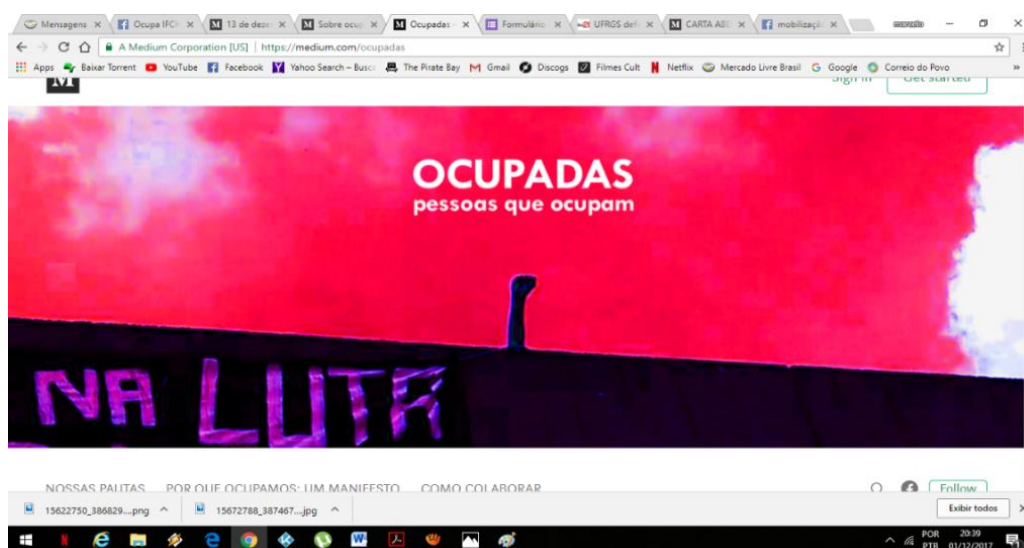
Quase todas as páginas tinham como nome a palavra *Ocupa* seguida da faculdade/instituto. A exceção foi a *fanpage* da Faculdade de Educação, batizada de *Resistência UFRGS – Ocupa Faced*. Além da *fanpage*, a *Ocupa IFCH* criou também um blog: *Ocupadas: pessoas que ocupam*, sediado na plataforma *Medium*<sup>107</sup>. O blog era um espaço aberto para textos, poemas e manifestações em quaisquer formatos de texto e imagem. A ideia de criar um outro espaço virtual de comunicação, de compartilhamento de experiências, foi assim explicada:

<sup>107</sup>Disponível em: <https://medium.com/ocupadas>.

Estamos ocupando há mais de 40 dias. E na intensidade destes 40 dias surgiu a necessidade de registrar as atividades que acontecem na ocupação e as experiências de quem ocupa. Compartilhar com quem não pode estar de corpo presente o conhecimento produzido nesses espaços, construir a memória deste movimento histórico de resistência estudantil contra os retrocessos sociais, articular-nos politicamente, registrar o crescimento humano adquirido pela experiência de se ocupar.

OCUPA IFCH – 15/12/2016.

Figura 46: Capa do blog “Ocupadas”, criado por estudantes da Ocupa IFCH



FONTE: Blog Ocupadas

Com relação à produção de conteúdo para as *fanpages*, realizei uma análise quantitativa e qualitativa no material das dezesseis páginas de *Ocupas* da UFRGS no *facebook*. A tabela abaixo mostra alguns dados que comentarei a seguir:

Tabela 3 – Dados quantitativos das *fanpages* das *Ocupas* da UFRGS

FACULDADE/ INSTITUTO	SEGUIDORES	CURTIDAS	PUBLICAÇÕES	VÍDEOS	FOTOS	EVENTOS	POST APÓS DESOCUPAÇÃO	ÚLTIMO POST
<b>FABICO</b>	2851	2850	84	13	137	16	5	27/10/17
<b>IFCH</b>	4209	4214	180	3	158	35	21	19/10/17
<b>FACED</b>	2.268	2272	147	11	126	5	8	19/03/18
<b>LETRAS</b>	5.112	5120	381	12	176	19	4	17/01/17
<b>DIREITO</b>	5676	5673	141	28	48	15	10	23/03/18
<b>DSG-ARQ</b>	2430	2436	207	7	131	19	13	30/10/17
<b>ICBS</b>	345	346	51	0	17	10	4	04/01/17
<b>IA</b>	1948	1952	137	1	64	17	12	22/03/17
<b>EA</b>	944	947	85	4	27	8	4	14/06/17
<b>ESEFID</b>	1723	1722	207	14	180	4	65	15/06/17
<b>PSICOLOGIA</b>	1867	1870	182	3	91	0	8	12/09/18
<b>ENF SC</b>	1259	1255	125	2	126	30	2	23/05/17
<b>IGEO</b>	1553	1551	172	4	75	14	14	24/08/18
<b>BIOLOGIA</b>	1480	1479	155	2	93	7	0	23/12/17
<b>EXATAS</b>	1615	1614	89	3	51	25	2	23/06/17
<b>CECLIMAR</b>	620	620	63	3	140	14	3	19/10/18

FONTE: O autor (2018).

### 6.2.3.1 #ocupafabico: de olho nos algoritmos

No banner de abertura da página do *facebook* há uma arte feita sobre uma fotografia de uma parede interna da faculdade, com a frase “Fabico Ocupada 31/10/2016”. No canto superior esquerdo do banner, um pequeno texto: “Contra a PEC 55, estudantes lutam pela valorização do futuro brasileiro”. No canto superior direito, #ocupaufrgs, #ocupatudo, #nenhumdireitoamenos, hashtags que acompanhariam as postagens na página ao longo dos dois meses seguintes.

Figura 47 - Capa da fanpage Ocupa Fabico



FONTE: *Fanpage Ocupa Fabico*

No alto da capa da página, à esquerda, a logomarca criada pela *Ocupa* – a única entre as ocupações da UFRGS. Várias publicações da fanpage tinham a marca *Ocupa Fabico* no canto inferior direito da imagem.

Figura 48 - Logomarca criada pela Ocupa Fabico



FONTE: *Fanpage Ocupa Fabico*

No primeiro texto-manifesto da página, publicado na primeira noite de ocupação, o *facebook* é apontado como o meio oficial para a comunicação da *Ocupa* com seus públicos. O texto já apresenta três características que são encontradas em muitos textos das outras *Ocupas*

da UFRGS: alinhamento com o movimento nacional de ocupações; defesa da horizontalidade e da deliberação como paradigmas do movimento; e discurso de deslegitimação do governo Temer. Também faz menção a temas não diretamente ligados às pautas principais da ocupação, mas que teriam amplo espaço nos debates internos travados nas semanas seguintes, como questões de gênero e raça:

Assim, esta página se posiciona como uma via de comunicação com público de alunos e professores da FABICO, assim como o público externo que deseja conhecer mais sobre a agenda, a rotina e as opiniões da ocupação como ato político. Estaremos abertos a dúvidas e debates pertinentes, tanto em nossos posts/comentários como em nossa caixa de mensagens. Comentários de teor extremamente ofensivo ou floods [comentários repetidos com muita frequência] poderão ser excluídos e seus autores banidos da página. Pedimos a compreensão, em relação ao conteúdo de nossas respostas, quanto a questões que ainda estão em debate: reforçamos que somos uma ocupação de alunos que está em constante crescimento entre reuniões e assembleias - nem sempre teremos as respostas.

As estratégias utilizadas pela Comissão de Comunicação da *Ocupa Fabico* para um maior alcance do conteúdo produzido para a *fanpage* estão explicitadas no já citado material “Comunicação: qual vai ser?”, criado pelos próprios estudantes. Baseado no funcionamento dos algoritmos do *facebook*, o manual recomendava a quantidade de postagens diárias e os melhores períodos do dia para os diferentes tipos de publicação, entre outras sugestões. A determinação era de quatro publicações diárias, com a especificação do horário de cada uma delas, visando atingir o maior número possível de *timelines*. Assim estava organizada a agenda de produção de conteúdo: 1 pedido de doações (das 8 às 9 horas); 2 publicações com informações sobre a ocupação (do meio-dia às 14 horas e das 22 às 23 horas) e uma com divulgação da agenda de eventos e atividades da Ocupa (entre 17 e 19 horas). No material há também dicas sobre a estética das postagens (“identidade visual unificada; seguindo conceito sem extrapolá-la”), a linguagem (“gentil e acolhedora”) e recomendações sobre a interação através da página (“responder aos apoiadores; ignorar tretas”).



Figura 49: Agenda do dia 2 de dezembro de 2016, na Ocupa Fabico



FONTE: Fanpage Ocupa Fabico

Mas a análise da *fanpage* da *Ocupa Fabico* mostrou que as metas diárias de publicações, estipuladas pelos estudantes que compunham a Comissão de Comunicação, não foram atingidas. Dos 54 dias em que a Fabico permaneceu ocupada, apenas em 3, 4 e 16 de novembro houve 4 publicações na *fanpage*. No dia 6 de dezembro, pela única vez, foram 5 novas postagens. Em outros 11 dias houve 3 postagens em cada, mas em 12 deles não há nenhum registro<sup>108</sup>. Como não há no *facebook* a indicação da hora das publicações, apenas o dia, não foi possível checar se a recomendação dos horários estipulados para as postagens também foi seguida.

Entre todas as ocupações da UFRGS a *Ocupa Fabico* foi uma das que menos produziu conteúdo informativo (apenas 84 postagens, contra 381 posts da *Ocupa Letras*, por exemplo). Como então explicar uma produção quantitativamente tão inferior a de outras *Ocupas*, justamente na Fabico? Com a palavra, a Comissão de Comunicação:

DANIEL - *A gente pensava no horário melhor para publicar, qual o tempo entre uma publicação e outra... Porque o post tem uma vida útil, hoje ainda é menor, lá em 2016 era maior. Então durante duas ou três horas tu não*

<sup>108</sup> Seis destes doze dias foram após o dia 13 de dezembro, data de aprovação da PEC 55 no Senado e marco do início da desmobilização das *Ocupas* da UFRGS.

*pode publicar nada senão vai interferir naquele alcance. Tinha várias questões assim. Às vezes tinha uma informação muito importante e a gente deixava um ou dois dias sem publicar nada pras pessoas acharem aquela informação importante<sup>109</sup>. As páginas funcionavam quase como um repositório onde as pessoas iam buscar a informação. Se a gente mostrasse muita coisa prejudicava a assimilação. E tinha a parte da produção também. Às vezes a gente queria publicar um evento, alguma coisa, e as pessoas responsáveis pela arte não tavam, porque às vezes o pessoal ia pra casa, tomar um banho, dormir uma noite melhor, e a gente tinha que esperar. Então tinha esses dois fatores: o estratégico e a parte técnica.*

*TANIA - A gente pensava nos algoritmos. A gente tinha pouca coisa, mas muita interação nas nossas postagens. Eu acho que tinha unidade nas postagens, isso era uma preocupação nossa. Ter um formato, ter álbuns para eventos específicos<sup>110</sup>. Eu não achava nada na fanpage da Letras, por exemplo, era uma bagunça. Eu achava tudo na nossa página, isso me agradava muito. A gente criava muitos eventos e tentava controlar os algoritmos. A gente tinha muito cuidado pra aparecer na timeline das pessoas, porque as pessoas não iam entrar na nossa página, elas iam olhar sua timeline.*

Figura 50 - Sala da Comissão de Comunicação da *Ocupa Fabico*



FONTE: Acervo pessoal dos estudantes

Esta preocupação com os algoritmos e com uma certa economia estratégica no número de postagens fez com que não houvesse uniformidade na divulgação dos eventos, tais como aulas abertas e rodas de conversa. Alguns foram anunciados com antecedência

<sup>109</sup> Isso ajuda a explicar porque, em doze dias durante o período de ocupação, não houve sequer uma única postagem.

<sup>110</sup> A *Ocupa Fabico* publicou 137 fotos, distribuídas em 4 álbuns.



(individualmente ou listados em agendas do dia), outros não<sup>111</sup>. Uns tiveram cobertura posterior com um breve texto e fotografias, outras não.

A produção de conteúdo para a página do *facebook* acontecia em ritmo de plantão, sem que houvesse definições rígidas quanto às funções, sobre quem deveria fazer o que:

PAULO - *Já tinha um certo modelo de card pra facebook. Então tinha que publicar algo sobre algum evento, show de não sei quem, a gente editava rapidinho ali na hora, às vezes botava uma câmera pra alguém gravar um depoimento... Então era plantão, não era “fulano é editor, fulano é redator, não sei o que”. É quem tava na hora que fazia. Sempre tinha uma, duas, três, às vezes 10 pessoas, e as coisas chegavam: “Ó, consegui o fulano pra fazer um workshop, quem é que pode fazer um post?”*

Em 54 dias de ocupação, a *fanpage* da *Ocupa Fabico* publicou 84 posts. Classifico essas publicações em seis categorias, quanto ao seu conteúdo: *Informativas* (explicações sobre os horários de funcionamento do prédio, atualizações quanto a negociações com a reitoria, descrição de eventos ocorridos na Ocupa, e etc.); *Convocativas* (atos de protesto, aulas e oficinas, mutirões de limpeza, assembleias); *Pedidos de doações*; *Manifestos/Cartas abertas/Comunicados*; *Reportagens de outros veículos*; e *Outras* (Nota da Assufrgs sobre a PEC, Quadrinhos, Vídeos de apoiadores produzidos pelos alunos, apoio a outras causas, agradecimentos).

**Tabela 4 – Publicações da #OcupaFabico**

TIPO DE PUBLICAÇÕES	
Informativa	24
Convocativa	33
Pedidos de doações	7
Manifesto/carta aberta/comunicado	5
Reportagens midiáticas sobre a ocupação	5
Outras	6

FONTE: O autor (2018).

Nos primeiros dias, as publicações da página foram voltadas principalmente para informar a comunidade acadêmica sobre as resoluções tomadas com relação ao prédio e à suspensão das atividades normais da faculdade. Uma publicação do dia 1º de novembro, em

<sup>111</sup>É por essa razão que não é possível, apenas pela pesquisa na *fanpage*, listar todas as atividades realizadas durante a *Ocupa*, pois nem todas foram registradas na página.

estilo pergunta-resposta, procurava esclarecer questões importantes para a comunidade acadêmica:

COMO POSSO AJUDAR? O melhor jeito de ajudar é estando presente: ocupe conosco! Além disso, você pode doar conforme nossas necessidades.

VOU TER AULA? Uma vez ocupadas, as dependências do prédio da FABICO não estarão disponíveis para aulas nem demais atividades ali dentro realizadas.

E OS TRABALHADORES TERCEIRIZADOS? Todos os funcionários terceirizados serão bem vindos na FABICO para bater seus respectivos pontos, uma vez que estes estão mais vulneráveis às implicações trabalhistas.

MINHA ENTRADA É PERMITIDA? Além dos funcionários terceirizados, somente alunos devidamente identificados pelo cartão (ou comprovante de matrícula) serão bem vindos na Ocupação. Será realizada Assembleia pela manhã, da qual a comunidade fabicana é convidada a participar. Lembramos que os estudantes estarão controlando a entrada no prédio da FABICO, conforme o andamento das atividades da manhã.

Para ajudar à distância, compartilhe nossas informações via redes sociais e mantenha seu feed informado! Lembramos que os algoritmos do Facebook não permitem que nossos posts sempre apareçam na sua timeline, então lembre de conferir a página da Ocupação e marcar, some sua voz à nossa!

OCUPA FABICO – 01/11/2016.

Com o passar dos dias, novas definições iam sendo tomadas nas assembleias. Além disso, a Comissão de Articulação começava a ter as primeiras reuniões entre ocupantes e a diretoria da Fabico. No dia 2 de novembro, a *Ocupa* já tinha algumas resoluções sobre o cotidiano do prédio, como os horários de funcionamento de secretarias e outros setores e de realização de bancas de TCC, teses e dissertações:

#### SOBRE O FUNCIONAMENTO DO PRÉDIO

Inevitavelmente, uma ocupação gera transtornos, logo, propusemos uma conversa com as diretoras da FABICO para protegermos os direitos dos estudantes, servidores técnicos e terceirizados e professores. Os resultados abraçaram o período de tempo até o dia 7 de novembro – pois, no dia 8, os servidores técnicos entrarão em greve, e uma nova assembleia inclusiva será convocada.

Informações sobre as doações de alimentos, produtos de higiene e mesmo contribuições em dinheiro, eram seguidamente disponibilizadas<sup>112</sup>. A primeira destas publicações, de 2 de novembro, pedia os seguintes produtos: colchões, fogão/fogareiro/churrasqueira elétricos; frutas; leite; óleo de cozinha; panelas grandes; panos de chão; pão de forma; saco de lixo; térmicas; e toalhas. Aos que quisessem se juntar aos ocupantes, era recomendado levar copo/caneca, prato, roupa de cama e talheres. No dia seguinte a *Ocupa* publicou informações sobre o funcionamento da biblioteca. Além disso, a

<sup>112</sup>As mensagens procuravam incentivar as doações e destacar a sua importância para o sucesso da ocupação: “Doação é ação”; “Você pode substituir seu *like* por uma doação”.

lista de alimentos foi atualizada e acrescida de um pedido de produtos de limpeza. Ao longo de 54 dias seriam sete as postagens com pedidos de doação<sup>113</sup>.

Assim como muitas outras *Ocupas* da UFRGS, os estudantes da Fabico também postaram fotografias de mutirões de limpeza realizados pelos ocupantes. Como uma das acusações que normalmente sofrem as ocupações de prédios públicos é a de danos ao patrimônio, havia a preocupação de mostrar o quanto os jovens estavam cuidando bem dos edifícios. No texto “Hora da Faxina”, que acompanha uma série dessas fotografias, um trecho destaca possíveis futuros problemas de infraestrutura, caso a PEC fosse aprovada:

A UFRGS já possui problemas de infraestrutura e de falta de materiais de limpeza, como é o caso da FABICO, cujos banheiros estão constantemente sem papel higiênico. Essa é mais uma razão para acreditarmos que o corte de investimentos não pode ocorrer - visto que, com o investimento atual, a Universidade já enfrenta diversas dificuldades operacionais.

Entre os eventos produzidos na *Ocupa*, um dos mais badalados e com maior público foi a roda de conversa com o jornalista e cientista político Leonardo Sakamoto, no dia 11 de novembro. Entre as apresentações artísticas, destaque para o show do compositor e cantor Nei Lisboa. Tanto Nei quanto Sakamoto gravaram em vídeo depoimentos de apoio às ocupações de universidades brasileiras.

Dia 13 de novembro a *fanpage* compartilhou reportagem sobre as ocupações realizada pela UFRGS TV<sup>114</sup>. Com o foco nas ocupações como um todo, a reportagem tem a participação de um professor e um estudante da Fabico – que aparece de cara limpa, sem a preocupação de ocultar a identidade. No mesmo dia foi publicado um novo álbum com fotos de um mutirão de limpeza. Com destaque para os cartazes internos relativos à higiene do prédio, é possível também ver alguns rostos de ocupantes – apesar do receio quanto a mostrar os rostos.

Para uma análise de conteúdo que permita inferir características comuns ou específicas entre as ocupações da UFRGS, escolhi dois elementos presentes nas *fanpages*, tanto para o estudo de caso da *Ocupa Fabico* quanto para a análise geral das outras quinze páginas: os vídeos e os manifestos/ cartas abertas/comunicados.

Conforme dados apresentados na Tabela 3, a *fanpage* da *Ocupa Fabico* foi uma das cinco a publicar mais de dez vídeos. Todos eles foram gravados para postagem posterior – ou

<sup>113</sup>Segundo os entrevistados, a *Ocupa* recebeu muitas doações no primeiro mês. Em determinado momento chegou a haver 180 litros de leite na cozinha. Depois as doações foram diminuindo.

<sup>114</sup>Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Gqlm3lvnjg&feature=youtu.be&app=desktop>. Acesso em: 10 ago. 2018.

compartilhados de outras fontes. Nenhuma transmissão ao vivo foi realizada na Fabico. Com relação ao conteúdo, os vídeos foram assim classificados:

- a) Mensagens de apoiadores (Dois vídeos gravados na sala da Comissão de Comunicação com o jornalista e cientista político Leonardo Sakamoto, na noite em que ele conduziu uma roda de conversa na Fabico. Em um deles Sakamoto discorre sobre a PEC, no outro, sobre as ocupações; Depoimento do músico Nei Lisboa sobre as *Ocupas*, gravado na noite em que se apresentou no pátio da Fabico).
- b) Atos externos (Discurso de uma ocupante da Fabico durante evento no Parque Farroupilha).
- c) Vídeo-denúncia (Alunos abrindo um cadeado colocado pela direção; Reunião cancelada pela pró-reitora – vídeo produzido pela *Ocupa Biologia* e divulgado em quase todas as *fanpages* de *Ocupas* da UFRGS.).
- d) Reportagens da mídia (Matéria feita pela UFRGS TV sobre as ocupações; Reportagem da Agência ANÚ – *Laboratório de Jornalismo Social*; Programa Politiquim, veiculado pelo Jornal do Comércio em seu canal no *youtube*; Reportagem do Extra Classe TV; Reportagem do SBT com imagens internas do prédio cedidas pelos alunos).
- e) Desocupação (Momento em que os estudantes devolvem o comando do prédio à direção da Fabico).
- f) Vídeo-manifesto (Retrospectiva da ocupação, produzido pelos estudantes).

Desses treze vídeos, sete foram produzidos pelos alunos da Fabico, os outros seis foram compartilhados de outros veículos de mídia ou *fanpages*. Questionados sobre este baixo número de vídeos produzidos pelos estudantes de comunicação, supostamente mais habilitados à produção de material audiovisual do que os colegas de outros cursos, os entrevistados reconheceram que o conflito anonimato/visibilidade jamais foi totalmente resolvido na *Ocupa*, e que estas indefinições acabaram fazendo com que eles produzissem menos material em vídeo do que outras ocupações, mesmo em se tratando de estudantes de Comunicação. A produção esteve muito aquém do que poderia ter sido, não somente por questões de segurança e receio de mostrar rostos e o interior da ocupação, mas também por problemas logísticos e de pouca gente para a demanda necessária:

*LUIS - Acho que devia ter tido vídeos. Eu nunca tive medo. Acho que podia ter gravado a palestra do Sakamoto e postado. Mas não se fez. Todas as atividades, eu acho que podia ter um vídeo, ainda que editado. Mas de outro lado, tudo era muito corrido, a gente trabalhava o tempo todo, não*

*tinha ninguém ocioso. A Comunicação tava sempre bombando, cheio de arte, ninguém tava parado. Então talvez a gente não tivesse perna.*

Um vídeo, que alguns entrevistados classificaram como profissional, chegou a ser produzido por um dos ocupantes. Isso virou pauta de duas assembleias, através de um questionamento básico: “Devemos ou não divulgá-lo na página”? Depois de muita discussão, foi decidido que ele não seria publicado:

*LUIS - Era um vídeo incrível, mas aí tinha um cara que não queria aparecer de jeito nenhum, porque senão ele seria demitido. Cada um deixava seu computador pra qualquer um usar, e pra fazer o vídeo o cara que fez usou um deles, até o momento em que não se sabia mais onde tinha sido editado. Então tinha que publicar daquele jeito mesmo: ou era como era ou não era. Aí ficou uma ou duas assembleias pra falar sobre isso. E não foi publicado.*

A *Ocupa Fabico* não investiu em vídeos como ferramentas de divulgação das pautas ou mesmo do cotidiano da ocupação. Isso aconteceu especialmente por problemas relatados acima – como a decisão, discutida muitas vezes em assembleias, de evitar exposição midiática pelo medo de perseguições acadêmicas ou mesmo das forças repressivas do Estado. Por esta mesma razão, segundo os entrevistados, não foram realizadas transmissões ao vivo. Os recursos tecnológicos disponíveis para uma maior interação entre a *Ocupa* e os públicos externos não foram explorados como poderiam ter sido. Em se tratando de uma Faculdade de Comunicação, onde os alunos criaram uma série de estratégias de visibilidade, desde a *fanpage* até atos externos, pode-se dizer que esta opção por privilegiar a segurança em detrimento de uma comunicação mais efetiva foi um risco calculado, mas que trouxe limitações para a Comissão de Comunicação.

Tanto para a análise da página da *Ocupa Fabico* quanto de outras *Ocupas*, foram criadas algumas categorias para a identificação dos conteúdos veiculados nestas postagens. Estão sendo considerados *Manifestos*, *Cartas Abertas* ou *Comunicados*, não apenas os textos que assim se definem, como todos os demais onde é possível identificar um posicionamento crítico e conhecer as ideias das *Ocupas*. A análise revelou um grande consenso político entre elas. Em todas as *fanpages* estão presentes as acusações de golpe contra Dilma Rousseff, a ilegitimidade do Governo Temer e fortes críticas ao Congresso Nacional, considerado distanciado das verdadeiras necessidades do povo<sup>115</sup>. Os padrões discursivos encontrados

---

<sup>115</sup>Uma pesquisa realizada pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), após o primeiro turno das eleições de 2014, considerou o então recém-eleito Congresso o mais conservador desde 1964,

foram: Alinhamento com o movimento nacional de ocupações; Golpe e ilegitimidade do governo Temer; Críticas ao governo e ao Congresso; Críticas à UFRGS; Continuidade da luta pós-ocupações.

- a) *Alinhamento com o movimento nacional de ocupações*: Desde o início das ocupações de faculdades da UFRGS, no final de outubro de 2016, as/os alunas/os fizeram questão de se colocar como integrantes de um movimento mais amplo, de âmbito nacional, como herdeiros dos secundaristas que desde 2015 ocupavam escolas estaduais brasileiras, primeiro em São Paulo, depois em diversos estados – inclusive o Rio Grande do Sul. Assumir esta retórica era importante para os alunos, já que estavam se opondo a um projeto federal prestes a ser votado no Senado. Eles se diziam parte de uma oposição nacional, abrangente e respaldada pela tomada de centenas de faculdades por todo o país. Embora deflagradas por ações autônomas e descentralizadas, as ocupações tinham um propósito comum e aplicavam o mesmo repertório. Laços fortes o suficiente para que fossem consideradas, pelos próprios estudantes, um movimento nacional unificado:

A ocupação da FABICO integra um movimento nacional de luta contra a PEC 55 e a MP 746 (de reforma do Ensino Médio). [...] Nos juntamos à luta por uma universidade pública de qualidade, diversa, e por um país livre cada vez mais inclusivo.

OCUPA FABICO – 31/10/2016.

Dedicamos completo apoio ao movimento estudantil universitário e secundarista. Somos, primeiramente, contra a PEC 55 no Senado! #OcupaUFRGS #OcupaTudo #NenhumDireitoAMenos

OCUPA FABICO – 31/10/2016.

- b) *Golpe e ilegitimidade do governo Temer*: O governo Dilma Rousseff foi vítima de um golpe. Esse posicionamento é claro em muitos textos das *fanpages* das *Ocupas*. O impeachment de Dilma é o fato político mais poderoso do período histórico onde irrompem as ocupações, por isso a ilegitimidade de Michel Temer é um dos discursos mais recorrentes nas falas dos estudantes. Muitos deles participaram de protestos contra a tentativa de derrubada de Dilma Rousseff ao longo de 2016. Uma vez sacramentado seu afastamento, continuaram nas ruas contra o recém-empossado governo Temer até decidirem ocupar as faculdades, movidos sobretudo pelo combate

à PEC do Teto de Gastos, uma das primeiras medidas encaminhadas pelo novo governo ao Congresso:

Nós, alunos ocupantes, nos posicionamos contra as medidas retrógradas e reacionárias de um governo que consideramos ilegítimo e de um Congresso conservador e elitista.

OCUPA FABICO – 31/10/2016.

E hoje vamos para a rua gritar contra ela (a PEC), contra os retrocessos dos desgovernos Temer e Sartori e contra o golpe jurídico conservador na presidenta Dilma.

OCUPA FABICO – 13/12/2016.

- c) *Críticas ao governo federal e ao Congresso:* Além da vitória de Dilma Rousseff, as eleições de 2014 resultaram na formação do legislativo federal mais conservador da Nova República brasileira. Além da aprovação da PEC do Teto de Gastos em dois turnos na Câmara dos Deputados, do então provável resultado semelhante no Senado – que acabou se confirmando – e da cassação da presidenta Dilma, o parlamento nacional vinha se mostrando avesso a diversos projetos ligados aos Direitos Humanos, confirmando uma tendência apontada quando de sua eleição, ao final de 2014. Dois anos depois, esta era a percepção de boa parte dos alunos que ocuparam as universidades brasileiras:

Modificar tão drasticamente nossas rotinas é um ato de resistência que enxergamos como o combustível nesta luta contra os retrocessos que as medidas de um presidente golpista e de um Congresso que não se importa com os interesses do povo, representam.

OCUPA FABICO – 31/10/2016.

- d) *Críticas à UFRGS:* As críticas à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, feita pelos estudantes que ocuparam a Universidade, cresceram com o decorrer das ocupações. Elas são mais presentes na segunda metade do período de quase dois meses de ocupações. Há críticas à postura da reitoria, considerada omissa na questão dos terceirizados. Também aparecem nestas postagens o medo da criminalização das *Ocupas:*

Infelizmente, a reitoria da UFRGS se negou a participar da reunião em que seriam debatidos diversos temas referentes às demandas das ocupações, sendo um deles a não-criminalização do nosso movimento. Assim, desocuparemos sem nenhum respaldo do reitor - que se dizia apoiador da causa - e seguimos sujeitos a quaisquer formas de criminalização em diversas ordens. A ausência de diálogo saudável entre o reitor e os ocupantes quebrou um relacionamento que vínhamos construindo desde novembro e impossibilitou o prosseguimento na luta pelas nossas pautas.

Ainda assim, o sentimento combativo construído pelos ocupantes segue vivo em cada um, e nos recusaremos a ser esquecidos, desmerecidos ou agredidos, em qualquer nível.

OCUPA FABICO – 20/12/2016.

- e) *Continuidade da luta pós-ocupações*: Uma das características comuns a muitos grupos contemporâneos de resistência, no Brasil ou no exterior, é a estrutura horizontal de organização. Apesar da inspiração em ações semelhantes ocorridas anteriormente, ocupações como as que aconteceram nas universidades federais brasileiras no final de 2016 não seguem nenhum modelo rígido, estruturando-se enquanto se desenrola a ação, de acordo com as especificidades da causa em questão, do local onde tomam corpo, do perfil dos manifestantes e do contexto sócio histórico onde estão inseridas. Isso fez com que os estudantes estivessem constantemente se auto avaliando e projetassem um horizonte de lutas que não acabaria com as ocupações. Essa narrativa está presente desde as primeiras postagens, nos primeiros dias de ocupação. O discurso é de que a luta dos estudantes das universidades brasileiras era o desdobramento de outras lutas anteriores – principalmente as dos secundaristas, mas também dos movimentos de ocupação de moradia urbana, por exemplo. Assim, a possível derrota na votação da PEC no Senado não colocaria fim à mobilização dos estudantes, mesmo com as desocupações.

#### AINDA NÃO ACABOU

Os próximos dias serão vitais para o encerramento do ato de resistência que construímos aqui, e nós, ocupantes, estamos cada vez mais determinados a levar adiante o movimento.

Para além da ocupação, mudaremos a FABICO, mudaremos a UFRGS e, quiçá, o Brasil.

Seguiremos na luta contra os retrocessos conservadores e as agressões diárias que um governo ilegítimo, um congresso reacionário e políticos corruptos jogam para cima da população.

Apesar de tudo isso, amanhã há de ser outro dia.

#NenhumDireitoAMenos #OcupaFABICO

OCUPA FABICO – 20/12/2016.

Apesar de PEC 55, apesar de MP do Ensino Médio, apesar de Escola Sem Partido, apesar de pacote do Sartori, apesar da não-paridade nas eleições na UFRGS... amanhã há de ser outro dia. E seguiremos na luta. Na última sexta-feira, decidimos, em assembleia interna deliberativa, que em breve a ocupação, como nosso ato pontual de resistência chegará ao fim, e a FABICO deixará de ser ocupada. Assim, nossa luta tomará outras caras e outros rumos.

[...]

Os próximos dias serão vitais para o encerramento do ato de resistência que construímos aqui, e nós, ocupantes, estamos cada vez mais determinados a levar adiante o movimento.

Para além da ocupação, mudaremos a FABICO, mudaremos a UFRGS e, quiçá, o Brasil.



Seguiremos na luta contra os retrocessos conservadores e as agressões diárias que um governo ilegítimo, um congresso reacionário e políticos corruptos jogam para cima da população.

Apesar de tudo isso, amanhã há de ser outro dia.

#NenhumDireitoAMenos #OcupaFABICO

OCUPA FABICO – 20/12/2016.

Hoje, sexta-feira, 23, decidiu-se desocupar o prédio da FABICO. Ocupamos no dia 31 de outubro. Cinquenta e quatro dias. A saudade vai esquentar nossos corações; o fogo nos olhos não vai diminuir; a ocupação não terminou. A rua será ocupada, o movimento continua. A garra e a força dos ocupantes vai persistir, visto que até no prédio, por meio de mudanças que a Ocupa realizou, está um pouquinho de cada um deles.

[...]

A família que foi formada não será desmanchada. Nem bombas de gás, nem balas de borracha, nem assembleias intermináveis e nem Brasília nos derrubou. Seguimos juntos contra as irreais realidades da sociedade que vivemos: contra governos golpistas; contra universidades elitistas; contra homens assediadores; contra outras PECs que poderão vir; contra racismo, preconceito e misoginia. Por uma nova Fabico, por uma nova UFRGS, por uma nova sociedade. A luta e a coletividade continuam. Obrigada a todos que nos apoiaram de toda e qualquer maneira. Apesar de você, Temer, amanhã ainda há de ser outro dia.

OCUPA FABICO – 23/12/2016.

Não apenas pelo relativamente baixo número de postagens, mas também pela forma organizada de disposição das informações, a *fanpage* da *Ocupa Fabico* é uma das mais claras e eficazes na transmissão de conteúdo informativo. A preocupação com os algoritmos e com a melhor estratégia para aparecer nas *timelines* fez com que as postagens fossem muito menos frequentes do que em outras páginas – facilitando a procura por algum post, como lembraram integrantes da Comissão de Comunicação.

O discurso presente nos manifestos da *Ocupa Fabico* está completamente alinhado ao das outras *Ocupas*. As pautas também. Além da PEC 55, da MP do Ensino Médio e do Escola sem Partido, os estudantes da Fabico manifestaram várias vezes repúdio ao projeto do governador José Ivo Sartori de extinção das fundações estaduais. Também aderiram à luta das trabalhadoras terceirizadas. Em torno destas questões estruturou-se a ocupação e a comunicação produzida por ela.

#### 6.2.3.2 As *fanpages* das *Ocupas* da UFRGS

O Campus do Vale, local de cinco ocupações, concentrou esforços entre as comissões de comunicação das *Ocupas* para divulgar conjuntamente os eventos que aconteciam no campus. Assim foi criada a *Agenda Unificada das Ocupas do Vale*, postada com regularidade nas páginas das *Ocupas*, e que também incluía eventualmente atividades que ocorreriam em ocupações de outro campi ou no Centro de Porto Alegre. Essa agenda unificada, com seu

layout variando de edição pra edição, mas sempre com muitas cores e uma boa disposição das informações, foi a melhor agenda de eventos criada por uma *Ocupa* da UFRGS.

Figura 51 – Agenda de atividades das Ocupas do Vale

**AGENDA UNIFICADA DAS**  
**OCUPAS**  
*do Campus do Vale*

**QUARTA, 07/12**

**10:00** Estudo do Manifesto Comunista de Karl Marx, com a professora Florence  
**OCUPA LETRAS**

**14:00** Exibição da sessão de discussão sobre a PEC 55 no Senado  
**OCUPA LETRAS**

**14:00** Aula Pública: Pra que(m) serve teu ensino?, no Anfiteatro do Instituto de Ciência e Tecnologia de Alimentos (em frente à ocupação da Letras)  
**OCUPA EXATAS**

**15:00** Aula Pública: Direito à cidade e o ativismo urbano com a prof. Vanessa Marx. Sala Multimeios do IFCH.  
**TODAS AS OCUPAS**

**18:30** Roda de conversa: Apartheid Israelense e a Questão Palestina, com a participação da Frente Gaúcha de Solidariedade ao Povo Palestino. Sala Multimeios do IFCH.  
**TODAS AS OCUPAS**

**20:00** Lei brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência: o que pode a educação?, na frente do Prédio F  
**OCUPA EXATAS**

**QUINTA, 08/12**

**10:00** Roda de leitura e discussão: "Isto não é um manifesto", de Hardt e Negri  
**OCUPA LETRAS**

**10:00** Aula Aberta: A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, de Max Weber, na sala Multimeios  
**OCUPA IFCH**

**14:30** Roda de discussão: Literatura e Ditadura  
**OCUPA LETRAS**

**18:00** Ato-Show Comunitário da UFRGS Contra a PEC 55 e a MP 746, na FACED  
**TODAS AS OCUPAS**

**18:30** Reunião dos Grupos de Estudo sobre Terceirização, PEC 55, MP 746, Escola Sem Partido e Pacote do Sartori. Sala Multimeios do IFCH  
**OCUPA IFCH**

**19:30** Roda de conversa com os negros do Vale, na frente do Prédio F  
**OCUPA EXATAS**

**SEXTA, 09/12**

**10:00** Roda de Conversa: A PEC 55 e os impactos na Saúde com Araton, da residência multidisciplinar em saúde mental. Sala Multimeios do IFCH  
**OCUPA IFCH**

**14:00** Cine-debate: Um lugar ao sol (Brasil, 2009, 1h15) e Se essa lua fosse minha (Alemanha, 2013, 14min), com Lucas Furtado e Tiago Schiffner  
**OCUPA LETRAS**

**15:00** Velório da Educação em cinco cruzamentos importantes de Porto Alegre  
**TODAS AS OCUPAS**

**17:00** Alimentação vegetariana: saúde & política + Janta  
**OCUPA LETRAS**

**VEM PRA OCUPA! VEM PRO VALE!**

FONTE: *Fanpage Ocupa IFCH*

Figura 52 - Agenda das ocupas do Vale



FONTE: Fanpage Ocupa IFCH

Em meio aos dados quantitativos sobre a produção informativa das dezesseis ocupações da UFRGS (presentes na Tabela 3), destaco alguns:

- A *Ocupa Direito* e a *Ocupa Letras* foram as únicas fanpages a ultrapassar os 5 mil seguidores e receber 5 mil curtidas.
- A *Ocupa Esefid*, *Ocupa Dsg-Arq*, *Ocupa IFCH* e *Ocupa Direito* foram as que mais usaram as fanpages depois da desocupação, mantendo a página como um canal de mobilização política. Estas postagens, majoritariamente de 2017, iam desde eventos contra a Reforma da Previdência até o apoio a ocupações por moradia em Porto Alegre. O destaque neste quesito fica com a *Ocupa Esefid*, que realizou 65 publicações após a desocupação e chegou a mudar o nome da página<sup>116</sup>.
- Ocupa Faced*, *Ocupa Esefid*, *Ocupa Direito*, *Ocupa Letras* e *Ocupa Fabico* foram as ocupações que mais utilizaram vídeos nas respectivas páginas.
- Apenas a *Ocupa Esefid*, *Ocupa Dsg-Arq* e *Ocupa Letras* tiveram mais de 200 publicações durante os quase dois meses de ocupações.

<sup>116</sup> No capítulo 7 falarei sobre a mobilização realizada por estudantes da Esefid em outubro de 2018.

Seguindo os mesmos critérios utilizados para a análise da página da Fabico, analisei dois elementos nas outras *fanpages*: vídeos e manifestos/comunicados/cartas abertas.

Em 29 de novembro de 2016, dezenas de estudantes da UFRGS estavam na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, protestando contra a PEC, 55 que estava sendo votada naquela tarde no Senado. Quatro ocupantes da Fabico testemunharam o nada amigável encontro entre milhares de jovens opositores do governo Temer e membros de sindicatos e movimentos sociais com um vasto contingente de policiais. Mas nenhum vídeo sobre o ato foi publicado na *fanpage*. A *Ocupa Letras*, por outro lado, fez três transmissões ao vivo da capital federal e publicou um outro vídeo gravado em frente ao Congresso. Embora de curta duração, eles dão um bom panorama da tensão vivida em Brasília durante o confronto com a polícia<sup>117</sup>.

Conforme colocado anteriormente, a *Ocupa Fabico* investiu pouco em vídeos para a *fanpage*. Também não realizou transmissões *via streaming*. Além da *Ocupa Letras*, a *Ocupa Direito* publicou três vídeos sobre uma marcha no Centro de Porto Alegre. Discussões sobre o dilema anonimato-visibilidade fizeram com que os estudantes investissem em outros formatos e linguagens de comunicação.

Para a análise dos vídeos produzidos e publicados pelas *Ocupas* da UFRGS, adotei um critério quantitativo de seleção, escolhendo as *fanpages* que publicaram mais de dez vídeos, além da já citada página da Fabico: *Ocupa Direito* (18)<sup>118</sup>; *Ocupa Letras* (17); *Ocupa Esefid* (14); e *Ocupa Faced* (11). Além do material audiovisual destas cinco páginas, também citarei um vídeo da *Ocupa IA*, por apresentar características diferentes dos demais produzidos nas ocupações da UFRGS.

- *Ocupa Direito*: Transmissões digitais em tempo real são um recurso tecnológico bastante usado, desde o início do século, em repertórios de confronto como marchas e ocupações, mas foi pouco explorado pelas *Ocupas* da UFRGS. A exceção foi justamente a *Ocupa Direito*, ocupação da Universidade que mais produziu e publicou vídeos em sua *fanpage*. Foi também a que mais fez transmissões ao vivo, cobrindo desde marchas contra a PEC 55 em Porto Alegre até aulas e outras atividades na ocupação. Um dos destaque foi a transmissão *via streaming*, no dia 24 de novembro, da palestra de José Eduardo Cardozo, ex-ministro da Justiça e que, meses antes, havia sido o advogado de Dilma Rousseff no processo de impeachment. Ao todo foram cinco transmissões ao vivo: um convite para uma aula aberta que começaria em

<sup>117</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaLetrasUFRGS/videos/602871123230328/>.

<sup>118</sup>Na sessão “Vídeos” da *fanpage Ocupa Direito*, existem 28 arquivos. Decidi considerar 18 porque alguns foram divididos em duas, três ou quatro partes. Este critério foi usado para todas as *fanpages*.

poucas horas; uma roda de conversa sobre o movimento estudantil brasileiro na ditadura militar, com participação do então deputado estadual pelo PT, Adão Villaverde; a aula pública “Retrocessos nos direitos sociais e PEC 241/55”; uma vigília contra a PEC 55 (evento cultural com apresentações de artistas de hip hop e sarau); e a palestra de José Eduardo Cardozo.

Com relação ao conteúdo, os vídeos foram assim classificados:

- a) Aulas, palestras e rodas de conversa (Movimento estudantil na ditadura militar; “Retrocessos nos direitos sociais e PEC 241/55”; Palestra de José Eduardo Cardozo; "A legitimidade jurídica das ocupações").
- b) Mensagens de apoiadores (Ocupa Direito UFRJ; Músico Esteban Tavares)
- c) Cotidiano da ocupação (Pintura de faixas, cartazes e interior da Ocupa; Oficina de faixas e cartazes; Atividades lúdicas no pátio; prática de yoga).
- d) Apresentações culturais (Intervenção do Pretagô<sup>119</sup> no Domingo de Debates sobre a negritude na Ocupa Direito; Grande vigília contra a PEC 55).
- e) Vídeo-Denúncia (Irregularidades no processo movido pela direção do Direito contra 3 alunos que ocuparam a faculdade; Discussão, dentro do prédio ocupado, entre estudantes da *Ocupa* e um militante de direita que já havia apontado um arma para alunos de outra ocupação).
- f) Marchas e atos externos (Polícia tocando bombas e estudantes correndo; Marcha passando pelo Mercado Público de Porto Alegre; Marcha dentro do Túnel da Conceição aos gritos de “Fora Temer”).
- g) Vídeos-manifesto (“O que é a Ocupa Direito Ufrgs?”; “Porque ocupamos? Manifesto da ocupação Direito UFRGS”; “Encerramento Ocupa Direito UFRGS”).

---

<sup>119</sup> Grupo de teatro portoalegrense.



Figura 53 - José Eduardo Cardozo no pátio da Faculdade de Direito da UFRGS



FONTE: Fanpage Ocupa Direito

A *Ocupa Direito* usou os vídeos principalmente para a discussão política, transmitindo aulas abertas e mostrando atos externos. Mas alguns vídeos também mostravam o dia a dia dos estudantes na ocupação. Outras *Ocupas* investiram mais em mostrar essa convivência, buscando ressaltar a horizontalidade na organização interna. No vídeo de 6 minutos e 25 segundos, postado na *fanpage* da *Ocupa* no dia 9 de novembro de 2016, “O que é a Ocupa Direito Ufrgs?”, estudantes defendem a paridade entre alunos, servidores e professores nas votações para a diretoria da faculdade. Também são explicadas as comissões e as funções de cada uma delas. Uma aluna negra diz “resistência negra nas universidades”. Por fim, há muitas imagens com os estudantes limpando o prédio ocupado.

- *Ocupa Letras*: A *Ocupa Letras* fez transmissões ao vivo de um ato realizado em Brasília, incluindo as *Ocupas* de todo o Brasil. Foram 3 vídeos de curta duração, mostrando o ambiente hostil enfrentado pelos estudantes e demais movimentos sociais presentes na capital federal.

Com relação ao conteúdo, os vídeos da *Ocupa Letras* foram assim classificados:

- a) Vídeos-manifestos (Apresentação da ocupação<sup>120</sup>; Manifesto pela não criminalização da Ocupação da Letras)
- b) Cotidiano da *Ocupa* (Estudantes fazendo comida; Atividade lúdico-musical com a musicista e atriz Simone Rasslam; Alunos em sala de aula entoando canção contra Temer; Vídeo de uma ceia noturna ao ar livre; Vídeo de uma roda de leitura em voz alta; Vídeo de atividade artística com alunos gritando “Ocupa tudo!”).
- c) Apresentações culturais (Roda de samba no pátio da *Ocupa*)
- d) Atos externos (Dezessete estudantes fazendo um jogral na escadaria externa do Museu de Artes de Porto Alegre, MARGS, durante a Feira do Livro; quatro vídeos de ato em Brasília, três deles ao vivo da Esplanada dos Ministérios e um gravado em frente ao Congresso)
- e) União entre as *Ocupas* (Transmissão ao vivo mostrando preparativos para o início da assembleia que decidiu pela ocupação do IFCH; “Vamos unificar nossa luta?”: vídeo defendendo a necessidade de criar espaços conjuntos de discussão entre as *Ocupas*; “Ocupe a UFRGS! Ocupe seu curso!”).

Chama a atenção, no caso dos vídeos produzidos pela *Ocupa Letras*, esta categoria que não está presente em nenhuma outra *Ocupa* analisada, e que chamei de “União entre as *Ocupas*”. Isso se explica pelo fato de a Letras ter sido a primeira faculdade ocupada na UFRGS e ter enviado representantes em todas as demais assembleias que decidiram pela ocupação das outras faculdades. O papel desta *Ocupa*, portanto, é de grande destaque entre as demais, não apenas como pioneira na aplicação deste repertório, mas também como grande incentivadora de outras ações semelhantes na UFRGS.

Em vídeo postado com uma semana de ocupação e chamado de “Manifesto pela não criminalização da Ocupação da Letras”, os estudantes agradecem o apoio de professores no dia a dia, mas cobram deles um posicionamento oficial por escrito de apoio à *Ocupa*, para aumentar a legitimidade do movimento perante os opositores.

- *Ocupa Faced*: A *Ocupa Faced* realizou três transmissões ao vivo; três aulas abertas realizadas no pátio da faculdade, uma sobre a MP do Ensino Médio; outra sobre o Escola sem Partido e uma sobre a lei do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica, o FUNDEB (todas sobre temas ligados à educação e, mais especificamente, à docência<sup>121</sup>).

<sup>120</sup>Este vídeo possui qualidade de áudio bem ruim, prejudicando a mensagem dos estudantes.

<sup>121</sup>As licenciaturas da UFRGS que foram ocupadas, realizaram muitas atividades sobre a educação e projetos para a área.

Com relação ao conteúdo, os vídeos foram assim classificados:

- a) Aulas/Palestras/Rodas de conversa (Aula aberta sobre a MP do Ensino Médio; Aula pública sobre o Escola sem Partido; Aula pública sobre a Lei do FUNDEB)
- b) Cotidiano da *Ocupa* (Alunos entrando no prédio após assembleia que decidiu pela ocupação; Vídeo de um luau, com alunos comemorando um mês de ocupação; Roda de violão, à noite, no interior do prédio; Vídeo curto com uma roda de música dentro da *Ocupa*)
- c) Apresentações culturais (Apresentação de dança no pátio)
- d) Vídeo-denúncia (Discussão com pró-reitora e cancelamento de reunião)
- e) Vídeos-manifestos (“O que aprendemos com a OcupaFaced”)
- f) Acessibilidade (Mensagem à comunidade surda, com aluno falando para a câmera e uma intérprete ao seu lado traduzindo sua fala para Libras)

- *Ocupa Esefid*: A *Ocupa Esefid* não realizou nenhuma transmissão ao vivo. Com relação ao conteúdo, os vídeos publicados na *fanpage* foram assim classificados:

- a) Cotidiano da *Ocupa* (Dança no pátio do campus, pessoa filmadas da cintura para baixo; Dança em um espaço da faculdade; Vídeo-arte com imagens do dia a dia da *ocupa*).
- b) Apresentações culturais (Apresentação de dança no pátio da Faced; sarau noturno).
- c) Vídeo-denúncia (Nota de transparência: repúdio. Criança brincando num espaço do ginásio; Vídeo bruto da reunião com a pró-reitora Protestos terceirizados e alunos na reitoria; Protesto das terceirizadas na reitoria e declaração de greve).
- d) Atos externos (Protesto contra a PEC e o governo Sartori).
- e) Vídeo-esclarecimento: (Estudantes falam sobre a suspensão dos atendimentos da clínica de fisioterapia)
- f) Mensagens de apoiadores: (Apoio de um professor de Educação Física da rede pública, ex-aluno da Esefid; Apoio de uma professora de Educação Física da rede pública, ex-aluna da Esefid; Apoio do cantor e compositor Nei Lisboa, com um mês de ocupação).

Embora a *Ocupa IA* não se encaixe no critério quantitativo definido para estas análises, cabe aqui abrir uma exceção para um vídeo produzido por esta ocupação. Compartilhado nas *fanpages* de outras *Ocupas*, o material audiovisual realizado pelos alunos do Instituto de Artes talvez tenha sido o mais crítico à Universidade, entre todos os demais.



Chamado de “Ocupar é um problema?”<sup>122</sup>, o vídeo é uma edição de depoimentos dos alunos sobre coisas que seriam de fato problemas, como as vagas insuficientes nas Casas do Estudante, paredes mofadas e riscos de curto-circuito no prédio do IA, falta de acessibilidade no edifício, falta de reajustes nas Bolsas de Iniciação Científica, omissão da instituição quanto ao caso de um aluno que andava armado intimidando estudantes que ocupavam seus cursos, omissão da instituição em um caso de agressão a um aluno indígena cometida por outros estudantes, omissão quanto à falta de prestação de contas da empresa contratada para fazer os serviços de limpeza – pauta, a essas alturas, já incorporada por todas as *Ocupas* da UFRGS.

Figura 54 – Primeira cena de vídeo da Ocupa IA



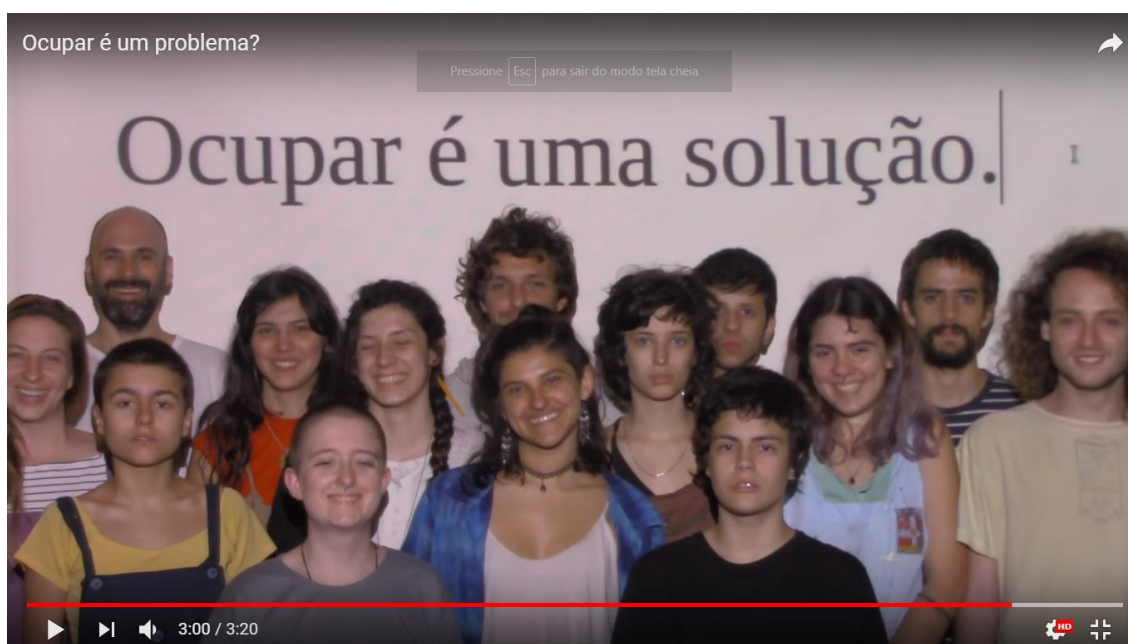
FONTE: *Fanpage Ocupa IA*

---

<sup>122</sup> Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=3ooiOan6gfk&feature=share&fbclid=IwAR2G3lZftlilIXkRHTcM4WjTCRIG8Tpmz6LZmSDln\\_oyf-kSc6JoeyLxgfQ](https://www.youtube.com/watch?v=3ooiOan6gfk&feature=share&fbclid=IwAR2G3lZftlilIXkRHTcM4WjTCRIG8Tpmz6LZmSDln_oyf-kSc6JoeyLxgfQ)>. Acesso em: 5 jun. 2018.

Figura 55 - Última cena de vídeo da Ocupa IA



FONTE: *Fanpage Ocupa IA*

Quanto aos *Manifestos/Cartas abertas/Comunicados*, serão aqui utilizados os mesmos critérios de seleção de padrões discursivos aplicados no caso da *Ocupa Fabico*, buscando identificar nos textos das *Ocupas* da UFRGS características em comum e agrupando-os por temas.

a) *Alinhamento com o movimento nacional de ocupações:*

No dia 31 de outubro de 2016, nos somando à mobilização de estudantes universitários e secundaristas de todo o país, ocupamos o prédio da Faculdade de Educação da UFRGS.

OCUPA FACED - 26/12/2016.

[...] nos somando, assim, ao grande movimento nacional de ocupações, uma das maiores ações do movimento estudantil brasileiro.

OCUPA LETRAS – 19/12/2016.

Estamos vivendo, historicamente, a maior onda de ocupações estudantis do país. Já são mais de mil ocupações secundaristas Brasil a fora e diversas universidades e institutos federais também ocupados; todos contra os ataques do governo Temer.

OCUPA IFCH – 01/11/2016.

No dia 7 de novembro de 2016, segunda-feira, a Biologia - UFRGS mergulhou em um mar de incertezas. Somamos em um movimento nacional, no qual mais de mil unidades de ensino básico e mais de 200 universidades foram ocupadas por seus estudantes.

OCUPA BIOLOGIA – 23/12/2016.

A ocupação da ESEFID não foi isolada, mas sim parte de um movimento nacional de ocupações, em que mais de mil escolas de educação básica (incluindo institutos federais) e de duzentos cursos em universidades foram ocupados. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foram, no auge do movimento, 39 cursos

ocupados em campus de Porto Alegre (Central, Vale, Saúde e Olímpico) e do litoral (Litoral Norte e Ceclimar).

[...]

Nas universidades federais, as greves das/os docentes e das/os técnicas/os administrativas/os se somaram às ocupações estudantis, formando-se uma unidade há muito não vista entre os setores.

OCUPA ESEFID – 21/12/2016.

*b) Golpe e ilegitimidade do governo Temer:*

Sendo assim, acreditamos que seja indispensável permanecer na luta contra mecanismos que sucateiam a educação, através de retrocessos deste governo ilegítimo. [...] FORA TEMER!!!

OCUPA FACED - 31/10/2016.

Não escolhemos seguir os fluxos cotidianos da vida como se não fosse ilegítima a ordem estatuída.

OCUPA DSG-ARQ – 22/12/2016.

Os atuais ataques provenientes deste governo ilegítimo advém não somente de um desgosto pelas camadas mais populares, mas também de ódio aos que agora ganham sua voz.

OCUPA BIOLOGIA - 23/12/2016

*c) Críticas ao governo federal e ao Congresso:*

Sabemos que a depender do Congresso, do Senado, do STF e do governo, o conjunto dos ataques que vão precarizar as condições de vida da população será implementado. A resistência é urgente. Mas se não ganharmos a unidade das trabalhadoras e trabalhadores, para a nossa luta, dificilmente conseguiremos avançar contra a retirada de direitos. Por isso escrevemos esse manifesto.

[...]

O governo Temer quer descarregar a crise nas costas de quem mais necessita, ao invés de retirar dos privilégios dos políticos e da dívida pública, que serve para enriquecer os grandes bancos. Nesse sentido essa luta contra a PEC é de todas e todos as/os trabalhadoras/es do país. Por isso essa é uma das pautas principais de nossa ocupação.

OCUPA IFCH – 01/11/2016.

Os atuais ataques provenientes deste governo ilegítimo advém não somente de um desgosto pelas camadas mais populares, mas também de ódio aos que agora ganham sua voz. Não querem mulheres nos espaços de decisão. Não querem pessoas negras e indígenas em nossas universidades. Não querem LGBT+s mostrando sua identidade em nossa sociedade.

OCUPA BIOLOGIA – 23/12/2016.

*d) Continuidade da luta pós-ocupações:*

Essa semana, entendendo que o movimento de ocupações não tem um fim em si e que esse método faz parte de apenas uma parte do processo dessa luta histórica dos estudantes, junto com os trabalhadores, foi decidido pela Ocupa Letras que, durante a semana que compreende do dia 19/12 ao 23/12, faremos nosso processo de desocupação do prédio de aulas.

OCUPA LETRAS – 19/12/2016.

Aproveitamos para agradecer a presença, apoio e parceria dos professores durante todo o período de ocupação - que não acaba aqui!

OCUPA LETRAS – 23/12/2016.

Convidamos, assim, as colegas, professoras, técnicas e terceirizadas a retomarem os trabalhos na FACED com disposição e entusiasmo para o que há de novo e que se somem às mobilizações futuras, que não se calem diante do retrocesso e que se solidarizem com os que lutam.

E nós, seguiremos vigilantes, ocupando as salas de aula, as ruas, as escolas. Não nos calaremos e não recuaremos.

Nenhum direito a menos!

Ocupar e resistir!

OCUPA FACED - 22/12/2016.

Após 40 dias de ocupação contra a PEC 241/55, as e os estudantes da Faculdade de Direito da UFRGS saem do prédio para seguir a resistência contra o desmonte do estado social brasileiro nas ruas, ao lado da população.

[...]

O movimento apenas começou. Sabemos da importância de nosso papel na defesa de uma educação pública, gratuita e de qualidade para todas e todos. Na defesa de uma universidade democrática. De escolas com pensamento livre e crítico. Da manutenção de direitos essenciais à saúde, à previdência e da conquista de condições dignas de trabalho, que impeçam um retorno a tempos nefastos, de uma era de superexploração das trabalhadoras e dos trabalhadores que constroem nosso país. A luta prossegue, pois temos um longo caminho pela frente.

Nenhum direito a menos!

A luta continua!

Voltaremos!

OCUPA DIREITO – 12/12/2016.

Vivemos um período de intenso ataque a direitos duramente conquistados, onde há retrocessos nas áreas de saúde, educação e uma precarização de direitos trabalhistas. Frente a isto, percebemos a necessidade de nos organizarmos e resistirmos, buscando avanço em nossas diversas pautas e mantendo a luta dentro e fora dos muros da universidade. A partir da articulação formada com as ocupações, a luta segue.

Apenas começamos!

OCUPA IFCH – 22/12/2016.

Durante essa semana, foi decidida pela Ocupa Dsg-Arq a desocupação do prédio da faculdade. Estamos saindo, mas essa saída é só o fim de um ciclo, e não o fim de tudo o que fizemos. O movimento de ocupações é parte de uma luta maior e que segue, com ou sem a aprovação da PEC 55, com ou sem as desocupações.

Nossa ocupação incomodou por mais de cinquenta dias. Não escolhemos ficar de braços cruzados diante dos ataques do governo à Universidade Pública e aos nossos direitos. Não escolhemos seguir os fluxos cotidianos da vida como se não fosse ilegítima a ordem estatuída. Não escolhemos cumprir pequenos prazos da burocracia enquanto o país é condenado ao erro histórico. Escolhemos lutar, e escolhemos conscientes de que essa luta não tem data para acabar.

OCUPA DSG-ARQ – 22/12/2016.

Esta ocupação se finda aqui. A luta, mal começou.

OCUPA EA – 18/12/2016.

Com discursos semelhantes, as *Ocupas* da UFRGS estiveram bem sintonizadas na elaboração dos textos de posicionamento político. Alguns deles, como os produzidos pela *Ocupa IFCH*, por exemplo, traziam análises da conjuntura nacional, especificando o porquê da oposição a cada um dos projetos transformados em alvos pelos estudantes. Já a *Ocupa Direito* optou muitas vezes por textos longos, com detalhadas explicações e críticas pesadas

ao diretor da faculdade. Em geral esses manifestos têm uma redação bastante parecida, não deixando antever nenhuma discordância irreconciliável entre as *Ocupas*. O tom é sempre forte, acusador, incisivo, como mostram os exemplos que procurei reproduzir.

### 6.3 MARCHAS, TRANCAÇOS E PANFLETAGENS: A OCUPA GANHA AS RUAS

Para vencer os muros da invisibilidade, desafio de toda ocupação de prédios públicos que tenta se comunicar com a sociedade, as *Ocupas* da UFRGS participaram, durante os meses de novembro e dezembro de 2016, de várias ações políticas pela cidade. Era preciso transpor as paredes da ocupação e superar a *bolha do facebook*. Apesar da radicalidade de algumas dessas ações, o objetivo era pedagógico: conversar com a população sobre a PEC, explicar o que estava em jogo e como os serviços públicos seriam prejudicados a médio e longo prazo, caso ela fosse aprovada no Congresso.

Segundo Graeber (2009, p. 362-363, tradução do autor), “marchas e comícios são efetivos apenas quando são um dos elementos de uma campanha muito mais ampla que empregue várias táticas”. Neste sentido, outros repertórios de ação coletiva foram acionados para que a pauta que originou a tomada dos prédios chegasse aos ouvidos da população – já que a mídia hegemônica, quando abordava o tema, priorizava aspectos do cotidiano dos estudantes e os problemas gerados pelas ocupações.

No dia 6 de novembro de 2016 os servidores da Fundação Piratini realizaram um show coletivo no Parque Farroupilha, o mais tradicional de Porto Alegre. Mais de dez artistas da cena musical gaúcha estiveram presentes, dando seu apoio às emissoras públicas do Rio Grande do Sul ameaçadas de extinção. Convidados dois dias antes para subirem no palco e lerem um texto sobre as ocupações, alunos da Fabico aceitaram o convite. Inicialmente, por receio da exposição pública, eles entregariam o texto para ser lido por algum dos condutores do festival, funcionários da TVE e da FM Cultura. Chegado o dia do evento, uma estudante se voluntariou durante uma assembleia e acabou assumindo a responsabilidade de falar em público. O discurso de dois minutos e meio, ovacionado pelas centenas de pessoas presentes, foi filmado por alguns ocupantes e postado na íntegra, ainda no mesmo dia, no *facebook*.

Ainda em apoio às *Ocupas*, foi realizado um show com vários artistas em frente ao Palácio Piratini, aproveitando a estrutura da mobilização dos servidores das fundações estaduais que há dias faziam vigília no local. Foi o *Show das Ocupas*, que reuniu 16 artistas solidários à causa dos estudantes. Foram momentos em que o espaço físico das ocupações foi transposto e o espaço de visibilidade aumentado para comunicar a um público externo às

demandas do grupo. A importância de diversificar os repertórios é destacada neste texto publicado pela *Ocupa IFCH*:

Quando concretizamos grande parte dos debates, vimos a necessidade de expandir com maior vigor o compartilhamento de informações, e que somente aulas públicas não atingiam grande parcela de colegas e da população. Assim realizamos jogral na feira do livro de Porto Alegre, na praça da Alfândega, como forma de expor o movimento de ocupação na universidade e dar visibilidade para as discussões. Para além do mês da feira do livro, seguimos com panfletos em paradas de ônibus e na zona central da cidade, buscando informar sobre as implicações da aprovação da PEC55 na vida de todos nós.

OCUPA IFCH – 21/12/2016.

Figura 56 – Estudantes fazem panfletagem na Esquina Democrática.



FONTE: Fanpage *Ocupa IFCH*

Estudantes da *Ocupa Letras* praticaram jograis no centro de Porto Alegre<sup>123</sup>, iniciativa que foi acompanhada por outras *Ocupas*, aproveitando a grande presença de público devido à realização da Feira do Livro.

No dia 9 de dezembro, estudantes vestindo preto e carregando dois caixões de papelão saíram às ruas a partir da *Ocupa Faced*<sup>124</sup>. Os manifestantes realizaram um velório simbólico da educação no Brasil, em cruzamentos de ruas próximas ao Campus Centro da UFRGS.

<sup>123</sup>Disponível em: < <https://www.facebook.com/OcupaLetrasUFRGS/videos/594484064069034/>>. Acesso em: 11 set. 2018.

<sup>124</sup>Além de ponto de encontro para ações conjuntas das *ocupas* no Centro de Porto Alegre, a *Ocupa Faced* também era um local de produção coletiva de faixas e cartazes.



Figura 57 – Faixa e dois caixões criados para o enterro simbólico da educação



FONTE: *Fanpage Resistência UFRGS Ocupa Faced*

No dia 11 de dezembro, um domingo, estudantes da *Ocupa Faced* organizaram um evento chamado *Ocupa Redenção*. Eles montaram uma barraca no principal parque da capital gaúcha para dialogar com a população sobre os efeitos da PEC e a importância da mobilização estudantil.

A produção de conteúdo para a *fanpage* da *Ocupa Fabico*, apesar de um ou outro texto que falasse sobre a PEC, privilegiava os eventos realizados na ocupação. A página funcionava, acima de tudo, como uma plataforma de divulgação de eventos – aulas abertas, rodas de conversa, oficinas, etc. Mas nas ações de rua o foco era conscientizar a população quanto à PEC e suas consequências. Um panfleto produzido na *Ocupa Fabico* – que teve tiragem de 2000 unidades – explicava a PEC e dava o norte para as conversas com o público durante as panfletagens. Com o título *Querem tirar nossos direitos. Por isso ocupamos cerca de 40 cursos da UFRGS: é uma forma de resistência!*, o material procurava explicar de maneira didática os seguintes tópicos: O que é a PEC do Teto de Gastos?; Como fica a educação?; Como fica a saúde?; E o salário mínimo?; E o serviço público?; O que é a reforma do Ensino Médio?; O que é “Escola sem partido”?; Porque ocupamos nossas faculdades?

Por fim, afirmava que a PEC do Teto de Gastos era ilegal, mas não as ocupações, recomendando como medidas que poderiam gerar recursos para a união, ao invés do corte em investimentos propostos pela PEC, uma auditoria da dívida pública e a criação de um imposto sobre grandes fortunas.

Figura 58 - Frente do panfleto da Ocupa Fabico

querem tirar nossos  
**DIREITOS**

**POR ISSO, OCUPAMOS CERCA DE 40 CURSOS DA UFRGS: É UMA FORMA DE RESISTÊNCIA!**

**O QUE É A PEC DO TETO DE GASTOS?**

A PEC 241/55 é um projeto econômico de autoria do governo Temer que tem o objetivo de limitar o crescimento dos investimentos sociais do Governo Federal, sendo reajustados pelos próximos 20 anos apenas de acordo com a inflação.

Educação, Saúde, Segurança, Previdência, Assistência Social, Infraestrutura, Saneamento Básico, Transporte, Reforma Agrária, Ciência e Tecnologia, e outras áreas serão congeladas.

**COMO FICA A EDUCAÇÃO?**

A pasta da Educação, que representa apenas 3,7% do PIB, deixa de receber os 18% da receita líquida vinda dos impostos, como acontece normalmente.

2016 S/ PEC	2016 C/ PEC
R\$ 103 BI	R\$ 31 BI

Se a PEC estivesse em vigor nos últimos 10 anos, teríamos 72 bilhões a menos na educação - muitos de nós nem estaríamos estudando. O Congresso Nacional estima pra 2018, 1/3 da verba.

**COMO FICA A SAÚDE?**

A pasta da Saúde, que representa apenas 4% do PIB, deixa de receber os 13,2% da receita líquida vinda dos impostos, como acontece normalmente.

2016 S/ PEC	2016 C/ PEC
R\$ 102 BI	R\$ 65 BI

Se a PEC estivesse em vigor nos últimos 10 anos, teríamos 37 bilhões a menos na saúde. O Conselho Nacional de Saúde estima que a pasta perderá mais de R\$400 bilhões em 20 anos.

**E O SALÁRIO MÍNIMO?**

De 2002 a 2016 teve aumento de 77% acima da inflação, passando de R\$200 para R\$880. Com a PEC desde 1998, o salário mínimo seria de apenas R\$400.

**E O SERVIÇO PÚBLICO?**

Caso o limite anual de despesas for extrapolado, os salários dos servidores não poderá ser reajustado e não poderão ser realizados novos concursos públicos.

FONTE: Acervo pessoal dos alunos



Figura 59 - Verso do panfleto da *Ocupa Fabico*

**O QUE É A REFORMA DO ENSINO MÉDIO?**

A MP 746, suposta Reforma do Ensino Médio, promove o desmanche do ensino público que atualmente já opera de forma precária. Matérias como filosofia, sociologia, educação física, artes e línguas estrangeiras não serão obrigatórias, sendo optativa sua inclusão no currículo das escolas. Além disso, institui o turno integral para todo o ensino médio ao mesmo tempo em que a PEC 55 visa congelar essa área por 20 anos, o que é inviável.

**O QUE É "ESCOLA SEM PARTIDO"?**

Outra ameaça para educação brasileira é o PLS 193, que chamamos de "Escola Com Mordaza". Este visa construir uma educação carente de pensamento crítico e cidadania através da censura dos conteúdos abordados em sala de aula. Tanto o Ministério da Educação, em Julho, quanto a Advocacia Geral da União se manifestaram contrários ao projeto. O Governo não debateu nenhum projeto e ocupamos para poder decidir sobre que educação queremos.

**PORQUE OCUPAMOS NOSSAS FACULDADES?**

Com a PEC desde 2006, o orçamento da UFRGS (Fonte Tesouro) perderia R\$580 milhões no somatório dos anos, R\$109 milhões só em 2015 (59,2% a menos). Cerca de 40 cursos estão com suas unidades de ensino ocupadas como forma de resistência a esse pacote de ataques aos direitos de nós estudantes, trabalhadores e população em geral.

**AS OCUPAÇÕES NÃO SÃO ILEGAIS**

Nossas ocupações foram aprovadas em assembleias legítimas regidas por estatutos reconhecidos por estudantes, professores, servidores e direções de unidades de ensino, além de serem asseguradas pela Constituição Federal - nos termos da Liberdade de pensamento, de reunião e de manifestação. A Defensoria Pública da União também legítima, uma vez que elas não são crimes pelo Direito Penal.

**A PEC DO TETO É, SIM, ILEGAL**

Já a PEC do teto de gastos fere diversos princípios da constituição, como o da separação de poderes (art. 2º c/c art. 60, § 4º, III), o do voto direto, secreto, universal e periódico (art. 60, § 4º, II), da vedação ao retrocesso social (art. 60, § 4º, inciso IV, c/c o art. 5º, § 2º e art. 6º) etc. E o pior: só poderá ser revista em 10 anos, caso a presidência em exercício em 2026 envie projeto de lei complementar ao Congresso Nacional.

O pagamento de Juros da Dívida Pública para os ricos (banqueiros e grandes empresários) não será limitado pela PEC - pelo contrário, aumentará exponencialmente, subindo para 340 bilhões em 2017. A Auditoria da Dívida Pública ajudaria a reduzir o pagamento desses juros aos ricos. Existem outras saídas para a crise, como o Imposto sobre Grandes Fortunas (IGF), que poderia gerar cerca de R\$49 bilhões anuais. Estamos diante do maior levante estudantil da história do país: já são mais de mil escolas de ensino médio ocupadas e mais de 220 ocupações em universidades e institutos federais pelo Brasil. É hora de resistência! #OcupaUFRGS #OcupaTUDO

25/11 DIA NACIONAL DE LUTA /OCUPAFABICO2016 /OCUPATUDOBR

FONTE: Acervo pessoal dos alunos

Panfletos em mãos, a *Ocupa Fabico* ganhou as ruas e foi ao encontro da população. A prioridade foi panfletar em locais de grande circulação de pessoas, como terminais de ônibus, ou nas longas filas do Hospital de Clínicas, que fica em frente ao prédio da Fabico. Integrantes de várias ocupações da UFRGS panfletaram juntos na Esquina Democrática, no centro de Porto Alegre<sup>125</sup>. Luciana panfletou dentro dos ônibus. Apesar da satisfação em

<sup>125</sup>Esquina das ruas Borges de Medeiros e Rua dos Andradas, local de passagem de milhares de pessoas diariamente. A Esquina Democrática é um dos mais tradicionais locais de manifestações políticas em Porto Alegre.

participar do que diz ter sido uma grande experiência de interação, a ida às ruas representou, para quem estava há semanas vivendo na bolha da ocupação, um choque de realidade:

*LUCIANA - Lembro que a maioria, olha 90%, mais talvez, as pessoas não sabiam da ocupação, não sabiam da PEC 55, não sabiam nada do que tava acontecendo. A gente ia explicando o que era a PEC, explicava porque que a gente tava ocupando, convidando a se juntar pros atos. Lembro de panfletar pra brigadiano, entregar pra eles e eles serem meio debochados. Enfim, pra mim tem muito sentido conversar com as pessoas. No ônibus é muito bom porque as pessoas tão sentadas, não tem o que fazer, lembro que eu gostei bastante. Foi um impacto de realidade assim saber que as pessoas não sabiam que toda a UFRGS tava parada, e isso quando já tava uns quarenta dias. Isso foi bem forte. Foi muito triste.*

*LUIS - Tu chegava pra cada um e falava, e eles: “Bah, a gente não sabia”. A mídia não falou o quanto deveria, as pessoas não sabiam do que se tratava.*

A ocupação é um repertório que clama por corpos. É a presença física no espaço da ação que a torna possível, por mais que as redes virtuais possibilitem um amplo leque de contatos e organização. Havia consenso entre os estudantes da *Ocupa Fabico* quanto à importância de realizarem atos em conjunto com as diferentes *Ocupas* da UFRGS. Atuar politicamente nas ruas era importante também para dar mais corpo ao movimento e mostrar sua força em espaços públicos abertos. Mas o número de pessoas comprometidas presencialmente e diariamente com a ocupação da Fabico foi diminuindo com o passar das semanas, tornando o tema da participação em atos externos uma pauta constante das assembleias: A *Ocupa* deveria ou não participar de atos externos? Qual a prioridade da ocupação?

*AMELIA - A gente tinha uma demanda de energia muito grande pra se manter aqui. Porque estar aqui já era muito importante, só ocupar, viabilizar o uso, ocupar um prédio público era muito importante, mas manter-se aqui dentro era o mais complicado. O resto, as políticas externas, panfletar, atos, a gente fazia se desse, e a gente tentava ao máximo que desse, mas a prioridade era manter a ocupação. E até em determinados momentos houve questionamentos nesse sentido, da gente ter que levar pra assembleia e pensar quais as nossas prioridades: é mais importante a gente ir pra ato ou é mais importante a gente ocupar?*

Onze de novembro de 2016 foi chamado por centrais sindicais e outras associações e movimentos sociais de *Dia nacional de paralisações*. As *Ocupas* da UFRGS participaram

realizando *trancaços* em diferentes cruzamentos de Porto Alegre. Poucos dias depois, muitos ocupantes de diferentes estados se encontraram em Brasília. O site da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) convocou os jovens para o encontro na capital federal:

Como resposta à onda de retrocessos na Educação do governo ilegítimo de Michel Temer, as entidades estudantis irão realizar um grande encontro na Universidade de Brasília (UnB), nos próximos dias 14 e 15 de novembro. O evento, que é organizado pela UBES, a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a Associação Nacional dos Pós Graduandos (ANPG) será determinante para organização de uma nova agenda com os próximos passos de mobilização das entidades. O movimento das ocupações é mais um dos temas que serão discutidos durante a mobilização<sup>126</sup>.

Durante estes dois dias, as entidades e os estudantes das *Ocupas* também prepararam a grande mobilização do dia 29 de novembro, data da votação da PEC em primeiro turno no Senado. Para marcar posição contra o projeto, movimentos sociais, sindicatos, entidades estudantis, secundaristas, professores e estudantes que ocupavam universidades em todo o país organizaram uma grande manifestação chamada de *Ocupa Brasília*. Caravanas de vários estados brasileiros rumaram à capital federal. Em Porto Alegre, a ASSUFRGS alugou um ônibus para a viagem e ofereceu duas vagas para cada curso ocupado na Universidade. Como a Fabico abriga seis cursos, o número de ocupantes poderia chegar a doze. Mas algumas vezes na *Ocupa* se levantaram contra a ida de tantos estudantes, já que a prioridade era manter a ocupação e temia-se que, com o prédio esvaziado, seria mais difícil resistir a alguma possível tentativa de desocupação:

TANIA - *Eu era contra mandar gente. Quem tava aqui todo dia era contra mandar gente. [...] Eu tava preocupada, eu achava que se a polícia quisesse ia nos destruir aqui enquanto essas pessoas tavam lá. Tinha dias que tinha muitos, mas tinha dias que tinha cinco. Sábado, por exemplo, era um dia crítico.*

INGRID - *Em alguns momentos, principalmente à tarde, a gente tinha 5 ou 6 pessoas. Então a gente não podia bancar que todos fossem, se não a gente ia ficar esvaziado.*

AMELIA - *Porque se todo mundo for pra ato e aqui ficar esvaziado a gente corre o risco de ser desocupado. Porque se todo mundo for pra Brasília a gente corre o risco de voltar e não ter ocupação pra voltar.*

---

<sup>126</sup>Disponível em: <https://ubes.org.br/2016/ocupa-brasilia-contra-pec-55-entidades-estudantis-convocam-encontro-para-os-dias-14-e-15-de-novembro/>. Acesso em: 11 ago. 2018.

O tema foi levado para discussão em assembleia. Ficou decidido que a *Ocupa* mandaria três representantes. Esta foi uma das assembleias mais tumultuadas. Pelo menos duas das entrevistadas disseram ter havido uma tentativa, por parte de algumas pessoas, de propositadamente criar uma confusão para que o tema não fosse devidamente discutido nem votado. Assim, seriam escolhidos aqueles que se candidatassem. Houve oposição a esta ideia e depois de muita discussão e duas reuniões escolheu-se então os três representantes da *Ocupa Fabico* que iriam à Brasília. Um quarto aluno da ocupação foi em outro ônibus, junto com colegas de seu coletivo – o que também gerou insatisfações na *Ocupa*.

Um texto publicado no site da UNE<sup>127</sup> e assinado também pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e pela Associação Nacional de Pós-graduandos (ANPG), convocava os estudantes a se manifestarem no dia 25<sup>128</sup> em suas cidades e depois para se juntarem à grande mobilização na capital federal:

Todas e todos à Brasília!

Vamos aquecer a luta nos quatros cantos do Brasil no dia 25 de novembro, com mobilizações nas capitais em conjunto com os trabalhadores e movimentos sociais. Este será um preparativo para chegarmos até a capital do nosso país em 29 de novembro, dia da votação da PEC 55 (241) no Senado.

Pela derrubada da PEC, pela retirada da MP 746/16, e contra a “lei da mordaza”, as e os estudantes junto com todo movimento educacional estarão a postos para resistir contra o assalto do nosso futuro. Em Brasília, em conjunto com os estudantes brasileiros, vamos discutir sobre os nossos próximos passos. A nossa luta não será coagida, vive em nós a coragem e sede por um amanhã melhor. A PEC da maldade não nos amedrontará, nem a truculência da PM, muito menos as declarações de Mendonça e Temer. Transformaremos Brasília na capital da Ocupação!

União Nacional dos Estudantes

União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

Associação Nacional de Pós-graduandos

15 de novembro de 2016

Os quatro estudantes da Fabico que estiveram em Brasília foram entrevistados por mim. Seus relatos são uníssonos no que se refere à violência policial:

*LUIS - Foi a maior repressão que eu já vi na vida. Se eu for te contar o número de bombas... São vinte e tantos ministérios, é muito grande o espaço. São quilômetros do Congresso até o fim dos ministérios. E eles tocaram bomba incessantemente. Porque tinha essa coisa de que iam ocupar os ministérios, até teve uma quebradeira no Ministério da Educação, tocaram fogo... Mas se eu fosse te contar quantas bombas... Vi a galera passando muito mal. Uma hora de bombas até evacuar os milhares de todos os ministérios.*

<sup>127</sup>Disponível em: < <http://www.une.org.br/noticias/resolucao-aprovada-pela-diretoria-plena-da-une-em-brasilia-15112016/>>. Acesso em: 22 maio 2018.

<sup>128</sup>Chamado de *Dia Nacional de Luta contra a PEC 55* por centrais sindicais, movimentos sociais e entidades estudantis.

EMANUEL - *Foi o ato mais violento que eu já fui na minha vida. Momentos muito tensos.*

AMELIA - *Muita bomba, muita bomba.*

VERA - *Foi horrível, era guerra mesmo. Eu olhava pro lado e era gente tocando bomba de volta pra polícia e a polícia vindo. As pessoas faziam barricada com banheiro químico, era cena de guerra total. Foi horrível. É uma memória horrível que eu tenho na minha vida.*

Violência à parte, o dia terminou com a derrota das milhares de pessoas que foram até Brasília com o intuito de tentar influenciar o voto dos senadores. Para alguns ocupantes da Fabico que, com um mês de ocupação, mantinham esperança de que a PEC fosse barrada no Senado, a votação em primeiro turno representou um baque anímico. Outra preocupação era com os desaparecidos. Ninguém da *Ocupa Fabico* se perdeu dos companheiros ou foi preso, mas outros não tiveram a mesma sorte. Dia 2 de dezembro, portanto, 3 dias depois da manifestação, a *fanpage* da *Ocupa IFCH* compartilhou uma postagem da *Ocupa UFRN*<sup>129</sup> onde uma lista, atualizada por advogados que apoiavam as ocupações, trazia os nomes de vinte e uma pessoas que ainda estariam desaparecidas.

No dia 13 de dezembro a PEC 55 foi aprovada em segundo turno no Senado. Minutos depois foi postado na *fanpage* da *Ocupa Fabico* uma chamada para um evento, o *4º Grande Ato contra a PEC 55 e o Pacote do Sartori*. O texto do movimento reconhecia a derrota na luta que havia inspirou a ocupação e fazia uso no título de um slogan popularizado durante os protestos de junho de 2013:

VEM PRA RUA, VEM

Hoje foi aprovada a nefasta PEC da Morte, que assassinará o futuro de milhares de brasileiros. E hoje vamos para a rua gritar contra ela, contra os retrocessos dos desgovernos Temer e Sartori e contra o golpe jurídico conservador na presidenta Dilma.

Convidamos toda a comunidade fabricana a se juntar ao ato. Liguem para os colegas, mobilizem os amigos, combinem grupos e vamos juntos para a rua lutar pelo que nos é de direito.

Vem pra rua, vem, que o Brasil é nosso.

#OcupaFABICO #OcupaTudo #NenhumDireitoAMenos

OCUPA FABICO – 13/12/2016

Minutos depois a *Ocupa* postou a foto de uma faixa, *Quem são os donos da mídia?*, pintada especialmente para o Ato no Centro do Porto Alegre. Este foi o último ato relacionado à PEC do Teto de Gastos em Porto Alegre. Derrota consumada, a intenção era marcar posição

<sup>129</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

nas ruas e lembrar que as universidades ainda estavam ocupadas. A passeata também apoiava os servidores estaduais acampados na Praça da Matriz e queria pressionar os deputados, a pouco mais de uma semana de uma das mais importantes votações nos últimos anos, na Assembleia Legislativa.

A manifestação contou com a participação de estudantes, movimentos sociais e centrais sindicais. Os jovens na linha de frente portavam escudos feitos de madeira. À medida que a marcha ia transcorrendo, manifestantes das *Ocupas* procuravam dialogar com as pessoas que aguardavam condução para voltar para suas casas. Um dos gritos repetidos insistentemente era: *Trabalhador, presta atenção, são 20 anos sem saúde e educação*. Havia grande mobilização da Brigada Militar em frente ao Palácio Piratini, devido ao acampamento de servidores públicos. Quando a manifestação tentou chegar ao Palácio foi durante reprimida pela polícia. O efeito das bombas acabou atingindo também pessoas que passavam na hora e que tiveram de se refugiar dentro das lojas que ainda estavam abertas. Este foi, de longe, o protesto com mais repressão entre os que tiveram a PEC como principal motivador em Porto Alegre<sup>130</sup>:

*LUCIANA - A gente ia pros protestos com alguma proteção no rosto, com leite de magnésio, com vinagre, pra poder diminuir os efeitos do gás. Então nesse dia a gente acabou ajudando muita gente que tava lá, que não tinha esses recursos, ou que nem tava participando da manifestação, mas que acabou sendo pego porque tava na Riachuelo por acaso. Enfim, foi bem violento.*

---

<sup>130</sup>BRIGADA MILITAR DISPERSA COM BOMBAS MANIFESTAÇÃO QUE TENTOU CHEGAR AO PALÁCIO PIRATINI. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/areazero/2016/12/brigada-militar-dispersa-com-bombas-manifestacao-que-tentou-chegar-ao-palacio-piratini/>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

Figura 60 - Faixa pintada na Ocupa Fabico para a manifestação de 13 de dezembro



FONTE: *Fanpage Ocupa Fabico*

Dois dias depois, a página da *Ocupa Letras* descrevia assim o que acontecera na manifestação do Centro da cidade:

Bom dia, companheiros! Ou nem tão bom assim.

Como sabemos, no dia 13 de Dezembro de 2016 tivemos o quarto ato contra a PEC 55 e os retrocessos do governador Sartori. Houve intensa repressão policial. No mesmo dia, completávamos QUARENTA E OITO ANOS da assinatura do AI-5: o cenário depois desse tempo transcorrido era de estudantes tomando bala de borracha e bomba de gás lacrimogêneo na cara. Infelizmente, uma companheira nossa da OCUPA Letras foi hospitalizada, ontem à noite, após em meio essa repressão uma bomba ter sido ativada no rosto dela. Nossa colega já está na luta, na ocupação novamente, mas ainda passa muito mal com inflamação grave nos brônquios e ataques respiratórios constantes. A companheira só não levou bala de borracha pois os escudos conseguiram defendê-la, minimamente.

48 anos depois a repressão ainda é forte e no instante da manifestação quase perdemos uma companheira para a PM. A colega quase perdeu os sentidos e entrou em estado crítico em meio a rua Riachuelo.

Dia 13 de Dezembro, não importando o ano é um dia para se lembrar: uma estudante quase morta em 2016, assinatura do AI-5 e a PEC 55 aprovada no senado.

OCUPA LETRAS – 15/12/2016.

Aprovada a PEC 55, cada *Ocupa* da UFRGS passou a discutir o momento de desocupar as faculdades. Porque continuar ocupando se a pauta deflagrada das ocupações

havia sido votada e o resultado era desfavorável? Em nome de que os estudantes continuaram nos prédios? Nas *fanpages* algumas *Ocupas* – especialmente a Biologia – deram cobertura jornalística às tensões na Praça da Matriz nos dias de votação na Assembleia Legislativa, 20 e 21 de dezembro. Alguns vídeos foram postados mostrando a repressão da Brigada Militar aos servidores concentrados em frente ao parlamento gaúcho.

Em um ano repleto de acontecimentos políticos impactantes para a sociedade brasileira, nenhum outro grande ato seria realizado em Porto Alegre. Também não havia mais sentido em distribuir panfletos ou ir ao encontro da população, já que a PEC havia sido aprovada. As *Ocupas* que ainda não tinham desocupado seus prédios se recolheram em assembleias e reuniões com as diretorias dos cursos. O sopro de esperança das primeiras semanas de mobilização havia se extinguido. Era hora de voltar pra casa.



## 7 O TEMPO E A OCUPA, A OCUPA NO TEMPO

*Nós realizamos uma ação bela, uma ação que reúne, que cria uma comunidade. Uma ação que incita ao amor, à bondade, e à esperança.*

*Angela Davis*

Através das entrevistas realizadas para esta pesquisa, tentei contar a história da ocupação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFRGS da maneira mais verossímil possível, mas também estimular os estudantes a refletirem sobre o que havia acontecido, já a distância de um ano e meio transcorrido. Alguns acreditam que a *Ocupa Fabico* foi o que poderia ter sido e chegou até onde era possível ter chegado, já que o inimigo enfrentado era por demais poderoso. Outros acham que ocorreram erros – fruto da inexperiência e de leituras de conjuntura equivocadas – que dificultaram o sucesso na missão de tentar reverter uma tendência de derrota na votação do Senado Federal.

A não ser por pequenas demandas que as ocupações encaminharam junto às direções de suas faculdades, algumas atendidas, outras não, os resultados práticos e de curto prazo alcançados pelas ocupações da UFRGS, assim como pelas demais ocupações brasileiras, foram insatisfatórios. A PEC foi aprovada e Michel Temer encerrou o ano como presidente do Brasil, apesar da insatisfação e revolta de boa parte da população nacional. Embora quase 300 unidades de ensino superior tenham sido ocupadas Brasil afora, os estudantes não lograram obter um canal mínimo de comunicação com o governo. A imprensa não acompanhou o processo com o mesmo interesse e intensidade dispensados a outros acontecimentos. A visibilidade tão desejada pelas *Ocupas* se limitou basicamente a alguns minutos e poucas páginas nos principais veículos midiáticos do Brasil, especialmente na primeira semana de ocupações, ao *facebook* e a alguns atos nas ruas; atos cuja mensagem se perdia na rotina recente de tantas outras passeatas contra a corrupção, por exemplo. Uma visibilidade que, eventualmente, pode acabar confundindo mais do que esclarecendo.

Como procurei mostrar, ao analisar a produção de conteúdo para as *fanpages*, havia muitas semelhanças e sintonia entre as páginas das diferentes *Ocupas* da UFRGS. Havia compartilhamento mútuo de postagens, *layouts* semelhantes nos posts e discursos políticos tão parecidos que os manifestos de uma *Ocupa* poderiam perfeitamente ter sido assinados por outra e nenhum estranhamento seria causado. As publicações tinham várias características em comum, configurando uma espécie de modelo de comunicação das ocupações: pedidos de doações; divulgação de agenda de atividades; cobertura – por texto, fotos ou vídeos – de determinadas aulas, rodas de conversa ou oficinas; informações sobre resoluções tomadas em

assembleia; atualização das negociações com a reitoria; vídeos e muitas fotos sobre o cotidiano das *Ocupas*, etc. Ainda assim, os estudantes da Fabico que mais estiveram reunidos com representantes de outras *Ocupas* acreditam que houve desunião entre elas, ou, pelo menos, que não foi alcançado uma união tão efetiva quanto poderia ter sido. Seus testemunhos dão conta de que havia discordâncias políticas que paralisavam as discussões sobre algumas ações a serem tomadas em conjunto, devido ao fato de que as assembleias entre as *Ocupas* muitas vezes se transformavam em uma negociação entre diferentes correntes de esquerda, diferentes partidos e coletivos. Isso dificultava, por exemplo, a redação de textos que falassem por todas as *Ocupas* da UFRGS e fossem assinados por elas em conjunto – quanto a isso a única exceção foi o já comentado “O futuro das Ocupas”, publicado pelas *fanpages* em 10 de dezembro de 2016.

O estudo de caso com o foco sobre a *Ocupa Fabico* revelou estratégias de comunicação que procuravam sedimentar as ocupações da UFRGS como um movimento uno e que deveria centralizar certas ações, como as de comunicação, para aumentar a sua força e fazer suas reivindicações a partir de uma posição de *player* que deveria ser ouvido e respeitado. Mas essa comunicação unificada não saiu do papel. Da mesma maneira que iniciaram, de forma autônoma e com decisões localizadas nas unidades, as *Ocupas* da UFRGS acabaram, sem qualquer tipo de agenda unificada de desocupações ou uma pauta de negociação que incluísse demandas importantes antes que as faculdades fossem de fato devolvidas a seus gestores usuais.

### 7.1 #OCUPAUFGRS: A UNIÃO QUE FALTOU

A Faculdade de Letras da UFRGS foi a primeira da Universidade a ter seus espaços físicos ocupados por estudantes, no dia 26 de outubro de 2016. Em um vídeo realizado na ocupação e postado na *fanpage* da Ocupa em 1º de novembro e intitulado “Vamos unificar nossa luta?”, um estudante chama a atenção para a importância de as *Ocupas* da UFRGS criarem um Comando Unificado das Ocupações. Em suas próprias palavras, seria “um espaço unificado de discussão para quem ocupa”. Uma jovem finaliza o vídeo com a frase “Debata na sua *Ocupa*”.

Uma das principais marcas do movimento de ocupações universitárias – assim como já havia acontecido com o dos secundaristas –, é a autonomia de cada unidade. Foi assim também na UFRGS. Cada *Ocupa* funcionava como célula de um organismo maior, representado por todas as ocupações da Universidade e, em uma escala mais ampla, por todas

as ocupações em universidades brasileiras. Não havia qualquer entidade estudantil, associação ou comitê com legitimidade para falar por elas – embora apoios tenham acontecido e foram sempre bem-vindos. Mas ainda que representantes das *Ocupas* se reunissem semanalmente, cada vez em uma ocupação diferente, essas reuniões não conseguiram transcender os paradigmas da horizontalidade e da não representação tão caros às *Ocupas*. Em outras palavras, as *Ocupas* da UFRGS enfrentaram dificuldades para atuar como um movimento unificado porque muitos dos que representavam sua *Ocupa* nos encontros gerais se diziam incapazes de tomar qualquer decisão em nome dela. Encaminhamentos das assembleias eram então levados de volta às *Ocupas*, para que num próximo encontro houvesse um posicionamento votado e, portanto, legitimado.

Embora a presença nas reuniões das *Ocupas* fosse liberada a todos os que quisessem assistir, apenas dois representantes de cada uma tinha direito à voto durante as deliberações. Mas algumas questões importantes debatidas entre as *Ocupas* não iam à votação no momento da assembleia. O assunto era levado para as ocupações e só depois de uma ou mais assembleias internas se chegaria a uma definição. A partir dessa resolução, o tema retornava para uma nova reunião entre as *Ocupas* e só então poderia ser votado. Para os ocupantes da Fabico, este método tornava muito mais difícil a decisão de ações em comum:

*LUCIANA - Pra decidir alguma coisa entre as Ocupas tinha que ir na assembleia, voltar e fazer uma assembleia aqui, nossa, tirar e repassar pra eles. E lembro que tinha gente que achava que não tinha que repassar. E não se chegava num consenso. A votação era só quando já trazia a resposta das Ocupas. [...] Isso gerou muito debate, porque às vezes não tinha como esperar, eram coisas pra resolver rápido. Tinha Ocupas que não aceitavam a representação: “Tem que ser horizontal mesmo”. A gente queria criar um comitê geral das ocupações. Nunca saiu do papel, mas todo mundo queria, era uma coisa básica. E não saiu por causa dessa burocracia, de ter que voltar pra ocupação, votar de novo...*

*EMANUEL - A gente na Fabico meio que imaginava o que ia sair na reunião das ocupações, e quem ia representar a ocupação nessas reuniões gerais, e eram sempre duas pessoas, já sabia o que conseguiria votar a favor ou contra e que a sua ocupação fosse concordar. Porque era muito ruim a gente fazer uma reunião pra definir as coisas, pra levar pras suas unidades, pra no outro dia marcar outra reunião pra votar aquilo. Já ia meio engatilhado: “sabemos que nossos ocupantes concordam com isso, não concordam com aquilo e vamos dialogar”, mas nem todas Ocupas tinham esse método. Então aconteceu que muita gente mandava as pessoas pruma reunião, levava aquilo pra ocupação e depois mandava outras pessoas pra outra reunião, e só nessa troca de pessoas tu já tinha divergências. [...] Isso é a beleza e o problema de tu construir um*

*movimento muito plural, muito horizontal: tu não consegue levar pra uma direção comum.*

A *Ocupa Fabico* era constituída majoritariamente por alunos independentes – não vinculados a coletivos ou partidos políticos. Mas essa não era a realidade geral das ocupações da UFRGS. Em algumas delas havia fortes disputas políticas, devido à presença de estudantes ligados a coletivos e partidos de diferentes tendências ideológicas – ainda que sempre no campo da esquerda. Para os ocupantes da Fabico isso ficava bastante claro nas reuniões entre as *Ocupas*:

*CRISTINE - Essas reuniões gerais tinham bastante conflitos, porque ali tavam bem expressos os partidos das pessoas, em geral. Ali tu conseguia ver melhor que eram pessoas realmente de partidos, que já tinham algum conhecimento político, dificilmente tu pegava alguém que era cru. Então isso gerava várias discussões, porque tinha muitas discordâncias nos métodos de agir e tal.*

*EMANUEL - Foi a grande derrota que a gente teve. Diziam que não tinha como construir um discurso entre todos nós, que a gente tinha muitas divergências... Mas existia um ponto de encontro mínimo, existia, que fosse contra a PEC, uma melhor condição de trabalho pros servidores terceirizados... Isso eram coisas em comum que a gente tinha, e a gente não conseguiu maioria pra fazer isso. E nós tentamos muitas vezes. Tinha divergência com relação ao uso de palavras, por exemplo. E aí é o momento em que os coletivos começam a se atravessar. A gente não conseguia construir unidade de jeito nenhum.*

É curioso, após analisar as *fanpages* das dezesseis ocupações da UFRGS, ouvir que não foi possível construir um discurso comum porque havia muitas diferenças. Isso porque me parece que havia uma linha ideológica comum a todas as *Ocupas*, além de um inimigo muito bem definido e pautas abraçadas por todas elas. Em todas as páginas há a deslegitimação do governo Temer e o apoio às outras ocupações pelo Brasil. Em todas elas as pautas de origem são a PEC do Teto de Gastos, a MP do Ensino Médio e os projetos Escola sem Partido. Também em todas elas é possível ver o apoio dos estudantes aos trabalhadores terceirizados e, conseqüentemente, críticas à reitoria. As *Ocupas* da UFRGS também foram unânimes na condenação do pacote de extinções de fundações públicas, enviado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul à Assembleia Legislativa.

No entanto, quem participou das reuniões entre as *Ocupas* descreve discordâncias intransponíveis entre elas. Os relatos são de acordos que eram descumpridos durante atos como *trancaços* e passeatas, especialmente em situações de ataque da Brigada Militar. Duas

entrevistadas disseram que nestes atos programados para acontecer em diferentes pontos da cidade, integrantes de partidos – principalmente do PSOL – acabavam tomando a dianteira e mudavam na hora o que havia sido previamente combinado, como os trajetos e a maneira de agir com a chegada da polícia.

Essa dificuldade de uma maior sintonia durante as ações coletivas e mesmo de chegar a um acordo sobre fazer ações em conjunto fica evidente também na maneira como as desocupações aconteceram. Havia uma proposta de deixar os prédios todos no mesmo dia para demonstrar força e união, aumentando a possibilidade de uma interlocução com as autoridades acadêmicas e políticas, mas o fim das ocupações foi coerente com o seu início; cada *Ocupa* decidiu autonomamente pela saída dos prédios:

*LUCIANA - Eu acho que era muito difícil de entrar num consenso. Tanto que a desocupação era pra ser feita unificada, todo mundo desocupar junto e a gente ter um ato depois. Chegamos a falar isso, mas não teve como fazer. Era o que a maioria queria, mas foi muito difícil unificar o movimento.*

A maior frustração dos estudantes da Fabico, especialmente os que atuavam na Comissão de Comunicação, talvez tenha sido a recusa das outras *Ocupas* em ter uma comunicação unificada. Durante as assembleias gerais os *fabicanos* defenderam muitas vezes esta ideia, sem no entanto conseguir que ela fosse aprovada. Temia-se, segundo opinião dos entrevistados, que a autonomia das *Ocupas* fosse ferida e que a *Ocupa Fabico* acabasse assumindo um papel de protagonismo entre as outras, o que iria contra as diretrizes do movimento:

*EMANUEL - A gente tentou muito ter uma página geral das ocupas, e eu lembro que aí a gente brigou feio com o pessoal da Letras, por exemplo. A gente se colocou à disposição com material humano, com equipamento, com gerenciamento, porque a gente entendia que era importante dar uma voz geral pra aquele movimento, mas a gente não conseguiu isso de jeito nenhum.*

*DANIEL - A gente levantou desde o início a ideia de uma página integrada das Ocupas, onde se articularia uma comunicação da Ocupa da UFRGS pro mundo. Isso foi sugerido várias vezes, essa pauta foi e voltou várias vezes, mas as Ocupas eram muito diferentes entre si. Ou podem talvez ter achado que a Fabico queria tomar a frente de uma certa forma. Então tinha uma noção de poder. E isso não saiu.*

CRISTINE - *Uma de nossas propostas era que a gente centralizasse a comunicação, já que somos uma faculdade de Comunicação. Porque a gente entendia que precisava produzir conteúdo, que isso tinha que ser divulgado. Daí não quiseram, acharam muito ruim.*

Luciana conta que a primeira assembleia entre as *Ocupas* de que participou, por volta de quinze dias depois do início da ocupação, foi um grande choque. Ela havia decidido ocupar a Fabico por achar que havia a possibilidade real de o movimento atingir uma dimensão tão ampla que ficasse praticamente inviável o voto dos senadores pela aprovação da PEC. E justamente nesta primeira reunião *caiu a ficha* de que sequer as ocupações da UFRGS conseguiriam se unificar. Sem algum nível de representação não haveria como dialogar com qualquer poder instituído. Isso dificultou o sucesso nas pautas principais, mas também em algumas demandas locais que acabaram sem resposta ou com resposta negativa por parte da Universidade, seja a reitoria, seja as direções das faculdades.

## 7.2 MEMÓRIA POLÍTICA E AUTOGRÁTICA

Uma preocupação do movimento de ocupações da UFRGS, explicitada diversas vezes nas *fanpages* das *Ocupas*, era com relação à memória política e o legado da ação que realizaram. Várias atividades propostas ao longo de 2017 por alunos que ocuparam seus prédios inserem-se no que Downing (2004, p. 165) chama de “performances de memória política”: a criação de uma auto narrativa e a constante reafirmação de um legado político e pessoal. A preocupação com a memória política já fazia parte da ocupação da Fabico nas primeiras semanas. Prova disso foi a roda de conversa “O legado da Ocupa”, ocorrido no dia 2 de novembro de 2016, terceiro dia da ocupação. Debatia-se o legado de algo que estava recém iniciando e cujo término ninguém poderia prever. Já havia, por parte de muitos deles, a convicção de que derrubar a PEC era improvável. Era preciso então construir uma narrativa que privilegiasse a importância e a magnitude da ação dos alunos, independentemente dos resultados práticos atingidos, para que aquela experiência que só foi possível em decorrência de outras que a antecederam gerasse também outras lutas no futuro e não ficasse marcada na História como uma fracasso – caso as ocupações não fossem de fato vitoriosas em sua pauta principal

Observamos a preocupação com uma narrativa de memória política, uma tentativa de assumir o discurso sobre o legado das ocupações, para muito além de uma avaliação baseada

no resultado da votação da PEC. Alguns textos procuraram situar a experiência em andamento dentro de uma linha histórica de lutas do movimento estudantil brasileiro, mas também dentro de um contexto sociopolítico recente de combate ao governo Temer, que iniciou ainda antes do impeachment de Dilma. Como afirma Downing (2004, p. 171), “o elemento tempo é muito óbvio. Seríamos cegos ao impacto dessas atividades de comunicação radical se as avaliássemos somente com base no curto prazo”.

O texto abaixo, publicado pela *Ocupa Letras* em 19 de dezembro, com informações sobre quando e como ocorreria a desocupação do prédio, é um bom exemplo de uma narrativa de memória política, construída pelos próprios protagonistas:

Primeiramente, FORA TEMER!

No dia 26 de Outubro, em assembleia extraordinária dos alunos de Letras, decidimos por ocupar nosso curso como forma de luta contra a PEC 55 (antiga 241), MP 746 e Projeto de Lei Escola Sem Partido (Escola Com Mordaça), nos somando, assim, ao grande movimento nacional de ocupações, uma das maiores ações do movimento estudantil brasileiro.

54 dias de resistência depois, nos encontramos em uma UFRGS diferente. Durante esse período de ocupação, os cursos ocupados foram palco de diversas atividades e debates sobre linguística, literatura, tradução, educação, política, cultura, entre outros, que, por diversas vezes, superam, em forma e conteúdo, aqueles historicamente propostos pela universidade. Ao lado de estudantes secundaristas, professores, terceirizados e técnicos-servidores acumulamos muito nas discussões sobre a conjuntura nacional e educação brasileira e estreitamos relações com esses setores para as atuais e futuras lutas contra os retrocessos que o governo tenta nos impor, o que, certamente, deve ser um dos maiores saldos do movimento.

Essa semana, entendendo que o movimento de ocupações não tem um fim em si e que esse método faz parte de apenas uma parte do processo dessa luta histórica dos estudantes, junto com os trabalhadores, foi decidido pela Ocupa Letras que, durante a semana que compreende do dia 19/12 ao 23/12, faremos nosso processo de desocupação do prédio de aulas.

OCUPA LETRAS - 19/12/2016.

A *Resistência UFRGS - Ocupa FACED* também deixou na *fanpage* seu registro de uma narrativa de memória política:

Durante mais de 50 dias, estudantes da Pedagogia (presencial e EAD), Licenciatura em Educação do Campo e pós-graduação em Educação, vivemos momentos intensos, permeados por debates, diálogos, trocas, construções e aprendizagens. Entre as várias formas de ser e viver a universidade, escolhemos fazê-lo coletivamente. Ao longo desse período, a mobilização se mostrou cada vez mais necessária e nossa decisão pelo método de ocupação pareceu cada dia mais acertada. Hoje olhamos orgulhosos para nosso movimento, e celebramos não somente o final desse processo bonito que foi a OcupaFACED, mas o início de um novo tempo: de luta, de resistência, de coletividade.

Coletivamente reinventamos o movimento estudantil FACEDiano e o próprio sentido de ser estudante desse nosso prédio azul. Transformamos as relações, re-significamos o espaço. Desocupamos um prédio que já não é mais o mesmo que foi ocupado há 53 dias, como tampouco nós somos os mesmos de antes.

OCUPA FACED - 22/12/2016.

Um texto não assinado e publicado pelo blog *Ocupadas* em 15 de dezembro de 2016, chamado “13 de dezembro de 2016, PEC da Morte aprovada: resistiremos”, escrito em primeira pessoa e de caráter reflexivo, definia assim o movimento de ocupações e o sentimento de derrota, por um lado, de esperança por outro:

Em um ano tão denso como 2016, ano de golpe, de Temer, de Trump... em um ano que parece ter vindo para matar qualquer espírito de resistência, eu vi escolas e universidades ocupadas por alunas e alunos. Eu vi aulas públicas em todas as partes, vi debates promovidos por pessoas que não imaginava que se interessassem por política. Eu vi autogestão. Eu vi horizontalidade. Eu vi mil problemas também, claro, mas eu vi resistência e as pessoas se apropriando da política. Pessoas abrindo mão do conforto das suas casas pra passar um mês e meio dormindo no chão para discutir e lutar pelo futuro da educação. Eu vi o Brasil inteiro se rebelar das mais diversas formas, das sutis às agressivas, da ciranda à ação direta. Com tudo que eu vi, ganhei a certeza de que nós somos muitos e estamos em todas as partes, espalhados<sup>131</sup>.

Dezembro de 2016 foi o mês das desocupações de faculdades da UFRGS. A saída dos prédios variou de *Ocupa* para *Ocupa*, sem qualquer agenda unificada. Foram momentos em que voltar para casa poderia significar uma derrota frente aos muitos opositores das *Ocupas*, de militantes de direita e até outros estudantes e pais que não concordavam com a ação, ainda que nem por isso se tornassem combatentes atuantes nas redes digitais e em outros espaços. Era preciso transformar a partida em uma espécie de coroamento de uma ação cuja complexidade só poderia ser compreendida por quem viveu aquelas semanas dentro dos prédios onde estudam.

Nesse período, passamos por momentos de profunda organização e reflexão. Além disso, nos emocionamos com todas as pessoas que vieram construir conosco uma faculdade de resistência e de luta, gerando marcas que jamais serão apagadas da história.

OCUPA DIREITO – 12/12/2016.

Os últimos 54 dias foram meses. Aprendizado e tolerância. Fizemos história. Fizemos futuro. Crescemos juntos. Crescemos, caímos e aprendemos. Constante equação. Aprendemos que é possível lavar banheiro no escuro, aprendemos que o orgulho necessita ser deglutinado, pois apenas pedir desculpa não basta, é preciso olhar no olho, dar um abraço e seguir em frente pelo bem comum. Vimos uma ocupação ser gerida com êxito por mulheres que desdobraram o conceito de que elas são incapazes de lidar com tudo sozinhas. Vimos despontar mulheres guerreiras, gurias fortes, com fés inabaláveis. Vimos bravos homens lutando também. Vimos a aura contagiante de cada um. Vimos professores de departamentos que nunca se falaram promovendo assembleias, buscando união. Vimos engajamento de estudantes e trabalhadores ombro a ombro. Vimos formar-se um ambiente político nunca visto antes na nossa Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Vimos a informação e a comunicação andarem aliadas. Vimos consolidar-se o maior movimento estudantil do país e fizemos parte dele. Lutamos.

<sup>131</sup>Disponível em: <<https://medium.com/ocupadas/13-de-dezembro-de-2016-pec-da-morte-aprovada-resistiremos-2eab83a10e76>>. Acesso em: 15 jun. 2018.



Lutar junto de alguém te dá forças imensas. Lutar com alguém que dorme ao teu lado, almoça e janta contigo. Lutar com quem não necessariamente dormia ou comia, mas disponibilizava turnos e se comprometia com o coletivo. Lutar com quem trocava conhecimento diariamente. Conhecer-nos e reconhecermos uns aos outros.

OCUPA FABICO - 23/12/2016.

Já no dia 1º de janeiro de 2017, portanto, ainda no calor dos acontecimentos do final do ano, a *Ocupa IFCH* convocava os alunos a preencherem um formulário sobre as ocupações. Algumas perguntas visavam saber a opinião das pessoas sobre o que tinha ocorrido: “O que você acha do método de ocupações?”; “Qual a sua opinião sobre as ocupações da UFRGS em geral?”; “Qual a sua opinião sobre a ocupação do IFCH?”; “O que te fez e/ou faria ocupar?” Outras buscavam informações sobre possíveis represálias da universidade a quem havia ocupado: “Você obteve conceito(s) ‘D’s e/ou ‘FFs’ decorrentes do processo de ocupações? Caso afirmativo, diga o nome da/o Docente e a disciplina”; “Você recebeu alguma ameaça ou se sentiu perseguida/o por alguém do corpo docente e/ou administrativo? Caso afirmativo, pode nos dar uma descrição?”.

No mesmo dia foi publicada na *fanpage* da *Ocupa IFCH* a *Carta aberta à comunidade acadêmica*<sup>132</sup>, outro bom exemplo de uma narrativa de memória política, com análise da conjuntura nacional, abordando a queda de Dilma, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a perspectiva de falta de investimentos com a aprovação da PEC 55. Os estudantes também pediam aos professores que não deixassem de debater sobre as ocupações em sala de aula:

Nós, da Ocupa IFCH, viemos por meio deste, refrescar a memória de todos sobre a conjuntura atual de nosso país e sobre o movimento político que ocorreu nesta Universidade nos últimos meses.

Em 2016 sofremos um golpe de Estado. O governo golpista tem tomado uma série de medidas que, em seu conjunto, tem um objetivo claro: sucatear a educação e demais instituições públicas para abrir espaço para o setor privado, gerando mão de obra barata e sem ferramentas intelectuais para criticar esse sistema.

Vimos a aprovação de uma PEC que prevê ser mais importante destinar verba pública a banqueiros bilionários do que a setores primários, como saúde e educação. Vimos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, tão esmeradamente construída desde a Constituição Cidadã de 1988 ser retalhada a ponto de ficar irreconhecível. Muitos de nós cursam licenciaturas que já não são mais obrigatórias nos currículos escolares. Nossa geração será a que ingressará no mercado de trabalho sem o mínimo de direitos que a CLT garantia e sem perspectivas de aposentadoria. Percebemos que, se arranjarmos emprego, trabalharemos 12 horas por dia até morrer.

<sup>132</sup>Disponível em: <https://medium.com/ocupadas/carta-aberta-%C3%A0-comunidade-acad%C3%AAmica-a1d1d909f534>. A Carta Aberta foi publicada também no Sul21, em reportagem de Marco Weissheimer, no dia 5 de janeiro de 2017. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/ufrgs-define-calendario-para-concluir-2016-ocupa-ifch-quer-manter-debate-sobre-o-golpe/>>. Acesso em: 2 mar. 2018.

Frente a isso, alunas e alunos desta Universidade sentiram que não era mais possível seguir com a rotina acadêmica normal. Fez-se necessário parar para pensar sobre estes ataques aos nossos direitos básicos, aos princípios de igualdade social, de acesso universal à educação que norteiam a maioria daqueles que frequentam esta instituição pública de ensino e tem por objetivo a construção do conhecimento de forma democrática e acessível. Nos 50 dias que passamos ocupados, organizamos e participamos de atividades com o objetivo de discutir toda essa conjuntura e pensar formas de ação possível para seguir na luta contra estes retrocessos.

Gostaríamos, portanto, de lembrar nesta volta às atividades normais, que a Universidade não esteve parada nestes últimos meses. Ela foi palco de intensas atividades em que, de forma inédita, as próprias alunas e alunos se apropriaram de seu espaço físico e simbólico, construindo atividades que faziam mais sentido, para nós, no momento. Exercemos aquilo que a Universidade deveria nos capacitar a fazer: construir o conhecimento de forma coletiva e conjuntural, preocupando-se com a realidade social em que vivemos.

Acreditamos que, ao retomar as aulas corriqueiras, isso deveria ser levado em conta, sobretudo, por professoras e professores que pregam esta forma de construção de conhecimento em sala de aula. Muito ouvimos falar em inter e transdisciplinaridade, em quebra das hierarquias entre professor e aluno, no respeito às diversas formas de elaboração de saberes, porém, pouco vemos tudo isso na prática.

Sugerimos assim que, nas aulas que se seguirão em janeiro e fevereiro, não se deixe de abrir espaços de discussão sobre essas situações todas. Que se debata os erros e acertos deste movimento político e novas formas de ação daqui em diante. Que não deixemos que a estrutura acadêmica nos encarcere e nos isole da realidade que nos rodeia. Que não se ignore toda uma conjuntura por uma ilusão de excelência acadêmica que, possivelmente e em breve, não significará mais nada.

OCUPA IFCH - 01/01/2017.

Em 10 de abril de 2017, um novo convite para debater a situação do país e avaliar os rumos do movimento: *Avaliação e balanço da Ocupa IFCH*. Durante o mês de maio de 2017, foi realizado na Fabico o 5º Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (Compólitica). Nos três dias de Congresso os participantes tiveram a oportunidade de visitar uma exposição com fotos e vídeos sobre a *Ocupa Fabico*. No dia 30 de outubro de 2017, um ano depois do início das ocupações, uma série de atividades foi realizada em vários prédios da UFRGS para avaliar a situação do país e lembrar da luta contra a PEC. Na Fabico, os alunos promoveram em 31 de outubro um dia de debates e aulas abertas sobre as ocupações, chegando inclusive a dormir no local.

Os estudantes da *Ocupa Dsg-Arq* também se notabilizam por organizar eventos de reflexão sobre a experiência vivida. Ainda em dezembro de 2016, no dia 21, aconteceu a *Conversa sobre o passado e o futuro da ocupação*. Em janeiro de 2017, foi a vez do evento *O futuro da resistência na FUDA*<sup>133</sup> (UFRGS), conforme descrição transcrita abaixo:

A desocupação dos prédios já ocorreu, mas a necessidade de nos mantermos articulados e em movimento é mais importante do que nunca. É com a intenção de nos unirmos mais ainda e não deixarmos que o movimento de combate ao desgoverno golpista e excludente termine, o movimento Ocupa DSG+ARQ, o CADE e o DAFA convocam essa reunião com todas e todas que tenham interesse em seguir na lutando, resistindo e ocupando os lugares que são nossos por direito.

OCUPA DSG-ARQ – 23/01/2016.

<sup>133</sup> Faculdade de Urbanismo, Design e Arquitetura.

No dia 30 de outubro foi criado na *fanpage* da *Ocupa Dsg-Arq* um evento para lembrar e debater a ocupação, que completaria um ano no dia posterior. O texto de apoio do evento diz:

A ocupação foi um laboratório da democracia, do respeito e da conversa; ela foi cidadania em tempos de exceção. Foi emoção e metamorfose, foi luta e foi história. Mais do que isso, ela foi o mistério que ainda é. (OCUPA DSG-ARQ – 23/01/2016.

Na Faculdade de Letras, ocupantes batizaram uma sala do prédio com o nome de Ana Júlia, a secundarista que ganhou projeção midiática em 2016 ao discursar na Assembleia Legislativa do Paraná contra a precarização do ensino público no Brasil. Outra sala da faculdade recebeu o nome de Angela Davis, ativista e socióloga estadunidense que foi tema de uma aula aberta no mesmo local. Patrícia Galvão, a Pagu, e a escritora Carolina Maria de Jesus também foram homenageadas.

Figura 61 – Sala Carolina Maria de Jesus



FONTE: *Fanpage Ocupa Letras*

Figura 62 – Sala Ana Júlia Ribeiro



FONTE: *Fanpage Ocupa Letras*

No texto da *fanpage* sobre os nomes para as salas de aula, que acompanha o álbum de seis fotografias das portas com os cartazes, está presente tanto a narrativa de memória política quanto o discurso de continuidade no movimento:

No dia em que desocupamos o espaço, resolvemos deixar nossa marca e uma lembrança para que jamais esqueçamos do que foi construído. Carinhosamente, "batizamos" cada sala que utilizamos para um fim especial. Ângela Davis empresta seu nome para a sala onde ocorreu atividade sobre ela; Ana Julia dá nome a sala em que debatemos exaustivamente e também exibimos, na primeira reunião com os professores o vídeo da pequena guerreira; dentre outras mulheres... a intervenção foi só um início, pois ela continua e lembraremos sempre das mulheres que nos empoderaram e que essa ocupação sustentou-se majoritariamente pela voz feminina. A ocupação continua!

OCUPA LETRAS – 02/01/2017.

Manter a ocupação de um prédio público demanda uma quantidade de energia e esforço coletivo que, quase inevitavelmente, afeta a política praticada pelo grupo. Como a *Ocupa Fabico* não se tratou de um movimento de centenas de pessoas – e sim de dezenas –, os mesmos ocupantes acabavam se envolvendo em todo o tipo de questões. Apesar da criação de comissões, que funcionou bem, segundo os entrevistados, o número de pessoas foi diminuindo com o passar das semanas e não houve como evitar o acúmulo de funções. O cansaço físico e mental só aumentava. Não havia corpos suficientes para manter uma boa articulação política com as outras *Ocupas* e com a reitoria, ou de atuar nas ruas dialogando com as pessoas sobre a PEC, ao mesmo tempo em que a Fabico era mantida sob domínio dos estudantes, em boas condições de limpeza e em ordem para as atividades que lá aconteciam:

*LUCIANA - Uma das críticas que a gente faz é que faltou essa interação política, falar com o pessoal de fora. Não tinha muito esse pensamento, a preocupação era resolver as coisas aqui dentro [...]. A gente não se ateve muito à política e ficou mais nessa coisa do cotidiano. A gente tava mais preocupado em manter a ocupação enquanto prédio. A ocupação só existe se a gente estiver aqui. E isso demandava muita energia. Cozinhar duas, três refeições por dia pra 40 pessoas, limpar banheiro toda semana, fazer mutirão de limpeza, era bem difícil.*

Apesar de todo o conteúdo informativo produzido pela Comissão de Comunicação, de todos os eventos públicos na *Ocupa* e das iniciativas de assessoramento às ocupações da UFRGS, alguns estudantes revelaram frustração por não terem conseguido fazer tudo o que gostariam de ter feito:

DANIEL - *É claro que a gente queria fazer outras coisas, trabalhar melhor a assessoria de imprensa, produzir material pra imprensa de fora do país, e a gente não teve perna. Mas no facebook o que a gente queria fazer a gente fez. Na segunda metade surgiu a ideia de criar um site da Ocupa, pra ficar pra história, mas a gente não teve perna pra fazer, mesmo pós-Ocupa. Talvez pudesse trabalhar melhor a imprensa local, a gente deu algumas entrevistas mas não dava pra ir em tudo. [...] Transmissões ao vivo, por exemplo, a gente não cogitou porque isso esbarrava numa deliberação anterior, que era o cuidado com a exposição. De certa forma, com o tempo isso foi se perdendo, mas no começo era muito forte. Existia um receio muito grande. Imagens aqui de dentro a gente cuidava muito pra colocar. Isso passava por um crivo de avaliação do que pode e o que não pode, e no ao vivo tu não tem esse controle. Então a gente nem chegou a cogitar.*

Um dos temas que causa mais controvérsia entre os estudantes que ocuparam a Fabico diz respeito às ações externas à ocupação, como *trancaços* e marchas. Sem negar a importância de transpor os muros dos prédios ocupados, alguns dos entrevistados avaliam que os atos que causam transtornos à população podem ter atrapalhado mais do que ajudado, pouco contribuindo para uma maior adesão ao movimento das *Ocupas*.

LUCIANA - *Depois desses trancaços eu falei que não concordo. Acho que é uma estratégia que não dá certo. As pessoas ficam brabas, elas não dão muita atenção pro que tu tá mostrando. Acho que não tem sentido. Acho que panfletar faz muito mais sentido que um trancaço.*

A própria ocupação, enquanto repertório legítimo de luta política, é contestada pela estudante:

LUCIANA - *Atrapalhou muita gente que precisava de serviços daqui, e tava tudo parado. Hoje eu vejo a situação de privilégio que a gente se encontrava, tanto por estar numa universidade pública, quanto por nos dar esse direito de parar pra pensar política.*

Apesar da quebra no cotidiano, do impedimento ao direito de ir e vir e dos confrontos com a polícia, que tendem a ser o foco das reportagens midiáticas sobre estes atos, alguns consideram positivas estas ações:

JULIO - *Antes eu era contra estes atos que afetam as pessoas. Mas chegou um momento que eu vi que se os movimentos não fazem essas coisas mais drásticas, não são vistos, não são levados a sério. Então eu enxergo como efetivo. Eu sempre fui muito contra destruição, baderna, essas coisas. Eu fico com dois corações, porque se não for assim os políticos e as autoridades não nos enxergam.*

LUIS - *A opinião da população é muito negativa, porém tu não consegue chamar a atenção de tantas pessoas se não for assim. Daqui a pouco ligam o rádio e sabem das pautas. Amplia a visibilidade. E na nossa sociedade, querendo ou não, é “falem mal mas falem de mim”. Olha o Bolsonaro; tão sempre falando dele e o cara tá crescendo sempre. Eu vejo de maneira dúbia, é um pouco positivo e negativo. Mas eu acho fundamental, não dá só pra ficar ali dentro do Ocupa, só no facebook, onde os mesmos é que vão ler, com pouca interatividade.*

Embora apoie este tipo de ação e avalie que toda a visibilidade traz benefícios ao movimento, Luis admite que o objetivo de angariar o apoio da população não foi atingido, mesma opinião de Paulo. Para ambos, os estudantes não conseguira transpor uma barreira histórica que mantém a universidade afastada da sociedade, principalmente dos menos favorecidos economicamente:

LUIS - *O meu maior desejo é que a gente tivesse conseguido levar isso pra população fora da bolha universitária, pro Bonfim, Rio Branco, Cidade Baixa<sup>134</sup>. Eu queria levar isso pra população e a gente não conseguiu fazer. A gente fez panfleto, mas eu não sinto como se a gente tivesse conseguido atingir as pessoas mesmo. Porque quando tu chegava pras pessoas, no Mercado Público, na Salgado Filho<sup>135</sup>, nesses lugares onde circula gente da cidade inteira mesmo, e tu falava pras pessoas: “Olha só, o presidente da república quer congelar os gastos om educação, com saúde, por vinte anos”, explicando isso, todo mundo concordava com o que a gente tava dizendo, entendia o que a gente tava fazendo. Mas eu sinto que a gente não conseguiu romper isso. E aí é uma dificuldade que a gente tem cronicamente na universidade: como é que tu rompe essa bolha, esse espaço elitista pra além?*

PAULO - *Pra mim a maior falha da ocupação foi não ter conseguido conversar com a população de fora do círculo acadêmico. E é por isso que a Ocupação não deu certo. [...] A gente não conseguiu dialogar com essas pessoas, a gente não conseguiu trazer a comunidade pra dentro da universidade, a gente não conseguiu sair da universidade pra atingir a comunidade em geral. E nós, como estudantes e profissionais da Comunicação, falhamos muito mais do que os outros por causa disso, porque a gente tinha a obrigação de comunicar o que é a PEC. A gente tem que achar uma maneira de engajar as pessoas comuns, o cidadão médio, que não tá dentro do debate político. A gente tem que trazer essas pessoas. É isso que a gente não fez como ocupação, a ocupação não gerou uma consciência política maior das pessoas. A gente atrapalhou muito a vida das pessoas sem dar algo em troca, sem conscientizar elas. E a gente da*

---

<sup>134</sup> Bairros de Porto Alegre.

<sup>135</sup> Rua do Centro de Porto Alegre de onde partem ônibus para diversas regiões da cidade.

*Comunicação tinha, na minha opinião, um peso maior pra fazer isso, e trazer pra esse debate mais profundo.*

É difícil separar a avaliação de uma estratégia de comunicação independentemente do sucesso, alcançado ou não, na pauta que deu origem às ocupações. O *mea culpa* realizado pelos estudantes da Fabico revela, porém, um amadurecimento político que é reflexo da participação na *Ocupa*. Autocrítica que também é um componente importante da memória política construída a partir das narrativas de quem viveu a experiência de ocupar uma faculdade por quase dois meses.

### 7.3 O LEGADO DA OCUPA PARA A FABICO

Que informações terão sobre a ocupação aqueles que ingressarem na Fabico em 2020? Ou em 2025? Quando todos os que participaram da *Ocupa* tiverem se formado e deixado a Universidade, quem será responsável pela memória política do que aconteceu? Haverá sequer algum cartaz na parede indicando que aquele foi, durante quase dois meses, um dos dezesseis espaços de luta nascidos na UFRGS contra o governo Temer?

Muitas demandas locais se somaram às pautas deflagradoras da ocupação com o decorrer dos dias. Entre outras questões, esboçou-se uma nova relação professor-aluno, com uma maior democratização na metodologia das aulas e uma visão do processo de aprendizagem como algo a ser construído coletivamente – e não imposto de maneira verticalizada. As aulas abertas, debates e rodas de conversa realizadas durante as *ocupas* serviram, de uma certa maneira, como parâmetro para o modelo de educação desejado pelos estudantes, com os docentes atuando acima de tudo como facilitadores do conhecimento. Desde o formato circular, empregado tanto nas assembleias quanto nestas atividades, até a escolha, por parte dos alunos, dos temas a serem debatidos, tudo apontava para uma ruptura do modelo vertical e hierarquizado predominante na educação brasileira.

Nos primeiros meses pós-ocupações, após a retomada das aulas, alguns docentes da Fabico e o Diretório da Comunicação tomaram iniciativas para que a *Ocupa* fosse conhecida pelos alunos que estavam ingressando na faculdade - e mesmo por veteranos que não haviam participado da mobilização:

*JULIO - Na Fabico quando bixos entram tem vários processos de recepção, tem trote, tem festas, e em todas essas coisas a gente tentava encaixar coisas com que os bixos conhecessem o que foi a ocupação, o porquê que a*

*gente tava lá, enfim, ouvir da gente o que foi a ocupação. Então teve roda de conversa, a gente fez coisas que a gente fazia na ocupação, como vivências, a gente mostrou pra eles. A gente queria que o pessoal que estivesse entrando conhecesse o que aconteceu na faculdade dois, três meses antes deles entrarem. Teve uma boa recepção momentânea, mas a gente percebeu que foi um discurso que não perpetuou.*

Alguns professores da Fabico se esforçaram, pelo menos no início do primeiro semestre de 2017, para manter acesa a chama da ocupação, trazendo o tema para debate em sala de aula e instigando os alunos a fazerem perguntas aos colegas que haviam participado da *Ocupa*, além de proporem trabalhos com esta temática. Cartazes pelas paredes e portas das salas de aula do primeiro andar também compunham a memória política da experiência recém ocorrida, não permitindo que a faculdade retomasse sua rotina como se nada tivesse acontecido:

*CRISTINE - A Luti chamava a gente em aula e dizia: “Ó, eles participaram da ocupação, perguntem coisas pra eles”. E mesmo exercícios de jornalismo, tendo a ocupação como tema. [...] Antes da gente desocupar a gente tinha feito muitos cartazes. Então por um tempo teve cartazes na Fabico que foram feitos na ocupação. E embora as pessoas não estivessem aqui elas sabiam o que tinha acontecido pelos cartazes. Algumas frases pra instigar professores e tal... A relação com o corpo docente ficou uma coisa muito mais próxima. Até com o pessoal do mestrado e doutorado também. Mesmo o pessoal da Informação, que sempre foi uma área mais apartada da Comunicação, eu notava que tinha mais integração pós-ocupação. Das pessoas conseguirem conversar, não só ficarem se olhando pelo corredor.*

Daniel enxerga a ocupação dentro de uma perspectiva mais ampla, como desdobramento de ações passadas e uma possível influência para outras resistências futuras. Ele reconhece a dificuldade do desafio que os estudantes se propuseram a enfrentar, embora considere este o maior feito do movimento estudantil brasileiro:

*DANIEL - Do ponto de vista coletivo a Ocupa serve como fator motivador. Ela não transformou diretamente nada daquelas pautas, a PEC tá aí e vai ficar por muito tempo. Mesmo tendo sido o maior movimento estudantil da história do país, tinha uma engrenagem funcionando que era muito maior do que nós, que depôs uma presidente. Então tem que ter consciência disso, a gente é muito imediatista, mas tem que ver como é que se constrói, como é que começou. A gente vai lá pra São Paulo, pro Chile, então quem ocupou no Chile tem alguma noção que nos influenciou no Rio Grande do Sul? Claro que não. Então isso é um legado. A ocupação da Fabico e da Ufrgs e do país, elas sustentam novas ações sociais, sejam ocupações ou seja outro formato, é uma base que se soma às outras. Talvez daqui a cinco anos a*



*gente tenha um levante que combata a PEC de verdade, que tenha força pra fazer isso, num momento mais propício, que a gente veja uma depreciação de fato na universidade, uma comoção social maior... Não sei, eu acho que ali na frente isso vai ter uma história maior, porque reverbera.*

Outro legado imediato da *Ocupa* foi a gestão do Dacom. Encerrada a ocupação, no final de dezembro de 2016, o processo sucessório dos diretórios acadêmicos da Fabico seguiu o seu curso regimental, depois de ser interrompido justamente por causa da ocupação. Em princípio, duas chapas se formaram para concorrer ao Diretório. Ambas eram formadas majoritariamente por pessoas da *Ocupa*. Os estudantes conversaram e chegaram à conclusão de que não havia discordâncias relevantes entre as chapas que justificassem uma divisão, resolvendo então unificá-las. Passada esta gestão, que tem duração de um ano, a chapa que assumiu o diretório também tinha ligações inequívocas com a ocupação. Duas das três coordenadoras do Diretório eram ex-ocupantes da faculdade. Três mulheres à frente da política estudantil da Comunicação, um protagonismo que também pode ser visto como herança da *Ocupa Fabico*:

*EMANUEL - Teve gestões muito boas do Dacom depois da ocupação. Tão construindo um diretório muito mais horizontal, com mais participação das pessoas de fora da nominata.*

Quem entra hoje na Fabico encontra uma mesa de sinuca no espaço em frente ao Diretório Acadêmico da Comunicação e ao Centro Acadêmico da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia (Cabam). Antes da *Ocupa*, esta mesa ficava dentro do Dacom, sendo colocada em um espaço neutro a partir da desocupação. Este simples detalhe representou, segundo os entrevistados, um grande passo para um maior diálogo entre as entidades representativas dos alunos e também é citado como um legado:

*DANIEL - Entre Dacom e Cabam o contato não era próximo como é hoje. Isso é fruto da ocupação. É difícil ter uma continuidade, não sei daqui a dois anos como vai ser, mas depois da ocupação o contato ficou muito próximo. Mesmo sendo áreas distintas, os diretórios conversam muito. É uma aproximação mais administrativa do que política, de organização interna.*

Para Amelia, o legado da *ocupa* para a Fabico não foi algo tão poderoso. Faltou, em sua opinião, ações que de alguma maneira transformassem a energia criadora da *Ocupa* em algo palpável, com capacidade de conduzir mudanças na estrutura da faculdade:

AMELIA - *Eu queria que a gente tivesse levado adiante algumas coisas, além do Dacom. O único movimento político que levou adiante a ideia da ocupação foi a gestão do Dacom, que era formada por pessoas da ocupação.*

Entre os estudantes que ocuparam a Fabico, aqueles que já possuíam experiência de militância em coletivos e no movimento estudantil conseguem enxergar um legado que transcende o momento histórico. Acostumados a embates discursivos e ao enfrentamento de pautas desconfortáveis para os poderes institucionais, os estudantes têm consciência de que ações de resistência raramente alcançam seus objetivos em curto prazo, o que de forma alguma diminui a sua importância:

EMANUEL - *Eu acho que o ponto de quebra da ocupação foi em novembro, quando teve a primeira votação da PEC. Eu acho que dali pra frente a ocupação começou a enfraquecer, porque as pessoas viram que realmente a gente não tinha como ganhar essa briga. Quando a gente ocupou eu já sabia que a gente não ia ganhar. Mas eu sempre parti de uma premissa: a ditadura militar durou 21 anos, se as pessoas não tivessem brigado talvez ela não tivesse acabado ainda. Então a gente tem que brigar mesmo que saiba que vai perder naquele momento. [...] Eu nunca entrei na ocupação com a ideia de que ela fosse salvar o planeta inteiro, eu achava que ela era uma luta dentro de uma série de ações que a gente teria ao longo dos próximos anos.*

LUIS - *Sabe, eu acho que não tem uma diretriz: deveria ter sido assim. Eu acho que deveria ter sido como foi. O processo é um aprendizado. A gente não sai de uma ocupação como entrou. Ninguém saiu. A gente aprendeu muito. Apesar de uma ou outra tretinha, probleminha, foi muito bom, foi muito especial. Foi um dos grandes momentos da minha militância em toda a minha vida.*

As reflexões dos participantes da *Ocupa*, estimuladas durante as entrevistas, revelam uma série de pequenas frustrações: não terem conseguido inserir de alguma maneira os moradores da Vila Planetário, vizinha à Fabico, nas atividades da faculdade ocupada; não terem conseguido unificar a comunicação das *Ocupas* da UFRGS, nem criado um comitê geral para dar mais agilidade ao movimento; não terem conseguido transformar a Universidade em um espaço mais democrático e menos hierarquizado entre professores e alunos – desejo quiçá ingênuo, mas revelador do mal-estar gerado por práticas pedagógicas e administrativas consideradas ultrapassadas, especialmente pelo choque destas com a experiência de autogestão e de produção de conhecimento praticada durante a ocupação.

DANIEL - *A gente queria muito ter uma relação mais forte com a Vila do Planetário. Isso foi pauta recorrente na Ocupa, a gente teve várias discussões. Isso de certa forma é uma das frustrações, a maior das pautas locais. Como fazer a universidade ser pública e popular de fato para além dos que estudam aqui, ou dos professores, dos técnicos? Como ser um espaço público de conhecimento e como esse conhecimento que tá aqui reverbera pra fora? Tá certo que isso é um pouco audacioso, mas era uma das pautas. E a gente não conseguiu trabalhar efetivamente isso. A universidade continua sendo fechada, continua sendo um universo à parte. Quem tá do outro lado da rua não vivencia.*

PAULO - *Eu achava que a gente deveria ter negociado melhor, ter feito mais coisas, pra mim isso foi a maior perda da ocupação, porque a PEC era meio uma batalha perdida. Da gente não ter feito uma Fabico do nosso jeito, porque hoje o que eu tem de resquício da ocupação? Umas frases nas portas.*

AMELIA - *A gente várias vezes pensou em sair da ocupação com um coletivo, com uma espécie de organização. Porque eu sempre fui independente, nunca fui de coletivo, mas na ocupação a gente tinha uma entidade por trás de nós, uma coletivização, um algo além da gente que nos colocava todos juntos ali e nos protegia, nos dava uma direção. E isso foi se esvaindo, e a gente tinha muitos planos de tocar adiante e isso a gente não teve perna pra fazer, porque ao meu ver a gente teve uma big ressaca moral, emocional, física. Depois da ocupação, a galera tava muito cansada de militância.*

TANIA - *Imediatamente o legado foi gigantesco, principalmente no ambiente. [...] Mas depois, eu não acho que se tornou um ambiente mais politizado.*

Entre os aspectos positivos destacados pelos estudantes da Fabico estão a conscientização política adquirida durante a *Ocupa*, uma nova maneira de enxergar a Universidade – através, por exemplo, do contato com os trabalhadores terceirizados –, a força coletiva e reivindicatória alcançada pelos ocupantes enquanto ocupantes, o reforço do combate a preconceitos dentro da Universidade – seja oriundo de professores ou de outros estudantes –, a reafirmação do protagonismo exercido pelas mulheres nos últimos anos e uma relação mais aberta e de respeito mútuo entre professores e alunos:

LUCIANA - *Eu fico me perguntando se isso se perde, mas eu acho que não. Agora aconteceu um caso, uma polêmica sobre machismo com alunos da Fabico. Foi um áudio que vazou de uns caras daqui falando uns absurdos de meninas da Fabico. E isso eu fiquei impressionada, todo mundo tava falando sobre isso, tavam dizendo que não ia passar, que as mulheres não iam aceitar. E aí eu fiquei pensando: será que isso talvez seja um legado? Eu acho que sim, porque muitas das pessoas que passaram pela Ocupação*

*não teriam esse contato, essa consciência crítica sem essa experiência, e digo por mim mesma.*

*LARA - Acho que mudou muita coisa na forma da gente enxergar a Fabico. A gente ressignificou esse espaço numa casa, num lar. A relação entre as pessoas mudou. Tinha vários cartazes, tinha essa coisa sensorial que afetou. Os estudantes que entrarem agora, sabendo dessa história, sabem que eles tem potencial de mobilização.*

*TANIA - Há um respeito gigante de muitos professores que nos apoiaram muito, acho que mútuo. A gente sabe quem eles são e eles sabem quem eram as pessoas que tavam aqui. Acho que criou-se uma expectativa mais horizontal de ser, e quando não é rola um estranhamento. Tem professores que se ajustam a uma educação mais democrática e tem uns que continuam num modelo bem antigo.*

Barbara, Nara e Julio estão entre os mais pessimistas com relação ao legado da *Ocupa* para a faculdade. Também partem deles as poucas críticas ao docentes da Fabico pós-ocupação:

*BARBARA - Não foi um legado tão profundo. É um obstáculo institucional, da universidade não abraçar algumas pautas até hoje, e continuar fingindo que elas não precisam ser debatidas. Porque quem viveu e conseguiu ressignificar aquele espaço sentiu a diferença de ter uma universidade mais politizada. Eu queria um espaço onde questões estruturais fossem debatidas. E a gente não vê, a gente não vê professores falando tanto sobre o papel da mídia em quebrar estereótipos, em ser ferramenta importante no combate ao racismo, à desigualdade de gênero, no combate a opressões de sexualidade. Não vejo. O espaço onde eu tô não é minimamente consciente das opressões que eu sofro. [...] Não vejo a diretoria propondo coisas, trazendo pessoas influentes sobre debates de gênero e de raça pra conversar aqui. É muito assim: o Dacom tem que fazer, ou eu, pessoa negra, tenho que ficar incomodada e fazer.*

*NARA - A gente poderia ter tido muito mais apoio dos professores. Logo após a ocupação a gente tentou fazer as aulas serem circulares, e muitos professores se negaram. Muitos não tavam nem aí pra esse assunto. E era realmente uma das poucas reivindicações, mas ninguém foi muito interessado, tudo foi meio que esquecido. Poderia ter sido melhor. As pessoas hoje não sabem porque tem aquela pintura ali<sup>136</sup>, e isso é muito básico. As pessoas não conectam uma coisa com a outra. O movimento tá sendo aos poucos esquecido.*

*JULIO - Diante de tudo o que a gente passou e de tudo o que a gente poderia ter conseguido foi pouco. [...] As coisas que a gente achou que tava*

---

<sup>136</sup>O grafite *Nenhuma preta a menos*.

*conseguindo eram promessas só. Eram promessas de mudança de discurso, de posicionamento, e durou dois meses e tudo voltou como era antes.*

Vera e Antonia também são céticas com relação a um possível legado positivo para a instituição. Para elas, passados um ano e meio, o ambiente de politização que marcou a *Ocupa Fabico* ficou no passado, principalmente devido à rotatividade dos alunos:

*VERA - Eu achava que a Fabico ia se tornar um lugar mais aberto pra discutir questões tanto da universidade quanto coisas que tão acontecendo no Brasil. Eu achei que ia ser um ambiente assim, mas pra ser bem sincera eu acho que se perdeu, que a gente até tentou, mas... As outras gerações fabricanas foram chegando, o pessoal mais novo não participou da ocupação. Então não é uma coisa que pra eles tenha grande significado. A gente até tentou, mas acho que ficou mais pra quem participou.*

*ANTONIA - Parece que a cada semestre vai entrando gente nova e as pessoas vão desconhecendo tudo o que aconteceu lá. Parece que não tem História, parece que aconteceu, a gente ocupou, passou e já era. Não virou uma história, as pessoas não levam isso adiante.*

Mas um fato recente, ocorrido durante os últimos dias de conclusão desta pesquisa, conseguiu mais uma vez mobilizar politicamente os alunos da Fabico e dar ares de democracia direta ao prédio da faculdade. Em 8 de outubro de 2018, dia imediato à votação de primeiro turno da eleição presidencial brasileira, e definido o confronto entre Fernando Haddad, do PT, e Jair Bolsonaro, do PSL, o Dacom convocou uma assembleia extraordinária chamada de *Assembleia Geral Antifascista*<sup>137</sup>. Na descrição do evento, um trecho dizia: “É com amor que a gente vence o ódio e é nos organizando em coletivo que o povo ganha do Bolsonaro”. O encontro contou com a presença de alunos e professores dos cursos de Comunicação e Informação da Fabico. Noventa pessoas assinaram a Ata<sup>138</sup>, que registrou os primeiros momentos da assembleia:

Foram feitas, pelos estudantes, falas de abertura onde se reafirmou a razão pela qual corpos discentes e docentes encontraram-se na dada reunião que é o posicionamento em favor da democracia, da pluralidade, da liberdade de expressão e do existir humano e contrários ao candidato à presidência Jair Bolsonaro e tudo que ele representa. (RELATORIA ATA-DACOM - 08/10/2018).

<sup>137</sup>Foi criada uma *fanpage* para o evento. Disponível em: <[https://www.facebook.com/events/2329490153728839/?notif\\_t=plan\\_user\\_invited&notif\\_id=153900370951291](https://www.facebook.com/events/2329490153728839/?notif_t=plan_user_invited&notif_id=153900370951291)>. O Instituto de Psicologia, a Esefid e o Instituto de Artes – todos ocupados em 2016 – também realizaram assembleias com esta mesma pauta, inclusive utilizando a expressão *antifascista*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/556362174810936/>> e <<https://www.facebook.com/events/341675546407328/>>. Acesso em: 23 out. 20118.

<sup>138</sup>Uma das coordenadoras do Dacom disse ter contado o número de pessoas presentes na assembleia, e que havia mais de 200 pessoas, embora apenas 90 tenham assinado a Ata.

Após decidirem pela produção de panfletos e discutirem sobre as melhores estratégias de abordar as pessoas e os melhores locais para realizar estas ações, a partir do entendimento de que havia “a necessidade de romper a ‘bolha universitária’ e iniciar um diálogo com a periferia, o interior e os eleitores de demais candidatos ou pessoas que votam nulo e/ou branco” (RELATORIA ATA-DACOM - 08/10/2018), a assembleia chegou às seguintes definições:

6.1 - Fica definido o posicionamento político contrário ao candidato à presidência Jair Bolsonaro; 6.2 - Fica definido o posicionamento político em favor da democracia, da pluralidade, da liberdade de expressão e do existir; 6.3 - Fica definido o posicionamento político em favor do candidato à presidência Fernando Haddad. 6.4 Fica definida construção de três comissões executivas, sendo elas: Criação de Materiais. Otimização de Panfletagem, e Articulação e Mobilização; 6.5. Fica definida a organização de uma saída em bloco da FABICO para o ato de quinta-feira, onze de outubro<sup>139</sup>.

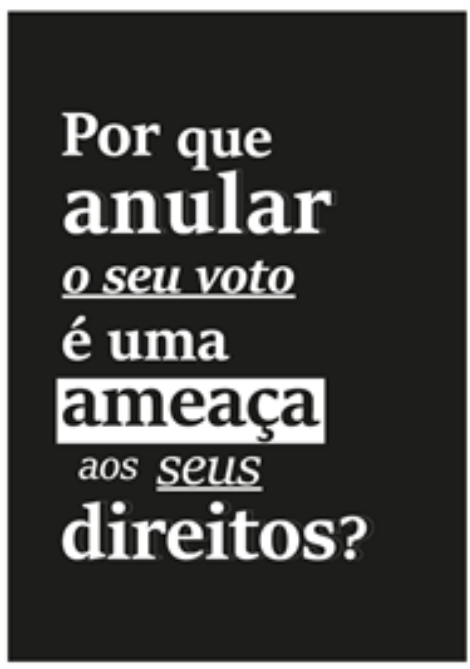
RELATORIA ATA-DACOM - 08/10/2018.

Por fim, o relato explica que não houve consenso com relação ao nome do movimento – ou mesmo se este deveria ter um nome – e adiou-se a decisão para uma próxima assembleia. Como o tempo era curto entre o primeiro e o segundo turno das eleições, as decisões tomadas na assembleia começaram a ser aplicadas na mesma noite. Já no dia seguinte os estudantes da Fabico ganharam as ruas com seus panfletos recém produzidos e outros materiais de campanha.

---

<sup>139</sup>É importante destacar que em nenhum momento a eleição para o governo do Rio Grande do Sul – que também teve segundo turno, entre um candidato do MDB e outro do PSDB – foi pauta da assembleia ou mobilizou politicamente os alunos. Apenas o cenário federal foi discutido.

Figura 63 – Frente do panfleto distribuído pelos alunos da Fabico



Fonte: Acervo pessoal dos alunos

Figura 64 – Verso do panfleto



FONTE: Acervo pessoal dos alunos

Figura 65 – Frente de outra versão de panfleto



FONTE: Acervo pessoal dos alunos

Figura 66 – Verso do panfleto



FONTE: Acervo pessoal dos alunos



Duas semanas depois, uma nova assembleia foi convocada na Fabico, desta vez pelo Cabam. O número de participantes foi bem menor – por volta de 40 pessoas<sup>140</sup>. Foram feitos relatos das atividades de panfletagem que estavam acontecendo, conforme determinação da primeira assembleia. Os estudantes estavam em pouco número nas ruas, o que foi considerado perigoso, devido às tensões exacerbadas do momento político brasileiro. Portanto, um dos principais apelos da reunião era que mais gente se juntasse ao grupo que estava percorrendo importante lugares em Porto Alegre para conversar com as pessoas e tentar “virar votos”. Foi apresentado todo o material que a *Ocupa* havia produzido – além do material impresso, os estudantes também estavam mandando os panfletos por e-mail para outras faculdades da UFRGS, para que estas os imprimissem e se somassem ao esforço nas ruas. As alunas mulheres relataram que estavam entregando os panfletos apenas para mulheres – por questões de segurança. Nesta reunião foi escolhido o nome para o grupo mobilizado: *Resiste Fabico*. Outras duas assembleias foram convocadas, uma delas após o resultado final das urnas, que deram a vitória a Jair Bolsonaro.

Os estudantes da Esefid também se engajaram na campanha antifascista, priorizando ações de panfletagem em áreas carentes da cidade, como o Morro da Cruz<sup>141</sup>, por exemplo – há fotos na *fanpage* que mostram essa ação. Tão forte foi a mobilização que os estudantes mudaram o nome da página da *Ocupa* no *facebook* para *Esefid resiste!* e reativaram a página, fazendo 47 postagens em outubro de 2018.

---

<sup>140</sup>Os estudantes reclamaram que alguns professores haviam prometido liberar os alunos para participarem da assembleia, mas depois mudaram de ideia, esvaziando a reunião.

<sup>141</sup> O Morro da Cruz abriga uma das principais comunidades carentes de Porto Alegre e já havia sido identificado como um dos principais redutos eleitorais de Bolsonaro na capital gaúcha.

Figura 67 - Fachada de prédio da Esefid, com faixa produzida em outubro de 2018



FONTE: *Fanpage Resiste Esefid*

Não há uma ligação direta e inequívoca entre a *Ocupa Fabico* e a recente iniciativa antifascista na faculdade. Dois anos separam as duas mobilizações. Mas quando falamos em legado, estamos assumindo a possibilidade de ações coletivas repercutirem sobre outras ações coletivas, ainda que distantes no tempo e/ou no espaço. E o fato da assembleia ter sido convocada por ex-ocupantes que hoje dirigem o Dacom, de ter como objetivo a derrota do candidato que simboliza vários preconceitos contra os quais também a *Ocupa* se opôs – como o racismo, a homofobia e o machismo –, me permite enxergar nestas ações recentes uma continuidade da luta política na Universidade. Luta esta que não foi iniciada pela *Ocupa*, mas que sempre terá nela uma referência, um marco temporal e uma possível inspiração. Na segunda assembleia, relatada acima, as cinco pessoas que mais se manifestaram foram mulheres, quatro delas ex-ocupantes. Além da forte presença numérica de estudantes que ocuparam a Fabico dois anos antes, a assembleia revelou que, pelo menos na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, as mulheres continuam na dianteira das ações e iniciativas políticas – outro importante legado, acredito, da *Ocupa Fabico*.

#### 7.4 O LEGADO PESSOAL

Tanto estudiosos de movimentos sociais e ações coletivas, quanto pessoas que de fato ocuparam prédios e/ou outros públicos como praças, são unânimes em definir a ocupação como um dos repertórios mais cansativos existentes. Segundo Campos, Medeiros e Ribeiro (2016, p. 128): “a ocupação é também uma experiência emocionalmente intensa, cansativa e uma ruptura radical com a vida ‘pré-ocupação’. Não é à toa que os estudantes dizem que nunca mais serão os mesmos após as ocupações”. Para Vera e Antonia, a experiência de ocupar uma faculdade por quase dois meses, embora muito rica em vários aspectos, foi cansativa a ponto de não desejarem passar por outra situação semelhante:

*VERA - Eu acho que se eu tivesse que passar por isso de novo eu não aguentaria, porque é muito desgastante. É todo dia, stress, stress, stress. Eu não conseguia dormir direito...*

*ANTONIA - Se eu faria de novo? Eu acho que não, porque muitas coisas ruins mexeram comigo lá dentro, eu me desgastei muito, eu sofria muito de saudade da minha família, eu não podia ir em casa todo dia porque eu moro longe... Então eu não passaria por isso de novo.*

Uma entrevistada – integrante da Comissão de Segurança – revelou que, depois da ocupação, desenvolveu síndrome de pânico e praticamente não consegue mais andar sozinha na rua. Alguns disseram ter hoje mais medo da violência da polícia durante manifestações de rua do que antes da *Ocupa*:

*CRISTINE - Eu fiquei com muito medo. Principalmente depois do protesto da Riachuelo<sup>142</sup>, eu não podia escutar tiro, bomba.*

Outros contaram terem tido conflitos com familiares que possuíam visões políticas diferentes, ou ainda dificuldades em se adaptar à vida familiar após mais de cinquenta dias morando com os colegas:

*LARA - Eu percebi que eu gostaria muito de viver em coletivo, num grande coletivo, com grande número de gente, uma república, co-living, uma comunidade. Pra mim faz muito mais sentido viver em coletivo que num núcleo familiar pequeno. Porque eu me sentia muito útil aqui, na minha casa não, eu não ocupo muitas funções. Isso me motivou muito, ver as*

---

<sup>142</sup> Protesto realizado em Porto Alegre no dia 13 de dezembro de 2018 e já citado anteriormente.

*minhas potencialidades. Descobri potencialidades que eu nem sabia que eu tinha, coisas pequenas do dia a dia.*

Todos são unânimes, no entanto, em afirmar que o impacto psicológico da experiência de ocupar uma faculdade vai muito além da data de término da ação:

*CRISTINE - Autonomia é o principal fator. Sentir que eu tenho autonomia pra tomar as decisões, pra ir contra o pensamento da minha família em geral, porque a minha família é toda do PP. Foi um choque muito grande pra eles, houve várias brigas, eu fiquei muitos meses sem falar com meu pai. Foi um período doloroso, mas ao mesmo tempo de amadurecimento. Teve muitos conflitos, mas fez com que eles olhassem pra mim com outros olhos. Ao mesmo tempo eu sinto que eles tem um certo respeito por isso, embora eles não concordem e a gente tenha discussões acirradas sobre isso. Foi um momento de ressaca política, foi uma coisa muito intensa, e depois foi momento de me recolher e pensar no que tinha acontecido. Foi um divisor de águas politicamente. A ocupação expôs muitos conflitos que a gente tinha.*

*LARA - Eu fiquei com um pouco de trauma da ocupação, eu acho. Eu me envolvi demais, eu me alienei da própria vida. Eu percebi isso depois, que eu parei tudo pra viver um negócio que tinha prazo. Mas ao mesmo tempo eu não me arrependo, porque foi muito rico e eu aprendi muita coisa. Ficou uma ressaca, ressaca emocional e política, em todo mundo que viveu, eu acho. O pessoal ficou meio impactado de voltar pra casa. As relações com a família ficaram diferentes, pelo menos no início. Ter que começar a vida de novo, porque foi uma imersão. Foram 54 dias, mas pareceu muito mais, porque cada dia era muito intenso, nossa dimensão temporal era muito específica, bem diferente.*

Apesar da *ressaca*<sup>143</sup> inicial e todo o cansaço físico e emocional gerado pela ocupação de um prédio público, para alguns estudantes a experiência significou apenas o primeiro ato de uma prática de engajamento militante. A conscientização política surgida a partir da convivência de quase dois meses e das dezenas de assembleias deliberativas realizadas na Ocupa despertaram em alguns o desejo de uma maior participação política:

*PAULO - Eu pretendo atuar politicamente na minha cidade, quero fazer uma secretaria de Comunicação, quero que essas coisas se perpetuem lá. Eu quero melhorar a comunicação da prefeitura, eu quero me envolver politicamente de alguma forma, participar da tomada de decisão, da coisa pública. Eu quero estar no Executivo, quero fazer alguma coisa pelo bem público. Isso a ocupação me deu muito forte.*

---

<sup>143</sup>Muitos entrevistados utilizaram a expressão *ressaca* para se referir ao cansaço físico e mental pós-ocupação.

BARBARA - *Eu vi que eu sou uma pessoa forte, bem resiliente, porque foi uma loucura ocupar. Então me dei conta dessa força, dessa resiliência e dessa consciência política. [...] Uma consciência e uma vontade de politizar ainda mais os espaços onde eu estou. A minha atuação em casa, na sociedade, como jornalista, no meu trabalho. E também uma vontade muito forte de me aproximar de outros movimentos, porque eu fiquei sabendo de tanta coisa, fui me aproximando de tantas ações que acontecem, que a minha vontade é de estar cada vez mais no meio deles. Uma consciência política, sabe? Que eu quero transformar muito em ação em tudo o que eu faço. Sempre que tem um ato eu quero somar. Faz diferença pra mim estar lá, não só apoiar da minha casa. Estar ali nas ruas tem um significado pra mim muito grande, e acho que isso veio da ocupação, de valorizar o estar na rua e a potência do que é estar na rua.*

Outra consequência da *Ocupa* sobre os estudantes, bastante citada nas entrevistas, é a maior capacidade de escutar, adquirida na prática das assembleias:

TANIA - *Às vezes não falar tanto, ouvir muito mais, respeitar muito mais. Lugar de fala é algo que faz muito mais sentido depois que tu participa de algo assim. Rever muito a minha posição enquanto mina branca, não achar que a opressão do machismo é a pior do mundo. É horrível, mas não é a pior coisa que as pessoas podem passar. Existem opressões mais destruidoras na vida de uma pessoa.*

JULIO - *Eu mudei completamente, meus pensamentos, minhas visões, eu mudei como pessoa, me tornei uma pessoa melhor, eu acho que eu pude enxergar as coisas de modo diferente, e isso foi muito positivo. Eu estou mais entendido politicamente, e isso é muito importante, ter o mínimo de entendimento sobre onde a gente está. [...] Acho que na mesma medida que eu me doei pra ocupação a ocupação me mudou, sem dúvida. De falar eu sou bom, mas eu acho que a minha capacidade de escutar aumentou muito.*

A exceção neste sentido é Lara. Enquanto a maioria dos entrevistados considera que a *Ocupa* tenha tornado-os mais aptos a ouvir o outro, para ela ocorreu um movimento contrário. Com experiência pré-ocupação em militância feminista e movimento estudantil, Lara afirma que todas estas vivências de engajamento foram tornando-a muito fechada para o diálogo com quem pensa diferente politicamente, comportamento para o qual a *Ocupa Fabico* também contribuiu:

LARA - *Esses movimentos me fecharam mais que me abriram. Pro diálogo, pra troca, pra visão de mundo. Por exemplo, eu não conversava com quem pensava diferente de mim, independente se fosse um fascista ou não. Tinha uma pré-disposição a ficar irritada, a não ter paciência, não conseguir dialogar. E eu percebi que eu não escutava. Foi uma autocrítica que eu fiz.*

*Eu só falava com quem era parecida comigo, uma coisa meio narcisista. Isso eu percebi depois da ocupação, porque durante a ocupação era a bolha né, os iguais, todo mundo ali pensava muito parecido. [...] E a ocupação fechou também, não abriu.*

Arrependimentos, tristeza por algumas ideias não concretizadas, saudade de momentos vividos na *Ocupa*, desejo de não passar por isso de novo, medo da polícia, de andar sozinha na rua, vontade de atuar politicamente daqui para frente... Muitos sentimentos despertados pela lembrança da *Ocupa Fabico*. Militantes que se tornam mais acessíveis ao diálogo no contato com jovens sem experiência militante, estudantes que adquirem uma capacidade maior de escutar, jovens que fazem um *mea culpa* por não terem combatido com mais vigor o racismo – com a mesma intensidade, por exemplo, com que o machismo foi enfrentado no interior do prédio ocupado. Uma autocrítica que foi coletiva no tempo da *Ocupa*, desencadeada pela ação de pessoas negras que se sentiam discriminadas, e que agora é individual, despertada por perguntas de uma pesquisa. Em alguns predominam as boas lembranças, em outros estas convivem com memórias não tão prazerosas. Em todas as narrativas colhidas nas entrevistas, porém, há um testemunho de amadurecimento político, individual, e uma nova visão sobre o coletivo:

*EMANUEL - Quem ocupou a Fabico, quem ficou aqui um dia, já não tem a mesma visão política que tinha antes. Essas ações são muito construtivas. Eu imagino os secundaristas... Com a idade deles eu não sei o que eu tava fazendo, mas eu não tava ocupando uma escola. A luta da ocupação me ensinou muita coisa. Desde coisas mais básicas: a convivência com os outros, estar num espaço que não é teu, abdicar do conforto... Isso me traz muita coisa até hoje. Eu não consigo mais ver a Fabico da mesma forma. Eu acho que até entrar aqui eu era muito mais radical, no sentido de: “Tenho o meu coletivo, tem o partido que eu acredito que é o melhor, e vou defender ele sempre”.*

*NARA - A ocupação me construiu de um jeito muito grande. Eu tava num corredor que tinha duas portas e quando eu saí da ocupação tinha dezesseis. Eu pensei: “Nossa, quantas possibilidades, o mundo é muito maior que o meu umbigo”. Me deu uma noção de mundo, de como realmente relações sociais acontecem, de como as pessoas se sentem ofendidas por x ou y, porque isso acontece.*

*ANTONIA - Na ocupação eu aprendi muita coisa, aprendi a ser mais independente, a olhar mais pro outro, aprendi muita coisa boa.*

*AMELIA - Eu fui me entendendo e me enxergando enquanto mulher, o que eu não fazia antes da ocupação. Eu já me considerava feminista, mas era uma coisa externa, não era interna. Eu vi na ocupação o movimento de*

*mulheres mais lindo que eu já vi na minha vida. A gente se olhava e a gente se conhecia. A gente falava de empatia o tempo todo, eu descobri o significado de empatia na ocupação. Então foram dois aprendizados muito grandes: o político e o espiritual quase, que também é um aprendizado de luta, que é a luta das mulheres.*

*INGRID - Eu passei a minha vida inteira procurando uma unidade pra fazer parte, que pensasse as mesmas coisas que eu, que lutasse pelas mesmas coisas que eu, de uma forma solidária. Mais que solidária: empática. E eu achei essas pessoas, eu achei o meu grupo. Então tem essa sensação de pertencimento.*

*LUIS - De maneira individual, eu que milito a tanto tempo, e era um dos mais velhos e mais cascudos, eu nunca vi uma experiência como essa. Isso pra mim é histórico, é uma referência de Ocupa. Foi muito melhor que todas as outras que eu participei. Me fez rever meus conceitos, as minhas certezas, me fez acreditar mais na coletividade.*

O legado pessoal que resulta de uma experiência coletiva não costuma ser muito levado em conta na análise de ações de resistência. Mas a importância dele é que ações coletivas só são desencadeadas a partir de uma variedade de individualidades que se conjugam, em um determinado momento histórico, através de objetivos em comum. A fragmentação de um grupo outrora coeso – ainda que essa coesão tenham durado poucos dias, no caso das ocupações – pode aparentemente representar a dissolução de uma força coletiva, mas também pode ser vista como um refluxo necessário para a continuidade da luta política. Seja na ocorrência de mobilizações como a das eleições presidenciais de 2018, seja em desejos individuais de uma maior participação política, manifestados nas entrevistas, a *Ocupa Fabico* segue reverberando. Com erros e acertos, enganos e descobertas, obstruindo atividades cotidianas e despertando sentimentos tão díspares quanto a simpatia e a revolta, novas páginas na histórica luta por direitos no Brasil foram escritas por milhares de estudantes espalhados pelo país.

A UFRGS ajudou a escrever um capítulo neste imenso livro formado pelas mobilizações políticas que ocorrem à margem dos canais institucionais tradicionais. As ocupações universitárias, tão influenciadas pelo exemplo dos secundaristas, representaram em 2016 o movimento de oposição mais radical e incisivo contra o governo Temer. Como célula autônoma desta grande rede, a *Ocupa Fabico* emprestou algumas tintas para a composição desta tela, refletindo em um único prédio um pouco do que acontecia nas demais faculdades ocupadas no país, mas também revelando uma personalidade própria e uma série de especificidades que procurei destacar ao longo desta pesquisa.





## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia 1º de agosto de 2018, o presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Abílio Neves, publicou ofício afirmando que, de acordo com o projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias, proposto para o ano de 2019, já utilizando como parâmetro a atual Emenda Constitucional do Teto dos Gastos Públicos, o orçamento do órgão seria severamente atingido, trazendo como possíveis consequências imediatas a suspensão das bolsas de Pós-Graduação a partir de agosto de 2019. A notícia gerou pânico entre mestrandos e doutorandos bolsistas em todo o Brasil. Ao ler o ofício do presidente da CAPES, foi inevitável pensar nas *Ocupas* e no que elas combateram durante aqueles dois últimos meses de 2016. Muitos cortes orçamentários devem ocorrer ao longo dos próximos anos, criando tensões e, quem sabe, deflagrando novas ações de resistência.

A hipótese formulada nesta pesquisa, de que a comunicação foi o eixo de sustentação e organização das ocupações da UFRGS, em especial da *Ocupa Fabico*, permitiu a identificação de ações variadas de comunicação interna e externa. Estas ações foram classificadas em três níveis: as *estratégias de visibilidade*; as *assembleias deliberativas* e a *comunicação interpessoal*.

O objetivo geral de mapear e analisar a comunicação produzida nestas três dimensões, através de um Estudo de Caso, possibilitou uma compreensão mais ampla deste fenômeno social que tem por marca a eclosão quase concomitante de diferentes espaços de luta, todos com autonomia e sem um comando central que determine suas ações. A partir desta metodologia, elaboramos algumas generalizações e revelamos particularidades de ocupações específicas. Foi possível então identificar uma série de características comuns às *Ocupas* da UFRGS:

- a) Inspiradas diretamente nas ocupações dos secundaristas
- b) Oposição ao governo Temer, considerado ilegítimo
- c) Três pautas básicas: a PEC do Teto de Gastos, a MP do Ensino Médio e o Escola sem partido
- d) Formadas essencialmente por estudantes da graduação
- e) Estruturas de organização horizontalizadas e lideranças diluídas
- f) Criação de comissões (com variações no número e na competência, de acordo com a *Ocupa* analisada)
- g) Utilização de assembleias deliberativas como método de tomada de decisões e resolução de problemas

- h) Criação de uma página no *facebook*
- i) Ocupações formadas majoritariamente por mulheres
- j) Pouca adesão de alunos, levando-se em conta o número absoluto de estudantes da Universidade (o que dificultava, entre outras coisas, uma participação mais massiva dos estudantes em outros repertórios, como as marchas e as panfletagens)
- k) Preocupação acentuada com a segurança
- l) Agenda de atividades diárias contemplando temas de interesse público, como políticas de educação, questões ligadas ao movimento negro e aos diferentes feminismos, entre muitas outros
- m) Relação próxima com a imprensa alternativa e imposição de restrições ao trabalho de profissionais dos veículos hegemônicos

Quanto à *Ocupa Fabico*, foram observadas as seguintes peculiaridades:

- a) Ocupação formada majoritariamente por estudantes do primeiro ano de curso
- b) Maioria absoluta de estudantes *independentes*
- c) Convívio satisfatório entre membros de coletivos ligados ao PT, ao PSOL e a grupos anarquistas
- d) Coletivos e partidos políticos não tiveram influência sobre as decisões da *Ocupa* (mesmo os participantes ligados a coletivos e partidos revelaram jamais terem votado nas assembleias seguindo qualquer determinação política do grupo a que pertenciam)
- e) Criação de estratégias de comunicação para unificar a comunicação das *Ocupas* da UFRGS
- f) Medo da exposição midiática, devido a receios de criminalização penal e sanções acadêmicas Grande apoio dos professores

O estudo sobre a *Ocupa Fabico* revelou, principalmente através das entrevistas, tensões internas relacionadas a conflitos de gênero e raça. Como estes aspectos vieram à tona durante as conversas com os estudantes, sem que tenham sido percebidos por mim na análise da *fanpage* ou na observação *in loco* durante a *Ocupa*, penso ser plausível imaginar que episódios semelhantes podem ter ocorrido também em outros prédios ocupados

Além das três pautas gerais elencadas pelas *Ocupas* da UFRGS, os estudantes da Fabico incorporaram algumas pautas internas, como a posse da direção eleita e melhorias na infraestrutura do edifício. Também manifestaram, através de muitos cartazes internos e externos e algumas postagens na *fanpage*, fortes críticas ao governo Sartori pela proposta de extinção das fundações estaduais (esta pauta também foi assumida por outras *Ocupas*. No

caso da Fabico, a ênfase foi dada no possível fim da Fundação Piratini, responsável pela TVE e pela rádio FM Cultura, os dois veículos públicos de comunicação do Rio Grande do Sul).

Outras duas *Ocupas* merecem destaque devido às particularidades das pautas que trouxeram para o debate público: a *Ocupa IFCH*, que desde o início situou a questão dos trabalhadores terceirizados da Universidade ao lado das três pautas gerais ligadas à educação (influenciando as demais ocupações da UFRGS a se somarem nessa luta); e a *Ocupa Direito*, que desde a sua deflagração elencou a paridade de voto nas eleições da Universidade como uma de suas principais bandeiras.

Ao contrário de um movimento social estruturado, cuja organização precede as ações políticas, no caso das ocupações de universidades a ação precedeu a organização. Uma vez tomado o prédio, foi preciso organizar o coletivo recém-nascido. Essa organização dependeu de diversos fatores, como as características físicas do edifício, a localização geográfica da faculdade, o número de ocupantes, a experiência ou não destas pessoas com ações semelhantes, uma negociação entre os diferentes perfis psicológicos presentes. E coube à comunicação o papel de articular estas diferentes personalidades e transformar a heterogeneidade em um fator positivo.

Os grupos de afinidade que surgiram na Fabico durante o tempo da ocupação, segmentados por gênero e raça, não se reuniram por afinidade ideológica, mas sim por traços socioculturais. Não foram discordâncias políticas que fizeram com que as mulheres tenham sentido a necessidade de se reunir em encontros periódicos. Foram sentimentos de opressão, de desamparo, de insegurança frente a situações desconfortáveis. Isso de alguma maneira tornava ainda mais complexa a relação entre os estudantes. Porque as desavenças políticas eram resolvidas nas assembleias, ao contrário dessas questões de identidade que transcendiam o tempo das reuniões e provocavam a criação de grupos paralelos dentro da *Ocupa*. As principais discordâncias entre eles, portanto, não eram políticas ou ideológicas: eram questões de gênero, classe e raça. Havia um grande consenso político de fundo, representado pelo combate à PEC e ao governo Temer, e ao redor disso algumas questões menores podiam provocar visões diferentes, mas nada que rompesse o acordo tácito de combater a PEC.

O principal objetivo das *Ocupas* da UFRGS e de outras universidades brasileiras não foi atingido. Mas os relatos sobre outras ocupações e as reflexões coletadas nesta pesquisa revelam um fenômeno interessante que decorre da experiência de ocupar um local durante tantos dias: a formação política das pessoas, através do compartilhamento de afetos, da participação em assembleias e da convivência social intensiva em um espaço físico delimitado. Este espaço de exceção tem na deliberação o seu método de resolução de conflitos

e tomada de decisões. Assim, ainda que os fins políticos buscados não sejam atingidos a curto prazo, ocupações costumam ter por resultado a formação de consciências políticas que podem vir a gerar futuras militâncias.

A escolha do repertório *ocupação* foi justificada pelos estudantes da Fabico como sendo uma opção politicamente viável às marchas das quais vinham participando desde o início do 2016. Menos de cem alunos, num total de 1.410 matriculados à época, paralisaram praticamente todas as atividades administrativas e letivas da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social da UFRGS durante 54 dias. Ao acionar este repertório, subverteram a rotina universitária: transformaram salas de aula em dormitórios, cozinha e sala de imprensa; impuseram restrições e regras para a entrada de pessoas no prédio – inclusive professores, seus superiores hierárquicos –; criaram novos horários e agendas de atividades para a instituição, com aulas, oficinas, reuniões ordinárias e extraordinárias – abertas ao público ou restritas apenas aos ocupantes; organizaram apresentações musicais, teatrais, saraus; estabeleceram regras de convivência; debateram diariamente temas como o racismo, a homofobia, as cotas, a política nacional; e, enquanto ocupantes sustentando uma situação de confronto, demandaram pautas importantes dos poderes públicos, tanto o federal quanto as direções da faculdade e da Universidade.

Se, por um lado, a ocupação enquanto repertório provoca grandes desgastes físicos e emocionais, alterando os humores e causando tensões entre os participantes, ela também proporciona um contato tão íntimo, sob uma situação tão excepcional, que muitas vezes tem como consequência o surgimento de laços que transcendem o período da ocupação. Muitas entrevistadas disseram que a união formada na *Ocupa Fabico* entre as mulheres foi algo muito especial. Coletivos femininos foram criados a partir da experiência das ocupações da UFRGS. O protagonismo das mulheres foi um fato surpreendente – embora já tivesse acontecido nas recentes ocupações de secundaristas.

O perfil variado dos ocupantes fez com que boa parte da energia e do tempo dos estudantes tenham sido gastos em tentar organizar o grupo. O esforço que poderia ser empregado para melhorar a comunicação da *Ocupa*, por exemplo, foi voltado para questões de organização interna. Nenhum grupo de resistência ou movimento social é isento de tensões internas. Mas o repertório *ocupação*, uma ação coletiva de ruptura (Tarrow, 2009), traz alguns agravantes e potencializa algumas questões. Em um prédio público ocupado, praticamente se rompem os limites entre vida privada e militância. Dentro de uma ocupação, a vida privada é a militância, a militância é a vida privada. Outro ponto: as assembleias deliberativas, que em outro contexto funcionam no sentido de organização de estratégias políticas, em uma

ocupação se transformam muitas vezes em um fórum de resolução de conflitos pessoais. Muitas eram longas, cansativas e geravam mais contrariedades do que união entre os estudantes. Mas não há nenhum deles que não defenda a deliberação como a melhor maneira de tomar decisões em uma situação como aquela. A *interação face a face* (THOMPSON, 2012) parece ser um dos principais paradigmas desses recentes movimentos de estudantes secundaristas e universitários.

A realização de assembleias deliberativas diárias não garante, por si, um caráter democrático aos processos decisórios de uma ocupação. Conforme colocado por Young (1996), assembleias também podem ser espaços de silenciamento de falas, de atitudes machistas, de homofobia, de racismo, estejam esses preconceitos evidentes ou dissimulados. Um entusiasta da deliberação, Fishkin (2015) também admite que detentores de privilégios tendem a não levar tão a sério a opinião de quem não os possui. Os próprios estudantes relataram que no início as assembleias eram caóticas, às vezes violentas, e eles ainda não tinham aprendido a escutar. Tudo isso foi melhorando, segundo eles próprios. As pessoas aprenderam a ouvir, as mulheres passaram a ter o lugar de fala respeitado, os preconceitos que iam sendo percebidos eram pautados para discussão em assembleia. Mas, de acordo com estas mesmas vozes, a evolução veio quando o número de pessoas foi diminuindo. As assembleias organizadas, onde a troca de argumentos racionais acontecia sem sobressaltos, eram as assembleias de uma *Ocupa* já desgastada, com muito menos gente do que nas primeiras semanas. Então continua colocado o desafio ao qual teóricos da deliberação tem se dedicado a tentar equacionar: como utilizar em larga escala o modelo deliberativo?

A horizontalidade na organização da *Ocupa* causou estranhamento a algumas pessoas, segundo apurado nas entrevistas. Homens se sentiram incomodados com a equidade de fala exigida pelas mulheres, representantes de partidos e coletivos tiveram dificuldade em se adaptar a um modelo horizontalizado e sem hierarquias. Havia lideranças, mas, conforme escrito em um cartaz da Fabico, “Liderança não é chefia”. Quem conquistava uma posição de credibilidade perante os companheiros o fazia pelo comprometimento com a causa, mais até do que pela experiência e capacidade de articulação política.

E apesar do esforço em manter uma estrutura horizontal de comando e de decisões, ousou dizer que existiam relações de poder bastante complexas dentro dos muros da Fabico. Embora isto não fosse assumido publicamente, havia certas hierarquias veladas entre as diferentes comissões; entre homens e mulheres; entre brancos e negros. Algumas destas disparidades foram trabalhadas coletivamente – caso, principalmente, do combate ao

machismo –, outras permanecem como um mal estar na memória, revelado durante reflexões nas entrevistas.

Ainda que a *fanpage* da *Ocupa Fabico* tenha sido uma das que teve menos publicações, entre as outras páginas das *Ocupas* da UFRGS, o que foi justificado pelos estudantes como uma estratégia para lograr maior alcance nas postagens, produziu-se muito material de comunicação na Fabico. A começar pelas recomendações criadas para outras *Ocupas*, mas também para eles próprios. Um manual de comunicação foi pensado para orientar a produção de informação na *fanpage* e também trazia recomendações sobre o funcionamento interno da *Ocupa* – recomendações que precisavam ser votadas em assembleia, já que a autonomia da Comissão de Comunicação era restrita a assuntos de comunicação. Os estudantes também produziram uma cartilha de orientação para as outras *Ocupas* da UFRGS, além de terem participado de encontros em outras ocupações para falar de comunicação.

A produção de cartazes, desenhos e faixas também foi extremamente volumosa. As mídias radicais alternativas mobilizadas para o esforço de união interna e *comunicação lateral* (DOWNING, 2004) cobriam as paredes e portas do andar térreo da faculdade. Muitos materiais foram destruídos pelos estudantes após a desocupação, por medo de algum tipo de criminalização ou punição acadêmica, mas boa parte deles foi registrada em vídeos e fotografias e compõem uma importante memória política do acontecimento. A intenção de utilizá-los como ilustração desta pesquisa também foi contribuir para a perpetuação desta memória visual das *Ocupas*.

Na Fabico todos eram estimulados a filmar, fotografar, registrar o maior número possível de pontos de vista. Todas as atividades, como aulas, dinâmicas de afeto e apresentações artísticas, tinham algum ocupante com uma câmera ou telefone celular. Os estudantes possuem um acervo audiovisual muito rico – e não deve ser diferente nas demais *Ocupas*, a julgar pelo que está publicado nas *fanpages*. Estes registros eram feitos por uma preocupação com a memória política do movimento, a partir da sensação, ainda durante a ocupação, de que estavam fazendo parte da História.

A *Ocupa Fabico* tentou articular uma integração que poderia trazer mais força ao movimento de ocupações da UFRGS. Com este objetivo foi criada uma cartilha de comunicação para as outras *Ocupas*. Entre as iniciativas que não vingaram estavam as propostas de fazer uma página das *Ocupas*, de unificar as comissões de comunicação, de criar um site e um Núcleo de Comunicação para contemplar todas as ocupações da Universidade. O entendimento de que estas ações eram importantes não foi compartilhado pelas outras

*Ocupas*. Cada um dos prédios ocupados era um coletivo particular, com suas relações de poder específicas e partidarização em maior ou menor grau. Também havia, segundo ocupantes da Fabico que participaram de assembleias gerais com representantes de todas as ocupações, um receio das outras *Ocupas* de que a Comunicação poderia estar tentando de alguma maneira coordenar o movimento.

As dificuldades operacionais de manter a ocupação dos prédios da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a relativamente baixa adesão numérica entre os alunos da instituição dificultaram a produção de uma comunicação estratégica mais eficaz, inclusive com a subutilização de recursos virtuais/digitais já explorados em outros movimentos de resistência semelhantes. Além disso, a autonomia de cada ocupação era tão inviolável que faltou acordo para unificar a luta e assim tentar ganhar mais peso político frente ao Estado.

Mesmo em nível nacional faltou uma união que transformasse as centenas de ocupações autônomas do país em um movimento unificado e com força para desestabilizar o quadro político instalado no Brasil. A excessiva preocupação com segurança prejudicou algumas ações de comunicação na *Ocupa Fabico*? Sim. A falta de uma maior união entre as *Ocupas* da UFRGS impediu uma comunicação unificada e mais eficiente? Com certeza. Mas não se deve perder de vista o tamanho do desafio assumido pelos estudantes. Ao contrário da recente mobilização da Fabico e outras unidades da UFRGS, antes do segundo turno das eleições presidenciais, quando o objetivo era convencer a população a votar em um candidato e não em outro, no caso de 2016 a conscientização da população era apenas o primeiro ato de uma quase impossível tarefa de mudar o voto de senadores a respeito da PEC.

Mas e o legado prático das *Ocupas*? Para além das transformações pessoais, da conquista de uma consciência política, o que se pode tirar com relação ao futuro das lutas de resistência a políticas de precarização do setor público? As ocupações dos secundaristas brasileiros, da mesma maneira que já havia acontecido com seus pares chilenos uma década antes, lograram alcançar algo que os universitários nunca conseguiram: abriram canais de diálogo com os poderes políticos. As *Ocupas* universitárias nunca foram ouvidas pelo governo federal, as redes de comunicação pública simpáticas à causa, criadas a partir do acontecimento não alcançaram visibilidade suficiente para angariar apoio à causa dos estudantes. A prova disso é que mais de um mês após ocuparem a Fabico, os estudantes que entregavam panfletos à população de Porto Alegre perceberam que as pessoas não faziam a menor ideia do que estava acontecendo na UFRGS. A invisibilidade midiática não foi vencida pelas mídias radicais alternativas operadas pelas *Ocupas*. As redes de comunicação pública situadas no âmbito do Estado; Executivo, Legislativo, Judiciário, sistemas de Comunicação e

Radiodifusão Pública (WEBER, 2017), preferiram silenciar a ingressar no debate público, estratégia que se mostrou vencedora.

Independentemente das especificidades de cada ocupação e das pautas paralelas que foram surgindo com o passar dos dias, havia um movimento inicial de oposição à PEC que, de certa maneira, unificava retoricamente as *Ocupas*. Mas isso não foi suficiente. Relatos de representantes da *Ocupa Fabico* nas assembleias gerais dão conta de que mesmo para escrever um texto a várias mãos não conseguiam chegar a um acordo.

As *Ocupas* da UFRGS revelaram características que permitem esboçar alguns paradigmas presentes em diversas outras mobilizações semelhantes. Estes padrões normativos seriam: uma estrutura própria de comunicação (autocomunicação); as narrativas de memória política; a inspiração assumida em ações anteriores; o protagonismo das mulheres; o autoquestionamento constante; a negação da representação; o uso de assembleias deliberativas como método; a relação amigável com a mídia alternativa e a restrição ao trabalho da mídia hegemônica.

A história dos movimentos sociais mostra que ações em um determinado período histórico reverberam para muito além do que possa ser perceptível no momento. As *Ocupas* da UFRGS manifestaram muitas vezes o respeito pelos secundaristas que os antecederam na aplicação do mesmo repertório, da mesma maneira que estes haviam sido inspirados pela *Revolta dos Pinguins*, ocorrida em 2006 no Chile. As ocupações foram o repertório escolhido pelos universitários a partir do entendimento de que poderiam ser adaptadas à especificidade da situação brasileira, levando-se em conta principalmente os fatores apontados por Tilly e Tarrow (2008) e que costumam influenciar essa decisão: a força do oponente e o objetivo a ser alcançado.

É por isso que apenas os resultados a curto prazo de uma ação de resistência são insuficientes para julgar o sucesso ou insucesso de uma ação política. A reverberação de um ato de desobediência civil pode ser tão ampla, em tempos de *facebook* e *youtube*, que apenas o tempo é capaz de dimensionar o efeito desta ação sobre outras iniciativas. A preocupação em incluir um breve apanhado histórico do movimento estudantil brasileiro e das ocupações enquanto repertórios de confronto teve justamente esta intenção: tentar traçar linhas históricas que reflitam uma unidade e deem sentido aos fenômenos sociais, ao invés de entendê-los como absolutamente isolados.

O conjunto de ações de resistência, semelhantes em repertórios e comuns em demandas, vai formando uma memória política que possibilitou a série de ocupações universitárias de 2016. E prepara o terreno para ações que ainda vão ocorrer, ou que já



ocorreram neste período de dois anos, como as ocupações de mulheres no Chile em 2018 e a recente mobilização de estudantes da UFRGS contra o fascismo.

Seja nas mais variadas dinâmicas de afeto, nas estratégias de visibilidade adotadas pela Comissão de Comunicação ou nos embates discursivos durante as assembleias, a comunicação configurou-se no eixo ao redor do qual a ocupação da Fabico foi estruturada. Penso ser cada vez mais difícil estudar quaisquer movimentos sociais ou grupos de resistência sem uma atenção especial às práticas de comunicação, tanto em nível interpessoal, quanto nas estratégias para tornar suas pautas conhecidas pela sociedade.

Visibilidade, deliberação e afetos: com seu erros, excessos, intolerâncias e diagnósticos políticos por vezes equivocados, estudantes que ocuparam as faculdades da UFRGS contribuíram, da maneira que conseguiram, para a história das lutas políticas que começou bem antes das *Ocupas* e que segue gerando páginas de fracassos e conquistas, sonhos e desilusão, morte e vida. Temos ainda mais dezoito anos de vigência da Emenda Constitucional do Teto de Gastos. A dúvida que fica é: onde será gerada a primeira faísca que vai provocar outro grande incêndio? Nas universidades, nas escolas públicas, nas ruas, nos espaços culturais, ou quem sabe de algum outro lugar de onde jamais esperaríamos? O certo é que, como indicam Tarrow e Tilly (2008), as oportunidades políticas fazem emergir atos de resistência. E apesar da invisibilidade midiática a que são frequentemente submetidos, eles estão por toda a parte. Não seria então o caso de indagar se outras revoltas eclodirão, mas sim quando e onde elas acontecerão.

Sem querer diminuir o movimento, do qual foi apoiador de corpo presente, Zizek (2012) escreveu que tudo que os ativistas que ocuparam Wall Street conseguiram foi fazer com que o gigante olhasse para baixo. Um esforço quase sobre humano de privações, sacrifícios individuais e exposição à violência policial para um resultado aparentemente exíguo. Mas há na experiência da ocupação um valor que não pode ser medido pela conquista ou não de um objetivo político. Sua força, como potência, é a de experimentar na realidade de um microcosmo sistemas de relação interpessoal baseados no afeto e no senso coletivo, ideias que até bem pouco tempo pertenciam apenas ao campo do utópico. E nestes laboratórios de democracia radical, imperfeitos, erráticos, improvisados entre assembleias e reuniões de comissões, aulas abertas e oficinas, experimentos de deliberação dão uma nova configuração ao político, transformando não apenas pessoas, mas o resultado da relação entre elas.

## REFERÊNCIAS

AGGIO, Alberto; BARBOSA, Agnaldo; COELHO, Hercídia. **Política e sociedade no Brasil (1930-1964)**. São Paulo: Annablume, 2002.

ALONSO, Ângela. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 02, n. 03, p. 21-41, 2012.

BENHABIB, Seyla. Rumo a um modelo deliberativo de legitimidade democrática. In: MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro (Org.). **A deliberação pública e suas dimensões sociais, políticas e comunicativas: textos fundamentais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade: por uma teoria geral da política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. Democracia. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Editora UnB, 1998.

\_\_\_\_\_. **Liberalismo e democracia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BOHMAN, James. O que é a deliberação pública? Uma abordagem dialógica. In: MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro (Org.). **A deliberação pública e suas dimensões sociais, políticas e comunicativas: textos fundamentais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BOYD, Andrew; MITCHELL, Osvald (Org.). **Bela baderna: ferramentas pra revolução**. São Paulo: Edições Ideal, 2013.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, São Paulo, n. 2, p. 73-88, abr./2008.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPOS, Antonia; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Marcio. **Escolas de luta**. São Paulo: Veneta, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **O poder da identidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

\_\_\_\_\_. **Communication power**. New York: Oxford University Press, 2009.

\_\_\_\_\_. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CEDILLO, Raúl Sánchez. O 15-M como insurreição do corpo-máquina. In: COCCO, Giuseppe; ALBAGLI, Sarita (Org.). **Revolução 2.0: e a crise do capitalismo global**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

CURCIO, Anna. A subjetividade do comum: resistência e luta entre as duas margens do Mediterrâneo. In: COCCO, Giuseppe; ALBAGLI, Sarita (Org.). **Revolução 2.0: e a crise do capitalismo global**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

DANNER, Leno Francisco. Esfera pública e política radical: apontamentos a partir de Habermas. **Trans/form/ação**, Marília, v. 36, n. 3. p. 133-154. set.-dez. 2015.

DAVIS, Angela. (Un) Occupy. In: GESSEN, Keith et al. **Occupy Wall Street!:** textos, essais et témoignages des indignés. Paris; Éditions Arènes, 2013.

DELLA PORTA, Donatella; RUCHT, Dieter. **Meeting Democracy: Power and Deliberation in Global Justice movements**. New York: Cambridge University Press, 2013.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

DUPUIS-DÉRI, Francis. Répression policière et mouvements sociaux. In: DUPUIS-DÉRI, Francis. **À qui la rue?** Montréal: Éditions Écosociété, 2013.

\_\_\_\_\_. **Black Blocs**. São Paulo: Veneta, 2014.

ESTEVES, João P. Comunicação, media e identidades: sobre políticas de reconhecimento, novas identidades e movimentos sociais. In: ESTEVES, João P. (Org.). **Comunicação e identidades sociais**. Lisboa: Horizonte, 2008.

\_\_\_\_\_. **Sociologia da comunicação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

FARO, Mariana. Criação, vida e resistência nas ruas: biopolíticas das manifestações metropolitanas no Brasil. In: CAVA, Bruno; COCCO, Giuseppe (Org.). **Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou**. São Paulo: Annablume, 2014.

FISHKIN, James S. **Quando o povo fala: democracia deliberativa e consulta pública**. Curitiba: Instituto Atuação, 2015.

FLICK,

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GAMSON, William. **Falando de política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GASKELL. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da globalização**. Lisboa: Presença, 2000.

GITLIN, Todd. **Occupy Nation**. New York: It books, 2012.

GOMES, Wilson. Da discussão a esfera pública. In: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley Celi Moreira **Comunicação e democracia: problemas e perspectivas**. São Paulo: Paulus, 2008.

\_\_\_\_\_. Painel Comunicação de Interesse Público entre o Estado, Mercado e sociedade. In: CONGRESSO DA ABRACORP, 4, 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2010.

\_\_\_\_\_. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. Porto Alegre: Paulus, 2014.

GRAEBER, David. **Direct Action: an ethnography**. Oakland: AK Press, 2009.

\_\_\_\_\_. **Um projeto de democracia**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GUTMANN, Amy; THOMPSON, Dennis. Democracia deliberativa para além do processo. In: MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro (Org.). **A deliberação pública e suas dimensões sociais, políticas e comunicativas: textos fundamentais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HABERMAS, J. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

HARDT, Michael. A resistência antecipa o poder: entrevista com o filósofo americano Michael Hardt. **Revista Eco-pós: comunicação e conflitos políticos**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, 2014. Disponível em: <[https://revistas.ufrj.br/index.php/eco\\_pos/article/view/1291/pdf\\_20](https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1291/pdf_20)>. Acesso em: 19 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HAUBRICH, Alexandre. **Nada será como antes: 2013, o ano que não acabou na cidade onde tudo começou**. Porto Alegre: Libretos, 2018.

HEGEL, G.W.F. Introdução à história da filosofia. In: Hegel, Georg Wilhelm Friedrich. **Os pensadores: Hegel**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

HERREROS, Tomás; RODRIGUEZ, Adriá. Revolução 2.0: direitos emergentes e reinvenção da democracia. In: COCCO, Giuseppe; ALBAGLI, Sarita (Org.). **Revolução 2.0: e a crise do capitalismo global**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1989**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUGUET, Montserrat Galcerán. Presencia de los feminismos em a puerta del sol madrileña. **Youkali: revista crítica de las artes y el pensamiento**, Madrid, n. 12, enero 2012. Disponível em: <<http://www.youkali.net/youkali12-1bBMontserratGalceran.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

KEGLER, Bruno. A tragédia Kiss nas redes de comunicação pública (Santa Maria, 2013). In: WEBER, Maria Helena; COELHO, Marja Pfeifer; LOCATELLI, Carlos (Org.).

**Comunicação pública e política:** pesquisa e práticas. Florianópolis: Insular: 2017.

LOCATELLI, Carlos. **Comunicação e barragens:** o poder da comunicação das organizações e da mídia na implantação de hidrelétricas. Florianópolis: Insular, 2014.

MAIA, Rousiley. Mídia e deliberação: atores críticos e o uso público da razão. In: MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola (Org.). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. Mesa redonda comunicação de interesse público entre o Estado, mercado e sociedade. In: Congresso da Abracorp, 4., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2010.

MARQUES, Angela Cristina Salgueiro. As interseções entre o processo comunicativo e a deliberação pública. In: MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro (Org.). **A deliberação pública e suas dimensões sociais, políticas e comunicativas:** textos fundamentais. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MARTINS FILHO, João Roberto. **Rebelião estudantil:** 1968 – México, França, Brasil. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

McADAM; Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. **Dynamics of contention.** USA: Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Democracia Discursiva: Contribuições e Dilemas da Abordagem deliberativa do Grupo Australiano. **BIB:** Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, São Paulo, n. 69, pp. 59-78, 2010.

NEVES, Manoella. Manifestações midiáticas: dos cartazes às hashtags. In: WEBER, Maria Helena; COELHO, Marja Pfeifer; LOCATELLI, Carlos (Org.). **Comunicação pública e política:** pesquisa e práticas. Florianópolis: Insular: 2017.

PINTO, Céli Regina Jardim. Movimentos sociais 2011: estamos frente a uma nova forma de fazer política? In: GOHN, Maria da Glória; BRINGEL, Breno M. (Org.). **Movimentos sociais na era global.** Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. Elementos para uma análise de discurso político. **Revista Barbarói,** Santa Cruz do Sul, n. 48, p. 78-109, ano 2016/2.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. Movimentos sociais e massa: identidades coletivas no espaço público contemporâneo. In: MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola (Org.). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

RIFO, Mauricio. Movimiento estudiantil, sistema educativo y crisis política actual en Chile. **Polis:** Revista Latinoamericana, v. 12, n. 36, p. 223-240, 2013.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil:** de Getúlio a Castelo, 1930-1964. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **Brasil:** de Castelo a Tancredo, 1964-1985. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOLNIT, Rebecca. Rejeterles outils du maître pour construire une plus belle demeure. In: GESSEN, Keith et al. **Occupy Wall Street!:** textes, essais et témoignages des indignés. Paris: Arènes, 2013.

SUNSTEIN, Cass Robert. Porque grupos vão a extremos. In: SAMPAIO, José Adércio Leite (Org.). **Constituição e crise política.** Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

TARROW, Sidney. **O poder em movimento:** movimentos sociais e confronto político. Petrópolis: Vozes, 2009.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2012.

TILLY, Charles; TARROW, Sidney. **Politique(s) du conflit:** de la grève à la révolution. Paris: Sciences Po, 2008.

TILLY, Charles. **Regimes and repertoires.** Chicago: Chicago University Press, 2006.

YOUNG, Iris. Communication and the Other: Beyond Deliberative Democracy. In: BENHABIB, S. (Ed.). **Democracy and Difference:** Contesting the Boundaries of the Political. Princeton: Princeton University Press, 1996.

WEBER, Maria Helena. Visibilidade e credibilidade: tensões da comunicação política. In: MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Céles Pimenta Spíndola (Org.). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. Nas redes de comunicação pública, as disputas possíveis de poder e visibilidade. In: WEBER, Maria Helena; COELHO, Marja Pfeifer; LOCATELLI, Carlos (Org.). **Comunicação pública e política:** pesquisa e práticas. Florianópolis: Insular: 2017.

\_\_\_\_\_. Estratégias da comunicação de Estado e a disputa por visibilidade e opinião. In: KUNSCH, Margarida M (Org.). **Comunicação pública, sociedade e cidadania.** São Caetano do Sul: Difusão, 2011.

ZIZEK, Slavoj. **O ano em que sonhamos perigosamente.** São Paulo: Boitempo, 2012.

\_\_\_\_\_. **Violência:** seis reflexões laterais. São Paulo: Boitempo, 2014.